

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LOURIVAL AGUIAR TEIXEIRA CUSTÓDIO

***Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e
afro-cubanía em um bairro de Havana***

São Paulo

2024

LOURIVAL AGUIAR TEIXEIRA CUSTÓDIO

**Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e
afro-cubanía em um bairro de Havana**

Versão Original

Tese apresentada Programa de Pós-graduação em
Antropologia Social da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São
Paulo (USP) como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutor em Ciência.

Programa: Antropologia Social

Orientador: Prof. Dr. João Felipe Gonçalves

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A282h Aguiar, Lourival
Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e afro-cubanidade em um bairro de Havana / Lourival Aguiar; orientador João Felipe Gonçalves - São Paulo, 2024.
226 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

1. Antropologia. 2. Antropologia urbana. 3. Identidade cultural. 4. Afrodescendentes. 5. Racismo. I. Gonçalves, João Felipe, orient. II. Título.

Ficha de Avaliação

AGUIAR, Lourival.

Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e afro-cubanía em um bairro de Havana 2024. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2024.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento _____

Nota

Dedicatória

Aos meus avós, Jozia Teixeira Pinto e Antônia de Aguiar Teixeira, meus avós que muito me ensinaram e que, hoje em espírito, olham por mim de onde eles estiverem.

Minha mãe, Sonia Maria Teixeira, que sempre foi a grande inspiração para que eu quisesse ser uma pessoa melhor, que me incentivou a estudar e que me deu todo o suporte possível para que eu sempre tivesse os estudos como ponte para o meu futuro.

Minha madrinha, Angela Maria Teixeira, que foi, junto com meus avós, meu amparo e porto seguro, me criando com um filho, lugar que eu tenho muito orgulho de ocupar.

Meus irmãos, Luciano Aguiar e Adalberon Castello (Gordo), que foram pilares no meu sonho de estudar e que, mesmo distantes, sempre me incentivaram e nunca me permitiram desistir.

Ao meu amor, Júlia Vasques Camargo da Silva, que me deu o incentivo necessário para que eu não desistisse e que escolheu construir uma vida comigo e aceitar ser a esposa de um professor (com os desafios e as delícias que isso significa).

Ao meu orientador, Dr. João Felipe, que acreditou em mim desde o mestrado, e que em todos os anos de convivência, muito me ensinou, me direcionando cada vez mais para o caminho de um pesquisador do Caribe Global e contribuindo para meu crescimento científico e intelectual. Com ele tenho o orgulho de dividir a paixão pela docência e o amor pelo Caribe.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Latin American Studies Association, que através da bolsa “Research Grants Program aims to support research with focus on Latin American studies” possibilitou que eu pudesse passar 7 meses ininterruptos em Cuba no ano de 2021 durante a Pandemia de Covid-19, auxílio que foi fundamental para que eu pudesse realizar uma viagem que continha um alto custo durante um momento tão delicado e de tantas incertezas no mundo.

Agradecimentos

Nesses pouco mais de 5 anos, pude contar com um número muito grande de pessoas, fundamentais para que a minha trajetória no doutorado fosse concluída com sucesso. Mesmo que brevemente, gostaria de lembrar essa trajetória e, assim, agradecer a todos que fizeram parte deste processo. Me desculpo de antemão por aqueles que, eventualmente, possam não estar citados aqui. Primeiro quero dizer o quanto foi desafiador ser um jovem negro na maior universidade da América Latina. Algo particular em minha entrada no departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) foi que eu tive o prazer de participar da primeira turma de alunos ingressantes no primeiro ano do processo de ações afirmativas, que garantiu, à época, duas vagas no doutorado, tendo eu passado em primeiro lugar. Assim como diz o “Tio Ben”, personagem dos quadrinhos do Homem-Aranha “com grandes poderes, vem grandes responsabilidades”, porém essa frase poderia ser facilmente trocada para “com grandes responsabilidades, vem desafios ainda maiores”.

A experiência de ser pioneiro em um sistema de ações afirmativas não era uma novidade para mim, que no ano de 2004 fiz parte da primeira turma de ingressados pelo Programa Universidade Para Todos - PROUNI e sei como é ter os olhares dos demais alunos questionando até onde eu poderia chegar. Mas de onde eu vim, sendo criado sem pai presente, em um bairro da periferia da zona norte de São Paulo, eu não me intimidava. Fui um dos primeiros da minha família a conseguir um diploma de ensino superior, o segundo a cursar uma universidade pública e o primeiro a concluir um mestrado e um doutorado. Sob meus ombros sempre esteve a responsabilidade de desbravar o inexplorado, para que aqueles que viessem depois de mim acreditassem que era possível. Foi representante discente durante o ensino médio e na faculdade, mas foi durante meus dois primeiros anos de doutorado, durante uma reunião entre representantes discentes e professores, que escutei de um professor branco que estava prestes a se aposentar, críticas sobre o programa de ações afirmativas da universidade. Em suas palavras, o modo como a USP estava flexibilizando os processos de ingresso iria gerar dois tipos de antropólogos: um antropológico tipo A e um antropólogo “do gueto”. Essa frase, que foi imediatamente rebatida pelos demais representantes discentes e alguns professores, ecoou em minha cabeça durante toda a minha trajetória na universidade. Era essa a forma que nós, alunos oriundos do ensino público,

pobres, negros, mulheres e lgbs, éramos vistos pela elite intelectual da universidade.

Desde então, para além dos desafios de ser um homem negro vindo da periferia da cidade cursando uma das universidades mais elitistas do país, que na época em que eu ingressei na universidade possuía apenas 7% de alunos negros e cerca de 2,3% de professores negros, quis mostrar que o “gueto” possui muito mais do que este professor acreditava. Para ele, o gueto era um lugar do qual nada de bom poderia sair, já que a qualidade do que emerge deste lugar possui uma qualidade inferior daquela que sai dos berços de ouro em que repousam a elite. Assim como os moradores de Pogolotti decidiram abraçar com todas as suas forças os aspectos da cultura cubana que lhe concediam dignidade, eu fiz um pacto comigo mesmo de que este seria o meu grande objetivo neste trabalho: mostrar que o gueto de onde eu vim define sim quem eu sou, e que isso era maravilhoso.

Nesta tese, me desafiei a realizar uma “antropologia do gueto”, a qual eu dedico a minha família, seja de sangue ou da vida, que me apoiou direta e indiretamente em todos os momentos; aos meus colegas de percurso acadêmico, que me deram todo suporte nos debates, no compartilhamento de dúvidas e na troca de revisões, em especial aos integrantes do grupo de estudo do Canibal; agradeço os integrantes da comissão de ações afirmativas do PPGAS, que me receberam com a mais calorosa das recepções e que não apenas lutaram para que houvesse cotas na pós-graduação da USP, como seguem lutando para que existam cotas para a tão necessária contratação de docentes negros; dedico esse trabalho a todos os trabalhadores Metroviários de São Paulo e ao sindicato da categoria, que no momento em que me vi mais desamparado estenderam sua mão solidária para 42 demitidos políticos da greve de 2014, sendo eu um desses demitidos; dedico este trabalho a todos os meus professores, os que me apoiaram e os que sucumbiram ao racismo, sinalizado nos olhares de que eu não chegaria até aqui; aos membros da banca que avaliou esta pesquisa: Jacqueline Moraes Teixeira, Idália Morejón Arnaiz, Alex Ratts, Vagner Gonçalves e Inácio Andrade. Nutro grande admiração e respeito pelo trabalho de todos, admiração que mostrou-se merecida ao constatar a rigorosa e ética avaliação que pude receber em meu exame de qualificação (do qual participaram os professores Idália e Vagner) e no decorrer da banca de doutorado, e as aulas que tive com o professor Inácio, durante o doutorado. Espero, de todo coração, que a leitura e o estudo dessa tese tenha sido uma experiência tão prazerosa para

vocês como foi para mim escrevê-la. Finalmente dedico esta tese a todas e todos os alunos negros, que o caminho de vocês seja pavimentado com mais amor e compreensão.

Cumé que a gente fica?

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles estavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi se sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioulo da plateia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas a festa foram eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso.

Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaia, que nem dava mais pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa pra gente da gente? Teve uma hora que não deu pra aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga...

Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada caga na saída”...

Lélia González, **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar. 2020, p. 75-76.

“Minha última prece: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questione!”

Frantz Fanon

“Pele negra, máscaras brancas”, 2008, p. 191

RESUMO

AGUIAR, Lourival.

Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e afro-cubanía em um bairro de Havana. 2024. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2024.

Esta tese estuda a formação de espaços racializados do bairro de Pogolotti, localizado na periferia de Havana, de maneira a demonstrar como a criação de identidades e estigmas são afetados por uma marcação racial, que molda a forma como determinados lugares recebem um estigma positivo ou negativo. Apesar de Pogolotti ser visto como um lugar marginal, perigoso e indesejável pelos moradores de outras regiões da cidade, ao mesmo tempo ele é reconhecido pela sua importância cultural e histórica e é muito valorizado pelos seus moradores, que manifestam um sentimento de orgulho em relação a ele. Para discutir as experiências urbanas na interação entre as relações raciais e a produção da identidade afro-cubana, o estudo utiliza as categorias de topofobia e topofilia, criadas pelo geógrafo Yi-Fu Tuan, para indicar como pode existir uma transferência de estigmas raciais para um determinado território e que, simultaneamente, também existe uma transferência do estigma do bairro para seus moradores, sendo estas pessoas racializadas ou não. A dinâmica de criação desses espaços mobiliza categorias como identidade e nacionalidade de maneira a possibilitar um olhar mais amplo sobre a concepção de racialidade e negritude. A metodologia utilizada foi a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com membros da comunidade e de moradores de outras regiões da cidade. Partindo de como pressupostos raciais contribuem para a estigmatização do bairro e de como seus moradores mobilizam os mesmos pressupostos para dar um significado positivo ao local, questiono o entendimento de raça como uma categoria estanque, ampliando o papel da racialidade como elemento de construção de identidades, que atuam para romper com as fronteiras de raça e espaço.

Palavras-chave: Cuba, espaço, afro-cubanía, negritude, identidades.

ABSTRACT

AGUIAR, Lourival.

Habaneros Negros: race relations, stigmatization and Afro-Cubanía in a Havana neighborhood. 2024. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2024.

This thesis studies the formation of racialized spaces in the Pogolotti neighborhood, located on the outskirts of Havana, in order to demonstrate how the creation of identities and stigmas are affected by racial marking, which shapes the way in which certain places receive a positive or negative stigma. Although Pogolotti is seen as a marginal, dangerous and undesirable place by residents of other regions of the city, at the same time it is recognized for its cultural and historical importance and is highly valued by its residents, who express a sense of pride in relation to him. To discuss urban experiences in the interaction between racial relations and the production of Afro-Cuban identity, the study uses the categories of topophobia and topophilia, created by geographer Yi-Fu Tuan, to indicate how there can be a transfer of racial stigmas to a certain territory and that, simultaneously, there is also a transfer of stigma from the neighborhood to its residents, whether these people are racialized or not. The dynamics of creating these spaces mobilizes categories such as identity and nationality in order to enable a broader look at the conception of raciality and blackness. The methodology used was participant observation, semi-structured interviews and informal conversations with community members and residents from other regions of the city. Starting from how racial assumptions contribute to the stigmatization of the neighborhood and how its residents mobilize the same assumptions to give a positive meaning to the place, I question the understanding of race as a sealed category, expanding the role of raciality as an element of identity construction, who work to break the boundaries of race and space.

Keywords: Cuba, space, afro-cubanía, blackness, identities.

Lista de Siglas

CUC - Peso Cubano Convertível

ONE - *Oficina Nacional de Estadística e Información*

PIC - *Partido Independiente de Color*

SIBOP - *Projeto Salvar la Identidad del Barrio Obrero de Pogolotti*

TTIB - *Taller de Transformación Integral del Barrio*

CDR - *Comité de Defensa de la Revolución*

ACB - *Asociación Caribeña de Cuba*

CCAM - *Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti*

UJC - *Unión de Jóvenes Comunistas*

FEU - *Federación Estudiantil Universitaria*

Lista de Imagens

Imagem 1 - Foto do *El Tanque* de Pogolotti e abaixo a *Casa Comunitária y del Adulto Mayor* de Pogolotti

Imagem 2 - Foto de uma atividade na Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti

Imagem 3 - Foto de minha apresentação na Casa Comunitária, explicando minha pesquisa

Imagem 4 - Foto da atual fachada da Associação Caribenha de Cuba - ACB

Imagem 5 - Foto do interior do salão da Associação Caribenha de Cuba e do salão em que as atividades são realizadas

Imagem 6 - Foto de uma inscrição feita por um aluno do projeto Renacer em uma casa de Pogolotti

Sumário

Sumário	13
Introdução	12
Capítulo 1 - Raça e racismos em Cuba: um breve panorama histórico	19
1.1 Em Cuba não há “afro-cubanos”	22
1.2 Uma introdução necessária sobre “raça” em Cuba	24
1.3 Pensar Cuba entre o nacional e o racial: cubanías e afro-cubanías	32
1.4 Quién no tiene de Congo tiene de Caribálí: A face negra de Havana	34
Capítulo 2 - ¡Pogolotti soy yo!: uma história de orgulho em Havana	43
2.1 Pogolotti e sua história	47
2.2 Um bairro e muitas identidades	49
2.3 109 vezes Pogolotti! O passado presente de um aniversário.	53
2.4 Los malos, los buenos y los nuestros: diferentes olhares sobre Pogolotti	62
2.5 O espaço da raça e da etnicidade	70
Capítulo 3 - Los malos de la Habana: fronteiras entre racialidade e espaço da experiência	76
3.1 ¡Pogolotti La Unión!	79
3.1.1 A música das ruas de Pogolotti	81
3.2 Los palestinos de La Habana	85
3.3 Da parte de quem? — Intimidade e relações de confiança	94
3.3.1 Um lar em Cuba?	95
Capítulo 4 - Aláfia: Caminhos Abertos para o retorno ao passado	101
4.1 Las sociedades de Color - Sra. Tejera	104
4.2 De Redención a Pogolotti - A Sociedad Redención por Sr. Silva	108
4.3 O Caribe negro em Havana - A Associação Caribenha por Sra. Hernández	113
4.4 Laços de sangue e de história(s)	119
4.4.1 Construindo identidade de dentro para fora	127
Capítulo 5 - Renascendo o bairro de Pogolotti: jovens olhares sobre o futuro	136
5.1 Renacer el Barrio Pogolotti - La Cancha e a juventude de Pogolotti	138
5.2 Da janela: matrimônios e divórcios entre raça e sexualidade em Havana	157
5.2.1 Uma família improvável	159
5.2.2 O espaço entre raça e sexualidade em Havana	163
5.2.3 Tanto barulho para nada!	164
Considerações finais	169
Referências bibliográficas	175
Anexo 1 - Mapas	183
Anexo 2 - Recortes de jornal sobre o bairro de Pogolotti	186
Anexo 3 - Fotos da 109 Festa de Aniversário do Bairro de Pogolotti	209

Introdução

*“Em Cuba você vai poder experimentar dois tipos de ciclones, um ativo e um passivo. O ciclone ativo foi o que você viveu essa semana. O passivo é aquele que vivemos todos os dias.”*¹

Foi com essas palavras que uma de minhas principais amigas em Cuba abriu uma de nossas conversas sobre um furacão que tinha atingido o país naquela semana. O “ciclone ativo” a que ela se referia era uma tempestade tropical — nome dado a fenômenos de ventos que atingem menos de 119km por hora, tornando-se furações ao ultrapassar tal marca — chamada de “Elsa” e que tinha acabado de “visitar” Havana, atingindo uma parcela da ilha, principalmente em sua parte central — depois dirigiu-se para o norte, em direção ao continente, desviando por pouco de Havana. Porém, seus ventos foram fortes o suficiente para causar alagamentos, quedas de árvores, para arrancar telhados de casas e, inclusive, arrancar o portão de metal da casa em que eu estava hospedado.

Isabel, uma amiga que conheci em uma das viagens à Cuba, disse que um segundo “ciclone” atingiu o país, esse vindo das transformações sociais que ele vinha sofrendo nos últimos anos, e teve como ponto alto as manifestações populares ocorridas no dia 11 de julho de 2021 — uma semana após a passagem do ciclone, ainda durante a pandemia de Coronavírus.

Diversas alterações ocorreram em Cuba nos 5 anos em que, anualmente, eu visito a ilha com o intuito de estudá-la. Com isso fui capaz de acompanhar mudanças econômicas, migratórias, de comportamento, de dinâmica da vida das pessoas, além daquelas decorrentes de uma pandemia. Acredito que o trabalho de um antropólogo seja, mais do que traduzir a cultura — como alguns teóricos colocam —, compreender como as relações sociais se organizam a partir de fenômenos internos e externos. Tive o privilégio de poder contar com a amizade, o afeto e a paciência de algumas dezenas de pessoas que emprestaram seu tempo para minha condução nesse caminho de conhecer um pedaço da cultura cubana e de seu povo.

Foram ventos como os do Elsa que me levaram a pesquisar Cuba, depois de participar de uma disciplina sobre o país e racismo. Foi durante essa disciplina que entrei em contato não apenas com Cuba como um possível local de investigação do doutorado, mas, principalmente, tive o forte incentivo do meu orientador para que fizesse minha tese sobre a ilha. Já em nossos

¹ Frase proferida por uma interlocutora durante uma conversa no ano de 2021.

primeiros contatos, meu orientador viu o meu interesse por Cuba e pelo tema da Revolução Cubana, que também havia sido o seu local de trabalho durante o doutorado². Foram necessárias poucas conversas para que me convencesse de que Cuba não era apenas um lugar incrível, mas que, sobretudo, seria um lugar possível de se pensar a racialidade desde uma outra perspectiva.

Foram realizadas quatro viagens a Cuba, tendo passado quase que todo esse tempo em Havana, entre os anos de 2018 e 2021, período em que me dediquei a conhecer como as questões entre raça, espaço e nação se relacionavam a partir de um lugar que possuía um discurso tão contundente contra o racismo e que havia decretado, há mais de 50 anos, o “fim” da discriminação racial³. Apesar das leituras de diversos historiadores, antropólogos e cientistas sociais sobre como o racismo ainda perseverava em Cuba, para mim era fundamental compreender como esse racismo operava a partir da visão dos próprios cubanos, uma vez que a maioria dos com quem eu conversei confirmaram que, na opinião deles, existe sim racismo em Cuba. Um racismo que existiria para além da ideia simplista de “uma pessoa que sente aversão a negras e negros. O racismo em Cuba parte de um outro lugar.

Uma das primeiras quebras de expectativa que recebi sobre Cuba, ainda durante a disciplina que fiz no Brasil, foi descobrir — diferentemente do que é retratado em propagandas turísticas que contribuem para formar o nosso imaginário — que a população negra, segundo o censo realizado em 2012 em Cuba, compreende apenas 40% da população do país. Ou seja, diferente do Brasil, Cuba não é, segundo o censo oficial, um território de maioria negra como as pessoas que nunca visitaram a ilha costumam acreditar. Isso ajudava a localizar ainda mais elementos da complexidade de se pensar raça naquele país, levando ao primeiro questionamento: o que torna Cuba um país negro, se ele, em sua maioria de representação, não o é?

Para abordar um tema tão complexo, não poderíamos partir de um lugar comum para entender tal questão. Foi na procura por um lugar onde realizar a pesquisa que me deparei com o bairro de Pogolotti. Este lugar, que é de maioria negra na região oeste de Havana e bastante afastado do centro, possuía uma forte identificação com aspectos culturais da negritude cubana ou, como alguns autores chamam, elementos afro-cubanos. Estes constituíam religião, música, dança, história etc. e vinculavam entre si as pessoas negras do bairro, o que fortalecia seu senso

² Para saber mais ler a tese de doutorado de João Felipe Gonçalves, “The Hero's Many Bodies: Monuments, Nationalism, and Power in Havana and Miami” (2012).

³ Durante um discurso, em 1961, Fidel Castro decretou o fim da discriminação racial em Cuba, sem ter explicado como ela se daria ou ter anunciado políticas públicas que combatesse essa discriminação.

de comunidade, colocando-os como uma identidade à parte da compartilhada pelo restante da cidade. Porém, existia também um movimento dos moradores de outras partes de Havana, que taxavam os *pogolotinos*⁴ de violentos, problemáticos e disfuncionais, reputando o local como um “*barrio malo*”, ou seja, um lugar ruim para se viver, tomado por violência, com condições extremas de pobreza e falta de infraestrutura básica. Ao menos era essa a imagem que passavam sobre o bairro.

Com essa imagem de *barrio malo* em mente, explorei o bairro durante semanas para conseguir entender quais eram as características que o fariam um lugar a ser evitado pelas pessoas. Pensar apenas no fato de ser um local de maioria negra seria um olhar facilista — e extremamente raso — sobre como se desenvolvem as questões raciais. É importante destacar que outros bairros com proporções parecidas de população negra não eram vistos como perigosos. Porém, algo que unia os bairros que recebiam essa alcunha era a sua grande relação com aspectos culturais afro-cubanos. Esse elemento — a cultura — parecia muito mais determinante para se entender como funciona o mecanismo do racismo cubano do que apenas a quantidade absoluta de pessoas negras em um determinado espaço.

Não quero aqui diminuir a importância da categoria “raça” para a formação dos espaços, principalmente se partimos da percepção que esse é um dos principais elementos de diferenciação de tratamentos nas relações interpessoais. É a identificação fenotípica que causará, em um sistema social em que o racismo se faz presente, as primeiras reações de afastamento e repulsa que serão entendidas como manifestações do racismo. Esses comportamentos são aprendidos, reforçados e repassados através de filmes, séries, e também da experiência verbal, que é compartilhada entre as pessoas.

Faz parte de tais comportamentos oriundos de uma cultura racista trocar de calçada, puxar a bolsa para mais perto do corpo, apertar as alças da mochila com mais intensidade. Atitudes comuns quando se vê uma pessoa negra caminhando em sua direção, especialmente durante a noite. Uma vez uma aluna branca brasileira me perguntou quando ela saberia que estava 100% livre do próprio racismo e me recorde de responder que somente quando o coração dela não disparasse ao ver uma pessoa negra caminhando em sua direção ela poderia, talvez, acreditar estar livre de uma parte do que é o mais difícil de se perder do comportamento racista: seu cérebro e seu corpo veem, instintivamente, pessoas negras como perigosas.

⁴ Gentílico utilizado para designar os moradores do bairro.

Partindo dessa ideia, lugares que concentram maior quantidade de pessoas negras terão, logo, maior probabilidade de serem evitados ao serem entendidos como lugares perigosos. Mas o que ocorre quando essas pessoas não são vistas? Como sabemos que um lugar é ou não perigoso sem o termos vivenciado, sem termos visto fotos desse espaço e de seus moradores, uma vez que a dimensão do racismo fenotípico necessita que tais pessoas sejam vistas para que, a partir disso, sintamos medo? E como isso opera em Pogolotti, que apesar de ser um bairro de maioria negra não é um espaço exclusivo, abrigando também moradores não negros.

O geógrafo Yi-Fu Tuan (2012) criou duas categorias para descrever os diferentes sentimentos sobre um espaço, sendo a topofilia a categoria que descreve o comportamento de atração, e a topofobia a que descreve o comportamento de repulsa. Porém, ambas partem de uma experiência concreta, de uma vivência que produz a percepção e de onde surge o comportamento.

É aqui que a ideia de cultura, como parte do organizador desses espaços, ganha maior relevância. Ouvi em diversas situações vividas em Havana que ser de um determinado lugar era perceptível pela forma como a pessoa se comportava. E, para eles, o ponto não estava apenas em as pessoas morarem em tal lugar para serem ruins, mas se relacionava também com o “*malo ambiente*” em que foram criadas. Na melhor representação da anedota de que “o fruto nunca cai longe da árvore”, era possível perceber que, quando falavam disso, estavam reforçando a ideia de que algo era passado de geração em geração. Algo que pode ser facilmente entendido como um racismo escamoteado.

Outro ponto curioso é que, apesar de ser possível identificar discursos mais abertamente racistas contra negros cubanos, quando se tratava de alguns lugares específicos — dentro e fora de Havana — os mesmos temores e repulsa eram transferidos para as pessoas não negras que habitavam esses lugares, quase como se pelo fato de viverem lá estariam se tornando “negras”, em algo que não era a cor de suas peles, mas sim em seu comportamento. Dessa forma, não é apenas a raça que organiza um espaço, mas também o que é percebido como cultura.

Sendo a cultura não apenas um aspecto de identificação, mas como as pessoas reconhecem aqueles que não pertencem a ela, será também, nesse caso, um marcador de diferença determinante para como, em Havana, a identidade será construída. Aqui aparece uma outra variável: o local de nascimento. Tomados por um protecionismo local, praticamente um regionalismo, os moradores de Havana estigmatizam os moradores de outras partes de Cuba.

Essas pessoas são chamadas de “*orientales*”, em alusão ao fato de a maioria ser oriunda da parte leste (ou seja, oriental) da ilha. Porém, alguns deles recebem um marcador que relaciona diretamente raça e espaço, que é o termo “*palestino*”, utilizado pejorativamente como maneira de estigmatizar os mesmos moradores da porção leste da ilha, mas quase que exclusivamente para denominar os migrantes negros. Essa denominação pejorativa assume uma conotação abertamente de classe, que não acompanha pessoas ricas ou que adquiram status social elevado, como os antigos presidentes de Cuba, Fidel Castro e Raúl Castro, que nasceram na Região Oriental.

Ao se pensar que as marcações raciais estão diretamente relacionadas com as espaciais é possível notar uma cinesia que gera, mutuamente, uma identidade relacionada à ideia de pertencimento para os de dentro, ou os “do pedaço”, e também para os de fora. Um “pedaço” (Magnani, 1992) que é marcado e disputado como parte de uma identidade, de uma cidadania local com características raciais. Dessa maneira, ser um *habanero negro* não está relacionado apenas à diferenciação entre os negros e os brancos da cidade, mas também é um reforço de uma identidade negra de Havana frente aos negros de outras regiões do país.

Essa cidadania racializada atravessará as relações raciais dos moradores de Pogolotti e marca a sua relação não apenas com os moradores de outros bairros, mas também com aqueles de partes mais “internas” do próprio bairro, em um movimento fractal que nos provoca a olhar o desenvolvimento dos sentimentos de aversão e repulsa como uma dança das dinâmicas que formam uma cultura local. Ao se pensar essa cidadania racializada, utilizo a categoria de “Raced Citizenship” de Marc D. Perry (2016, p.136), que as define como “Esforços afro-cubanos para navegar pelas restrições históricas de uma sociedade não-racial”⁵, que move os cubanos negros em reivindicar uma nacionalidade que possibilite que eles reivindiquem sua racialidade negra sem que isso entre em conflito com sua nacionalidade cubana.

A partir dessas reflexões, exponho no primeiro capítulo um retrospecto sobre o debate racial em Cuba, partindo de alguns dos principais teóricos sobre o assunto, apresentando um aspecto histórico e explicando como, na história de Cuba, as tensões raciais ajudaram a construir uma concepção de nação. Os processos de independência em Cuba e sua posterior ocupação pelos Estados Unidos, a primeira república cubana e, depois, a chegada da Revolução incluem

⁵ “Afro-Cuban efforts to navigate the historical constraints of a nonracial Cuban nationhood have in turn had to grapple with a key dilemma of citizenship”. Tradução minha.

profundas tentativas de estabilização social relacionados com a questão racial e nacional.

No segundo capítulo discorro sobre a história do bairro de Pogolotti, sua importância para os moradores, sua relação com a racialização de Havana e seu impacto atualmente para a cidade, bem como o que levou à sua escolha enquanto tema desta tese. O bairro foi construído como um potencial para o desenvolvimento de Havana no começo do século XX, ao possibilitar que os trabalhadores fossem concentrados longe do centro da cidade. Aqui, abordo a construção da ideia de Pogolotti como um espelho da cultura afro-cubana, que é relembra anualmente através da festa de aniversário do bairro.

No terceiro capítulo, destaco o papel da etnicidade como produtora de espaços de sociabilidade e pertencimento. Raça, nesse aspecto, ganha um espaço mais amplo de debate, em que são apresentados os principais conceitos utilizados em Cuba e a maneira como a etnicidade é mobilizada para produzir também uma concepção de nação. Esse processo está intimamente relacionado com uma produção de identidade nos países do continente americano, em que as questões de formação nacional estão interligadas com as demarcações raciais, sejam elas negras ou indígenas.

No quarto capítulo, analiso os discursos de três moradores mais velhos, em que cada uma delas apresentou sua visão sobre o que o bairro significa em tal contexto. Aqui, tratamos o papel fundamental das diversas associações existentes no bairro com uma estratégia de permanência e resistência dos moradores de Pogolotti frente aos olhares externos que os classificam como marginais.

E no último capítulo, abordaremos o papel da juventude cubana e seus dilemas com as mudanças do país, que envolvem uma preocupação com o futuro, com suas visões sobre o bairro e como as novas gerações se veem incluídas ou não nesse processo. Partindo dessas experiências, analisamos as questões de racialidade, sexualidade, e as distintas visões sobre o bairro compartilhadas entre as gerações mais novas de residentes.

Busco com este trabalho, então, compreender como raça, espaço e nação são trabalhados para se criar cidadanias, que operam como categorias de pertencimento em Havana. Essas cidadanias são racialmente construídas, porém são culturalmente disseminadas entre os moradores da cidade, sendo absorvidas de diferentes maneiras entre seus bairros, aos quais são concedidas cidadanias mais embranquecidas — que são mais bem aceitas — ou enegrecidas —

que tendem a ser repelidas.

Os diferentes “ciclones” enunciados por minha amiga me levaram ao descobrimento de um bairro pouco estudado de Havana, porém riquíssimo em história, na cultura afro-cubana e em representações de como raça e espaço se combinam para criar afetos e distanciamentos. Esse efeito de produção de uma identidade fornece pistas de como isso pode ocorrer em outras partes do mundo, sempre que é vista esta dinâmica: estigmatização e orgulho compartilhando o mesmo espaço.

Partindo da leitura de diversos autores, brasileiros, cubanos e de outras partes do mundo que trouxeram à tona o debate sobre as problemáticas raciais em Cuba, quero com esse trabalho aprofundar um olhar sobre como essas questões não apenas seguem existindo no país como, ao se pensar na formação do pensamento social caribenho e da diáspora negra, possibilitam uma reflexão sobre como a formação das identidades nacionais e das categorias raciais, definem e são definidas pela relação com o espaço vivido.

Assim, a cidade de Havana, em todo seu esplendor, coloca-se como um excelente espaço para a compreensão de como as dinâmicas entre raça e nação são mobilizadas para a construção de identidades. Identidades estas que estão diretamente relacionadas com o local em que se reside, seja dentro ou fora de Havana. Uma marcação cultural que, ao mesmo tempo, pode te racializar de maneira positiva ou negativa, demarcando que “*orientales*”, “*palestinos*” e “*habaneros negros*” são, acima de tudo, cubanos. Porém não quaisquer cubanos, mas cubanos negros observados sob diferentes matizes culturais.

Capítulo 1 - Raça e racismos em Cuba: um breve panorama histórico

É muito comum, ao se pensar sobre a presença étnica em Cuba, relacionar com a imagem de uma pessoa negra, praticando algum esporte, dançando ou simplesmente tragando um charuto enquanto desfruta de um gole de rum. Esse tipo de imagem estereotipada, apesar de parecer muitas vezes automática, reflete uma visão unidimensional sobre um país que possui menos da metade de sua população que se reivindica preta ou mestiça.

Aqui, existem diversos processos sociais operando para que cheguemos à associação de que Cuba é, majoritariamente, um país habitado por pessoas negras, mesmo quando uma grande quantidade de pessoas nunca tenha pisado neste lugar. As construções espaciais, assim como a ideia de nacionalidade, são construídas a partir de uma determinada concepção de raça que não apenas constroi as bases para a nação como define, muitas vezes, qual o status que determinada população irá receber.

No continente americano é possível identificar com maior facilidade esse processo devido ao trauma causado no continente com a escravização negra africana. O fato de que por quase quatrocentos anos o continente esteve sob um regime escravocrata brutal que ceifou milhões de vidas criou uma chaga que marca o solo do continente como nenhum outro. Os antropólogos Sidney Mintz e Richard Price, ao escreverem “O nascimento da Cultura Afro-Americana” (2003) propuseram olhar para esse passado escravista desde uma perspectiva dinâmica, que visava não apenas constatar a escravização negra como um fato consumado e igualar as influências indígenas, africanas e europeias na formação do que hoje entendemos como Continente Americano, mas destacando que existiram diferentes níveis de intensidade nessas contribuições que produziram as diferentes sociedades americanas

A separação imposta entre os setores europeu livre e africano escravizado levou, quase que desde o início, a criação de sistemas sociais marcados por diferentes patamares de status, diferentes códigos de conduta e diferentes representações simbólicas em cada setor. [...] (Mintz e Price, 2003, p. 23-24)

Essas determinações sociais produziram a impressão de que havia um corpo de africanos trazidos ao continente americano que era homogêneo, enquanto os europeus mantinham suas diferenças culturais, linguísticas e sociais que os tornavam singulares a partir de suas culturas nacionais. Os autores não apenas destacam como esse entendimento da existência de uma herança cultural africana geral é equivocada, como apontam que essas diferentes culturas que foram trazidas para as Américas produziram distintas influências na

cultura do continente.

Outro ponto indispensável para se compreender a relação entre essas diferentes culturas é não reduzir essa experiência para a relação entre pessoas livres e escravizadas ou entre africanos e europeus. Diversos modelos sociais foram adotados durante os séculos de escravização e eles produziram as mais distintas representações, que apenas foram possíveis devido ao um intenso processo de interligação entre essas culturas (Mintz e Price, 2003 p.74-76).

Apesar disso, existe uma condição que foi geral para os negros africanos que foram trazidos para o novo continente: a experiência com a escravização marcou a cultura de todas essas pessoas, sendo este um traço indissociável cultural no continente, que transforma africanidade em afro-americanidade. Essa experiência comum com a escravização também produziu uma identidade ligada a ela, que associa a cultura negra com uma presença negra em determinados territórios.

Uma recente entrevista da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2023) sobre como a questão da negritude é vista no continente africano diferente de como é entendida nas Américas ajuda a elucidar essa questão. Ela aponta que, quando visitou os Estados Unidos da América (EUA) pela primeira vez, foi questionada de como era ser uma autora negra, pergunta que ela teve uma dificuldade inicial de compreender, pois na Nigéria ela “não tinha essa como uma preocupação”. Foi apenas após estudar sobre o processo de formação cultural e nacional dos EUA que ela compreendeu que essa pergunta partia de um lugar fundamental da experiência social do país, devido ao seu passado escravista e, posteriormente, segregacionista.

Não foi no continente americano que Chimamanda se descobriu como uma mulher negra, mas foi aqui que este aspecto de sua identidade se fez importante para que as interações que ela viria a realizar. É olhando desde esta perspectiva que, em uma conversa com uma interlocutora negra em minha primeira visita à Cuba compreendi o papel que a reivindicação do lugar dela enquanto negra era importante para sua identidade. Ela, que junto com seu esposo Alexey tinham um grupo de rap chamado *Obsesión*, me apresentou uma música que possibilita olhar para o papel de reivindicar-se negro como um movimento importante para uma localização cultural negra em Cuba.

Grupo Obsesión - Me afroconozco

Autores: Magia López Cabrera y Alexey Rodríguez Mola

*Si ves que a mí va mi sex appeal verbal es porque ya me afroconozco
Puedo decir que es la segunda vez que nazco y que
Ha sido un poco brusco el redescubrimiento.
Es vital, la influencia del maestro (Tomás Fernández Robaina)
Esto es lo menos que puedo hacer por los ancestros
Tronco de ritmo, flow, conocimientos son instrumentos para exponer mis argumentos.
Me secuestraron la historia y aquí están las consecuencias
La negra aprendió a tejer con hilos de pertenencia, conciencia, descendencia, elocuencia
Y mírala como está dando hasta conferencias.
Ahora enfréntate a mí si quieres, si tienes, si eres
¿Tú crees que puedes? ¿De veras?
Tengo las armas y debo repartirlas, hoy.
Voy a enseñar a mi gente como usarlas.
Se trata de cómo vamos a empuñar esas armas
Cómo vamos a esgrimir las para entregarlas
Responsablemente a nuestros hijos e hijas, que han de crecer fuertes
Preparados para los nuevos tiempos porque aquí entre nos:
El virus cambia de forma, muta, se moderniza junto a la escenografía
Lo que si no varía es la coreografía
Que pasa inadvertida para muchos todavía
Diluidos en la conciencia de la cubanía.
El silencio continúa en su porfía y yo imaginando cómo sería
¿Si este asunto, siempre pospuesto, no estuviera limitado sólo al círculo de intelectuales?
Si se debatiera en las comunidades,
Si no estuviera ausente del sistema educacional,
Donde su tratamiento es puramente histórico, no actual.
Si los mecanismos sociales no reprodujeran el problema,
Si no tuviera que hacer este tema,
Yo me pregunto ¿Cómo sería?*

O processo de formação de uma identidade negra no continente americano, como parte de um processo de construção específica de uma ideia compartilhada de identidade negra, é explorado por diversos outros autores como forma de explicar como o conceito de racialidade em seus países. Assim, o conceito de raça (e aqui destaco este conceito atrelado a negras e negros) foi utilizado para trazer uma certa coesão aos diferentes modelos nacionais espalhados pelo continente, que compartilhavam entre si, além da experiência com a

escravização, não permitirem para as pessoas negras uma identificação com um passado positivo para o qual olhar e se referenciar.

Essas nacionalidades são, então, criadas para acomodarem o papel da população negra muitas vezes como um apêndice, que reflete apenas o período da escravidão negra e que irá inserir esses sujeitos muitas vezes como um artigo folclórico e não como atores fundamentais para a construção político e histórica de seus países, mas acima disso, do reconhecimento dessa influência para o reconhecimento desse grupo enquanto sujeitos. Essa tarefa estaria não mais atrelada ao passado, como em outras etnias, mas sim ao futuro, que passava por encontrar um lugar em que ser negro fosse algo diferente do que os livros de história ocidentais reproduziam.

1.1 Em Cuba não há “afro-cubanos”

Antes deste doutorado, em uma aula ainda durante o mestrado, escutei o termo “afro-cubano” em uma disciplina sobre Cuba. Intuitivamente, ele induz a pensar que afro-cubano seria todo negro (preto ou pardo) nascido em Cuba, entendimento que eu compartilhava até então. Porém, esse termo envolve muitos outros matizes. Um artigo publicado no portal ABRIL em junho de 2022 explica um pouco sobre esses vieses ao narrar alguns trechos de um encontro entre intelectuais cubanos e estadunidenses para falar sobre racismo e identidade.

Enquanto para os intelectuais estadunidenses ser afro-americano se referia a uma particularidade que mesclava racialidade e nacionalidade, ser afro-cubano era, segundo os representantes cubanos naquele encontro, “um adjetivo presente em cada aspecto da nossa identidade nacional” (Portal Abril, 2022, n.p.). Acreditamos não ser algo simples de se diferenciar, uma vez que para o entendimento comum ambas as coisas estão intrinsecamente relacionadas: cultura e racialidade, em países herdeiros da escravidão negra e indígena que irão incorporar elementos culturais dessas etnias. Qual seria, então, a diferença?

No livro *O nascimento da cultura afro-americana* (2003), Sidney Mintz e Richard Price, destacam (para não dizer que denunciam) como diversos teóricos nos EUA e fora dele organizaram os debates raciais ao redor do termo “afro-americano” partindo de uma ideia de preservação cultural, que tem como ponto central a continuidade da cultura do continente africano nas Américas. Tal preservação teria sido mantida através de um movimento consciente de ex-escravizados para garantir que suas “origens” permanecessem vivas. Essa

ideia segue presente hoje em diversos autores que debatem as relações raciais nas Américas — inclusive aparecendo no debate entre os intelectuais americanos e estadunidenses na notícia de jornal citada acima —, condensada pelo artista iraquiano-americano Andy Shallal, que representava a delegação estadunidense, na pergunta feita, á Zuleica Romay e David López, que o receberam em Cuba. O questionamento de Shallal foi: “Por qual razão os descendentes de africanos que vivem em Cuba não chamam a si mesmos de afro-cubanos, como ocorre em outros países do continente?” A resposta, dada pela ensaísta Zuleica Romay, apresenta uma perspectiva que é defendida por Mintz e Price em seu livro e que mostra um ponto diferente do sustentado pela maioria dos pesquisadores quanto a relações raciais nas Américas:

A música, as danças, a cozinha e a religião africanas mudaram tudo o que chegava da Europa. Não é que os negros adoptassem os costumes dos espanhóis e vice-versa, **mas ambos se foram combinando até criar a nossa identidade**. No início, quando os nascidos em Cuba se começaram a reconhecer como crioulos, este termo só se usava para os descendentes de pais brancos; os filhos dos negros eram afro-cubanos. Mas foi tanta a mestiçagem de cores e culturas que rapidamente passou a ser um qualificativo para tudo o que tivesse alguma influência africana. **Eles não eram afro-cubanos, eram cubanos e negros** (Zuleica Romay, Portal Abril, 2022, n.p., grifos meus).

Através da resposta de Romay (2022) é possível compreender duas coisas: a primeira é que a cultura afro-cubana não está estritamente vinculada à subalternização imposta pela escravização, mas sim que foi se construindo da relação entre a cultura europeia (em Cuba representada pela espanhola) e as culturas de origem africana, o que permitiu a criação de uma nova identidade cultural, nem africana e tampouco espanhola. O segundo ponto é que a ideia de que a miscigenação estenderia essa identificação apenas para os cubanos que possuíssem alguma gota de sangue negro em suas veias perde efeito em Cuba, pois, para a ensaísta, toda a cultura de Cuba estaria afro-cubanizada, ou seja, o que existia de cultura ali possuía uma forte influência das culturas africanas, porém era algo propriamente cubano.

Dessa maneira pensam também Mintz e Price (2003) quando olham para o que é a cultura afro-americana. Para eles, a combinação cultural engendrada através de séculos de conflitos gerados pela escravização criaram um produto novo, da mesma forma como em uma fusão nuclear dois núcleos se combinam para dar origem a um terceiro, que apesar de ter elementos dos originais torna-se algo completamente diferente. Tal compreensão não é exclusiva de Mintz e Price (2003), a esse processo de combinação cultural Fernando Ortiz (1940b) dará o nome de “transculturação”, e Lélia González (1988a) chamará seu resultado de “amefricanidade” (ver Aguiar, 2021).

Partindo do ponto de vista apresentado na entrevista de Andy Shallal, ao olharmos para os afro-cubanos como simplesmente os cubanos negros perde-se muito da importância da influência cultural, não apenas para aqueles, mas para o país e para a construção de sua ideia de nação. Ser cubano, então, envolve mais ser afro-cubano do que ser negro, o que talvez seja uma das respostas do porquê, ao pensar em Cuba, seja tão comum pensar em pessoas negras, mesmo estas não sendo a maioria no país. A formação da cultura cubana, segundo autores importantes para sua compreensão, como Fernando Ortiz (1940a e 1940b) e Rebecca Scott (1991), não se deu de maneira pacífica e ordenada, mas sim como produto dos diversos conflitos — ideológicos, geográficos e/ou bélicos — que fizeram de Cuba dos lugares inescapáveis no Caribe para se pensar a relação entre nacionalidade e etnicidade.

1.2 Uma introdução necessária sobre “raça” em Cuba

Ao pensar a relação entre raça e racismo em Cuba é fundamental refletir sobre a formação social da maior ilha do Caribe. O país foi uma colônia espanhola por quase 400 anos, o que fez com que a ilha se tornasse um recebedor de mão de obra africana, principalmente para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. Por sua localização estratégica enquanto porto, Cuba se desenvolveu como um dos principais ancoradouros do Caribe, garantindo uma conexão entre a Europa, a América do Norte e a América Central.

O grande número de negros africanos escravizados que chegaram à ilha mudou sua demografia, que passou a ter uma imensa quantidade de pessoas negras, superando a quantidade de indígenas nativos da ilha. Essa nova dinâmica demográfica levou a tensões ao redor da escravização: os escravizados combatiam sua condição com fugas para as regiões montanhosas, após as quais formavam comunidades chamadas de “*palenques*” — uma organização similar à dos quilombos brasileiros. Esse processo gerou em Cuba os chamados “*cimarrones*”, que seriam esses escravizados que, individual ou coletivamente, fugiam e se rebelaram contra os senhores proprietários das fazendas.

No começo do século XIX as tensões raciais em Cuba ganharam um novo contorno a partir da revolução de escravizados em uma ilha vizinha: a Ilha de *Hispaniola*. Nesta ilha ficava a mais importante colônia francesa à época, São Domingos, que posteriormente passou a chamar-se Haiti. Foi neste país que houve a primeira rebelião escrava bem sucedida, quando os negros escravizados tomaram o poder ao subjugar os exércitos franceses e

combater os invasores espanhóis e ingleses. A Revolução Haitiana também havia colocado um novo paradigma para as colônias na América: a possibilidade de que novas revoltas pudessem fazer ruir o império escravista no continente.

O medo tomou conta das principais colônias que tinham uma expressiva quantidade de escravizados, o que fez com que se iniciasse um debate não apenas sobre o fim do comércio de pessoas, mas igualmente sobre o branqueamento das colônias a partir de duas políticas: a da imigração de europeus para as Américas e a de miscigenação forçada. Ambas as posições esbarravam nas diferentes interpretações sobre negras e negros escravizados serem ou não seres humanos.

Despontaram diversas movimentações ao redor do fim do sequestro de negras e negros africanos para as Américas, como a Bill Aberdeen, que foi promulgada em 1845 pela Inglaterra e que proibia o tráfico de escravizados africanos, e a Lei Eusébio de Queiróz, de 1850, que determinava a proibição do tráfico de africanos escravizados para o Brasil. A promulgação desta lei foi uma resposta à dupla pressão sofrida pelo governo brasileiro, sendo a primeira imposta pelas crescentes revoltas escravas no Brasil e a segunda causada pela perseguição realizada pela Marinha britânica, que interceptava e capturava os navios que transportavam os escravizados pelo Atlântico Sul.

A Espanha começou a perder o controle de suas colônias e em Cuba não foi diferente, uma vez que no período também eclodiram revoltas de escravizados por todo o país, como retratam as historiadoras Rebecca Scott (1991) e Aline Helg (1995). Essas revoltas e rebeliões fizeram com que Cuba mergulhasse em um tempo de insurreições entre a metade do século XIX e o começo do século XX, que misturavam a libertação escravista com aspirações independentistas. Essa dinâmica possibilitou que negras e negros cumprissem um papel protagonista não apenas na luta pelo fim da escravização negra⁶ no país, mas também para sua independência como colônia espanhola. Esse processo fez com que existisse aproximação entre as reivindicações dos negros escravizados e as dos brancos que queriam se ver independentes da Espanha. A pauta da liberdade uniu negros e brancos em Cuba.

Conflitos como a Guerra de 10 anos (1868-1878) e a Guerra *Chiquita* (1879-1880) aumentaram a pressão em Cuba e culminaram no fim da escravização no país — apesar de o processo ter se iniciado em 1875 e apenas ter sido concluído em 1886, e a própria independência do país em 1902 (então apoiada pelo governo dos Estados Unidos, que estava

⁶ Aqui é importante destacar que nos referenciamos à escravização negra pois ela, além de ter sido predominante na ilha, passou a ser exclusiva devido o extermínio das populações indígenas nativas.

interessado em exercer controle sobre o principal porto do Caribe). Porém, parte dessa influência em Cuba também passou por importar modelos sociais baseados no racismo científico, que era a principal interpretação naquele momento.

Um entre diversos teóricos da recém fundada criminologia, Cesare Lombroso estabelece em 1876 que a população negra teria nascido inferior à branca, o que trazia a necessidade de esta última atuar como “tutora” dos negros, que eram vistos como animalizados ou infantilizados. Em Cuba, tal visão passou a conflitar com o que negras e negros haviam realizado durante todo o século XIX, em especial durante a última Guerra de Independência de Cuba (1895-1898) — também conhecida como Guerra Hispano-Cubano-Americana, que tinha na figura do general negro Antonio Maceo, o Titã de Bronze⁷, um de seus principais símbolos. Maceo liderou diversas batalhas em Cuba, sendo vitorioso em conflitos decisivos para a independência, o que fez com que bustos e estátuas suas fossem construídas em todo o país, feito inigualável apenas ao de José Martí, intelectual cubano branco conhecido como o “apóstolo da independência de Cuba”⁸. O papel que a reprodução das imagens de Martí cumprem para a consolidação da ideia de nacionalismo segue sendo reivindicado em Cuba, como é explicado pelo antropólogo João Felipe Gonçalves (2012). Tanto Antonio Maceo quanto José Martí morreram antes da proclamação oficial da Independência de Cuba.

Apesar da importância histórica de negras e negros para o fim da escravidão e para a independência da ilha, a aproximação com os Estados Unidos durante a Guerra Hispano-cubano-americana, fez com que Cuba deixasse de ser uma colônia espanhola para se tornar um território ocupado pelos EUA, incorporando assim elementos (racistas) da cultura estadunidense. Essa ocupação resultou na Emenda Platt⁹, que garantia ao país norte-americano a premissa de intervir militarmente na política interna do país em caso de

⁷ Antonio Maceo (1845-1896), homem de origem pobre de Santiago de Cuba, foi o principal general da independência cubana, sendo conhecido como “*El Titan de Bronce*” (“O Titã de Bronze”, tradução minha) por conta de sua pele mais escura e sua altura, que impressionava os seus oponentes e inspirava seus comandados. Na hierarquia militar, ele foi o segundo em comando no exército libertador de Cuba, tendo participado de mais de 500 batalhas, sendo a maioria delas durante a “Guerra de 10 anos”. (HELG, 1995; BORJAS, 2015; SCOTT 1991)

⁸ José Martí (1853-1895) foi um político e ideólogo da independência de Cuba, sendo a principal figura política do país. Também lutou durante a Guerra de Independência cubana. Martí se tornou, após a Revolução de 1959, um símbolo não apenas para os cubanos em Cuba, mas também para aqueles que fugiram da revolução e se refugiaram em Miami (Gonçalves, 2015).

⁹ A Emenda Platt foi uma emenda à Constituição cubana que garantia direitos de interventor aos EUA em caso de ameaças à sua democracia ou aos seus interesses internacionais, permitindo inclusive indicação dos EUA de um governador para Cuba e a utilização de tropas estadunidenses no país, caso julgassem necessário. No período da ocupação militar dos EUA em Cuba, entre os anos de 1899 e 1902, foi construída a base naval militar da Baía de Guantánamo.

ameaça aos interesses estadunidenses, cláusula que foi ativada pela primeira vez no ano seguinte à Independência, em 1902. O sistema de tutela estabelecido pelos EUA transferiram para Cuba parte do seu modelo social racista, fazendo com que os mesmos negros e negras que haviam se tornado heróis da independência fossem novamente colocados como pessoas de segundo nível aos olhos da sociedade. O historiador Tomás Fernández Robaina escreveu em seu livro *El negro em Cuba* (2012):

A ocupação estadunidense (em Cuba), depois de mais de cem anos de seu acontecimento, reflete todas as características dialéticas que a fazem ser sumariamente interessante de estudar. [...] Por outro lado, se tem argumentado que a problemática racial foi motivada pela ocupação ianque e seus regulamentos racistas, como consequência da discriminação contra os negros nesse país. Não deve haver dúvida de que o racismo conhecido em Cuba surgiu como consequência do sistema escravista imperante na ilha durante quatro séculos, e pela educação eurocêntrica imposta aos afrodescendentes [...]. Tampouco pode passar despercebido que o racismo *criollo*, que negou a participação cultural, econômica e histórica dos africanos em nossa formação, foi muito estimulado pelas medidas segregacionistas que os ianques aplicaram na ilha. Todas essas discriminações foram praticadas pela maioria dos portadores dos códigos culturais excêntricos carregados durante o século XIX, que seguiram vigentes no século XX (Fernández Robaina, 2012, p.41-42, tradução minha¹⁰).

Esse trecho evidencia dois processos fundamentais para a manutenção do racismo em Cuba: o primeiro é que não existiria racismo no país sem os séculos de cultura escravocrata que permitiu a criação de uma estrutura social que se beneficia materialmente da discriminação racial e do racismo. O segundo processo destacado pelo autor é o papel da ausência de mudança da situação material vivida pelos negros cubanos para a manutenção do racismo enquanto ideologia. Podemos notar, aqui, a relação entre estrutura e ideologia que está presente em diversos países que sofreram com a escravização negra e, consequentemente, com o desafio de construir — utilizando-se dos processos apontados por Fernández Robaina (2012) — uma sociedade que pudesse diminuir as tensões entre escravizadores e escravizados, para que esse conflito não se tornasse um “novo Haiti”, medo que se espalhou em diversas colônias durante o século XIX¹¹.

No primeiro processo, que relaciona o racismo atual com o passado escravocrata, é

¹⁰ *La ocupación estadounidense, a más de cien años de ocurrida, refleja todas las características dialécticas que la hacen sumamente interesante de estudiar. [...] Por otra parte, se ha argumentado que la problemática racial fue motivada por la ocupación yanqui y sus regulaciones racistas, como consecuencia de la discriminación contra los negros en ese país. No debe haber duda de que el racismo conocido en Cuba surgió como consecuencia del sistema esclavista imperante en la isla durante cuatro siglos, y por la educación eurocéntrica impuesta a los afrodescendientes [...]. Tampoco puede pasarse por alto que este racismo criollo, que negó los aportes culturales, económicos e históricos de los africanos a nuestra formación, se vio muy estimulado por las medidas segregacionistas que los yanquis aplicaron en la isla. Todos esos prejuicios fueron practicados por la mayoría de los portadores de los códigos excéntricos culturales durante el siglo XIX, que siguieron vigente en el XX.*

¹¹ Um trabalho que aborda essa questão com a devida profundidade é o da historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo, em seu livro *Onda negra medo branco: O negro no imaginário das elites do século XIX* (1987).

possível verificar como os efeitos da discriminação racial foram se construindo durante os séculos, como uma infecção que se multiplica vagarosamente e, uma vez espalhado, necessita de um tratamento muito mais profundo para ser erradicado. Essa construção estrutural do racismo em Cuba passou pela desigualdade de oportunidades entre negros e brancos, não apenas pela condição da escravização, mas também pela diferença de educação formal, de posse de terras, e de longevidade, que resultaram posteriormente nas condições em que negros e brancos passariam a viver em uma Cuba independente: enquanto estes seriam donos de terras, comércios, escolas, fábricas, e estariam representados nos mais altos postos políticos da recém-criada república, aqueles seriam, nos melhores cenários, valorosos trabalhadores.

No segundo processo, que destaca o resultado ideológico da ausência de uma mudança material na vida da população negra, podemos notar a negação da influência negra na formação da cultura cubana, através do não inclusão destas pessoas nos processos de poder, de forma a ter seu peso de influência social, que está presente nos hábitos alimentares, nos estilos arquitetônicos, na formação econômica e, principalmente, na formação histórica de Cuba, como a participação negra nas lutas por independência, transformado em peso político. Tal apagamento não atua apenas para diminuir a importância da população negra na história e cultura cubanas, mas sobretudo para dissipar os elementos humanos que tornam negros e brancos iguais, fortalecendo assim as percepções racistas que foram construídas em séculos de escravização negra. Aqui podemos incluir um outro fator fundamental para a cultura negra em Cuba — e preponderante para esse esquecimento que rouba da parcela negra da população a sua importância histórica: a força demonstrada por negras e negros organizados.

A combinação desses dois processos não é exclusiva da experiência cubana, uma vez que pode ser notada também em outros países como Estados Unidos e Brasil. Porém, esse modelo segregacionista incorporado da cultura estadunidense foi fundamental para que houvesse apreensão por parte das elites quanto à formação de organizações de negros cubanos. A principal resposta a isso foi o que ficou conhecido como o “Massacre dos PIC¹²”, que ocorreu em 1912, quando mais de 12 mil associados ao partido foram assassinados durante um levante popular, após o governo relegar o partido à ilegalidade e seus integrantes

¹² O PIC, ou “*Partido Independiente de Color*”, foi uma organização política criada durante a segunda intervenção estadunidense em Cuba, em 1906, sendo formada em sua maioria por pessoas pretas e mestiças, e que tinha como objetivo garantir direitos para a população negra cubana através de uma representação em seu parlamento.

organizarem manifestações em toda a extensão da ilha.

A lei que extinguiu o PIC foi a promulgação da Emenda Morúa¹³, que atingiu o partido principalmente por sua inclinação a fortalecer a representatividade negra na política e por questionar o racismo na recém-criada república cubana. Os integrantes do PIC foram, então, acusados de serem “racistas” e tiveram seu partido colocado na ilegalidade. O partido sofreu, então, um processo de expurgo e vários de seus membros foram presos, acusados de associação ilícita e conspiração para a rebelião. (*Antologia de Caminos*, 2017).

Essas prisões levaram a novos protestos pela revogação da Emenda, sendo os protestos realizados em Alto Songo e La Maya, na região centro-oriental da ilha, os dois mais famosos. Foi nesses protestos que um incêndio acidental consumiu diversas casas, a estação de trem e a central de correios da região. Isso fez com que o governo ampliasse a repressão contra os partidários do PIC em confrontos que levaram à morte de mais de 12 mil integrantes do partido e de seus dois principais líderes, o pedreiro e fundador do PIC, Evaristo Estenoz (1872-1912), e o general Pedro Ivonet (?-1912), ambos *mambises* que combateram na Guerra de Independência.

Esse episódio foi bastante emblemático para o país, pois sem uma organização que lutasse pela igualdade de direitos entre negros e brancos, a população negra cubana foi ainda mais empurrada para um lugar de pouca representatividade na sociedade. A ausência de políticas públicas que promovessem a real integração da população negra à democracia aprofundou o abismo social gerado por séculos de escravização, fazendo com que a discriminação contra negras e negros seguisse viva na sociedade cubana. Junto com o medo que as elites brancas cubanas tinham de um novo levante negro — como os que ocorreram no Haiti ou, mais diretamente, os que ocorreram durante a existência do PIC — foi fortalecida a criação de espaços de poder cada vez mais marcados. Reforçando que os símbolos de riqueza estariam associados com a população branca, enquanto os símbolos de pobreza seriam ligados à população negra.

A tensão racial em Cuba ganha novos contornos com a chegada de Fulgêncio Batista (1901-1973) ao poder, na década de 1930. O militar, que era mestiço, combateu a então ditadura de Gerardo Machado (1871-1939), um cubano branco que havia sido general da Guerra de Independência e governou o país de 1925 a 1933. Através de um golpe militar,

¹³ *Enmienda Morúa*, apresentada no Senado cubano em fevereiro de 1910 por Martín Morúa Delgado, tinha como objetivo proibir a formação de partidos de “uma só raça”. Sob a pretensão de evitar o surgimento de partidos racistas, que defendem de alguma maneira o aspecto racial acima do nacional, foi feita para atacar a existência o PIC.

conhecido como a “Revolta dos Sargentos”, Batista instaurou um regime indireto — mas controlado por ele —, a Pentarquia, ocupando inicialmente o autodeclarado cargo de Chefe das Forças Armadas. Entre vários governos-fantoches, Batista governou Cuba de 1933 a 1944 (sendo que de 1940 a 1944 ele foi eleito presidente), e depois de 1952 a 1959. Seu governo foi o primeiro a colocar pessoas não brancas como as do primeiro escalão da política no país, porém isso não se refletiu em melhorias para a população negra cubana.

A presidência de Batista foi marcada por uma colaboração ainda maior com o governo estadunidense, intensificando a condição de Cuba de país subordinado à política dos EUA, que por sua vez forneceu a Batista apoio logístico e financeiro. Isso garantiu que vários representantes do governo dos EUA possuíam casas e empresas em Cuba, além de o país funcionar como um lugar para jogos ilegais e do incentivo a o turismo sexual, em especial de cubanas negras. Economicamente o país passou por uma imensa miséria, que aprofundou ainda mais as desigualdades sociais históricas do país. Durante os mais de 20 anos da gestão de Batista, a questão racial seguiu sem avançar positivamente, sem ocupar qualquer espaço no debate público.

Tamanha desigualdade gerou, indignação em setores da sociedade cubana, que passou por uma nova onda de manifestações e insurgências populares: em 1953 houve em Santiago de Cuba o emblemático “Assalto ao Quartel Moncada” que, apesar de uma tentativa derrotada, possibilitou o nascimento do Movimento 26 de Julho (M-26-7), encabeçado por Fidel e Raúl Castro, Camilo Cienfuegos e Juan Almeida Bosque. Tal movimento aproveitou a crescente insatisfação com a gestão de Batista por parte da população, que viu crescer o desemprego e os gastos públicos, enquanto diminuiu tanto a popularidade daquele quanto o apoio dos EUA, que passaram a vê-lo como um problema devido à instabilidade de seu governo. Em abril de 1958 foi organizada uma greve geral, convocada principalmente pelo Movimento 26 de Julho, que culminou em diversas sabotagens — envolvendo o fechamento das principais vias das maiores cidades do país, o corte do sistema de abastecimento de eletricidade, incêndios em postos de gasolinas e contra veículos particulares — e teve seu ponto alto com a invasão do Arsenal de Armas de Havana e do quartel Boniato, em Santiago de Cuba.

Apesar desses feitos, a greve geral não foi bem-sucedida em sua intenção de derrubar imediatamente o governo de Batista. Porém, foi o suficiente para fazer com que os EUA reconhecessem o perigo que a continuidade de Batista no poder representava para seus interesses em Cuba, e passaram a pressionar por sua renúncia. Nesse ínterim, os integrantes

do M-26-7 já haviam conseguido ampliar sua influência política na ilha e deram o golpe de misericórdia no governo de Batista: Fidel Castro e seus comandados, que há meses combatiam as tropas de Batista na região montanhosa conhecida como Sierra Maestra, em 1 de janeiro de 1959 tomaram a cidade de Santiago de Cuba, segunda maior do país. Fulgêncio Batista não espera a chegada de Fidel e seus comandados a Havana e foge quando recebe as notícias da tomada de Santiago de Cuba, indo se refugiar na Espanha. As tropas revolucionárias de Fidel chegam na capital Havana em 9 de janeiro, onde encontram o presidente interino que foi deixado por Batista, e que é rapidamente subjugado. Chegava ao fim o regime de Batista e se iniciava o período da Revolução Cubana de 1959.

A população negra cubana cumpriu — novamente — um papel fundamental nesse processo, já que a própria Revolução começa na cidade com a maior população negra de Cuba à época, Santiago de Cuba, que segue sendo a cidade com a maior concentração de pessoas negras (segundo o censo de 2012). A importância dessa participação acendeu na população a esperança de que fosse criada, finalmente, uma pátria “com todos e para o bem de todos”, uma vez que “os governos da segunda república fizeram pouco para combater o racismo sistemático”, como afirma o historiador Alejandro de la Fuente (2001, p.332). Não obstante, seria a revolução de 1959 capaz de reverter séculos de uma cultura racista em Cuba?

Não foram poucas as vezes em que, durante visitas, escutei de moradores de diversas partes de Havana e de diferentes idades, gêneros e cor de pele sobre como Cuba era racista. Hoje o tema está mais difundido na sociedade do que nos anos que se sucederam à Revolução Cubana. Então, uma conversa com uma atendente de um café no centro da Havana trouxe um outro questionamento: qual seria o tipo de racismo encontrado em Cuba? Durante a conversa perguntei se ela — uma mulher negra — acreditava existir racismo em Cuba, ao que respondeu de pronto que, em sua opinião, não havia racismo lá. Porém, quase imediatamente disse que, caso eu fosse assaltado naquele momento, ela não teria dúvidas de que o autor do assalto seria um “*negrito*”¹⁴. Questionei sobre o porquê de tanta certeza sobre quem seria meu algoz e ela, então, não hesitou: “era óbvio, pois os negros eram os marginais de Cuba”

¹⁴ Forma como alguns cubanos se referem a pessoas negras, termo que possui uma origem colonial e visa diminuir os negros enquanto pessoas, os infantilizando.

1.3 Pensar Cuba entre o nacional e o racial: cubanías e afro-cubanías

A identidade cubana é uma tapeçaria intrincada, tecida com os fios da história, cultura e herança. Para compreender plenamente essa identidade multifacetada, é essencial examinar as obras de Fernando Ortiz, um dos principais intelectuais cubanos do século XX, que contribuiu significativamente para a compreensão da cubanidade e suas nuances. Trago aqui algumas das ideias de Ortiz sobre raça e nacionalidade, destacando suas distinções e interconexões.

Fernando Ortiz (1881-1969) foi um etnólogo, antropólogo e escritor cubano cujo trabalho revolucionou a compreensão da identidade cubana. Sua abordagem interdisciplinar e sua sensibilidade para com as complexidades culturais de Cuba o tornaram uma figura seminal no estudo da cultura cubana. Ortiz explorou profundamente as origens e evolução da identidade cubana em obras como: "Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar" (1940), "Los negros brujos" (1906) e "La africanía de la música folklórica de Cuba" (1950).

Nestes trabalhos Ortiz, para descrever a essência da identidade cubana, cria o termo para pensar *cubania*, para referir-se àquilo que é distintivamente cubano, incorporando elementos culturais, históricos e sociais que moldaram a identidade nacional. Para Ortiz, *cubanía* é uma fusão única de influências indígenas, africanas, europeias e caribenhas, que se manifesta em todas as esferas da vida cubana, desde a música até a culinária, passando pela religião e pelas práticas sociais.

Cubania é o que caracteriza e distingue o que é específico e diferente, não só na música, no folclore, na culinária, nas artes, nas letras, mas também no modo de sentir e de agir do povo cubano (Ortiz, 1940)¹⁵

Mas, quando se é necessário incorporar elementos nacionais a essa identidade, um outro processo ocorre, uma vez que carece de uma “tomada de consciência”, ou seja, uma valorização consciente desses aspectos culturais. Enquanto *cubanía* é a essência cultural e identitária de Cuba, a *Cubanidade* é o conceito que abrange a identidade nacional cubana. Cubanidade refere-se à consciência coletiva do povo cubano sobre sua história, valores e aspirações como nação. É uma narrativa compartilhada que une os cubanos em torno de sua herança comum, independente das diferenças regionais, étnicas ou socioeconômicas. Ortiz enfatizou a importância da Cubanidade na construção de uma nação coesa e resiliente, capaz de enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Para Ortiz (1939), a cubanidade

¹⁵ Tradução minha.

não pode depender simplesmente da terra cubana, onde se nasceu e nem da cidadania política que se goza: e às vezes se sofre. Na cubanidade “há” algo mais do que um metro de terra molhada do que o primeiro choro de um recém-nascido, algo mais que algumas polegadas de papel branco, marcados com selos e gravuras simbólicas de uma autoridade que reconhece uma vinculação social verdadeira ou suposta. A cubanidade não dá origem: não há uma raça cubana e não há raça pura, não há nenhuma. A raça, afinal, não é mais do que um estado civil firmado por autoridades antropológicas; mas esse estado racial sabe ser tão convencional e arbitrário, e às vezes tão mutável, como o estado civil delimita o homem a tal ou qual nacionalidade. A cubanidade para o indivíduo não está no sangue, nem no papel, nem na habitação. A cubanidade é, sobretudo, a qualidade peculiar de uma cultura, a de Cuba. Dito em termos correntes, a cubanidade é a condição da alma, complexo de sentimentos, ideias e atitudes.

A cubanidade, então, se torna a principal característica desta identidade cubana “consciente”, no qual a raça ganha espaço. Ela é uma cultura nacional cubana, que para Ortiz está acima de qualquer divisão racial, mas que agrega um valor à identidade nacional cubana. Seguindo nesta direção, Ortiz irá reivindicar o papel que a presença africana desempenhou na formação da identidade cubana, e tendo dedicado grande parte de sua obra ao estudo da influência africana em Cuba. O termo Afro-cubania refere-se à contribuição dos africanos e seus descendentes para a cultura, religião, música e arte cubanas. Ortiz argumentou que a presença africana não apenas enriqueceu a identidade cubana, mas também desempenhou um papel central na formação da nação, desde os tempos coloniais até os dias atuais.

Enquanto Afro-cubania reconhece a contribuição africana para a identidade cubana como um todo, Afro-cubanidade se concentra especificamente na experiência e na expressão pública, e novamente consciência, da identidade afro-cubana. Este termo destaca a importância da herança africana na vida cotidiana dos afro-cubanos, desde suas práticas religiosas até suas formas de expressão cultural. Ortiz enfatizou a necessidade de reconhecer e valorizar a Afro-cubanidade como parte integrante da identidade nacional cubana, promovendo a igualdade racial e a inclusão social.

Stephan Palmié é um antropólogo que também explorou as complexidades da identidade cubana, especialmente em relação às práticas religiosas afro-cubanas. Em sua obra "Wizards and Scientists: Explorations in Afro-Cuban Modernity and Tradition" (2002), Palmié examina as interações entre tradição e modernidade na religião afro-cubana, destacando sua relevância contínua na sociedade cubana contemporânea. Sua pesquisa

oferece uma perspectiva valiosa sobre a evolução da Afro-cubanidade e sua influência na cultura cubana contemporânea.

A obra de Fernando Ortiz e as contribuições de Stephan Palmié nos convidam a refletir sobre as complexidades da identidade cubana e as interações entre Cubania, Cubanidade, Afro-cubania e Afro-cubanidade. Esses conceitos não apenas nos ajudam a compreender melhor a história e a cultura de Cuba, mas também lançam luz sobre questões mais amplas de identidade, diversidade e inclusão. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de influências que moldaram a identidade cubana, podemos celebrar a riqueza e a resiliência de uma nação que continua a se reinventar e a se renovar.

Porém, essa integração entre negros e brancos em Cuba não se deu de uma maneira pacífica, mas sim foi resultado de muitos conflitos e disputas por posições sociais que garantissem a sobrevivência de cada um dos grupos. Mesmo assim, como parte da necessidade de um discurso nacional que unificasse negros e brancos dentro de um mesmo projeto, a cubanidade (e seu alter-ego racializado, a afro-cubanidade) foram fundamentais para a gerar uma sensação de igualdade entre ambos. Porém, essa igualdade encontraria limites na realidade cotidiana de Cuba.

1.4 *Quién no tiene de Congo tiene de Caribali*: A face negra de Havana

Não são raras as experiências com o racismo em Cuba, sejam elas contadas nos livros ou em entrevistas e matérias de jornal sobre cubanos negros que decidiram sair do país. Essas experiências, porém, não estão restritas aos cubanos negros que saíram da ilha. Cerca de doze horas após a chegada em minha primeira visita à ilha, durante a primeira noite em Havana, fui parado pela polícia enquanto voltava para casa. Estava acompanhado de um cubano que havia acabado de conhecer e que fora minha companhia para tomar uma cerveja, era próximo das 23h e passávamos em frente à Universidade de Havana, que fica a cerca de uma quadra da casa em que eu estava hospedado. Ao virarmos a esquina fomos abordados pelos policiais, negros como nós. Eles pediram nossos documentos e me deixaram ir ao identificar que eu não era cubano, porém, a abordagem com meu amigo foi bastante intensa. Perguntaram-lhe diversas vezes o porquê de ele estar ali (pois havia nascido na parte oriental da ilha), a que se dedicava e porque estava andando com um estrangeiro. Ao final, fomos liberados, mas continuaram nos seguindo com os olhos enquanto descíamos a rua. Para meu amigo, essas são as boas-vindas que os negros recebem em Cuba.

A situação me lembrou a que foi vivenciada pelo cientista político Mark Q. Sawyer (1972-2017), em que narra uma experiência no aeroporto de Havana durante sua também primeira visita, ainda em 1997. Em sua chegada, ele é interceptado por dois guardas negros cubanos, que o questionam sobre sua “verdadeira nacionalidade”. Sawyer, que era negro, respondeu que era de Chicago, porém os guardas não acreditaram nele, pois ele “parecia cubano”. Nas palavras de Sawyer: “A ironia foi que, aos olhos dos oficiais da imigração, minha negritude me tornou ‘cubano’ e me marcou como um possível nativo ou exilado retornando para casa [...]” (Sawyer, 2006, p. XVI, tradução minha¹⁶).

Da mesma forma que Sawyer questiona a marcação racial que carrega um estigma de que você deve ser vigiado pelo Estado, assim eu e meu amigo nos sentimos, pois o que chamou a atenção da polícia não foi o horário em que estávamos na rua, mas sim o fato de sermos dois homens negros andando por uma região da cidade que possui uma maioria de moradores brancos. Essa região é conhecida por ser uma referência arquitetônica do progresso e prosperidade em Cuba, tendo abrigado durante o começo do século XX os “novos ricos”, e atualmente é onde fica localizada a principal avenida de Cuba, a *Calle 23*, que cruza todo o bairro do Vedado e é uma das principais vias de transporte urbano em Havana.

Também em minha primeira passagem por Havana, uma experiência diferente ocorreu, uma situação peculiar: voltamos à conversa com a atendente do café. Ao saber que eu era brasileiro e tinha interesse sobre a vida dos negros em Cuba — essa era a ideia genérica que eu tinha à época sobre qual seria o tema da pesquisa —, respondeu: “Aqui não temos racismo, então a vida dos negros em Cuba é diferente da vida dos negros do Brasil”. Ela afirmou isso com extrema segurança, como se fosse algo obviamente superado. Em seguida, completou: “Mas se você me dissesse que havia sido roubado aqui na esquina, eu não teria dúvidas de que foi um ‘negrito’”. A frase da atendente cubana, uma jovem mulher negra de pele clara, chama atenção para algo que os antropólogos Rodrigo Espina Prieto e Pablo Rodríguez Ruíz (2006), entre outros autores, alertaram: a existência de um racismo operante em Cuba, camuflado por uma ideia de igualdade.

O discurso de igualdade entre negros e brancos não é exclusivo do período após a revolução de 1959. Como defendeu José Martí (1893), considerado o maior intelectual

¹⁶ No original: “The irony was that, in the Customs officials’ eyes, my blackness made me ‘Cuban’ and marked me as a possible native or exile returning home [...]” (Sawyer, 2006, p.XVI).

cubano e patrono da independência¹⁷: “[...] Em Cuba não existe temor de uma guerra de raças. Homem é mais que branco, mais que mulato, mais que negro” (Martí, 1893, p. 299, tradução nossa¹⁸). Nesta afirmação, Martí (1893) parece relativizar o passado escravista cubano, no qual negros e negros foram desumanizados e tratados como animais. O pensador, a partir da defesa de uma união entre negros e brancos pela independência de Cuba, foi o principal incentivador de que fosse criada uma identidade nacional que apagasse as fronteiras raciais, originando o que alguns autores chamam de “cegueira racial” (*color blindness*). Tal forma de pensar se manifestou de diferentes maneiras em todos os períodos históricos de Cuba, característica que atravessou os mais diferentes governos cubanos.

Essa igualdade das raças, em tal raciocínio, poderia se dar em qualquer lugar no tempo e no espaço. Fernando Ortiz, que é um antropólogo imprescindível para se pensar Cuba e é o principal intelectual cubano após Martí, em contrapartida, reivindicava o reconhecimento da influência negra africana na criação da identidade nacional cubana, tendo passado décadas denunciando o racismo em Cuba. A compreensão de Cuba como um país fundado a partir das relações entre negros e brancos — sendo a influência negra muito destacada — é refletida no ditado popular “aquele que não tem de Congo, tem de Carabali” (no original em espanhol: “*El que no tiene de Congo, tiene de Carabali*”), que faz alusão aos portos do Congo e de Calabar, dois dos principais lugares que enviaram africanos negros escravizados para a ilha, e aos supostos grupos étnicos oriundos destas regiões. Segundo esse ditado, que escutei em diversos momentos sendo proferido pelos moradores de Havana, todos os cubanos eram, de alguma forma, descendentes de negros africanos. Mas como será que essa concepção impacta na vivência cotidiana dos cubanos de diferentes cores de pele?

Diversos autores que estudam as relações raciais em Cuba, como o citado Mark Sawyer (2006), Nadine Fernandes (2010), Rodrigo Espina Prieto y Pablo Rodrigues Ruiz (2006), Tomás Fernández Robaina (1990; 2012), Zuleica Romay (2014) e Marc D. Perry (2016), que denunciam e estudam as desigualdades raciais em Cuba. Cada um desses autores trabalhou a problemática da manutenção de um tipo de racismo em Cuba, através de perspectivas próprias, não sendo estas positivamente impactadas com a declaração de Fidel Castro em abril de 1962, quando ele fez um discurso no qual declarou que Cuba havia extinguido o racismo, porém sem desenvolver nenhuma política pública que indicasse um

¹⁷ A memória de José Martí (1853-1895) tem sido reivindicada em Cuba e em Miami de maneiras distintas e muitas vezes antagônicas. Para mais, ver Gonçalves, 2015. GONÇALVES, João Felipe. 2015. “Martí versus Martí: Nacionalismo e hegemonia em Havana e Miami”. *Novos Estudos CEBRAP* 102: 69-87.

¹⁸ No original: “*En Cuba no hay temor a la guerra de razas. Hombre es más que blanco, más que mulato, más que negro*” (Martí, 1893, p. 299).

posicionamento do governo cubano sobre essa questão (Fernandéz Robaina, 2012). Para Espina Prieto e Rodríguez Ruíz (2006), que pesquisam relações raciais em Cuba nos dias atuais, apesar de a maioria da população assumir uma postura de negação do racismo, o tipo praticado na ilha se manifesta por meio de termos como “*racismo de pero*”, que será justificado pela frase comumente dita “*no soy racista, pero...*”. Segundo Prieto e Ruíz (2006):

As manifestações racistas que persistiram viram-se na necessidade de se camuflar, adotando cada vez mais uma forma de racismo do “mas”. Trata-se de uma expressão do racismo camuflado em um discurso de igualdade, que se apropria dos espaços de poder. É, portanto, um racismo velado que assume esse discurso e que o condiciona (Prieto; Ruíz, 2006, p.48, tradução minha¹⁹).

Essa configuração pode ser entendida como uma maneira de escamotear a persistência do racismo em Cuba através dos diferentes governos, mostrando uma capacidade adaptativa do racismo em si. Tomás Fernández Robaina — um dos maiores estudiosos da cultura cubana de matriz africana, denominada “*afro-cubana*”²⁰ — irá nos mostrar em seu livro *El negro em Cuba* (2012) como a questão racial foi tratada durante o século XX de maneira a silenciar as vozes dissonantes, o que levou à perseguição de intelectuais e ativistas que defendiam o debate racial (Faguagua, 2016) e à manutenção de estruturas sociais racistas em Cuba, apesar dos esforços oficiais do governo cubano logo após a Revolução — como a extinção das leis segregacionistas e, posteriormente, uma política de representatividade racial no governo.

Durante os meses em que realizei minha pesquisa de campo em Havana para esta tese, entre os anos de 2018 e 2021, era recorrente a fala por parte de diversos/as interlocutores/as meus sobre Cuba não ser um país racista. Irene, mulher negra de cerca de 60 anos que conheci durante uma palestra na Universidade de Havana, era uma dessas pessoas. Para ela, a Revolução permitiu que negras e negros pudessem transitar por espaços antes proibidos a eles pelo forte racismo e segregacionismo existente no país no período do governo de Fulgêncio Batista, que foi encerrado pela revolução que alçou ao poder Fidel Castro. Para Irene, houve uma grande mudança para a população negra com tal mudança no poder. Porém, certas estruturas se mantiveram iguais.

Ela contou que seu pai era pedreiro e, em suas palavras, “não era um revolucionário, mas sim um homem negro humilde e trabalhador”, e que ele a havia alertado que como

¹⁹ No original: “*Las manifestaciones racistas que pervivieron se vieron en la necesidad de replegarse, adoptando cada vez más la forma de un racismo de «pero».* Se trata de la expresión de formas de racismo escondidas en un discurso de igualdad que se apropia de los espacios de poder. Es, por tanto, un racismo replegado que asume este discurso, pero lo condiciona.” (Prieto; Ruíz, 2006, p.48).

²⁰ O termo “*afro-cubano*” foi criado por Fernando Ortiz (1881-1969), que reconhecia a formação da cultura cubana como influenciada pela africana, o que desenvolveu uma nova forma cultural. Ver João Felipe Gonçalves (2019).

mulher negra ela deveria ser dez vezes melhor para que a considerassem uma igual, algo que naquele momento de sua vida, segundo ela, não fazia nenhum sentido, uma vez que, tão jovem, ainda não compreendia os efeitos do racismo. Ela relatou recordar-se de que no primeiro ano após o triunfo da Revolução, quando tinha pouco mais de 14 anos, seu pai a levou para o clube esportivo local, espaço tradicionalmente frequentado pela elite branca cubana, para que participasse de uma competição de esgrima. Irene, que posteriormente chegou a se tornar uma atleta profissional, relata que amava os esportes e que estava bastante empolgada com essa oportunidade, pois seria a primeira vez que iria competir com oponentes da elite do país — de escolas para pessoas majoritariamente brancas —, sendo uma estudante de origem pobre e que havia frequentado apenas escolas populares. Uma aluna negra competindo contra alunas brancas das escolas de elite do país era algo impensável antes da Revolução.

Ao chegar lá, seu pai, emocionado, disse-lhe que jamais imaginara que sua filha entraria naquele lugar pela porta principal, o que mostrava que algo havia mudado com a Revolução. Contudo, quando Irene entrou foi interpelada por uma senhora que lhe perguntou o que fazia lá. Ao responder que havia vindo para a competição de esgrima foi informada que, por ser a única competidora vinda de uma escola pública, as demais mães não queriam que suas filhas competissem com ela, uma pessoa negra. As mães, assim, foram embora com suas filhas e o campeonato foi cancelado por falta de quórum. Naquele momento, a frase de seu pai sobre “ser dez vezes melhor” voltou à sua mente e ganhou novo significado.

O depoimento de Irene é paradigmático para refletir sobre a concepção, presente em diversos depoimentos dos interlocutores, de que o racismo em Cuba não estaria apenas relacionado ao acesso de negras e negros a determinados espaços. O discurso da inexistência “oficial” de segregação em Cuba — esta que forçava a criação de “guetos negros” e que restringia legalmente o acesso de negras e negros a determinados lugares — fez com que muitos assumissem a extinção do racismo como algo consumado: o fato de que em Havana negros e brancos cubanos são vizinhos, pagam os mesmos impostos, recebem os mesmos salários e têm seus filhos estudando nas mesmas instituições transmite a sensação de igualdade nas relações raciais (Fernandes, 2010; Romy, 2014; Allen, 2011; Rodrigues; Ruiz, 2008; Sawyer, 2008). Porém essa ideia de igualdade racial em Havana não é vivenciada pela população negra que lá vivia.

Em uma conversa com Lázaro, jovem negro que trabalhava como *pinguero* (o equivalente em Cuba a um garoto de programa), ele relaciona o Hotel Habana Livre — hotel

símbolo da cidade e que ficava próximo ao seu ponto de trabalho — com a situação vivida pelos cubanos na cidade. Para ele, as pessoas de sua família jamais poderiam se hospedar naquele hotel, devido ao alto custo da estadia e à sensação de não pertencer àquele lugar. Lázaro afirma que o hotel é “livre para os turistas”, mas que ele não era livre em seu próprio país. Segundo o jovem, poder se hospedar naquele hotel lhe traria a sensação de ser livre. Aqui, é possível ver a relação que Lázaro faz entre liberdade e poder aquisitivo. Esse é um ponto fundamental de diferença em Cuba: o acesso racializado ao dinheiro — ou a falta de acesso a ele — que gera a desigualdade social, em Cuba, baseada na racialidade.

Para Irene e seu pai, ao obterem permissão para entrar em um clube da elite, sentiram que as coisas haviam mudado, uma vez que nunca antes puderam estar em espaços assim. Para Lázaro, a liberdade de transitar era pouco se comparada com a de acesso a bens e serviços. Porém, em ambas as situações, a sensação de liberdade se prova insuficiente, uma vez que não garante que essa mudança — ou seja, a liberdade (e não apenas ela) — seja plenamente vivida pela população cubana. Mesmo existindo uma enorme distância entre os períodos vividos por Irene e Lázaro, é possível notar que algumas questões estruturais do racismo em Cuba permaneceram as mesmas.

Nos dois exemplos acima é possível identificar a justaposição entre duas importantes categorias sociais: raça e classe. A questão da possibilidade de acesso a lugares relacionados a *status* e poder deveria ter sido resolvida após a Revolução. Porém, a realidade vivida pela população cubana negra expõe o oposto. Mesmo com a tentativa de distribuição igualitária dos recursos, em Cuba persiste uma relação de desigualdade que associa raça e classe. Essa relação cria lugares em que negras e negros não se sentem confortáveis, ou onde sentem sua presença questionada, reforçando uma ideia de classes sociais em um país que, ao se reivindicar socialista, as deveria ter erradicado.

Enquanto estive em Havana ocorreu o tradicional Festival de Jazz da cidade e através de uma amiga cubana conseguimos credenciais que nos permitiram assistir a todos os shows que quiséssemos. Ao visitar o Café Jazz, uma das casas de shows em que ocorria o Festival, o grupo em que estávamos foi dividido em dois pela segurança do local: as pessoas brancas que estavam no grupo entraram tranquilamente; enquanto as pessoas negras, incluindo a mim e minha amiga, foram questionadas sobre a validade de nossas credenciais. Este é apenas mais um exemplo de como opera a justaposição entre raça e classe social.

Todas essas experiências e relatos foram dados em Havana. A capital de Cuba é uma cidade que congrega diferentes estilos arquitetônicos, possui uma história rica por ter sido base de disputa no Caribe por ser seu porto mais importante (e estrategicamente localizado), por ser palco de eventos históricos marcantes, por possuir uma produção cultural intensa, oferece diversificadas experiências urbanas que mesclam passado e presente. Alfredo José Estrada descreve Havana em seu livro *Havana: Autobiography of a city* (2008) da seguinte forma: “Havana é uma máquina do tempo que nos impulsiona ao passado [...] Como em raras cidades, a história se revela nas ruas ensolaradas de Havana.” (Estrada, 2008, p.16, tradução nossa²¹). Porém esse passado foi, ao mesmo tempo, benéfico para uma parcela da sociedade enquanto solapava os direitos da outra parcela.

Com isso Estrada fala sobre a intensa conexão da cidade com o passado, transmitido aos seus visitantes através da arquitetura, dos carros da década de 1950 — que aparentam estar em bom estado de conservação —, dos seus monumentos e da história contada em cada esquina, esquinas tais vigiadas pelas importantes figuras dessa história, que dão nome a ruas e praças. Para o autor, o Período Especial, momento de crise econômica em que o país permitiu uma maior abertura para o mundo, possibilitou que o potencial da cidade fosse compartilhado com outros países, fazendo com que Havana voltasse a ser um importante ponto turístico, assim como o era antes da Revolução.

Contudo, Estrada aponta para um problema referente a esse processo: a necessidade de restauração dos prédios antigos da região central de Havana (em especial em Habana Vieja) fez com que os moradores pobres, em especial os de pele escura, tivessem que se mudar para regiões afastadas. O turismo, que propiciou que essas residências antigas fossem transformadas em hotéis, mobilizou um forte processo de gentrificação, especialmente em Habana Vieja e Centro Habana, ao que o autor dará destaque, a partir da crítica ao historiador Eusébio Leal que atuou na revitalização do centro de Havana, chamando a restauração de Leal de “uma Disneylândia colonial para os turistas” (Estrada, 2008, p.57). Quando a cidade evoca o passado, também traz consigo problemas de um passado escravocrata e submisso ao capital estrangeiro. Com a já citada crise econômica conhecida como “Período Especial”²², o turismo tornou-se uma das principais fontes de renda de Cuba, representando cerca de 12% do seu PIB. Porém, a má distribuição do PIB relativo às atividades turísticas e o pouco acesso

²¹ No original: “Havana is a time machine that propels you into the past [...] As in a few cities, this history reveals itself in the sun baked streets of Havana.” (Estrada, 2008, p.16).

²² “Período Especial” é como ficou conhecido o período de crise econômica que a ilha viveu durante os anos 1990 e início dos anos 2000, após a queda da União Soviética, quando foram encerrados o apoio financeiro e os acordos comerciais exclusivos entre Cuba e os soviéticos.

da população negra ao setor (isso de forma oficial, uma vez que eles atuam no mercado informal) fez com que as desigualdades sociais se aprofundassem, especialmente na capital.

Cuba, apesar de ser vista internacionalmente como um lugar de maioria negra (como revela qualquer pesquisa sobre cultura cubana na internet), é um país multirracial. O último censo, realizado em 2012, revela que 58,4% da população da cidade de Havana se autodetermina branca, enquanto a porcentagem restante (41,6%) se identifica como preto (15,2%) e mestiço/mulato (26,4%). Como comparação, nacionalmente a proporção de brancos e não brancos é de 64,1% (brancos) e 35,9% (pretos e *mestizos*)²³. Segundo o mesmo estudo, podemos notar que na capital cubana, a proporção de pretos ou mestiços tende a ser maior nos municípios mais antigos da cidade²⁴, como Centro Habana e Habana Vieja. (ONE, 2012, p.69).²⁵ Importante destacar também que, no imaginário nacional, Havana figura como uma cidade “branca”, em contraponto com a segunda maior cidade do país, Santiago de Cuba, que neste mesmo imaginário é descrita como uma cidade “negra”.

Apesar de serem grandes centros de atividade turística, tais localidades possuem maior grau de deterioração urbana e também são reconhecidos pela forte presença de elementos da cultura afro-cubana, tendo espaços culturais como a Casa de África (único museu de cultura africana e afro-cubana do país, em que também funciona o departamento de história da cidade) e a Casa da Cultura Yorubá (local que abriga o museu dos Orishas, é um espaço cultural e de encontros da religião Yoruba em Cuba), os espaços multiculturais *Callejón de Hamel* (rua que reúne elementos estéticos e culturais ligados a cultura afro-cubana, possui bares, espaços de show e ateliês a céu aberto) e *La Madriguera* (espaço de shows ligados ao cenário cultural alternativo de Havana, como apresentações de Rap, teatro e danças), a Agência Cubana de Rap (espaço cultural e gravadora, responsável por representar o Rap em Cuba), diversos bares de rumba etc. Curiosamente esses municípios,

²³ A categoria *mestizo* é comumente utilizada no censo cubano para designar pessoas que possuem fenótipos mistos entre brancos, negros e indígenas. Esta classificação, que equivale ao pardo utilizado no censo brasileiro, difere desta classificação ao não contabilizar pretos e pardos como uma única categoria (negros). Tanto Brasil quanto Cuba se valem da autodeclaração. Ao longo da tese optei por utilizar a categoria brasileira para designar os cubanos pretos e mestiços, que é a categoria negros.

²⁴ A distribuição administrativa de Cuba é composta por províncias e municípios. As províncias são o equivalente aos Estados brasileiros. Os municípios funcionam como macrorregiões e os bairros são as microrregiões que compõem os municípios. Hava possui municípios, pois sua formação envolveu a absorção de cidades que compunham seu entorno, o que fez que a categoria município se mantivesse. Aqui, iremos diferenciar os municípios de Havana, que são 15, dos bairros que os compõem.

²⁵ OFICINA NACIONAL DE ESTADISTICA E INFORMACIÓN (ONE)- Centro de Estudios de Población y Desarrollo. El Color de la Piel según el Censo de Población y Viviendas Disponível em: <http://one.cu/publicaciones/cepde/cpv2012/elcolorde lapielcenso2012/PUBLICACIÓN%20%20COMPLETA%20color%20de%20la%20piel%20.pdf>. Este censo funcionou através da auto declaração.

além de alguns outros que abordaremos adiante, possuem bairros popularmente chamados de “bairros ruins” — “*barrios malos*” — em Havana.

É possível afirmar, então, que a representação da cultura afro-cubana para os turistas visa enfatizar os aspectos exóticos e prazerosos das suas tradições culturais, como a religião, a culinária e a música. Essa representação, que serve para promover o turismo e gerar benefícios econômicos para Cuba, não parece incluir a importância histórica dessa população, nem oferecer a ela algum retorno financeiro por tais benefícios. Essa representação cultural não se traduz, necessariamente, em maior *status* social ou político para os cubanos negros, uma vez que, apesar de que alguns artistas e intelectuais cubanos negros tenham alcançado reconhecimento, a maior parte dessa população ainda enfrenta opções limitadas de acesso e expressão em espaços de poder no país.

Mesmo que o governo cubano tenha reconhecido as contribuições da população negra cubana para a história e cultura nacional — particularmente por meio de políticas que beneficiaram os cubanos negros em termos de educação, emprego e saúde —, bem como reconheceu a África como aliada anticolonialista de Cuba e sua ancestral genealógica, tal legitimação não interrompeu a persistente tendência de branqueamento dos espaços de poder em Cuba. Desta forma, enquanto a Revolução de 1959 universalizou o acesso à educação, saúde, emprego, moradia, etc, o mesmo não ocorreu, ao menos não imediatamente, com o acesso aos espaços centrais do governo e do Partido Comunista Cubano.

Em resumo, embora a cultura afro-cubana seja frequentemente usada para representar o país para os turistas, o *status* político dos afro-cubanos enquanto negros em Cuba não necessariamente se alinha com essa representação. Os afro-cubanos ainda enfrentam desafios em termos de igualdade social e política, apesar do reconhecimento de suas contribuições à sociedade.

Capítulo 2 - *¡Pogolotti soy yo!*: uma história de orgulho em Havana

O bairro Pogolotti, originalmente chamado de *Redención*, localiza-se na região oeste de Havana, tendo a sua data de fundação o dia 24 de fevereiro de 1911. Pertence ao Município de Marianao²⁶, sendo um dos municípios com a maioria quantidade de habitantes autodeclarados negros, segundo o Censo de 2012²⁷. O bairro possui com alguns serviços básicos como pequenos mercados, padarias, açougues e *agros* (mercados de venda de frutas e verduras), além de possuir uma arquitetura simples, com ruas com trechos sem asfaltamento, casas com fachadas deterioradas e, normalmente, de apenas um andar (eram poucas as casas que possuem mais de dois andares), sendo várias delas conectadas umas às outras por paredes muito finas, além de possuir muitas ruas laterais estreitas.

Pogolotti possui equipamentos urbanos bastantes diversos, como os *Combinados Deportivos Jesús Menéndez* (que foi construído sobre o terreno da antiga casa da antropóloga Lydia Cabrera) e Roberto Poland, a casa de idosos San Rafael, a *Casa Comunitaria y del adulto mayor* (onde funciona o Conselho Municipal do bairro, além das oficinas de historiadores do bairro e de descendentes dos fundadores do bairro), o Parque Finlay (feito em homenagem ao médico Carlos Juan Finlay), o Centro Memorial Martin Luther King Jr. (que faz parte de uma rede internacional de igrejas evangélicas), além de alguns parques urbanos. Importante destacar também a presença de uma loja da Maçonaria, uma Igreja Evangélica Ebenezer e pelo menos dois *plante abakua* (os *plantes* são espaços cerimoniais e de reunião dos integrantes da comunidade abakua em Cuba, que é uma religião afro-cubana). O bairro também é reconhecido como celeiro de esportistas, músicos famosos, médicos e celebridades. Aliado a isso, as outras áreas de Marianao oferecem para os moradores de Pogolotti uma infraestrutura de hospitais, escolas, restaurantes etc.

Eu visitei Pogolotti pela primeira vez ainda em 2018, quando procurava um lugar interessante em Havana para realizar a minha pesquisa. Como pesquisador negro, encontrei facilidades em me relacionar com os moradores, que muitas vezes me confundiam com um cubano (isso quando minhas roupas não me denunciavam) ou com um estudante africano, bastante numerosos em Cuba. Ser uma pessoa negra em Cuba, diferente do que é possível

²⁶ A distribuição administrativa de Cuba é composta por províncias, municípios e bairros. As províncias são o equivalente aos estados brasileiros. Os municípios funcionam como subprefeituras e os bairros são as unidades que compõem os municípios. Aqui, irei utilizar o uso local desta divisão geográfica, que diferencia os municípios de Havana, que são 15, dos bairros que os compõem.

²⁷ ONE, 2012.

imaginar, também pode trazer insegurança para um pesquisador. Em minha primeira passagem por Cuba, que durou dois meses, fui parado pela polícia quatro vezes em diferentes situações: em minha primeira noite em Cuba, voltando com um dos meus interlocutores para a casa em que estava hospedado em um bairro de “classe média” de Havana; andando sozinho pelo centro da cidade enquanto passava em um dos pontos turísticos da cidade; enquanto me conectava em uma praça de Wi-fi²⁸ e enquanto conversava com duas amigas em uma praça à noite.

Apesar de todas as abordagens policiais comigo terem sido fisicamente não violentas, principalmente se comparadas com qualquer abordagem no Brasil, sempre que um cubano negro estava comigo a situação se tornava mais tensa. As abordagens, que normalmente eram identificadas como vadiagem, mudaram quando identificavam que eu era estrangeiro, para uma abordagem de possível prostituição. Apesar disso, não é apenas a polícia que poderia causar desconforto. Diversas vezes fui alertado por meus interlocutores que moravam nos bairros ao redor de Pogolotti que não deveria passar tanto tempo em Pogolotti, pois poderia ser confundido com um *pogolotino* e ser roubado, agredido ou coisa pior. Pogolotti é um bairro de baixa extensão territorial quando comparado com outros de Havana, mas que possui uma grande densidade demográfica (o censo de 2012 aponta cerca de 17 mil habitantes em seus cerca de 2,5 quilômetros quadrados), é formado casas por simples, poucos prédios e ruas estreitas, estando localizada em uma região afastada do centro, onde se concentra a atividade turística da cidade de Havana. Localizado na região Oeste da cidade, Pogolotti foi o primeiro bairro construído em Cuba para abrigar exclusivamente trabalhadores e, segundo muitos de seus moradores, também foi o primeiro bairro da América Latina nesse segmento. Reconhecido por possuir uma maioria de moradores negros²⁹, atualmente se destaca por ser um lugar de produção de cultura afro-cubana e uma referência nos esportes, com destaque para a prática de esportes de combate (em especial o boxe) e outros esportes como o baseball.

Apesar do bairro já existir como pertencente a antigas fazendas que ocupavam o lugar, apenas em 1910 ele foi projetado como moradia, inicialmente exclusiva para

²⁸ Em Cuba, até o ano de 2019, não era comum que as pessoas tivessem internet diretamente nos seus celulares, por isso foram desenvolvidas “praças de Wi-fi” que eram pontos públicos de conexão, nos quais era possível se conectar comprando cartões que garantem acesso à rede de internet por um período de horas determinado.

²⁹ Esta classificação substitui as categorias nativas utilizadas em Cuba, que são *pretos e mestizos*. Ao longo da tese optei por utilizar a categoria brasileira, que é a categoria negros.

trabalhadores das empresas de tabacaria da região e abrigou em sua história os *mambises*³⁰, e após a revolução de 1959 alguns de seus mártires, como Manuel García Aguiar, o Manolito Aguiar (que foi assassinado em 1958 em Pogolotti, em uma esquina que possui hoje uma placa em sua homenagem), e outros importantes personalidades como a antropóloga e escritora Lydia Cabrera (1899-1991), o cantor de bolero Arsenio Rodríguez (1911-1970), o ex-maestro das bandas *Los Van Van* e *Los que Son Son* César “Pupy” Pedroso (1946-2022), a destacada bailarina Alicia Alonso (1920- 2019) e na atualidade, artistas e intelectuais famosos como os descendentes do construtor do bairro Doménico “Dino” Pogolotti (1879-1923): o pintor Marcelo Pogolotti (1902-1988) e sua filha, a crítica literária Graziela Pogolotti (1932-), os jovens *reguetoneros* Chocolate MC, Danyarle, Nawei e Segito El Gato. Ademais, é reconhecido pela alta concentração de templos e igrejas de diversas religiões, como a *santería*, o *palo monte*, evangélicos, espíritas, *abakuá* e maçons, de modo que o bairro é uma referência em religiosidade, em especial as de matriz africana³¹. A versatilidade de Pogolotti também é notada em seu destaque nos esportes, como o boxe, o atletismo, o basquete, o *softball*, o handebol e o baseball, modalidades em que o bairro se destaca por formar atletas de nível mundial, que chegaram a ganhar medalhas em competições internacionais.

O bairro conta com bustos de personalidades históricas locais importantes para o bairro como Luis Valdés Carrero (1865-1950)³² ou fundamentais para a história de Cuba, como Antonio Maceo (1845-1896). Essas características histórico-culturais tornam Pogolotti um lugar com uma preocupação com o passado, que pode ser sentida através de sua arquitetura e da necessidade de se referenciar ao passado, e notada através da narração dos momentos gloriosos do bairro, feita por alguns de seus moradores. Para esses seus moradores o bairro expressa algo maior. Uma moradora definiu uma vez que “Pogolotti é *cubanía* pura”. Esse termo, criado por Fernando Ortiz (1940a), significa um estado avançado do compromisso consciente com a cultura cubana. Nesse sentido, a *cubanía*, para ela, está relacionada com uma real representação do que é a cultura cubana, não apenas o que pode

³⁰ Do singular *mambí*, é o título dado aos rebeldes que lutaram nas guerras pela independência de Cuba no final do século XIX, sendo conhecidos por portar um *machete* (um facão de corte de cana) como arma e composto em sua grande maioria por *criollos* (cubanos brancos de ascendência espanhola nascidos em Cuba) e negros (tanto livres quanto escravizados nascidos em Cuba). (HELG, 1995, 2012; SCOTT, 1991)

³¹ Entre as religiões afro cubanas encontradas em Pogolotti, podemos destacar a Santería, que é uma religião de matriz africana da linha Iorubá (Yoruba) praticada principalmente em Cuba, o Palo Monte é uma religião de origem bantu, e a sociedade secreta Abakua.

³² Foi um trabalhador tabaqueiro e político do Partido Revolucionário Cubano, que como representante da Câmara de Governo foi responsável pela lei que criou o bairro de Pogolotti em 1910 (CALDERÓN FRIAS, 1997, p. 11).

ser visto enquanto performance, mas principalmente, a essência do que significa ser cubano. Para ela, nenhuma outra parte de Havana possui o espírito cubano como Pogolotti.

A forte relação entre a história heroica de Cuba e Pogolotti pode ser conferida durante a festa de aniversário do bairro, comemorado em 24 de fevereiro, que é sua principal atividade político cultural. Durante uma visita, no ano de 2020, pude acompanhar as atividades relacionadas ao Aniversário de 110 anos do bairro. Foram quatro dias em que foram instaladas pelo poder público tendas para venda de comidas, artesanato, palco para apresentações musicais, palestras diversas sobre a história do bairro e uma caminhada pelos principais pontos históricos de Pogolotti, como o centro esportivo Jesús Menéndez, a padaria Cuba-Itália, a igreja Martin Luther King Jr., a placa em homenagem a bravura de Manolitto Aguiar (jovem assassinado durante a revolução de 1959), a antiga escola de Pogolotti (que durante muito anos foi abandonada e agora é apenas um monte de escombros), a estátua do *Mambí* Desconhecido, a Torre de Água em que hoje funciona o escritório da administração regional do bairro, o busto de personalidades como Valdes e a primeira casa do bairro de Pogolotti (que possui uma placa em sua homenagem), entre outros pontos que serão abordados com maior profundidade adiante.

Uma frase que expressa a relação entre os moradores de Pogolotti entre si e com o bairro é “Pogolotti soy yo”, presente em um refrão da música de *reggaeton*³³ “*Pogolotti la unión*”, interpretada por diversos cantores do bairro³⁴. O videoclipe da música, que foi gravada conjuntamente por vários cantores do bairro, também ajuda a expressar vários outros valores, como o respeito dos mais jovens em relação aos mais velhos, a relação do bairro com a revolução e com os combatentes da guerra de independência (*mambíses*), a relação do bairro com as religiões afro-cubanas, o orgulho de pertencer ao bairro, a intimidade entre os moradores, a vontade de ver o bairro (e consequentemente a vida das pessoas) melhorar de condições e também que é melhor você não se meter com os moradores de Pogolotti, pois a situação pode “*calentar*”.

Essa sensação de pertencimento afirmada pela música, que transmite a ideia de que “nós somos o bairro” pode ser notada em diversos momentos das minhas interações no bairro:

³³ *Reggaeton* é um estilo musical muito popular no Caribe, especialmente em Cuba e Porto Rico, que deriva do reggae, ao qual são fusionados elementos do *hip-hop* e *dancehall*.

³⁴ Pogolotti la Unión - vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p4RKcl7MxTo>. Visualizado em 12/03/2023

nas reuniões do Conselho Municipal do bairro³⁵, nas atividades do complexo esportivo Jesús Menéndez³⁶, nas pinturas do Projeto *Renacer*³⁷ e nas missas de domingo na Igreja Batista Ebenézer. E esse sentimento de pertencimento pode ser entendido como topofilia, uma vez que destaca os laços afetivos dos moradores com o espaço do bairro. Esse lugar, então, deixa de possuir apenas um caráter formal, de demarcação espacial, e ganha conotações de identidade. Ser de Pogolotti se torna, para seus moradores, ser um pouco mais cubanos do que o restante da cidade.

2.1 Pogolotti e sua história

A história de ocupação de Pogolotti remonta à época em que a área era formada por fazendas em que uma maioria de pessoas africanas escravizadas e seus descendentes, que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar habitavam. Com a abolição da escravidão, em 1886, muitos deles decidiram permanecer na região, dando origem a um povoado residencial. A região em que o bairro foi construído possuía um reconhecido potencial como centro industrial no começo do século XX, porém foi revertido em um dormitório para trabalhadores de baixa renda, principalmente da indústria tabaqueira (CALDERÓN FRIAS, 1997).

O bairro de *Redención*, nome original do bairro de Pogolotti, foi inicialmente projetado pela *Ley de Viviendas*, criada em 1910 por José Luis Valdés Carrero, um destacado *mambí* e trabalhador da indústria tabaqueira, que na ocasião ocupava um cargo de representante da câmara de Havana. A região também foi muito valorizada após os investimentos do italiano Domenico “Dino” Pogolotti (1879–1923), que incluíram um aqueduto, um cinema e um mercado central. Dino Pogolotti chegou a Cuba em 1898, para investir em terras, mas em 1901 é contratado como secretário do cônsul interventor

³⁵ Formado por moradores do bairro, é responsável por organizar serviços básicos de atendimento social, como limpeza e manutenção das ruas, saneamento básico, desenvolver atividades cívicas, além de possuir normativo e fiscalizador, de forma a garantir a participação dos moradores nas políticas públicas relacionadas com o bairro.

³⁶ Centro poliesportivo em que são ofertadas gratuitamente diferentes modalidades de atividades físicas e culturais.

³⁷ Iniciativa sociocultural dos moradores de Pogolotti, liderado por jovens do bairro que buscam, através de intervenções artísticas, ressignificar o bairro e reverter sua imagem negativa devido a sua deterioração arquitetônica.

norte-americano, como parte dos acordos da Emenda Platt³⁸. Tornou-se, então, um empresário do ramo da construção civil e foi responsável, junto com seus irmãos, pela construção de várias avenidas e outros projetos urbanísticos em Havana no começo do século XX.

Por conta dos baixos preços das terras, comprou ao menos quatro grandes fazendas no município de Marianao, que era um município autônomo e foi incorporado à cidade de *La Habana* em 1976³⁹. Marianao foi posteriormente dividida em 5 regiões administrativas, formadas por bairros, sendo Pogolotti um deles. O conselho administrativo de Pogolotti corresponde aos bairros de Belén, Finlay e Pogolotti. O bairro, que originalmente se chama *Redención*, recebeu o nome popular de Pogolotti por moradores, por fazer referência às "Terras de Pogolotti" e este se tornou o nome pelo qual o bairro é conhecido atualmente (GRUPO PARA EL DESARROLLO, 1997).

O plano de construção do bairro de Pogolotti visava abrigar os operários que trabalhavam nas empresas de tabaco e outros trabalhadores manuais. Foram sorteadas para pais de família, mediante este critério, 1000 casas que compuseram as primeiras residências do bairro. O valor mensal do financiamento das casas era de US\$ 6,25 por família, em que estavam incluídos também água e uma ajuda para as melhorias do bairro (como asfaltamento e iluminação pública). As casas possuíam 48m², contendo sala de estar e de jantar, cozinha, dois dormitórios, banheiro e um pátio ao fundo. As casas foram entregues em 24 de fevereiro de 1911, data em que também se comemora o *Grito de Baire*, ou seja, o início da Guerra de Independência, em 1895. Atualmente, essa data marca o principal evento público do bairro, com celebrações que atualmente chegam a durar três ou quatro dias, durante os quais as ruas se enchem de moradores e diversas atividades culturais, esportivas e sociais. Essa é uma forma dos moradores comemorarem juntos a fundação do bairro e relacioná-lo a

³⁸ A Emenda Platt foi um apêndice à Constituição de Cuba, promulgado em 1901, que concedeu aos Estados Unidos amplos poderes sobre Cuba. A emenda foi apresentada pelo senador norte-americano Orville Platt e aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos em 1901. A emenda Platt estabeleceu que Cuba não poderia firmar acordos com outros países que poderiam prejudicar sua independência, e também permitiu aos Estados Unidos intervir nos assuntos cubanos sempre que julgasse necessário. A emenda também autorizou os Estados Unidos a estabelecer bases militares em Cuba, incluindo a Base Naval de Guantánamo, que permanece em operação até hoje. A emenda Platt foi revogada em 1934, como parte de um acordo entre os Estados Unidos e Cuba (Pérez, 1995)

³⁹ Gobierno de Cuba. Municipios de La Habana. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090320080457/>.
http://www.cubagob.cu/otras_info/publicaciones/investigaciones/sabe/capitulo2.pdf. Acesso em: 07 nov. 2021

a mais celebrada em Cuba⁴⁰.

O bairro de origem operária foi o destino de muitos que lutaram durante as guerras de independência de Cuba, como a Guerra dos 10 anos (1868 – 1898), a *Guerra Chiquita* (1888) e a Guerra de 1895, conflitos de que os mambises foram protagonistas. Com as primeiras casas construídas em 1911, as habitações feitas de maneira planejada atraíram pessoas de outras partes da cidade para o bairro, que possuía uma boa infraestrutura para a época, uma vez que o terreno, pertencente a Dino Pogolotti, possuía escolas, calçadas, estabelecimentos públicos, comércios e boas avenidas para circulação de bondes.

Mesmo antes da fundação de Pogolotti, a região que ele ocupa já tinha uma importante participação na história de Havana. Foi nessa área que, em 1881, o médico e cientista Carlos Juan Finlay identificou o mosquito transmissor da febre amarela e iniciou a pesquisa por uma vacina. Finlay também daria nome ao mais importante hospital de Marianao e a outro bairro do município, que compõem, junto com Pogolotti e Belém, um mesmo setor administrativo. Além disso, o bairro tem se destacado por suas proeminentes manifestações de cultura afro-cubana, como a música, a dança e as religiões afro-cubanas. A relação do bairro com a cultura afro-cubana chamou a atenção da antropóloga Lydia Cabrera (1899-1991) durante os anos 1940. Cabrera foi uma das mais importantes pesquisadoras de religiões afro-cubanas, como a *santería* e o *palo monte*, autora de obras clássicas sobre o tema, tais como *El Monte* (1954), *Refranes de negros viejos* (1955), *Mythologie, Anagó, vocabulario lucumí*, (1957), *La sociedad secreta Abakuá, narrada por viejos adeptos* (1958), *Cuentos negros de Cuba* (1989), entre outros.

2.2 Um bairro e muitas identidades

Um dos principais exemplos da ligação dos moradores de Pogolotti com sua história é a comemoração do aniversário do bairro. Existem fotos e relatos que documentam essa comemoração desde a década de 1930, em sua maioria organizados pela hoje inexistente *Sociedad Redención*, o principal clube social e centro recreativo e político do bairro. Silvio Castro Fernández (2002, p.22) destaca a relação da associação com o Partido Independiente

⁴⁰ *Grito de Baire* ou *Grito de Oriente* foi o levante independentista que ocorreu simultaneamente em 35 diferentes localidades cubanas, sendo *Baire* uma das principais localidades. Esse levante marca o início da contra a Espanha, que tinha em José Martí (1853-1895) e Antonio Maceo (1845-1896) as suas principais figuras.

de Color (PIC), ao narrar a ocasião em que um grupo de cidadãos *negros* de Pogolotti foram presos em 1912, acusados de conspiração contra o governo, sendo que entre eles estava presidente da entidade, Manuel Cãizares e uma mulher chamada Catalina Laurio.

Apesar de não existir um registro oficial que possa explicar por que o clube deixou de funcionar, uma das moradoras mais antigas de Pogolotti e integrante da associação de historiadores do bairro⁴¹ me relatou que em Havana existiam diversos clubes de pretos e mestiços, espaços sociais e de diversão para que eles pudessem se reunir, uma vez que pessoas negras eram proibidas de entrar nos espaços que eram frequentados em sua maioria pelos brancos em Cuba (Aline Helg 1995, 2014; Alejandro de la Fuente 2001; Fernández Robaina 1990, 2012).

A região em que está localizado o bairro de Pogolotti possuía dezenas desses clubes, sendo o de *Redención* o maior deles, junto com o que hoje é a Associação Caribenha de Cuba. Antes da Revolução de 1959, a associação era um clube de baile exclusivo para pessoas negras, porém, para que pudesse se manter funcionando após a Revolução, teve que mudar seu nome para Associação Caribenha, podendo manter assim um caráter ainda direcionado para o público negro, porém não mais exclusivo. A moradora relatou que todos os clubes que possuíam algum caráter exclusivo (sejam eles de moradores, de alguma categoria laboral, etc) foram fechados após a Revolução de 1959. Aqui destaco o fechamento das entidades que possuíam algum recorte racial, uma vez que, segundo o governo, não existiam mais divisões raciais na sociedade cubana.

Atualmente, o principal ponto de encontro do bairro é *el tanque*, nome popular do antigo reservatório de água do bairro, localizado próximo ao complexo esportivo *Jesús Menéndez*, que está anexo a uma casa térrea, que possui um salão de cerca de 250m² onde se localizam atualmente o *Taller de Transformación Integral del Barrio* (TTIB)⁴² de Pogolotti, o *Consejo Regional*, a *Asociación del Adulto Mayor*, a *Asociación de los Historiadores del Barrio de Pogolotti* e a *Asociación de los Fundadores y Descendientes de Fundadores del barrio Pogolotti*. Apesar de representar administrativamente também os bairros vizinhos de Finlay e Belém, o TTIB se dedica quase que exclusivamente a promover o bairro de Pogolotti, fazendo poucas menções a esses outros bairros ou ações de mobilização de sua

⁴¹ Importante salientar que em Cuba as associações deste tipo não necessariamente compostas por historiadores, mas sim por pessoas que, devido seu acúmulo sobre a história de um determinado lugar e seu interesse em propagá-la, se reúnem para buscar documentos e narrar os fatos históricos que enaltecem determinada localização ou grupo.

⁴² Formado por moradores do bairro, é responsável por organizar serviços básicos de atendimento social, como limpezas e manutenção das ruas, saneamento básico, com caráter normativo e fiscalizador, de forma a garantir a participação dos moradores nas políticas relacionadas com o bairro.

história. É nessa casa, que abriga todas essas associações, que são organizadas as principais atividades políticas e culturais realizadas em Pogolotti e essas associações são as responsáveis por organizar a agenda de atividades do aniversário do bairro.

Imagem 1 - Foto do *El Tanque* de Pogolotti e abaixo a *Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti*



Fonte: Acervo Pessoal

Pogolotti se diferencia atualmente dos demais bairros do município pois, apesar de não possuir uma associação social oficial, seguiu realizando diversas das atividades que eram desenvolvidas na associação desde as festividades no aniversário do bairro, até as “*comparsas*”, que são similares a blocos de carnaval de rua do Brasil, sendo uma atração cultural muito comum nos bairros de influência cultural negra em Cuba, com desfiles contam com bandas, fantasias, danças típicas, com forte influência da conga e de rumba. As festividades de aniversário do bairro são famosas em todo o município, uma vez que é o único bairro da região que possui uma comemoração própria de sua fundação. Nos quatro dias de comemorações, foram desenvolvidas dezenas de atividades diferentes. Entre elas, destacam-se as tendas que são montadas no bairro, com ofertas de itens de higiene, roupas e alimentos a preços populares, um palco montado durante todo o aniversário para apresentações musicais e culturais, as exposições esportivas realizadas no Complexo Jesús Menéndez (como uma corrida de 3 Km ao redor do complexo, competições de softball,

basquete e de atletismo), apresentações de palhaços e comediantes, caminhadas culturais para apresentar aos moradores (especialmente os mais jovens) os principais pontos históricos do bairro, entre outras atividades.

Nos dias que antecederam o aniversário do bairro, era normal encontrar pessoas nas ruas comentando sobre a comemoração. Enquanto os mais novos estavam interessados nas festas que duravam quase toda a noite, os mais velhos comentavam sobre as atividades culturais e falavam nostalgicamente das atividades realizadas quando eles eram jovens, que, segundo eles, eram ainda mais empolgantes e admiráveis. As filas para comprar pão, atividade comum na rotina dos moradores de Havana e espaço de conversas cotidianas entre os moradores, se tornaram verdadeiros debates entre nostalgia e ansiedade para a festa.

Os finais de semana no bairro costumam ser bastante agitados, com pessoas nas ruas circulando em busca de algo, visitando parentes e amigos, praticando diferentes esportes etc. Durante os dias de aniversário do bairro, as ruas estavam ainda mais movimentadas, com mais pessoas dos bairros próximos participando de algumas atividades. Os espaços comuns de convivência são fundamentais para se pensar as trocas de experiências e vivências, que YI-Fu Tuan (1977, 1980, 2012) aponta na criação de lugares nos quais as pessoas estabelecem relações de afeto, densidade histórica e afetiva, mas que também são espaços de aversão e desconforto, o que o autor chama de topofilia e topofobia, respectivamente. Relaciono aqui a ideia de Gilberto Velho (1989) sobre os mapas mentais da cidade, aos quais os cidadãos atribuem, de maneira inconsciente, valores a cada região deste mapa, o que nos ajudaria a entender a relação do estigma negativo relacionado ao bairro e como ele se desenvolve no imaginário local.

O aniversário do bairro, que inicialmente era uma celebração do orgulho dos moradores com seu bairro, se tornou com o passar dos anos uma resposta desses moradores ao estigma negativo que é colocado a eles pelos moradores de outras regiões. Através dessa festa eles afirmam a importância do bairro para o país, o que confere ao bairro e aos seus moradores um status positivo. Durante suas festividades, os sentimentos de topofilia e de topofobia são colocados profundamente em oposição, uma vez que “o pedaço” está sendo expandido para acolher, à sua maneira, outros visitantes. É notável a importância da performance dessa identidade barrial, em que são reproduzidos seus principais elementos de identificação: música, esporte e religião. Por meio deles, os moradores fazem uma performance do bairro não apenas para os visitantes, mas também para si mesmos.

Uma forma de mostrar essa relação com o passado são as seguidas homenagens

prestadas aos moradores do bairro falecidos, como ocorreu com Lúdia Caner, artista e moradora do bairro. Durante minha estada em 2020, ocorreram diversas atividades em homenagem a ela, uma delas com a presença de Graziella Pogolotti, já muito debilitada pela idade, mesmo assim, compareceu à atividade que também contou com uma homenagem dos alunos das escolas do bairro e dos membros da associação de adultos maiores, homenagens que culminaram em um momento solene, onde suas cinzas foram colocadas nas raízes de uma árvore plantada em sua homenagem na sede do bairro, além de receber como homenagem uma pintura de seu rosto ao lado da entrada do TTIB. O passado em Pogolotti está sempre presente e não existe maior momento no bairro em que essa relação esteja presente do que o seu aniversário.

2.3 109 vezes Pogolotti! O passado presente de um aniversário.

Era uma sexta-feira, primeiro dos quatro dias de comemorações de aniversário do bairro. Eu estava me preparando para sair e acompanhar a montagem do palco e o discurso de abertura das festividades, quando fui surpreendido por uma “intervenção” das pessoas com as quais compartilhava uma casa. Quando saí do quarto, encontrei o casal que morava comigo e sua filha pequena sentados na sala, junto com a madrinha de santo da minha principal interlocutora, Yedid Sánchez, e o pai de uma delas. A ideia da intervenção era me dissuadir de ir às festas do bairro, pois eram, segundo eles, muito perigosas, especialmente para alguém preto como nós. Diferente do que é possível imaginar, não são apenas os cubanos brancos que veem o bairro como perigoso e um lugar a ser evitado. O racismo, como fenômeno estrutural, é reproduzido em maior ou menor escala por vários grupos sociais. E mesmo os meus interlocutores, que eram em sua maioria pessoas negras, não estavam isentos de reproduzir esses estereótipos.

Eles me narraram diversas histórias em que haviam estado em perigo no bairro, passando por assaltos, tentativa de assassinato, agressões das mais diversas, brigas entre pessoas bêbadas, brigas por mulher, brigas por visitantes estarem no “bairro errado”. Dezenas de histórias pessoais ou emprestadas, que eles escutaram pelas ruas do bairro. Uma das histórias que mais me chamou a atenção foi de uma delas que foi agredida durante uma das comemorações do aniversário do bairro, ao ser confundida com uma outra pessoa. Ela carregava uma cicatriz no rosto por conta deste ataque.

Ao final, percebendo que eu iria mesmo assim (e que na verdade eu ficava cada vez mais animado a cada história que eles me contavam), me aconselharam para estar sempre atento e me posicionar próximo a saídas e rotas de fuga, não me permitindo ficar encurralado. Apesar de morarem no bairro ao lado de Pogolotti, o bairro de Curazao, separado por apenas duas quadras da entrada do bairro, Pogolotti despertava temores em cada um deles. O último conselho, vindo da madrinha, foi o mais interessante: *“Las personas de Pogolotti son muy unidas. Si te metes con alguien de Pogolotti, el barrio todo se pone arriba de ti. Pero esta unión de ellos es lo que tienen de más lindo”*⁴³. Mesmo eles sendo todos pretos ou mestiços, havia alguma coisa que os repelia de Pogolotti. Munido desses conselhos e meu bloco de anotações, me dirigi à festa. Pogolotti estava logo ali em frente.

O aniversário de Pogolotti era retratado por seus moradores como um grande acontecimento. Sempre que informava a algum morador meu objetivo de estudar o bairro, a primeira pergunta era se eu conhecia a festa de aniversário e que ela era fundamental para minha pesquisa. Entre as histórias do passado, também existia uma expectativa sobre como seria a festa deste ano: eram comuns discussões sobre quais seriam as atrações musicais, se Pupy, o ex-integrante do famoso grupo Los Van Van, apareceria cedo este ano (todo ano ele prometia aparecer e não vinha ou chegava apenas durante a madrugada), se teriam mesas ao ar livre, decoração nas ruas, quais seriam as comidas que venderiam nas barracas, se teriam roupas, quais seriam as competições esportivas no Jesús Menéndez, se haveria alguma novidade, etc. Existiam apenas duas certezas: a festa iria acontecer e ela nunca se igualaria às passado, vivas nas memórias dos moradores mais velhos.

Se entre as pessoas mais velhas a vontade de retorno a esse passado era quase palpável, entre os mais jovens encontramos uma outra temporalidade: o tempo livre, atribuído aos problemas econômicos e à ausência de trabalho para todos os cubanos, cria entre a juventude uma sensação de estagnação. O fato do aniversário do bairro ser em uma data nacional importante, como o *Grito de Baire*, é encontrada em outros aspectos relacionadas à Revolução Cubana, e reforça o que o Antropológo João Felipe Gonçalves defende em seu artigo ao falar que a “temporalidade nacionalista que o termo “Revolução” implica e ajuda a produzir em Cuba é altamente diferenciada, sobredeterminada simbolicamente e baseada em uma relação íntima entre passado e presente.” Aqui, a revolução se torna um elemento vivo, que não está parado no passado e que deve seguir

⁴³ “As pessoas de Pogolotti são muito unidas. Se você se meter com alguém de Pogolotti o bairro inteiro cai em cima de você. Mas essa união entre eles é o que possuem de mais bonito” (tradução livre)

sendo construído, no caso de Pogolotti, anualmente durante a celebração de seu aniversário.

É normal encontrar a juventude do bairro nas calçadas ouvindo música, conversando pelas ruas ou praticando algum esporte no Jesús Menéndez, e repetindo essa rotina de novo e de novo. Enquanto estive em Pogolotti, notei que para muitos de seus moradores mais velhos havia apenas a preocupação com a festa, suas atrações e preparativos, ou seja, com o passo. Ao perguntar sobre o que a juventude fazia para se divertir no bairro, a resposta era sempre a mesma: que estavam na quadra, jogando ou vagando pelas ruas, como sempre. E realmente estavam lá, cotidianamente.

O primeiro dia de aniversário abriu com atividades principalmente voltadas para os públicos mais jovens. Logo pela manhã havia atividades com palhaços para as crianças, a abertura da feira de arte popular, as tendas de venda de produtos subsidiados pelo governo, uma maratona esportiva, atividades do projeto sociocultural *Renacer el Barrio* e uma roda de conversa sobre a importância das figuras de José Luis Valdés Carrero (vereador que propôs a fundação de um bairro operário que viria a se tornar Pogolotti) e Dino Pogolotti. Todas aconteceram simultaneamente, de forma a agradar os diferentes públicos presentes no bairro. No restante do dia houve uma projeção de cinema a céu aberto, uma apresentação de música eletrônica, seguida de um concerto de cantores do bairro, grupos de dança e finalizando com uma noite da rumba.

As ruas do bairro estavam cheias de adultos, crianças, jovens e idosos, que carregavam sacolas com doces, comidas e bebidas comprados na feira, além de roupas adquiridas a “preços populares”. Para quem visita o bairro em dias normais, era impossível não notar a diferença, as ruas exalavam vida, vibrando a cada esquina. Era possível ver também enormes filas para se comprar panelas, roupas, comida (normalmente enlatados e bebidas), entre outras coisas. O preço mais baixo que o praticado nos dias convencionais, o que faz com que muitos discutam por causa de lugar nas filas⁴⁴, gerando uma certa tensão para encarar horas de espera sob o sol de mais de 30°. Em uma das discussões, entre uma moradora e um policial, ela gritou “*aquí tiene machete*”, fazendo alusão ao facão utilizado pelos antepassados dos fundadores do bairro na luta pela independência de Cuba. Um claro recado de “não mexa comigo que você não é daqui”. Em tempo: a maior parte dos policiais

⁴⁴ Em Cuba é comum que quem chegue em uma fila pergunte “quem é o último?” e, quando o último se manifesta mostra quem é a pessoa antes dele. O recém chegado, que agora é o último, grita para anunciar que tomou o lugar do antigo último na fila. Apesar deste método de se saber quem são as pessoas que estão à sua frente e atrás de você, a venda de lugares em filas muito grandes é uma prática bastante comum.

em Havana, além de serem negros, são oriundos da região leste de Cuba.

Outro lugar emblemático em Pogolotti é complexo Jesús Menéndez, referência em treinamento esportivo em Marianao, que recebeu durante as festividades de aniversário a projeção de filmes, uma maratona esportiva, um encontro de premiados atletas nascidos no bairro e uma apresentação artística do projeto SIBOP (*Salvar la Identidad del Barrio Obrero de Pogolotti*). A tradição esportiva do bairro é bastante reivindicada pelos seus moradores e projetou nacionalmente esportistas como o tenista de mesa Andy Pereira, a esgrimista Seily Mendoza e o técnico de handebol José Ángel Cruz Morera, todos esses negros. Nos dias que antecederam às comemorações do aniversário, era muito comum encontrar moradores praticando corrida, musculação, crianças treinando baseball, jovens jogando basquete ou vôlei, adultos disputando *squash* (e apostando dinheiro nisso) ou apenas ensaiando com trombones e trompetes para os grupos do bairro. Pessoas da terceira idade utilizando os precários equipamentos disponíveis no complexo ou fazendo caminhadas e alongamentos pelas manhãs, enquanto durante a tarde, as quadras eram dominadas por adolescentes ou jovens adultos, que tinham nas *canchas* (quadras) do Jesús Menéndez um ponto de encontro, em que não apenas praticavam esportes, mas que também servia de ponto de encontro com os amigos, para ouviam músicas e paquerarem. O centro esportivo é muito importante para a vida social da juventude do bairro, sendo a principal opção de atividades para os jovens.

Enquanto esperava no Complexo por uma das solenidades, que demorava para começar, encontrei casualmente meu professor de boxe (modalidade que pratiquei em Pogolotti durante alguns meses). Ele, que apesar de não possuir mais de 40 anos já era um esportista aposentado, estava bastante impaciente com o atraso e criticou a organização do festival. Enquanto falávamos sobre as diferentes gerações que estavam presentes nas festividades, foi anunciado o início do Hino Nacional cubano, que foi abruptamente interrompido por uma rumba, colocada por engano pelo operador de som, que era uma pessoa que aparentava ter 70 anos. Nesse momento, ele disparou: “Realmente não temos respeito aqui. Enquanto os mais velhos não possuem condições de seguir realizando essas festividades, os mais novos não incorporaram o espírito do bairro”. Para ele, a transição da administração dos mais velhos para os mais jovens já deveria ter ocorrido e os mais velhos deveriam “estar aposentados, descansando, e abrindo espaço para os mais novos”. Perguntei se para ele os mais jovens não estavam pouco preocupados com os rumos do bairro. Ele negou. Como professor de jovens atletas, disse que os velhos deveriam abrir caminho para os

mais jovens, algo que não estava acontecendo apenas ali, mas em todo país.

Essa distância entre os mais velhos e os mais jovens pode ser notada na forma como os dois grupos se envolvem de maneira diferente nas atividades de aniversário do bairro. Eles ocupam lugares diferentes, com grupos diferentes, em horários diferentes, o que ocasiona que eles desenvolvam diferentes afetos pelo bairro. Nas interlocuções com integrantes dos grupos de folclore do bairro, com integrantes da *Casa del Adulto Mayor* e da *Asociación de los Historiadores del Barrio Pogolotti* (ambos integrados por pessoas maiores de 60 anos) e com jovens do projeto de restauração do bairro ou que estavam praticando esportes na principal quadra da região, notei a existência de distintas perspectivas sobre o bairro.

Parte destes olhares diferentes, apesar de atravessarem o bairro, também falam sobre o país: enquanto os mais velhos querem o retorno de um passado glorioso e repleto de afetos, os jovens se sentem inseguros e não conseguem notar com tanta nitidez muitas possibilidades.

Isso faz com que os debates sobre a diferença entre as gerações seja bastante recorrente nas conversas com outros moradores. Os mais velhos querem maior engajamento dos mais novos e estes querem poder viver para além do bairro, mesmo que estejam sempre reivindicando sua origem. Pogolotti segue, desta forma, entre dois tempos: um passado glorioso e um futuro incerto. Ao pensar essas diferentes temporalidades que envolvem passado e futuro no discurso cubano, João Felipe Gonçalves oferece uma importante reflexão sobre o papel do tempo e das diferentes concepções de Revolução no contexto cubano:

É verdade que o discurso oficial cubano também contém noções de um futuro de fartura e liberdade, de um edênico comunismo por vir. [...] O que o discurso oficial sobre a “Revolução” enfatiza e glorifica não é o *télos* de um futuro mais ou menos distante, mas a presença contínua de um passado de lutas e injustiças, uma conexão íntima entre lutas e heróis do passado e lutas e heróis do presente. O olhar da “Revolução” cubana não é tão unidirecional como a do anjo da história de Benjamin – que só se volta para trás –, mas ele só se volta para a frente de forma ocasional e secundária. Seu foco principal é o passado – que nunca é totalmente passado, pois está sempre presente. (GONÇALVES, 2017 p.5)

Apesar da Revolução Cubana de 1959 (ou das demais utilizações do termo revolução) não estar tão presente no discurso dos moradores de Pogolotti, a influência desse discurso é inescapável em Cuba. No caso de Pogolotti, a temporalidade representada por ela (de retorno) torna o presente um grande vazio (de grandes feitos e grandes histórias) que afeta especialmente os jovens do bairro, que passam seu tempo entre os estudos e as quadras

do Jesús Menéndez, esperando pela oportunidade de ocupar seu próprio lugar na história.

Um dos locais em que pude observar um encontro entre jovens e velhos foi durante o tradicional desfile de "*comparsa*" de conga, que no ano de 2020 ocorreu em dois momentos: o primeiro no domingo, organizado pelo grupo *Aláfia*, principal grupo artístico cultural do bairro, e o segundo na semana seguinte, desta vez organizado pelo *Juveniles de Pogolotti*, grupo dissidente do *Aláfia* fundado em janeiro de 2020. As congas se mostraram um momento importante para os moradores do bairro, que quando falavam delas para mim sempre as comparavam com os desfiles de carnaval de rua do Brasil. A participação dos moradores foi intensa, com centenas de pessoas nas ruas, cantando, dançando e se divertindo durante as apresentações. Um elemento importante das congas eram as referências às religiões afro-cubanas, como a *santería* e o *palo monte*, além de uma clara referência a tradição *mambí* do bairro. Como analisado por Kristina Wirtz (2015), esses desfiles permitem uma interação muito forte entre a cultura folclórica de um determinado lugar e a religião, que produzem a ideia do que será entendido como a cultura afro-cubana

A performance é uma forma de fazer a história. Ela não apenas reflete as mudanças históricas, mas também as produz. Através da performance, as pessoas constroem e reconstróem a história e a identidade, articulando as mudanças que ocorrem ao longo do tempo (Kristina Wirtz, 2015, p. 12).

Para Wirtz, essa manifestação cultural não existe como um simples entretenimento, mas fundamentalmente opera como uma forma de se reproduzir e, ao mesmo tempo, se criar história. Segundo a autora, esse tipo de performance é encontrada principalmente em manifestações da cultura afro-cubana, e que serve para reafirmar narrativas e identidades. Essa dialética entre passado e presente fortalece o vínculo dos moradores com a história do bairro, que é uma história negra.

Os desfiles passavam pelas ruas de Pogolotti, em uma caminhada dançante, ao som de ritmo de conga, em que jovens e velhos passavam cantando músicas com referência aos orixás, enquanto passavam por ruas e pontos históricos do bairro, como a primeira escola, a primeira casa, o "*Tanque*" (local da sede do Conselho Popular) e a praça do "*mambí* desconhecido", que tem esse nome pois nesse lugar foram encontrados os restos mortais de um *mambí* que lutou durante a última Guerra de Independência de Cuba, passagem que me lembra do "Soldado Desconhecido de Benedict Anderson", que nas palavras do autor "esses túmulos sem almas imortais nem restos mortais identificáveis dentro deles estão carregados de imagens nacionais espectrais (2008, p.35)

De todas as atividades de comemoração do aniversário de Pogolotti, os desfiles se mostraram as mais aguardadas pelos moradores. Para além das coloridas roupas do corpo de baile, o ritmo contagiante fazia com que quem encontrasse com o desfile pela frente sentisse vontade de dançar: era comum pessoas que estavam desavisadamente no trajeto do desfile ensaiarem, mesmo que timidamente, alguns passos de dança ou parar o que estava fazendo para admirar sua passagem. Essas interações entre os moradores do bairro durante os desfiles era um momento em que, espontaneamente, todos os diferentes moradores se encontravam e se divertiam juntos. Era possível ver um casal de idosos dançando na porta de casa, enquanto crianças corriam em busca de um lugar alto para verem os dançarinos. Jovens dançavam nas ruas, mesclando passos de rumba com o *reggaeton*, tão popular entre eles.

Enquanto o desfile cruzava uma das estreitas ruas do bairro, um grupo de jovens que seguia o desfile começou a entoar “*Con Pogolotti se kema la balla*”, uma provável alusão a música de Luis Martínez Griñán e interpretada pela primeira vez pelo conjunto cubano Chappottín “*Alto Songo (Se quema la Maya)*”. A música é inspirada em uma passagem importante da história cubana, que foi a tomada e incêndio de La Maya, em 1912, povoado próximo de Santiago de Cuba, que é a segunda maior cidade de Cuba⁴⁵. Esse incêndio foi parte das ações do levante do *Partido de los independientes de color* (PIC), partido formado por pretos e mestiços, que em maio de 1912 se levantou contra a proibição do Governo ao PIC.

O incêndio, que possuía indícios de ter sido acidental, ocorreu durante um conflito entre militares apoiadores do governo e integrantes do PIC, que na tentativa de colocar fogo em uma estação ferroviária, perderam o controle do fogo que, por fim, se alastrou por todo o povoado. Esse evento fez com que os integrantes do partido fossem vistos como delinquentes e esse episódio foi utilizado como justificativa para o massacre que ocorreria meses depois, em que foram assassinados de cerca de 6 mil integrantes do partido (apesar de existirem indícios que o massacre vitimou mais de 20 mil partidários). Em diversas outras cidades de Cuba também ocorreram levantes armados, inclusive em Havana, no bairro de Marianao, onde simpatizantes do partido foram presos simplesmente por serem negros e, por isso, serem considerados conspiracionistas (SCOTT, 1991; HELG, 1995; BORJAS, 2015).

⁴⁵ Utopica. Disponível em <https://utopica.nl/bitacora/alto-songo/2054/>. Acessado em 22 de nov. 2020

Achei bastante curiosa a relação entre a música cantada por eles e a reivindicação de “levante popular” e perguntei para uma das moradoras o que isso significava. Ela, que escreveu em meu caderno, de maneira grafada errada “*Con Pogolotti se kema la balla*” (com *kema* no lugar de *quema*) me explicou que, para algumas pessoas, queria dizer que “em Pogolotti não existem regras” ou “em Pogolotti fazemos nossas próprias regras”. Esse dito popular, segundo uma das organizadoras do desfile, está relacionado com o espírito insurgente do bairro, uma vez que segundo essa moradora “*balla*” é um outdoor de anúncios oficiais do governo, em que são colocadas informações políticas e notificações oficiais do governo. Para ela, os jovens cantavam isso não apenas como forma de dar um recado para os visitantes e para as autoridades, mas também como forma de reafirmar a união e espírito insurgente dos *pogolotinos*.

Durante os desfiles pude encontrar com diversos moradores, que estavam nas ruas dançando ou em suas casas vendo o desfile de suas varandas. O sorriso em seus rostos e a satisfação em seus olhos dissiparam todas as dúvidas colocadas por minha “família cubana” sobre onde eu deveria estar. Ao presenciar o aniversário do bairro, todas as visões negativas das notícias de jornais e do imaginário dos moradores de outras regiões deram espaço ao mais nítido exemplo de toponímia, dada a força da manifestação de pertencimento e da relação positiva dos moradores com o bairro.

Não posso ignorar que o bairro realmente possui problemas de infraestrutura prédios e casas deteriorados, ruas esburacadas, problemas de distribuição de água (passar um dia inteiro sem água é bastante comum), calçadas irregulares, poucas opções para a compra de insumos básicos e problemas de abastecimentos destes insumos, que constantemente estavam em falta. Apesar de parecerem problemas sérios, qualquer pessoa que passe mais de um dia fora dos hotéis 5 estrelas da zona turística da cidade irá se deparar com esses mesmos problemas, que estão espalhados por toda Havana. Então, para as experiências específicas de Pogolotti, essa questão em nada difere das vividas por moradores de outras regiões de Havana, ou de Cuba como um todo.

Neste sentido, o aniversário do bairro representa o grande ritual que evoca o espírito de Pogolotti, que “monta” (termo utilizado em Cuba nos cultos aos orixás, para representar quando uma entidade incorpora em uma pessoa) seus habitantes e renova seu orgulho e suas ligações com o bairro. Para mim essa é a principal ocasião em que se produz a imagem de pertencimento, orgulho, união, parceria, sobre o bairro de Pogolotti. É o momento em que

visitantes podem experimentar de forma mais condensada essa experiência e que é possível aos moradores renovarem seus votos de fidelidade ao bairro.

Nenhuma frase expressa melhor esse momento da relação entre os moradores de Pogolotti entre si e com o bairro do que “¡Pogolotti soy yo!”, presente na música “Pogolotti La Unión”, composta por artistas do bairro. O efeito produzido por essa frase induz a uma percepção de “nós somo o bairro”, que esteve presente de forma destacada durante o aniversário, tendo no desfile de *comparsa* seu caráter mais proeminente, mas este sentimento também está presente nas reuniões do Conselho Municipal do bairro, em que os participantes das reuniões reivindicam o bairro como parte importante de suas vidas. Essa demonstração de pertencimento podia ser notada nas atividades do complexo esportivo Jesús Menéndez, em que os jovens treinam para representarem seu bairro e dar continuidade ao legado esportivo de Pogolotti; nas pinturas do Projeto *Renacer*, feitas por crianças que desde a mais jovem infância escrevem seu amor pelo bairro nas paredes e postes da vizinhança em que nasceram; nas atividades do grupo SIBOP (*Salvar la Identidad del Barrio Obrero de Pogolotti*) que visam resgatar e transmitir a memória do bairro através de intervenções artísticas, palestras históricas e visitas guiadas pelo bairro; e também nos cultos de domingo na Igreja Batista Ebenezer, em que cada testemunho traz a preocupação com o futuro do bairro e lhe rende orações de proteção⁴⁶.

Por outro lado, os moradores mais antigos do bairro são mobilizados pela necessidade de relembrar os melhores anos da história do bairro, como se fossem acometidos de uma avassaladora nostalgia, que produz um cronotopo do bairro para seus moradores, como um lugar parado no tempo. O Cronotopo, conceito criado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1981, 2014) é descrito como um “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas” (BAKHTIN, 2014, p.211), que em seus estudos sobre as fases do romance estabelece uma relação entre tempo, espaço e história que como efeito cria um espaço único. O ato de comemorar o aniversário do bairro, como se estivesse agradando a um ente querido, mostra a ligação que os moradores possuem pelo lugar em que moram. Esse lugar representa sua história, suas raízes, suas origens e seu lugar de retorno, parecendo o fim de um ciclo e recomeço de outro. Em Pogolotti, o aniversário do bairro surge como um momento de retorno ao passado, que tenta ser transmitido pelos moradores

⁴⁶ A história da igreja pode ser encontrada no site do Centro Martin Luther King, que é mantido pela igreja desde 1987. <https://cmlk.org/la-iglesia-ebenezer-de-marianao-memoria-pensamient>. Acessado em 13/03/2023

mais velhos do bairro para os moradores mais jovens, reiniciando a busca por um novo ciclo de glórias que ainda não chegou.

2.4 *Los malos, los buenos y los nuestros: diferentes olhares sobre Pogolotti*

Durante minha investigação preliminar em Havana, realizada por 2 meses em 2018 e 2019, conversei com moradores de diferentes regiões da cidade e notei que eles expressavam um olhar de temor, relacionando uma ideia de “perigo” a determinados bairros e regiões da cidade. Ao relacionar estes bairros com a sua formação étnico racial, percebi que os bairros que possuíam uma maior presença de moradores negros eram maioria entre os entendidos como mais perigosos. Essa sensação de perigo sobre os bairros com marcante presença negra é apontada por pesquisadores das relações raciais em Cuba como Kristina Wirtz (2014), Sujatha Fernandes (2006), Marc D. Perry (2015), Tomás Fernández Robaina (1990, 2009, 2012), Mark Sawyer (2006), Pablo Rodríguez Ruiz (2006, 2008) e Alejandro de La Fuente (2001).

O antropólogo Pablo Rodríguez Ruiz (2006) afirma que essa sensação pode ser um efeito do fenômeno migratório que criou áreas com habitações precárias em regiões que não possuíam infraestrutura básica, popularmente chamados de *llega y pon*. Esse fenômeno ocorreu devido à crise econômica que Cuba viveu no começo da década de 1990, que o governo cubano chamou de *Período Especial*⁴⁷. Famílias que viviam na zona rural ou suburbana e que eram em sua grande maioria pretos e mestiços, mudaram-se para as regiões periféricas dos principais centros urbanos de Cuba, sobretudo Havana. Nesta direção, Rodríguez Ruíz destaca que

Assim, houve uma proliferação de bairros conhecidos como “llega y pon”, dentro dos quais se reproduzem padrões culturais que funcionam como aspectos de uma comunidade marcada pela pobreza e pela marginalidade. (RODRÍGUEZ RUÍZ, 2006, p.6)⁴⁸

⁴⁷ O Período Especial em Tempo de Paz foi um longo período de crise econômica que começou como resultado do colapso da União Soviética no final dos anos de 1980 e começo de 1990, além do endurecimento do embargo dos EUA em 1992. Isso fez com que o Governo Cubano flexibilizasse suas leis comerciais, permitindo a exploração do turismo por empresas estrangeiras e a implementação de uma segunda moeda para ser utilizada por turistas, o peso convertível (CUC) que possuía preço equiparado ao dólar americano.

⁴⁸ Así se produjo una proliferación de los barrios conocidos como “llega y pon”, en el interior de los cuales se reproducen pautas culturales que funcionan como aspectos de una comunidad signada por la pobreza y la marginalidad. (Tradução Minha)

É possível notar uma associação entre a ideia de uma zona de marginalidade e pobreza com a presença de corpos negros que ocupam determinado espaço. A própria questão de marginalização expressa por Rodríguez Ruíz deve ser melhor explicada: enquanto na literatura das ciências sociais no Brasil é comum pensar em marginalidade como parte de um processo de atribuição de estereótipos negativos às regiões pobres das cidades, Rodríguez Ruíz (2006) coloca esse processo como uma construção materialista, na qual as condições de degradação da infraestrutura social em que uma parcela da população é exposta junto a um movimento de racialização que contribui para a criação de espaços marginalizados. Não quero produzir uma ideia de exclusividade da relação entre pobreza e negritude, uma vez que em várias regiões vistas como perigosas existe uma parcela significativa de pessoas brancas (que em alguns lugares chega a ser igual ou maior a de pessoas negras). Porém quero chamar a atenção que os lugares que são vistos como perigosos são, em sua maioria, espaços entendidos no imaginário local como espaços habitados exclusivamente por não-brancos, mesmo quando demograficamente eles possam possuir uma distribuição entre negros e brancos mais equilibrada.

Na direção de compreender como esses espaços de proporção equilibrada entre negros e brancos se desenvolvem, Rodríguez Ruíz (2006) relativiza a relação entre raça e espaços marginalizados ao afirmar que existe uma mudança de paradigma financeiro para a parcela branca da população que reside em bairros mais pobres. Isso faz com que essas pessoas brancas também recebam um estigma negativo. Viver em bairros empobrecidos, junto da parcela negra da população

[...] despojou a branquitude de muitos dos seus atributos históricos e rompeu com as fronteiras raciais. Com isso, retira da racialidade a roupagem terrível com que nos é apresentada e, portanto, fica aberto um caminho de esperanças e certezas para que o ser humano possa se livrar dos atavismos raciais que o diminuem. (RODRÍGUEZ RUÍZ, 2006, p. 26)⁴⁹

Apesar de compreender o valor empírico do estudo de Rodríguez Ruíz, entendo que a relação que o autor estabelece entre perda de poder econômico da população branca moradora dos bairros pobres, por um lado, e o desaparecimento das estruturas históricas do racismo, por outro lado, seja menosprezada pelo autor. Na verdade, não há uma perda de poder econômico simplesmente, mas sim das vantagens materiais proporcionadas pelo

⁴⁹ [...] ha despojado al ser blanco de muchos de sus atributos históricos y ha deshecho las fronteras raciales. Con ello se ha quitado a la raza el ropaje fatal con que nos llega vestida y deja abierto, por tanto, un camino de esperanzas y certidumbres de que el ser humano puede despojarse de los atavismos raciales que le empequeñecen. (tradução minha)

racismo e pela herança gerada pela escravidão, que faz com que a população branca seja igualada em oportunidade à população negra. Ou seja: os brancos cubanos que não são herdeiros da antiga elite econômica do país terão suas condições de vida aproximada da dos negros cubanos.

Essa dinâmica faz com que exista a possibilidade dos negros cubanos, dentro dos microcosmos dos bairros pobres, destacarem-se dos brancos "médios", que pode ser entendido como uma exemplo da inexistência da desigualdade racial em Cuba. O nivelamento da desigualdade nas camadas mais pobres da população, promovida pelo governo socialista cubano após 1959, permitiu que a parcela negra da população deixasse de ser eclipsada pelos brancos médios que eram historicamente beneficiados pelo racismo. Em suma, as políticas do governo cubano não fizeram com que a população negra fosse elevada ao nível social que os brancos detinham antes da Revolução, mas sim os brancos que são rebaixados ao nível socioeconômico em que predomina a população cubana negra.

Além de Rodríguez Ruíz, o também cientista político Mark Q. Sawyer (2006) afirma que os cubanos negros que entrevistou entendem que o problema da desigualdade em Cuba possui sua origem na maneira como as habitações são desigualmente construídas e distribuídas antes e depois da revolução. Apesar de Rodríguez Ruíz e Sawyer colocarem que não existe uma segregação racial em Cuba, eles afirmam que isso não impediu que as relações raciais produzissem olhares racializados sobre espaços pobres.

Quando, durante minhas entrevistas com moradores de outros bairros de Havana, surgia o assunto sobre lugares bons ou ruins para se viver na cidade, um dos bairros mais citados negativamente por eles era o bairro de Pogolotti⁵⁰, sendo seguidamente citado como marginal, criminoso e perigoso. A maioria dos bairros apontados como perigosos em minha pesquisa preliminar foram bairros com uma importante presença negra, seja nos percentuais do censo seja como referência em algum dos aspectos da cultura afro-cubana.

Para pensar como o racismo persiste em Cuba após 1959, os estudos dos antropólogos cubanos Pablo Rodríguez Ruiz e Rodrigo Espina Prieto (2006) fornecem pistas importantes. Primeiramente, os autores apontam que a formação social dos bairros de Havana reproduziu uma lógica de origem colonial que refletia a presença maciça de cubanos negros nos bairros mais pobres e populares, enquanto os bairros centrais, que possuem perfil

⁵⁰ Esses apontamentos são parte de breves entrevistas que realizei pela cidade com 52 pessoas de 12 municípios diferentes em Havana entre novembro de 2018 e janeiro de 2019.

majoritariamente residencial, e nos quais residiam as elites econômicas antes da Revolução, seguem ocupados por cubanos brancos (p. 46). Apesar dos autores serem contrários à ideia de que essa marginalização da população cubana negra seja resultado de uma política consciente de segregação racial perpetrada pelo governo atual – uma vez que mesmo em bairros de maioria negra existe uma marcada convivência entre cubanos negros e brancos – é possível notar que houve uma persistência das condições materiais desfavoráveis que a população negra carregava desde antes da Revolução. Foi repassada uma herança das condições materiais anteriores. A melhor distribuição de renda e a melhoria das condições de saúde e educação não se refletiram em mudanças positivas estruturais nas casas dos moradores destas regiões ao longo das últimas seis décadas.

Dessa forma, a percepção que os moradores dos demais bairros da cidade desenvolveram sobre Pogolotti surge atravessada por uma concepção de experiência, que para o geógrafo Yi-Fu Tuan, pode ser explicada como

A experiência conceitualizada, ela é parcialmente pessoal, em grande parte social, um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças são estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal. (TUAN, 2012, p. 4-5)

A experiência vivida em um determinado lugar, como está colocada por Tuan, é informada por componentes socioculturais mais amplos do que a própria experiência, mas também por uma ideia coletiva. Utilizando as categorias analíticas de Tuan, é possível afirmar que essa experiência informada pelos não moradores configura o oposto da topofilia, ou seja, leva a uma topofobia: o elo afetivo com o meio engendra não só afeição, mas também desprezo (Tuan, 1980, p. 114). A topofobia produz, desta forma, relações de afeto negativas que induzem medo, aversão e insegurança. Apesar de muitos *habaneros*⁵¹ de outros bairros que eu entrevistei terem dito que não haviam visitado Pogolotti, o medo e a apreensão que sentiam por ele eram reais. Dessa maneira, suas experiências estavam em grande medida relacionadas com pressupostos sociais mais gerais e impessoais ao invés de experiências mais próximas que justificassem esses temores

Ao visitar Pogolotti identifiquei que uma característica importante do bairro é que ele é um espaço racialmente misto, ou seja, há uma grande quantidade de pessoas negras e

⁵¹ Termo utilizado em Cuba para designar moradores nascidos ou na cidade de Havana (*La Habana* em espanhol). Neste trabalho, utilizo para designar também residentes da cidade que não residam em Pogolotti, mesmo que tenham nascido em outras regiões do país.

brancas, porém com uma presença predominantemente negra. As características do bairro chamaram a minha atenção por me recordar o bairro em que eu nasci e cresci, na periferia da zona norte de São Paulo que, apesar de misto, também era predominantemente negro. Não pude deixar de notar a nostalgia que me preencheu ao andar pelas ruas de Pogolotti pela primeira vez: foi como se eu já tivesse andado por aquele lugar. Por isso eu podia entender a identificação de orgulho que os moradores possuíam.

Algumas características positivas sobre o bairro são destacadas em sites oficiais do governo cubano, que ressaltam sua formação demográfica e a forte relação entre os moradores

Pasear en el barrio Pogolotti es como sumirse en la densidad de los acontecimientos históricos, de las tradiciones culturales, de las energías sociales que animan la vida cotidiana [...] **Predomina la raza negra y la mayoría practica la religión afrocubana (Santería o Regla de Osha), hay un gran sentido de pertenencia y hermandad**⁵². (Grifos meus)

Parece ser importante para a narrativa oficial do governo o fortalecimento da ideia de Pogolotti como um lugar em que o pertencimento e a irmandade são elementos constitutivos da identidade barrial. Pogolotti ganha, através da lente estatal, o status de um bairro preto e mestiço, familiar, tradicional, religioso e solidário.

Apesar de sua importância histórica e da diversidade de equipamentos culturais, ao pesquisar sobre Pogolotti na internet, é comum encontrar diversas informações negativas sobre o bairro. Diferentes sites de notícias publicaram na última década notícias sobre Pogolotti, que é descrito como “abandonado”, “sem esperança”, “irremediável”⁵³. Essa visão foi o que me levou a escolhê-lo para a minha pesquisa, pois queria entender o que era esse perigo que os moradores de outras regiões viam no bairro.

Essa imagem de medo e abandono é reforçada pelo periódico 14 y Medio, que classifica o bairro como “*una zona pobre donde algunos evitan adentrarse en medio de la noche*”⁵⁴. Por que para alguns Pogolotti é considerado um lugar perigoso e que deveria ser evitado, enquanto seus moradores o veem como o lugar perfeito para se viver? Por que onde alguns veem crime e pobreza outros enxergam harmoniosas trocas de experiências na vizinhança e um lugar para criar bem seus filhos? A essas sensações de temor, Yi-Fu Tuan

⁵² Portal Ecured. Disponível em: [https://www.ecured.cu/Bel%C3%A9n-Finlay-Pogolotti_\(Marianao\)](https://www.ecured.cu/Bel%C3%A9n-Finlay-Pogolotti_(Marianao)).

⁵³ GONZÁLEZ SUÁREZ, Jorge Luis. “Pogolotti, de barrio obrero a barrio desahuciado”. *14 y Medio*, Havana, 2015, s/p. Disponível em: https://www.14ymedio.com/reportajes/Pogolotti-barrio-obrero-desahuciado_0_1825617441.html. Acesso em: 18 out. 2019

⁵⁴ Idem, Ibidem

denomina “topofobia” (2012). Apesar de o governo cubano ter declarado o país livre do racismo e da segregação em 1962, o que vemos na prática é a manutenção de estereótipos raciais e espaciais que alimentam a desigualdade e o racismo. A ausência de investimento público planejado e que tenha como preocupação diminuir essas desigualdades estruturais legitimam e reproduzem esses estereótipos negativos.

Sobre Pogolotti, inicialmente os moradores de outras regiões atribuíam essas sensações à paisagem urbana no bairro, de condições precárias, casas apertadas umas contra as outras, ruas estreitas e cheias de jovens sem ter o que fazer. A sensação de falta de segurança relatada por essas pessoas, em muitos casos não eram baseadas em experiências pessoais e objetivas, mas em estereótipos que moldam a percepção dos demais habaneros em relação à Pogolotti. São esses estereótipos que reforçam e aprofundam desigualdades, criando assim diferenças em como esses espaços são percebidos por moradores e não-moradores.

Apesar de Pogolotti possuir diversas narrativas históricas sobre um passado cheio de glórias e momentos importantes para a história de Cuba e ainda hoje ser um lugar emblemático para a produção de cultura afro-cubana em Havana, é comum escutar discursos depreciativos sobre o bairro na cultura pública, que segundo Akhil Gupta (1995), é uma zona de debate conduzido pela opinião pública através dos meios de comunicação em massa, assim, para Gupta, o que faz a ausência de uma política pública que mude as características estruturais ruins dos bairros mais pobres, contribuir para a manutenção de estereótipos negativos. Apesar de em Cuba não existir uma produção estatal que reforce o caráter negativo sobre Pogolotti, existe uma propagação de impressões no meio popular que fundamenta, no imaginário local, a ideia de marginalização que alimenta as sensações de medo e rejeição direcionadas a esses espaços.

Pablo Rodríguez Ruiz (2006) argumenta que a marginalização em Cuba se aprofundou durante os anos do chamado “Período Especial”, e agudizou a desigualdade social que impactou no aumento das manifestações de racismo em Cuba. Como forma de fugir da crise econômica, muitos moradores das regiões rurais ou de províncias mais pobres (em especial as do leste da ilha) decidiram se mudar para as cidades mais ricas em busca de melhores oportunidades. O aumento da desigualdade de oportunidades entre as demais cidades e a capital fizeram com que moradores de outras regiões do país se mudassem para Havana, que foi o principal alvo devido sua posição econômica como capital econômica do

país. Rodríguez Ruiz se utiliza então da expressão popular “*llega y pon*” para explicar o resultado deste processo de ocupação

Neste contexto, assistiu-se a uma proliferação de migrações internas, alguns dos seus protagonistas instalaram-se em comunidades de zonas periféricas e ocuparam ilegalmente o espaço, conhecido como ‘*llega y pon*’. (RODRÍGUEZ RUIZ, 2006, p. 5)⁵⁵

Esse processo de migrações fez com que houvesse um crescimento espontâneo não planejado de Havana, principalmente nas regiões mais afastadas do centro, que viu o número de residências precárias aumentar em pouco tempo. Esse processo levou alguns moradores a criarem um pré-conceito negativo sobre os novos moradores da cidade.

Este fenômeno migratório, quando relacionado por Rodríguez Ruíz (2006) com o fator racial, permite perceber o desenvolvimento do estigma negativo sobre esses migrantes: uma vez que eram em sua maioria pessoas negras. Por outro lado, os *habaneros*, temendo provavelmente um aumento na concorrência nos empregos e por lugares de moradia, imediatamente relacionaram os problemas sociais do Período Especial com o crescimento de uma presença negra na cidade. Isso fez com que os migrantes de outras regiões, que eram chamados de “orientais” (fazendo alusão a terem nascido na região leste da ilha, também chamada de oriente) ganhassem uma nova alcunha, dessa vez abertamente pejorativa: “palestinos”. Essa denominação, utilizada especialmente para migrantes negros, alude, nas palavras de uma de minhas interlocutoras, ao fato de “estarem invadindo uma terra que não lhes pertence, assim como fazem os palestinos”. Curiosamente, ao perguntar sobre sua posição a favor ou contra a Palestina no conflito com Israel, ela respondeu sem pestanejar que estava a favor da Palestina, o que me pareceu bastante contraditório.

Apesar da pesquisa de Rodríguez Ruiz (2006) ter como foco as relações matrimoniais, é possível ver como o processo de criação da ideia de marginal e marginalidade está relacionada a dois marcadores: o primeiro espacial, uma vez que a construção de casas precárias era predominante entre migrantes de outras regiões do país. O segundo é um fator racial, uma vez que a maioria desses migrantes, chamados de palestinos ou orientais, são identificados como pessoas negras.

Durante minhas duas viagens a Havana, várias vezes escutei opiniões contra os

⁵⁵ En este contexto, se produjo una proliferación de las migraciones internas, algunos de cuyos protagonistas se asentaron en comunidades de zonas periféricas y ocuparon de manera ilegal el espacio, conocido como ‘*llega y pon*’. (Tradução Minha)

moradores de outras províncias e sua relação com o fato de serem pessoas negras: mencionava-se uma falta de modos, que estava relacionada com falar alto, assediar de maneira agressiva mulheres nas ruas e serem “vagabundos” por não gostarem de trabalhar, passando por uma fama de bêbados, irresponsáveis, brigões e “invasores”. De modo geral, os “orientais” eram vistos como um perigo por muitos *habaneros*.

Essa relação entre os *habaneros* e os palestinos me foi apresentada durante minha primeira passagem por Cuba. Nesta ocasião, me perdi nas ruas do bairro de *Habana Vieja* enquanto ia ao encontro de alguns amigos. O ponto de encontro era uma praça que não existia no mapa virtual que eu estava utilizando. Perguntei, então, a dois policiais, que eram negros, sobre a praça em questão, e ambos também não sabiam onde essa praça se localizava. Após encontrar meus interlocutores (e descobrir que o nome que me haviam dado era o nome informal da praça), disse que nem os policiais sabiam dessa informação. Neste momento um deles se virou para mim e disse que era comum que não soubessem, pois "os policiais aqui são todos *palestinos*, não conhecem nada de Havana". Achei curiosa essa referência, uma vez que ambos os meus interlocutores também eram negros e do “Oriente”.

A forma preconceituosa de se referir às pessoas negras como bêbados, violentos e perigosos era também transportada para os bairros que recebiam o estigma de serem redutos desses moradores, sendo identificados como “barrios malos”, sendo Pogolotti um desses bairros. Essa ideia de que o bairro era um lugar ruim foi reforçada nas pesquisas que realizei em portais de notícias, em que pude notar que sempre que algo positivo sobre o bairro era abordado faziam referência a uma “herança italiana” do bairro, e ganhava maior destaque. Ter herdado o nome de seu construtor influenciou tanto as relações no bairro que permitiu a neta de Dino Pogolotti, Graziella Pogolotti, que é uma importante jornalista e crítica literária cubana, possua o *status* de porta-voz do bairro, mesmo não tendo vivido no bairro. Ela é comumente convidada para aparecer em eventos oficiais, como enterros e homenagens, figurando como a neta do construtor do bairro, como é referida por muitos dos moradores de Pogolotti.

Enquanto isso, na direção oposta, é frequente que os aspectos negativos atribuídos ao bairro, como a marginalidade, as confusões entre vizinhos, a criminalidade e a falta de infraestrutura básica, sejam atrelados nas narrativas dos não moradores à presença dos moradores negros do bairro através da ideia de que lá vivem apenas palestinos. A partir dessas observações, percebi em minhas conversas com moradores de outras regiões da

cidade que eles associam marginalidade às religiões afro-cubanas. Religiões como a *santería* e o *abakuá* são comumente ligadas à criminalidade, sendo que as principais regiões da cidade vistas como centros dessas religiões, como Guanabacoa, Centro Havana e Habana Vieja, são também vistos como lugares a serem evitados.

Não por coincidência são as regiões da cidade, junto com Centro Habana e Habana Vieja, com maior proporção de pessoas negras. Segundo o censo realizado em 2012⁵⁶, o Município de Marianao é o quarto maior município de Havana em percentual de negros, possuindo cerca de 46,8%, superada apenas por Centro Havana, San Miguel del Padrón e Habana Velha (com 52% e 53%, respectivamente) e ficando à frente de Regla e Guanabacoa. Todos esses lugares têm em comum uma relação íntima com a produção de cultura afro-cubana, que além da religião também está presente na dança, nos esportes e na música e por serem bairros pobres aos quais é atrelada a ideia de lugares ruins ou indesejáveis.

Dessa forma, Pogolotti é um lugar essencial para se pensar a relação entre produção de cultura afro-cubana, espaços urbanos e relações raciais. Uma vez que é possível entender uma relação entre o medo sentido pelos moradores de outras regiões com a presença negra nos espaços, temos na produção de cultura afro-cubana uma contradição, já que a mesma marcação espacial racializada que gera medo em algumas pessoas, gera nos moradores dessas localidades orgulho e sensação de pertencimento. Para entender melhor essa relação, Pogolotti é um espaço em que marginalização e rejeição, por parte dos moradores de outras regiões, caminham lado a lado com uma intensa produção cultural e uma reivindicação do bairro como um lugar especial para seus moradores.

2.5 O espaço da raça e da etnicidade

Ao se pensar Cuba e sua expressão cultural, é impossível desassociá-la da ideia de nação. A nação deixa de ser apenas uma identificação abstrata entre pessoas que vivem ou nascem em um mesmo lugar para se tornar um organizador da vida das pessoas: nascer cubano te confere um status de diferença frente aos moradores de outros lugares do mundo, pois o seu lugar de nascimento possui características únicas que a diferenciam. Qualquer

⁵⁶ OFICINA NACIONAL DE ESTADISTICA E INFORMACIÓN (ONE) - Centro de Estudios de Población y Desarrollo. El Color de la Piel según el Censo de Población y Viviendas Disponible em: <http://one.cu/publicaciones/cepde/cpv2012/elcolordelapielcenso2012/PUBLICACIÓN%20%20COMPLETA%20color%20de%20la%20piel%20.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2020.

outro lugar pode possuir belas paisagens naturais, prédios históricos, produzir bebidas e comidas saborosas, possuir belos hotéis em lugares paradisíacos e referenciar seus heróis nacionais, porém, cada lugar, cada país o fará desde uma perspectiva única, uma variável imaterial, um ativo cultural. O maior ativo das diferentes culturas não é outro que não as pessoas que a constroem. No caso de Cuba esse ativo é o povo cubano.

Fernando Ortiz irá destacar o papel desta relação entre nação como cultura dentro dos primeiros após a dominação espanhola Cuba no começo do século XX. Em suas obras, Ortiz desenvolveu uma visão complexa e multifacetada da nação cubana e da cultura cubana, que mudou ao longo do tempo e foi influenciada por seu contexto histórico e social. Enquanto em seus primeiros escritos Ortiz (1906) via a nação como uma entidade estática, que apesar de definida por características culturais comuns, era separada por uma cultura superior (branca) e uma inferior (negra), posteriormente ele passou a ver a nação como um processo dinâmico e em constante evolução, influenciado por fatores políticos, sociais e culturais. Para Ortiz, a nação era uma construção social e cultural, que poderia ser influenciada e moldada pelos indivíduos que a compunham.

Para dar forma ao processo cultural que identificou em Cuba, Ortiz criou o conceito de Transculturação, que surge como uma crítica a aculturação, e que tornou-se uma ferramenta teórica fundamental para se compreender os processos de interação e transformação cultural que ocorrem quando dois ou mais grupos entram em contato, em especial no que diz respeito a uma história atlântica. Esse processo envolve a fusão e a recombinação de elementos culturais distintos, gerando novas formas de expressão cultural. Para Ortiz, a transculturação é um processo recíproco e dinâmico, que não se limita à simples assimilação de uma cultura por outra. Em vez disso, ele argumenta que a transculturação envolve uma troca mútua de influências culturais, em que cada grupo é capaz de moldar e transformar a cultura do outro.

Dentro dos diferentes aspectos da cultura cubana que passaram pelo processo de transculturação, Ortiz vê no desenvolvimento do son cubano, um estilo musical que surgiu em Cuba a partir da fusão de elementos africanos e europeus, um exemplo nítido deste processo. Como observa Ortiz (1940b p.199) "a música cubana é um exemplo típico de transculturação, na qual as raízes africanas e europeias se fundem", assim como as religiões afro cubanas (em especial a *Santería*) em que esses elementos de religiões africanas e europeias são combinadas e adaptadas a realidade cubana, misturadas, na metáfora de Ortiz,

como em um *ajiaco*, que pode ser traduzido como uma grande sopa cultural em que alguns elementos estão mais dissolvidos e portanto misturados, enquanto outros seguem ainda sólidos possíveis de serem identificados. Um processo contínuo de transformação.

A antropóloga brasileira Lélia González, que foi uma importante ativista do movimento negro e feminista no século XX, parte da mesma premissa para definir o conceito de *amefricanidade*, porém acrescentando o elemento político da disputa de uma narrativa hegemônica. Em seu livro "Lugar de negro" (1982), ela apresenta o conceito de "*amefricanidade*", que faz referência à identidade cultural e política dos povos afrodescendentes e ameríndios nas Américas. Segundo Gonzalez, a *amefricanidade* é uma construção histórica e social que resulta da diáspora africana e da experiência de opressão e resistência vivida pelos negros e indígenas no continente americano. Em suas palavras:

A *amefricanidade* é o conjunto das relações históricas e culturais dos povos negros na América Latina. Essa realidade, que começa com a invasão da África pelos europeus, é marcada pela escravidão, pelo racismo e por todas as formas de dominação que os negros sofreram e ainda sofrem. É, também, a realidade das formas culturais e políticas que os negros criaram e criam para resistir a essas dominações (GONZALEZ, 1982, p. 21).

Para Gonzalez, a *americanidade* é um conceito que busca incluir as experiências e contribuições dos negros e indígenas na construção das culturas americanas modernas. Ela argumenta que a presença africana na América é tão antiga quanto a presença europeia e indígena, e que, portanto, a história dos negros não pode ser separada da história do continente como um todo. Desta forma, a *americanidade* é um conceito que valoriza a diversidade cultural e a pluralidade histórica do continente, reconhecendo que a partir dos conflitos históricos todas as culturas e povos que foram envolvidas neste processo desempenharam um importante papel na formação de uma identidade americana que possui elementos culturais comuns.

Tanto para Ortiz como para González, a cultura está associada a características étnicas e raciais específicas. No entanto, o processo de formação destas culturas é um processo dinâmico e fluido, influenciado por interações e trocas culturais entre diferentes grupos e comunidades, sendo assim, uma construção social e histórica, moldada pelas experiências e práticas cotidianas das pessoas em determinado lugar (Aguiar, 2021).

Na mesma direção do que aponta Lélia González, Ortiz incorporou positivamente em seus últimos trabalhos as contribuições dos cubanos negros no processo de formação da

nação cubana. Em algumas de suas obras, Ortiz (1940a, 1940b) argumenta que a cultura cubana era o resultado da interação entre diferentes grupos étnicos e raciais, incluindo africanos, espanhóis e indígenas. Ele reconheceu a importância das contribuições dos cubanos negros para a cultura cubana, incluindo a música, a dança, a religião e a culinária. Ortiz argumentou que essas contribuições eram essenciais para a formação da identidade nacional cubana e que a cultura cubana teria como sua grande base a cultura africana.

Mesmo assim, é importante fazer uma diferenciação entre o que é papel da raça e qual o papel da etnicidade. Nas análises de Livio Sansone (2004) sobre a relação entre raça e etnicidade no Brasil, ele destaca que

A cor da pele é uma das muitas características que podem definir a identidade negra no Brasil, mas não é a única nem a mais importante. A negritude no Brasil é um fenômeno social e político que transcende a etnicidade e que é moldado por uma série de fatores culturais, históricos e políticos. (Sansone, 2004, p. 89)

Por isso raça e etnicidade são fenômenos que possuem uma vinculação complexa, ainda mais quando pensamos nessa relação na realidade cubana: enquanto a racialidade pode ser retratada em Cuba pela experiências produzidas a partir das tensões raciais entre negros e brancos, a etnicidade é entendida como a dimensão da cultura, que envolve os espaços de sociabilidade de negros e brancos. Para Sansone, a cor de pele não era a única dimensão que informa a cultura negra, uma vez que a cultura não pode ser reduzida à cor de pele, mas incluir um conjunto de práticas, costumes, redes de relações e também espacialidade.

Assim, podemos entender que, neste processo, toda pessoa negra será racializada, porém nem todas carregarão a mesma etnicidade, ou seja, a mesma identificação cultural. Esses conceitos podem ser comparados com os termos cubania e cubanidade, que se referem à identidade e à cultura cubanas em geral. Enquanto a cubania enfatiza a identidade nacional e cultural cubana, a cubanidade é um termo que designa culturas que compõem a sociedade cubana.

Ao olhar para a perspectiva da influência negra em Cuba, é possível falar em afro-cubania e afro-cubanidade como as expressões racializadas do processo de formação cultural cubana. Aqui, Ortiz contribui novamente para se pensar essa relação, ao apresentar Cuba como um "ajiaco" (comida típica cubana, que se assemelha a um ensopado), que reflete a composição da identidade cultural cubana. Em sua obra "Os fatores humanos da cubanidade" (1939), Ortiz apresenta uma metáfora da identidade nacional cubana através da

comida, em que, ao responder a pergunta sobre "O que é a cubanidade?" responde que "Cuba é um *ajiacó*", o guisado mais típico e mais complexo da ilha (Ortiz, 1998: 192).

Neste trecho, Ortiz explica que

A imagem do *ajiacó criollo* simboliza bem a formação do povo cubano. [...] Primeiramente uma caçarola aberta. Isso é Cuba, a ilha, a panela ao fogo dos trópicos [...]. E aí vão as substâncias dos mais diversos gêneros e procedências. O índio nos deu o milho, a batata, o cará, a batata doce, a mandioca, o *ajiaco* que o tempera e o branco *xao-xao del casabe* com que os bons *criollos* de Camagüey e Oriente enfeitam o *ajiacó* ao servir (Ortiz, 1998: 193).

Os insumos utilizados para se produzir o ajiaco simbolizam, portanto, as identidades indígenas, africanas, espanholas e asiáticas utilizadas, que eram cozinhadas juntas nesta "panela" representada pelo continente americano. Para Ortiz, "O característico de Cuba é que, sendo *ajiacó*, seu povo não é um guisado pronto, mas sim um constante cozimento". Neste sentido, o que tornava Cuba única e interessante para Ortiz não era o produto final deste Ajiaco, mas sim o processo de constante cozimento. O que tornava esse caldo saboroso era seu cozinhar permanente, que mantinha a cultura cubana em constante transformação. A identidade cubana, então, não estaria acabada, mas sim em processo constante de formação.

As culturas que foram base para a cultura cubana passam, segundo Ortiz, pelo processo de *transculturación*, em que cada cultura empresta elementos de si para que uma nova cultura possa surgir, em uma dinâmica que essas culturas base, apesar de ainda terem fragmentos que podem ser identificadas na dentro do *ajiacó cubano*, se tornaram uma nova cultura, que está em constante transformação. Por isso, pensar em cultura em termos de raças seria um duplo equívoco, uma vez que o conceito de diferentes raças humanas não existe e que a cultura é formada pela interação, e não por alguma determinação genética. Podemos, então concluir que da mesma forma que não existem raças inferiores ou superiores, o mesmo ocorre com a cultura. Assim também conclui Ortiz

Enfim, como bem sustenta a escola de Malinowski, em todo abraço de culturas sucede o mesmo que na cópula genética dos indivíduos: a criança sempre tem algo de ambos os progenitores, mas também sempre é diferente de cada um dos dois. Na sua totalidade, o processo é uma transculturación, e este vocábulo compreende todas as fases de sua parábola (Ortiz, 2002, p. 260).

Partindo da ideia sobre o processo da transculturación é possível compreender que, assim como não existe uma pureza racial, também não existe uma pureza cultural. Cultura, desta forma, será sempre um espaço em transformação e, por isso, um espaço de disputa. Disputa essa que confere às ideias de raça e de etnicidade perspectivas bastante diferentes

quando pensamos a cultura ligada a um espaço físico, seja ele uma país, uma região, ou um bairro na periferia de Havana.

Capítulo 3 - *Los malos de la Habana*: fronteiras entre racialidade e espaço da experiência

Uma moradora da rua em que eu estava hospedado em Pogolotti pediu para conversar comigo. Ela estava todos os dias no portão e quando eu saía de casa, sempre a avistava lá. Uma mulher negra, de pele clara e cabelos pintados de loiro, com cerca de 45 anos, magra e alta. Moradora do bairro desde pequena, pois sua família vivia em Pogolotti desde antes de sua fundação. Ela me parou para saber por que eu saía tão cedo todos os dias, eu respondi que era para chegar a tempo nas *tendas* para comprar óleo de cozinha, pão, carne, ovos, etc. Esses itens, entre outros de utilidade diária, eram escalonados, e muitas vezes não era possível saber quando eles chegariam, por isso a necessidade diária de ir ao mercado. Ela riu, dizendo que ‘um estrangeiro não pegava filas em Cuba’. Em meio a perguntas sobre o bairro, ela apontou para uma rua perto da sua casa, que saía ao sul do bairro:

“Você já foi para lá? Eu lembro que não tinha nada lá antes, dessa rua para baixo. Aí essas pessoas foram chegando e colocando suas casinhas aí, ilegais, vindos de Oriente. Quando eu era jovem, eu e minha família sempre sabíamos quem morava nessa região, pois seus chinelos estavam sempre sujos de pó. É daí que vem o nome da *Isla del Polvo*.”

Logo, essa foi a explicação dada por uma moradora do bairro sobre a origem do nome da *Isla del Polvo*⁵⁷, que é um lugar especial para se entender como medo e orgulho se misturam nas relações entre raça e identidade nacional. A ideia de “fractal” tal como discutida por Susan Gal (1996) permite entender como, dentro de determinadas estruturas, uma certa hierarquização pode se repetir infinitamente. Partindo de um ponto de referência, sempre pode haver um lugar que seja referência para outro, positiva ou negativamente.

Ao olhar como as noções de pertencimento a um lugar, vistas como positivas, sempre geram um sentimento diametralmente oposto, que enfatiza a separação entre “os de dentro” e “os de fora” (Magnani, 2002), podemos notar como, para que a parte positiva de um lugar possa ser reivindicada, se faz necessária a existência de um lugar para que seja transferida sua referência negativa. Essa hierarquização produz espaços de atração e de repulsa, associados a sentimentos positivos e negativos. Em Havana, vista como positiva, esse “fractal” negativo acaba por se tornar Pogolotti.

⁵⁷ Em português, “Ilha do Pó”, em livre tradução, é o nome dado a uma região ao sul de Pogolotti. Mesmo pertencendo ao bairro, possui um nome diferente por ser uma parte mais nova e possuir uma infraestrutura mais precária.

A *Isla del Polvo* é um conjunto de casas que estão ao sul do bairro de Pogolotti, no limite de sua jurisdição, próximo à rua 92. O local não possui asfaltamento — a julgar pelas condições do solo, nunca houve — ou saneamento básico eficiente. Quando respondia positivamente ao ser perguntado se já havia estado por lá, era comum ter como reação por parte dos meus interlocutores que eu me arriscava muito e que deveria ter medo do perigo. Um deles, um homem negro de pouco mais de 60 anos, chegou inclusive a me dizer: “você está tão metido em Pogolotti que devem achar que você mora lá”. Ao perguntar o porquê de ele achar isso, respondeu: “lá todos são ‘mulatos’ assim como você”⁵⁸. O fato de eu ser negro foi o que tornou fácil para ele associar-me a um “*pogolotino*”, gentílico utilizado por uma moradora para designar os habitantes de Pogolotti. Essa foi a primeira vez que algum interlocutor fez uma associação direta entre o bairro e o fato de eu ser um homem negro. Chama ainda mais a atenção o fato de a associação ser feita ao se falar da parte mais empobrecida e “marginalizada” do bairro: a *Isla del Polvo*.

Tal relação entre raça e desigualdade em Cuba foi longamente tratada por Alejandro de la Fuente (2001), Pablo Rodríguez (2006), Marc D. Perry (2016), entre outros autores, porém, Esteban Morales, em uma entrevista concedida em 2010, aponta para um elemento importante: os diferentes pontos de partida entre negros e brancos. Para Morales (2010):

Como diz o refrão popular: “Ser branco já é uma profissão.” [7] O preto e o mestiço, mas principalmente o preto, por sua vez, identificou-se com a pobreza, o desamparo, junto com a ausência de todo privilégio, das culturas subjugadas, discriminadas e da ausência de poder. (MORALES, 2010, tradução minha⁵⁹).

Essa diferença de *status* entre negros e brancos se manteve mesmo após a Revolução de 1959, em que Morales destaca uma permanência de estereótipos raciais negativos, reforçados por desigualdades econômicas e sociais. Podemos concluir que isso tem relação direta com a realidade vivida por negras e negros que habitam a *Isla del Polvo*, ao pensar que uma das principais características da sensação de perigo apontada pelos visitantes é que o lugar é precário, com uma péssima infraestrutura e com uma maior concentração de pessoas pobres. Porém, essa condição não é de responsabilidade deles, mas sim um reflexo da falta de interesse do poder público por essas regiões. É a negligência que gera essa visão de que a

⁵⁸ Foi percebido em visitas a Cuba que a utilização do termo “mulato” é uma tentativa de não utilizar as palavras *negro* ou *prieto*, uma vez que estas seriam carregadas de estereótipos negativos e, por isso, deveriam ser evitadas (Capítulo 1).

⁵⁹ No original: “Como dice el refranero popular: ‘Ser blanco ya es una carrera.’ El negro y el mestizo, sobre todo el primero, por su parte, se identificó con la pobreza, el desamparo, junto a la ausencia de todo privilegio, las culturas sojuzgadas, discriminadas y la ausencia de poder.” (Morales, 2010).

pobreza irá atrair, necessariamente, a violência.

Foi com surpresa que, em minhas primeiras visitas a Pogolotti, escutei relatos de moradores do local sobre um lugar ainda mais perigoso, escondido dentro do bairro, um lugar em que apenas se poderia entrar com autorização e onde viveriam os verdadeiros “criminosos” que davam a má fama ao bairro: trata-se da *Isla del Polvo*, esse “lugar dentro do lugar”. Tal região dentro do bairro de Pogolotti é um espaço bastante diferente da parte histórica: suas construções são mais modernas, com espaços que intercalam prédios de cerca de 4 andares e casas mais novas — sem o conhecido padrão característico — e também algumas casas mais precárias, feitas de madeira ou outros materiais mais simples. Elas não seguem as construções tradicionais do bairro, ou por serem verticalizadas ou por serem muito rústicas.

É de imediata compreensão que, quando alguns dos interlocutores falavam sobre as condições precárias de Pogolotti, falavam com essa região na cabeça: a *Isla del Polvo* é um lugar mais pobre do que a média do bairro, com construções muito mais simples e condições mais precárias de vida, com problemas sérios de infraestrutura e saneamento básico. As casas dessa parte do bairro, diferente das construções planejadas inauguradas no começo do século XX, não seguem nenhum padrão e, assim como seus moradores, são bastante recentes. Esse é um outro ponto importante: a maioria dos moradores dessa região são oriundos da parte leste de Cuba. São os “orientales”. Esse termo, inclusive, ao mesmo tempo em que é utilizado para designar oriundos da região leste da ilha, não possui o mesmo tom pejorativo de “palestinos”. E essa questão é fundamental para se entender como eles ocupam o imaginário não apenas dos outros moradores de Pogolotti, mas também dos demais moradores de Havana.

As relações dos moradores mais antigos, dos mais novos e dos visitantes com o bairro propiciam diferentes maneiras de o vivenciar, passando por afetos, medos e mobilizando diferentes atores envolvidos com o lugar. Neste capítulo abordarei três dimensões sobre tal experiência: a transmitida pelos moradores, que é expressada de forma positiva; a dos moradores de outras partes da cidade, que é compreendida como negativa; e, por fim, as minhas impressões sobre o bairro. Essas três dimensões podem ajudar a entender como as percepções positivas e negativas são construídas e como elas se fazem presentes na vida dos moradores de Havana, influenciando suas formas de experienciar a cidade.

3.1 ¡Pogolotti La Unión!

“União”, como visto esta palavra define para muitas pessoas o principal sentimento sobre Pogolotti. Entre seus moradores, esse substantivo é o mais utilizado para referir-se ao bairro e é o motivo de seguirem vivendo lá, apesar das atuais adversidades. Mas não são apenas os moradores que percebem essa união. Muitas pessoas de localidades próximas admiram essa qualidade, mesmo acreditando que esse sentimento pode representar uma ameaça para aqueles que não vivem lá.

A sensação de união experimentada pelos moradores de Pogolotti produz uma zona de conforto que está relacionada a sentir-se acolhido, seguro e ligado a um lugar. A tal relação entre o morador e o lugar, Tuan (2012) atribui o nome de “topofilia” e explica que “são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (TUAN, 2012, p.107). Partindo desta definição, a experiência se torna um catalisador desses sentimentos, que serão percebidos a partir de como cada indivíduo estabelece suas conexões com determinado lugar. A percepção sobre um lugar, como colocado pelo autor, possibilita pensar de que maneira essas conexões são formadas e o que as caracteriza (TUAN, 2012). Quando processos afetivos se relacionam, sejam eles positivos ou negativos, dialoga-se com uma determinada forma de viver o lugar e de como a vivência é reproduzida e transmitida como experiência. Porém, é preciso olhar para o processo não apenas enquanto vivência, mas, principalmente, olhar para a necessidade básica envolvida na produção dessa vivência: a de sobreviver.

Dessa forma, a união em Pogolotti significa um movimento de sobrevivência que foi realizado em algum momento no decorrer da história do bairro e que segue sendo reproduzido, como uma cultura local, na atualidade. Essas experiências, analisadas desde a perspectiva dos sentidos, permitem entender que a forma como a percepção dos moradores é utilizada está relacionada com como seus sentidos foram educados, pela cultura, a se manifestar. O que tais sentidos identificaram como algo agradável está ao mesmo tempo relacionado às experiências positivas desenvolvidas em determinado lugar e também aos elementos culturais identificados como positivos. Todas as nossas experiências positivas são captadas pelos sentidos de maneira a ressaltar elementos que são culturalmente atrativos. Essa positivação das experiências produz um lastro de aproximação, de identificação de uma forma de vivência, que pode ser chamada de “topofilia”. (TUAN, 2012).

Em conversa com um interlocutor sobre minha passagem pela região, este discretamente me chamou de lado e falou: “olha, é importante te dizer que as pessoas do bairro não gostam que tirem fotos daqui”. Achei curioso, uma vez que havia optado, naquele primeiro momento, por não tirar fotos das pessoas, apenas de ruas, casas e espaços públicos. O aviso me trouxe a sensação de estar sendo vigiado, já que suponho que ele não havia me visto tirar uma foto. Passei a ser mais cuidadoso com isso e quando via alguma cena que poderia ser importante para minha investigação, perguntava aos moradores se poderia tirar a foto.

O que perdi em espontaneidade, ganhei em confiança dos moradores. Semanas depois — nas quais estive em incursões diárias pelo bairro — pedi licença para alguns jovens para fotografar uma das paredes da quadra que tinha uma homenagem a Pogolotti, o que eu temia poder atrapalhar o jogo de squash que estava em curso. Para minha surpresa, vários dos praticantes se ofereceram para aparecer na foto comigo ou junto com o muro. A naturalidade em querer participar da minha foto era uma clara mensagem de que a “desconfiança” inicial que tinham comigo havia passado, agora eu também era “do pedaço”.

Se ser de Pogolotti representa estar protegido por essas fronteiras afetivas que envolvem os moradores, ser alguém de fora nos limites do bairro pode causar um sentimento oposto. Esse sentimento de união ressaltado pelos moradores é também mobilizado como argumento negativo contra o lugar. Como o bairro “cair sobre você” para defender seus moradores, criando uma cisão imaginária entre os “de dentro” e os “de fora”. Ser “do pedaço”, como coloca José Guilherme Magnani (1998), pode ser utilizado para analisar tal relação. Ao ser aceita pelos moradores, a pessoa faz parte do pedaço e goza da mesma proteção e sentimentos de vínculo que são reivindicados por eles. Enquanto isso, entendemos que os “de fora”, serão vigiados pelos moradores, vistos com desconfiança.

Apesar dessa experiência positiva, alguns relatos de pessoas que viveram momentos ruins no bairro apareceram eventualmente nas conversas com moradores da cidade, especialmente os de outras regiões de Havana. A maioria deles incluía alguma passagem pessoal de envolvimento com alguém do bairro. Uma delas foi a de uma moça, que conheci por intermédio de outra interlocutora. Ela era uma mulher negra de cerca de 40 anos, que disse que seria uma ótima pessoa a se perguntar sobre Pogolotti, pois havia vivido lá durante alguns anos. Quando lhe disse que estava pesquisando o bairro, ela imediatamente fez uma cara feia e contou que não confiava nas pessoas de lá. Ela, então, narrou uma história de amor e traição que se passou com um rapaz com quem foi casada. Ao final da história, ela concluiu

que “não confiava em pessoas de Pogolotti por isso” e que depois dessa traição não voltou mais ao lugar. Parecia que, para ela, a experiência vivida com um morador era responsabilidade de todo o bairro.

3.1.1 A música das ruas de Pogolotti

A musicalidade é um ponto importante para o bairro de Pogolotti, que possui um imenso orgulho de seus moradores que se tornaram referências nacionais do setor. Pogolotti é sempre lembrado como o primeiro bairro operário de Cuba — e provavelmente da América Latina —, ou seja, foi pensado para abrigar grupos de trabalhadores e suas famílias, de maneira a concentrá-los em uma determinada região da cidade. Apesar de tal lembrança constante ser uma das experiências mais comuns no bairro, essa é apenas uma das formas de se entrar em contato com o orgulho dos moradores do lugar.

Durante uma visita a uma das minhas interlocutoras, ela perguntou se eu já havia escutado a “música tema de Pogolotti”. Eu prontamente respondi que sim, imaginando que ela se referia à música *De la Timba a Pogolotti*, obra do famoso músico de Pogolotti, César “Pupy” Pedroso (1946-2022), tocada por seu grupo *Pupy y los que son son*. Ela falou que, apesar de gostar dessa música, havia outra que explicava melhor o que realmente era o bairro: a música cantada ao som de *Cubaton*, *Pogolotti la Unión*, cantada em conjunto por vários artistas do bairro.

Perguntei se ela teria essa música em algum lugar, ao que respondeu que tinha em um CD antigo — encontrado após alguns minutos revirando suas coisas — e colocou para que eu escutasse. A música era um resumo das principais características do bairro desde o ponto de vista de seus moradores, contado através da vida cotidiana. Ao chegar em casa e depois de procurar em diversos meios por tal música, encontrei-a em um vídeo no YouTube (Mucho Gusto Chicho TV, 2019), o que possibilita inclusive uma apreciação visual do bairro, uma vez que o clipe da música também é gravado em Pogolotti.

A música começa com “Lá em Marianao, tem um bairro bom em que fui criado”,

seguido por “Menor, respeite os mais velhos. Primeiro bairro operário”⁶⁰. Entre as várias referências à comemoração do aniversário do bairro, às mudanças negativas decorrentes da falta de cuidado e manutenção dos prédios, existe um destaque para a união entre seus moradores. A música evidencia alguns pontos principais sobre como o bairro é visto de uma forma por aqueles que nele vivem e de outra pelos de fora. Para os que vivem no bairro, sobressaem-se as experiências das festas de aniversário, os encontros em espaços como os Complexos Desportivos Jesús Menéndez e o Roberto Poland, em que as crianças se reúnem para jogar baseball, softbol, basquete, para praticar lutas como judô, taekwondo e boxe, ou ter aulas de música clássica e folclórica.

Aqui, novamente, o aniversário do bairro é fundamental para se vivenciar essa relação de topofilia, em que os moradores se organizam para reforçar seus aspectos positivos. Como explica Kristina Wirtz (2014) ao pensar a relação entre cultura afro-cubana e performance, é possível notar que não apenas a história do bairro é recontada através da festa, mas também é um dos espaços de produção sobre o que é ser de Pogolotti. Ao se criar um ambiente de experiência marcante, divertido, especial e coletivo, a história do bairro é reforçada como esse espaço para todos os moradores. Nesse sentido, é fundamental que tal experiência seja compartilhada — coletiva —, originando uma pausa na rotina cotidiana que permita que ela ocorra. Nos três ou quatro dias de festas, há a oportunidade de todos refletirem o quanto são especiais por viver em um lugar assim, que possui uma festa só para si.

Uma característica central na formação da identidade dos moradores de Pogolotti é sua intrínseca relação com a cultura afro-cubana. Wirtz (2014), ao analisar a cultura afro-cubana na cidade de Santiago de Cuba, percebe que existe uma propensão a representações negativas do que é a cultura afro-cubana, o que pode provocar distorções ao se pensar em como diminuir as desigualdades geradas por anos de escravização do povo negro. Porém, o que pude experimentar em Pogolotti foi o oposto: as representações estavam envoltas em uma aura de orgulho de seus aspectos de negritude. Por isso, uma resposta comum às perguntas sobre o que mais lhe chamava a atenção em Pogolotti, sonoramente proferida por seus moradores, era: “tudo isso que vem da negritude!”

Os principais combatentes da independência representados no bairro eram negros, assim como os principais retratos de ídolos locais. A história de Antonio Maceo está cravada em metal no coração do bairro e existem diversas menções a ele por lá — de nome de

⁶⁰ No original: “Allá en Marianao, hay un barrio bueno, donde me crié”. (Tradução nossa.) Pogolotti La Unión - Mucho Gusto Chico, 2019 - Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p4RKcl7MxTo>.

lanchonete a nome de loja Maçônica. As religiões mais encontradas em Pogolotti fazem referência à cultura afro-cubana, bem como as músicas tocadas nas festas. Tais representações tendem a valorizar os aspectos positivos da negritude, ou seja, dos elementos de origem negra encontrados na cultura. Dessa forma, é possível dizer que a reprodução desses aspectos não apenas concebem uma ideia de passado, mas também criam uma identificação positiva com a ideia de “negritude”.

Outro aspecto importante que a música evidencia é a espiritualidade. Muitos moradores de Havana destacam que Pogolotti possui muita relação com as mais diversas religiões, desde as de matriz africana — como a *santería*, o *palo* e o *abakuá* — até a maçonaria, o catolicismo, o presbiterianismo e o espiritismo. Porém, o destaque mesmo está nas três religiões afro-cubanas citadas. O culto aos Orixás é algo bastante difundido no bairro, o que faz com que este seja reconhecido como um dos principais redutos dessas religiões. Como diz outro trecho da música, “*Pogolotti tiene puesto asè*”, ou seja, tem seu “santo feito”, termo relacionado a iniciação nas religiões de matriz africana, como o candomblé. (GONÇALVES, 1995).

Em Pogolotti, mesmo quem não tem “o santo feito” respeita essas religiões, que mesclam sua influência com a história do próprio bairro. É comum, ao escutar sobre os feitos dos *mambises* ou dos lutadores da Revolução de 1959, encontrar referência a qual era o Orixá que regia aquela pessoa, relacionando sua coragem a ser filho de Xangô; sua inteligência a ser filho de Ogum; sua habilidade a ser filho de Oxóssi; sua determinação em proteger a ser filho Oxum; sua sabedoria a ser filho de Obatalá; e assim por diante. Existe até um rumor bastante recorrente sobre o líder revolucionário Fidel Castro ser filho de Xangô (conhecido por seu senso de justiça, sua virilidade e inteligência) e que ele secretamente o cultuava em sua casa. Este teria sido o motivo de, apesar de Fidel ter falecido num 25 de novembro, ter sido enterrado no dia 4 de dezembro, que é o dia de Xangô na religião da Santería.

Algo bastante marcante na música *Pogolotti la Unión* é a importância da solidariedade entre seus moradores. A todo momento aparecem citações que refletem a já vista fala da madrinha de uma das minhas interlocutoras: “se você se meter com alguém de Pogolotti, o bairro inteiro cai sobre você”. Na música, o bairro aparece quase como uma personagem com quem os moradores interagem, uma entidade que ganha corpo através de cada um de seus habitantes. No trecho a seguir podemos identificar a relevância dessa sensação de unidade:

Pogolotti, vamos se unido. Vamos tirando a marca negativa

Pogolotti vamos fazer algo lindo. Buscar o que nos faz falta.

*Pogolottii mãos para cima. Vamos mostrar o seu talento.
Pogoloti não caminha sozinho e se ele se irrita eu também me irrita
Tem que ser muito seletivo ao escolher suas amizades
Tem que analisar bem, quem te tira e quem te fornece
Tem que ser inteligente, porém com um pouco de maldade.
(Tradução nossa)⁶¹.*

Ao perguntar para uma moradora sobre este trecho, a explicação dela, em meio a gargalhadas, foi a seguinte: a “marca” que precisa ser eliminada é a ideia de que Pogolotti é um lugar ruim, feio, violento e, para isso, seus moradores farão de tudo para que nada lhe falte. O mais importante é que ninguém do bairro está sozinho, o problema de um se torna o problema do bairro inteiro. O que não impede que você também precise de uma certa “malícia” para viver em Pogolotti, a fim de não ser enganado por más amizades.

A formação histórica do bairro aparece em referência aos *mambises*, que foram combatentes das guerras de independência de Cuba, que lutavam com machados de mão (chamadas em Cuba de *machetes*) e que foram os moradores originais do bairro. Aqui, os *pogolotinos* não são guerreiros apenas pelo instinto de sobrevivência, mas principalmente por estarem diretamente ligados aos momentos históricos mais importantes de Cuba. Na música, trabalhar, estudar e lutar para defender seu bairro e sua pátria aparecem juntos, como elementos de um mesmo processo que envolve muita disciplina.

Em uma conversa com alguns dos moradores mais velhos do bairro, estes sempre disseram que uma dos maiores exemplos da união entre os moradores ocorria quando alguém morria, pois todos acendiam as luzes de suas varandas em respeito à família do falecido, e elas permaneciam acesas durante toda a noite. Quando perguntados sobre o porquê do gesto, uma das respostas foi que era para ajudar a guiar a alma do falecido, e para demonstrar à família que aquela morte era sentida por todos os habitantes.

Junto a tudo isso, a música expressa um agradecimento com relação à importância dessas vivências para a formação do caráter de cada morador. Eles não negam que existiram momentos difíceis para o bairro e para si mesmos, porém dizem ser capazes de superar tudo com o apoio uns dos outros. Na canção, os cantores ressaltam serem muito afortunados por terem nascido em Pogolotti, pois isso fez deles pessoas muito melhores hoje, possibilitou que escapassem do mau ambiente que a pobreza lhes impunha, apesar de reivindicarem seguir

⁶¹ No original: “*Pogolotti ya le vamos uniendo. Vamos quitando la marca. Pogolotti vamos a hacer un lindo. Coger lo que le hace falta. Pogolottii con la mano arriba. Vamos a demostrar que hay talento. Pogoloti no camina solo y si tu calienta yo también caliente. Tiene que ser selectivo y escoger tu amistad. Tiene que mirar muy bien quien te quita y quien te da. Tiene, tiene quien se pío con un poco de maldad.*” (Transcrição nossa).

como “pessoas da rua”. O principal recado, então, segue vivo: não se comporte mal em Pogolotti, isso pode lhe causar problemas.

Acredito que essa canção exemplifica um pouco desse sentimento de pertencimento ao bairro. Nela estão presentes os principais elementos das virtudes que fazem de Pogolotti um lugar especial para a maioria de seus moradores, que não apenas querem continuar cultivando esse espírito de unidade, como também querem garantir melhores condições para todos que lá moram. Logo, deve-se ser leal aos amigos, ser devoto à sua religião (mantendo respeito às outras religiões), ser respeitoso com os mais velhos e orientar os mais jovens corretamente, e preocupar-se com o bem-estar de seus vizinhos.

Nesta música ficam explícitos os valores que relacionam a topofilia ao bairro de Pogolotti. É possível identificar como os moradores do bairro se sentem seguros dentro de suas fronteiras. Uma moradora chegou a verbalizar tal ideia quando contava que, em sua juventude, sentia-se desconfortável em andar à noite em outras regiões da cidade, porém, quando atravessava a rua e entrava em Pogolotti, toda as suas preocupações deixavam de existir. Sabia que nada de ruim poderia acontecer com ela a partir daquele momento. Ela estava a salvo.

Essa sensação de que o bairro funciona não apenas como uma localidade, mas como um escudo, uma proteção ou como um protetor — ou seja, um ente que tem vontade própria — também pode ser notada no discurso dos moradores de outros bairros, porém entendida ao revés: se para aqueles que lá moravam, Pogolotti protegia, para os que eram de fora, era uma barreira a repelir para longe.

3.2 Los palestinos de La Habana

As experiências desfavoráveis que as pessoas vivenciam, segundo Tuan (2012), tendem a repelir os visitantes de determinado lugar. Essas relações topofóbicas, carregadas de rejeição e repulsa, estão vinculadas a percepções negativas atreladas ao espaço. Em contraposição, muito do que foi ouvido sobre as sensações de medo ou repulsa relacionadas a vivências em Pogolotti não estava cruzado por experiências pessoais, ou seja, pessoas falavam sobre coisas negativas do bairro muitas vezes sem o ter visitado.

Durante minha primeira viagem a Cuba, realizei entrevistas com alguns moradores da

cidade para saber, entre outras coisas, lugares bons e ruins para se viver em Havana, e houve pessoas que apontaram Pogolotti como uns dos piores lugares para se viver na cidade, mesmo que nunca tivessem frequentado o bairro. Entre as razões para isso, diziam que era devido ao lugar não permitir a entrada de pessoas que não viviam lá. Vale observar que os poucos que o haviam visitado, em sua maioria, não tinham presenciado nenhum tipo de violência, corrido algum risco e, principalmente, não haviam sido impedidos de transitar pelo bairro.

Um dos primeiros artigos lidos por mim sobre o bairro fazia referência a ele como “sem esperança”. O texto, publicado no jornal digital “14 y Medio” traz um relato sobre como o bairro, que poderia ter se tornado uma referência em Cuba, foi abandonado pelo poder público ao longo dos anos. Nele é possível notar uma tentativa de equilíbrio entre o passado mais glorioso e a situação atual, que é de negligência. Mas, apesar de muitos moradores — do bairro e de outras regiões — apontarem a falta de investimento em infraestrutura como um grande problema, para a maioria das pessoas ouvidas o problema mais pungente não estava na estrutura, e sim nas pessoas que habitam o lugar. O grande “problema” do bairro seria, na verdade, o comportamento de seus moradores e, em especial, como estes se relacionam com os habitantes de outras regiões da cidade.

Dentre os relatos das pessoas entrevistadas e que haviam tido qualquer tipo de problema no bairro, em nenhum deles foi possível identificar repulsa por parte dos moradores de Pogolotti, motivada pelo fato de a pessoa não ser “nativa” do local. A partir desse dado, podemos perceber que existe uma transferência das experiências negativas vivenciadas com determinados indivíduos para todo o conjunto de habitantes de Pogolotti. Isso não ocorre apenas por parte das pessoas de fora para com as do bairro, mas também entre os moradores de Havana para com os de outras regiões do país, em especial com os moradores da parte leste da ilha, chamado de “Oriente”.

Convencionou-se chamar os habitantes da região leste de Cuba de “orientais” ou, pejorativamente, de “*palestinos*”, o que faz com que eles sejam vistos como forasteiros dentro do próprio país. Tal termo, que aparece com destaque na obra dos antropólogos Pablo Rodríguez Ruiz e Claudio Estévez Mezquía (2006), é bastante utilizado para descrever as pessoas negras que vivem nas regiões mais pobres da cidade⁶². Porém, em se tratando de Pogolotti, existe um lugar ao qual os *palestinos* são diretamente relacionados: a *Isla del Polvo*.

⁶² Há um artigo trabalhando especificamente sobre as diversas utilizações deste termo, para um debate aprofundado, ler AGUIAR, 2022.

O termo “*palestino*” foi tema de um longo debate durante uma de minhas visitas a uma família tradicional de Pogolotti, descendentes dos fundadores do bairro. Foi uma conversa muito agitada, em que todos queriam falar ao mesmo tempo. A mais jovem da família estava sendo entrevistada, uma vez que os membros mais velhos já o haviam sido, e, durante uma das perguntas, todos quiseram responder ao mesmo tempo: qual era, na opinião dela, o pior lugar do bairro. Quase como em uníssono, todos responderam que era a *Isla del Polvo*. Ao perguntar o porquê de o lugar ser visto como o pior, as respostas foram diversas, entre elas: lá as pessoas viviam “de qualquer forma”, não se importando com conforto ou limpeza; lá viviam os “maiores marginais” de Pogolotti; e — o fator mais determinante para eles — lá viviam os *palestinos*.

Essa questão despertou interesse, pois eles falavam como se, ao atravessar uma rua, as pessoas se transformassem. Essa mesma família já havia informado que lá viviam pessoas honradas, trabalhadoras, criativas, que passavam o dia todo pensando em como trazer comida para sua família e que estavam dispostas a encarar qualquer tipo de trabalho.

Um ponto muito salientado pelas pessoas como uma característica do bairro era a sua religiosidade diversa. Porém, nem sempre essa religiosidade era acompanhada de uma visão positiva. A criminalista Odállys Perez e o antropólogo Ramón Torres, no livro *La sociedad Abakuá y el estigma de la criminalidad* (2011), explicam que existe um estigma de marginalidade e violência associado à prática de algumas religiões afro-cubanas, em especial a *Abakuá*. Essa religião é bastante presente no bairro de Pogolotti, que possui um importante “*plante Abakuá*” — espaço cerimonial em que ocorrem suas liturgias e rituais. O fato de a religião só poder ser integrada por homens foi um forte argumento utilizado pelas pessoas, ao falarem da relação de Pogolotti com a religião, para justificar o porquê de ela ser tão perigosa: esse homens, sobretudo negros, estavam sempre dispostos a defender a sua honra, principalmente através da violência.

Essa visão sobre a religião *Abakuá* não é algo recente, pois aparece em textos do começo do século XX, relacionando não apenas a religião com a negritude, mas também com a criminalidade, como demonstram Pérez e Torres (2011) ao comentar um artigo de um famoso criminalista cubano, que afirmava que

Os negros eram criminosos natos, a ponto de afirmar que as festas carnavalescas em Cuba constituíam a mais clara amostra da inferioridade psíquica da raça negra, dentro da qual considerava os de ainda mais baixo nível aqueles de filiação religiosa *ñañiga*. Em sua análise criminológica, sobre o *ñañiguismo* e a bruxaria em Cuba, ele diferencia desde o ponto de vista criminológico o bruxo (que ele considerava que atuava, em última instância,

motivado por sua fé) **do ñañigo, que ele afirmava pertencer a uma sociedade criminosa organizada pelas pessoas mais violentas e sanguinárias, ao ponto de compará-los com a máfia italiana.** (PÉREZ MARTÍNEZ; TORRES ZAYAS, 2011, p.15, tradução e grifos nossos)⁶³.

Importante destacar que “*ñañiga*” é a forma pejorativa pela qual os praticantes da religião Abakuá são chamados. Durante minha estada em Cuba tive a oportunidade de conversar com Ramón Torres Zayas e Odálys Pérez Martínez sobre o papel da presença dos abakuás em Pogolotti e a relação dessa presença com a visão negativa que era atribuída aos moradores do bairro. Ambos apontaram que, apesar de a relação entre pessoas negras e marginalidade não ser algo exclusivo de Cuba, existia um aspecto importante em Pogolotti que era a relação entre tais aspectos negativos com a cultura, como se os elementos negros da cultura fossem responsáveis pelas características negativas atreladas a determinados espaços.

Era muito comum escutar nas ruas de Havana o termo “ambiente” para se referir a como as pessoas ou lugares complicados, de “mau ambiente” para se conviver. Um lugar era “*candela*” se possuía um ambiente conflituoso, instável, em que as pessoas reagiam com violência a um determinado comportamento. Ou, o ambiente poderia ser uma confusão formada a partir de algum conflito, seja uma briga de bar, um desentendimento entre um casal ou algum problema com a polícia. Uma pessoa também poderia ser classificada como “ambiental”, por ser alguém que causa problemas e muda o ambiente, que ora era de paz, para um de conflito. O ambiente seria, dentro dessa lógica, como as pessoas manifestavam e interagiam com a cultura em que estavam inseridos. E para algumas pessoas com quem conversei, nenhum lugar seria uma vizinhança tão ruim e problemática quanto a *Isla del Polvo*.

É possível notar que ela é mais nova, formada em 1945, segundo relatos dos moradores na década de 1950 e o trabalho do arquiteto Vladimir Calderón Frías (1997), destoando da sua parte histórica. Sua formação foi marcada arquitetonicamente pelas casas de madeira sem padrão definido, com telhado de lonas ou placas de metal e pelas ruas sem asfaltamento. Ao caminhar por essa localidade foi possível notar que o que realmente o diferencia do restante de Pogolotti é a ausência de planejamento urbano, uma vez que, enquanto a maior parte havia sido construída como um bairro planejado, em que as pessoas

⁶³ No original: “*Los negros eran criminales natos, al punto de afirmar que las fiestas carnavalescas en Cuba constituían la más clara revelación de la inferioridad psíquica de la raza negra, dentro de los cuales consideraba en la más baja escala los de filiación religiosa ñañiga. En su análisis criminológico sobre el ñañiguismo y la brujería en Cuba, diferencia desde el punto de vista criminológico al brujo (el que considera que actúa, en última instancia, inclinado por su fe) del ñañigo, del que estima pertenece a una sociedad criminal organizada por las personas más violentas y sanguinarias, al punto de llegar a compararlos con la mafia italiana.*” (PÉREZ MARTÍNEZ; TORRES ZAYAS, 2011, p.15).

passaram a morar apenas depois do saneamento básico, da iluminação pública e do asfaltamento terem sido concluído, na Isla del Polvo era flagrante a inexistência de planejamento, aliada à precária condição das moradias.

Aqui, o papel do empobrecimento do bairro e das más condições das moradias, em especial dessa região, contribuem para uma ideia de segregação. Em visitas, foi verificado que, apesar de fazer parte de Pogolotti, o nível de manutenção pública dedicado ao lugar era bastante distinto. A segregação, nesse caso, estaria ligada à ideia de diferentes atenções do poder público, porém não apenas em comparação com o restante do bairro, mas principalmente com relação às regiões mais centrais da cidade. Tal tipo de construção precária não era tão comum em Havana. Apesar de a cidade possuir ruas nos bairros centrais com casas em igual estado de conservação — ou de falta de conservação —, a culpa era colocada na falta de materiais e no fato de tais edificações serem mais velhas. Já na Isla del Polvo a precariedade vinha desde o processo de construção, e não em decorrência da ação do tempo.

É a partir desse olhar que o termo “*palestino*” ganha maior importância, pois ele não é exclusivo para os moradores de Pogolotti, mas faz referência a todas as pessoas que vivem em Havana, porém proveniente da parte oriental da ilha, em especial de Santiago de Cuba. Em um artigo (AGUIAR, 2022), é relatado o estranhamento ao escutar essa palavra pela primeira vez:

O termo me causou estranhamento, pois entendia palestino como alguém de origem palestina. Fiquei intrigado, pois acreditei que ela estivesse se referindo a uma comunidade palestina em Havana, o que capturou imediatamente a minha atenção. Quando perguntei sobre essa possibilidade, ela não conseguiu segurar a gargalhada. Disse, entre risos, que não tinha nenhuma relação com a Palestina, mas que ele era um *oriental*, um *palestino*, um *negrito* que emigrou da região leste da ilha para a capital. Ao perguntar o porquê da utilização do termo palestino, ela me disse que os moradores de Havana os chamavam assim pois “assim como os palestinos, eles invadiam terras que não eram as deles”. (AGUIAR, 2022, p.5).

O termo “palestino”, da forma como é utilizado, está bastante relacionado com uma ideia negativa de negritude, como se o fato de essas pessoas negras — especificamente — estarem em um lugar conferisse ao mesmo características ruins. Nesse sentido, “negro” e “palestino” estavam intimamente relacionados com uma mesma ideia negativa que carrega um caráter racista e xenofóbico. Ao se apontar esses elementos para as pessoas que utilizavam tais termos, elas retorquiam que, na verdade, o problema era que eles carregavam uma cultura diferente da cultura da cidade, e por esse motivo estavam “manchando” a cultura de Havana.

Algumas pessoas diziam que “eles” poderiam ser comparados a uma praga e que eram um estorvo, pois “eram problemáticos, estavam acostumados com a violência, com a sujeira e a bagunça, eram ‘temperamentais’ e propensos ao vício” (AGUIAR, 2022, p.7). É possível identificar nesses relatos que os moradores querem a conservação de uma ideia de cidade que é estanque, ignorando que a construção espacial envolve uma dinâmica mais abrangente, que transforma a paisagem urbana e as pessoas que nela residem.

Mas retornando para o livro de Pérez e Torres (2011) encontramos mais indícios sobre como esse processo histórico influencia a visão atual sobre os cubanos negros:

Da mesma forma com que os colonialistas fizeram coincidir os termos de escravo-negro e amo-branco, relacionando o primeiro binômio com a brutalidade e a animalidade, enquanto o segundo era utilizado como paradigma de cultura, inteligência e avanço, a religião dos amos era identificada com a civilização e a dos escravizados com o crime e o atraso, elemento determinante para que se fosse construindo em Cuba, desde aquele momento, uma subatividade social formada por determinados esquemas que escolheram a raça negra e consequentemente suas práticas religiosas, como paradigmas de violência e criminalidade. (PÉREZ MARTÍNEZ; TORRES ZAYAS, 2011, p.42, tradução nossa)⁶⁴.

É possível identificar que não apenas as práticas religiosas afro-cubanas sofrem com essa visão racista, como também qualquer manifestação cultural afro-cubana está relacionada a esses elementos negativos. Cria-se, assim, uma ideia da formação bipartida da cidade, em que existiria uma Havana negra e uma Havana branca, que não se entrepermeiam, divididas não só por sua composição demográfica, mas, sobretudo, por como interagem com os elementos culturais identificados como negros ou como brancos.

Para o antropólogo Michel Agier (2011), o fazer cidade está relacionado com movimento, estabelece que a cidade não é um espaço estático e perene, mas está em constante transformação, o que influi no desenvolvimento de mapas mentais que se relacionam de maneira particular com as experiências de cada habitante. A criação desses mapas mentais é o que estabelece divisões, baseadas não apenas em raça, mas sobretudo em cultura. E é essa visão de cultura estereotipada que contribuirá para a constituição dos sentimentos de topofilia e de topofobia acerca do bairro de Pogolotti, e mais direcionados à *Isla del Polvo*. O fazer cidade, segundo Agier (2011), é uma permanente transformação urbana. Ambos os conceitos — topofilia e topofobia —, são fundamentais para pensar a

⁶⁴ No original: “De la misma forma en que los colonialistas hicieron coincidir los términos de esclavo-negro, amo-blanco, relacionando el primer binomio con la brutalidad y la animalidad, mientras el segundo era paradigma de cultura, inteligencia y adelanto, identificó la religión de los amos con la civilización y la de los esclavos con el crimen y el atraso, elemento determinante para que se fuera construyendo en Cuba desde aquellos momentos una subjetividad social portadora de determinados esquemas que erigieron la raza negra y, consecuentemente, sus prácticas religiosas, en paradigmas de violencia y criminalidad.” (PÉREZ MARTÍNEZ; TORRES ZAYAS, 2011, p.42).

elaboração da cidade a partir das experiências dos habitantes de Havana, que influenciam na criação de bairros bons e ruins para se viver. Essas experiências podem transformar um espaço em um lugar, ou reforçar sua desvinculação com seus visitantes e criar um não lugar. (TUAN, 1983, p.143).

A formação de uma cidade a partir das experiências urbanas — desde os corpos que a habitam às sensações despertadas através de relações entre corpo e espaço urbano, que por sua vez produzirão uma determinada visão sobre o espaço — dialoga com o conceito de “regiões morais”, de Robert Ezra Park (1967). Para o autor, uma cidade é composta de regiões morais produzidas a partir da percepção moral atribuída a distintos locais urbanos. No caso *habanero*, a perspectiva dos moradores das demais regiões acerca de Pogolotti está ligada a uma visão estereotípica das pessoas negras. Para Park (1967), isso geraria uma área natural de segregação, em que haveria um certo controle social, conceito tal que, quando utilizado para se pensar a criação de áreas em Pogolotti, podemos ver uma relação com a ideia nata de marginalidade expressada pelos moradores.

A relação entre marginalidade — enquanto viver à margem, distante do centro, em uma região com pouco investimento público em infraestrutura — e pobreza, faz com que as pessoas que vivem nesses espaços também sejam taxadas como marginais — agora no sentido de “criminosos”. A ideia de que a existência dessas pessoas é “ilegal” é reforçada pela associação com os palestinos do Oriente Médio, em um panorama apoiado na visão israelense de que elas ocupam — ilegalmente — um lugar que não lhes pertence. Essa comparação, inclusive, levou ao questionamento dos interlocutores a respeito do apoio, ou não, a Israel na guerra contra a Palestina. A surpresa veio ao escutar, de todos eles, que apoiavam a Palestina e os palestinos no conflito em questão. Mas, dentro de Cuba, os “palestinos de Havana” eram um grande problema.

É importante destacar que houve um processo de migração interna em Cuba, resultado da crise econômica vivida pelo país nas décadas de 1980 e 1990. Esteban Morales (2006) afirma que o racismo em Cuba, antes encoberto pela burocracia política cubana, é desvelado a partir da crise econômica — que se torna uma crise social —, acentuando os problemas raciais em Cuba de uma maneira tão forte, que encontra no “palestino” ou “oriental” um culpado por esse processo. Conectam-se aqui, então, tanto a rejeição dos elementos culturais afro-cubanos quanto a ideia de disputa com aqueles que não são “nativos” de uma determinada região.

Nesse ponto, é possível notar uma característica diferente na comparação entre os dois “palestinos”: além de um estar próximo e o outro distante, o palestino de Havana é negro, enquanto o do Oriente Médio não é visto pelos cubanos como negro. Isso ajuda a pensar como a persistência do racismo em Cuba tem sido um elemento central no debate sobre as diferenças de tratamento nas diversas zonas da cidade. Apesar de muitos autores terem trabalhado essa temática, como explicado no capítulo Raça e Racismos em Cuba, destacamos a seguir uma ideia presente nos trabalhos Esteban Morales (2008) e de Pablo Rodríguez Ruiz e Claudio Estévez Mezquía (2006).

Os pesquisadores Pablo Rodríguez Ruiz e Claudio Estévez Mezquía ressaltam em seu texto *Raza y desigualdad en la Cuba actual* (2006) o papel da raça ao se pensar a questão da moradia em Havana. No artigo, os autores expõem como a raça se torna uma marca em determinados territórios:

O estudo no bairro de Carraguan (1995) evidenciou que mais de 50% dos residentes nos cortiços eram pretos e mestiços, e que essa proporção diminuía nas casas de condições médias e boas. [...] Se este elemento de diferenciação era produzido dentro de um bairro popular, predominantemente operário e com uma alta proporção de população preta, se já existia um pressuposto entorno da ocupação do espaço urbano, então era possível e lógico levantar a hipótese de que, como tendência ou em termos de proporcionalidade, a população negra se concentrava nas piores condições habitacionais. Desta forma, é possível visualizar uma persistência de um tipo de desigualdade fortemente marcada por uma herança estrutural ainda não superada. (RODRIGUEZ RUIZ; MESQUÍA, 2006, p.46, tradução nossa)⁶⁵.

Para os autores, existe uma relação direta entre pobreza e racialidade, determinada pela marginalidade histórica a qual a população negra cubana foi submetida durante os séculos de escravização. Enquanto, com o fim da escravização e a independência de Cuba, a parcela branca da população herdou casas, terras e riquezas, pode-se deduzir que a população negra herdou preconceitos, más condições de vida e pobreza. Daí se depreende, então, que é através desse processo que os negros cubanos foram empurrados para uma marginalidade territorial, para longe dos centros e, conseqüentemente, para longe de onde se concentrava a riqueza em Cuba.

Esse processo, porém, embora não concluído, começa a ser desfeito após a Revolução de 1959, conforme afirma o ensaísta Esteban Morales (2008). Este destaca que, apesar de

⁶⁵ No original: “El estudio en el barrio de Carraguan (1995) evidenció que más de 50% de los residentes en ciudadelas eran negros y mestizos, y que su proporción disminuía en las viviendas de condiciones medias y mejores. [...] Si este elemento de diferenciación se producía dentro de un barrio popular, predominantemente obrero y con una alta proporción de población negra, si ya existía un presupuesto en torno a la ocupación del espacio urbano, entonces era posible y lógico plantearse la hipótesis de que como tendencia o en términos de proporcionalidad la población negra se concentraba en las peores condiciones habitacionales. De este modo, se vislumbraba la persistencia de un tipo de desigualdad fuertemente marcada por una herencia estructural no superada.” (RODRIGUEZ RUIZ; MESQUÍA, 2006, p.46.).

Fidel ter encarado a questão do racismo em Cuba em seus primeiros anos de governo, após decretar a sua extinção em 1962, houve um grande silêncio governamental sobre o tema, que se tornou então um tabu:

Esse fenômeno de reprodução do racismo e da discriminação racial, deslocados dos marcos institucionais do Estado e do governo a partir do triunfo da Revolução de 1959, manteve-se instalado na família, na subjetividade individual e em algumas instituições, e ameaça instalar-se atualmente na macro ciência da sociedade cubana. E isso por meio dos mecanismos que inoculam o preconceito e os estereótipos raciais negativos, tanto dentro da população como dentro da dinâmica das relações entre a institucionalidade formal e as redes informais de poder. [...] O racismo foi gerado pela escravidão. Nas Américas, este ganhou cores, O negro, arrastado aos navios negreiros desde as costas ocidentais do continente, na maior parte das vezes pobre, foi convertido à condição de escravizado. (MORALES, 2008 p.96, tradução nossa)⁶⁶.

Para Morales (2008), o fenômeno do racismo não foi concluído uma vez que não foram desenvolvidas estratégias políticas de como se daria a erradicação do racismo. Partiu-se de um entendimento do racismo enquanto fenômeno isolado e meramente ideológico, mas não como um fenômeno estrutural, como destacam Rodríguez Ruíz e Estévez Mezquía (2006).

É nesse âmbito que o debate de racismo relacionado com o espaço vivenciado ganha conexão com os *palestinos* e a questão da topofobia em Cuba: se tudo que os negros cubanos herdaram historicamente e enquanto grupo foi a pobreza, a marginalidade e a violência, essas características, ao ser encontradas em espaços de maioria negra, tornaram-se, no imaginário cubano, uma característica da negritude. Dessa forma, afastar tais características de seu bairro seria, de alguma forma, também afastar as pessoas negras. Aqui age a topofobia como elemento do racismo estrutural em Havana, racismo tal que tende a rejeitar os corpos negros.

Uma vez que os *orientales*, em sua maioria negros, querem vir para Havana por ser o principal centro econômico do país, a justificativa manifestada para que os moradores de Havana os rejeitem é a de que são invasores, estrangeiros, ilegais. Porém, sua intenção velada é que a cidade não se torne mais enegrecida, já que, ao fazê-lo, poderá tornar-se mais pobre, violenta e marginal.

⁶⁶ No original: “Ese fenómeno de reproducción del racismo y la discriminación racial, desplazados de los marcos institucionales del Estado y el gobierno a partir del triunfo de la Revolución en 1959, se mantuvo instalado en la familia, la subjetividad individual y algunas instituciones, y amenaza hoy con reinstalarse en la macroconciencia de la sociedad cubana. Y eso, por medio de mecanismos que inoculan el prejuicio y los estereotipos raciales negativos, tanto dentro de la población, como en la dinámica de las relaciones entre la institucionalidad formal y las redes informales de poder. [...] El racismo fue engendrado por la esclavitud. En América, esta tomó color. Negro, traído en los barcos negreros desde las costas occidentales de África, las más de las veces pobre y convertido en esclavo.” (MORALES, 2008, p.96).

Não obstante, será que é possível viver em um cenário tão polarizado? Como as relações do cotidiano se estabelecem para além das categorias de topofilia e topofobia? Esse tipo de convívio é possível?

3.3 Da parte de quem? — Intimidade e relações de confiança

Quando visitei Cuba pela primeira vez, carregava uma visão bastante pragmática sobre o que seria essa experiência: considero-me parte de uma tradição marxista, e via Cuba como um Estado em decadência frente a “ideia da tarefa revolucionária”. Em um primeiro trabalho feito para uma disciplina sobre Cuba, ainda no Brasil, era evidente o quanto estava atravessado por essa visão, baseada apenas em livros e relatos de intelectuais, bem como de amigos que também nunca haviam pisado em Cuba: daí vinham as minhas opiniões. Existia uma inteira falta de experiência, porém uma opinião muito segura sobre como era Cuba: sobrava-me a rejeição, a topofobia. Cuba é um país que mobiliza as mais diversas paixões e aversões, por ser um lugar envolto em diferentes disputas de narrativas, ou seja, de poder. Podemos identificar o mesmo padrão que mobiliza sentimentos diversos sobre Cuba a ocorrer, em menor escala, em relação ao bairro de Pogolotti.

Não acredito que a experiência possa ser entendida como um transformador de opiniões, tampouco que seja possível experimentar a topofilia apenas após uma experiência. Topofilia e topofobia são muito mais sobre o sentir do que sobre o viver. Para Tuan (1983), a familiaridade pode gerar, ao mesmo tempo, afeição ou desprezo, uma vez que os elementos que produzem a sensação de afeição em uma pessoa podem gerar desprezo em outra, como uma mãe que olha para a roupa furada de um filho e quer jogá-la fora, ignorando que cada rasgo está impregnado de experiências nostálgicas dele. Estamos falando do resultado direto de uma experiência individual.

O mesmo fenômeno ocorre quando se pensa na experiência proporcionada por um lugar. O espaço vazio é preenchido por vivências e memórias que dão sentido a ele, gerando sensações positivas ou negativas, mesmo que não sejam vivenciadas exatamente naquele lugar, mas que estejam associadas a ele por alguma similaridade experimentada ou projetada. Dessa forma, a familiaridade pode não estar diretamente ligada ao lugar com a qual ela está relacionada, mas sim a projeções — positivas ou negativas — de uma sensação anterior.

Quanto ao elemento mais capaz de gerar familiaridade, Tuan (1983) dá como exemplo

a energia emocional investida na construção da ideia de um lar. A quantidade de tempo e energia investida no lar faz com que ele esteja associado à proteção, funcionando como uma defesa contra o mundo externo ou o desconhecido. Essa mesma associação ocorre, segundo a perspectiva do autor, com um bairro, que também pode funcionar como um lar, oferecendo o mesmo tipo de proteção. (TUAN, 1983).

Qual não foi a minha surpresa quando, ao visitar Cuba pela primeira vez, percebi que boa parte das ideias negativas que eu tinha sobre o país se dissiparam e me foi permitido, então, olhar com maior sobriedade para o que era Cuba, em especial a cidade de Havana. Longe da embriaguez das certezas teóricas, pude me sentar ao Malecón⁶⁷ e experimentar uma parte de Cuba que não se encontrava nos livros: a experiência desde a minha perspectiva.

3.3.1 Um lar em Cuba?

É comum encontrar histórias de estrangeiros que tiveram problemas com moradia durante suas visitas a Cuba, dificuldades essas que eu mesmo vivenciei, uma vez que existe muita desconfiança entre os cubanos com alguns estrangeiros. Apesar do turismo ser uma de suas principais fontes de renda, o mercado hoteleiro pode ser dividido em dois: um formal, em que as pessoas podem se hospedar em hotéis, albergues e casas regularizadas pelo governo como hospedagem para turistas (e que o governo recolhe seu devido imposto), e uma informal, em que os turistas se alojam na casa de moradores que oferecem esse serviço ou na casa de amigos ou conhecidos, que são mais baratas por não pagarem impostos.

Eu tive a oportunidade de me alojar em ambos, e percebi que esse é um tema bastante caro para os cubanos, uma vez que em ambos os cenários, é extremamente importante a questão de confiança: os cubanos com quem eu convivi não costumam hospedar as pessoas em suas casas sem um mínimo de referência. Além disso, são comuns as histórias de pessoas que foram desalojadas de suas estadas por alguma implicância dos anfitriões, ou serem enganados por elas, pagando mais caro ou não recebendo aquilo que foi acordado inicialmente.

A narrativa de pesquisadores que passaram por questões similares enriquece o papel

⁶⁷ “O Malecón” é a principal avenida à beira-mar da cidade de Havana e ponto de encontro de turistas e moradores da cidade. Essa avenida liga a área portuária da cidade a Avenida 23, no trecho conhecido com “*La Rampa*”.

de tais acontecimentos com a oportunidade de conexão com o lugar em que se desenvolve uma pesquisa etnográfica. Para o antropólogo João Felipe Gonçalves (2018), isso foi parte fundamental de seu rito de passagem em campo, o que o aproximou de seus interlocutores a partir do momento em que compartilharam experiências correlatas. Como Gonçalves salienta ao evocar o refrão da vida cotidiana cubana “*no es fácil*” — muito usado pelos moradores de Havana—, as adversidades encontradas em Cuba não são poucas, tanto pelos moradores quanto pelos pesquisadores — logo, o que também foi o meu caso e o dele. Gonçalves (2018) relata que o pior dos problemas “não foi o precioso tempo de pesquisa que eu perdera à toa, nem o tempo que eu perderia buscando uma nova casa, mas a profunda tristeza que me abateu por ter sido objeto de um engodo e de uma traição” (GONÇALVES, 2018, p.353).

Essa sensação de ser enganado em suas experiências de campo é algo que Gonçalves e eu compartilhamos. Aqui, explico-me: aluguei, através de uma amiga que conheci em minha primeira viagem à Cuba, uma casa no bairro *Los Quemados*, a cerca de duas quadras de Pogolotti. Qual não foi a minha surpresa quando meus interlocutores me perguntavam quanto estava pagando de aluguel (cerca de 300 dólares mensais). O espanto e a resposta eram sempre os mesmos: “*¿te están estafando?*” (“Estão te enganando!”).

Diferente de Gonçalves, eu estava hospedado em uma casa bastante afastada das áreas mais centrais da cidade. As acomodações se reservavam a um quarto com banheiro, sem cozinha ou sala, nos fundos da casa da proprietária — que queria, inclusive, cobrar pela utilização da máquina de lavar roupas, e pelas panelas, caso eu quisesse cozinhar. Segundo meus interlocutores, nessa região da cidade, eu deveria pagar metade desse valor para alugar uma casa só para mim. Por pressão da dona, que ficou descontente com meus constantes questionamentos, fui “despejado” na terceira semana, tendo o prazo de três dias para encontrar outra casa. Porém, a mudança não seria tão simples, uma vez que permanecer no bairro era um desafio: os moradores locais, mesmo aqueles que vivem desse tipo de aluguel, não abrem suas casas para receber “qualquer pessoa”.

As relações que eu havia construído em minha primeira viagem ao país, àquele momento não podiam me ajudar: eu não estava mais no centro, próximo à região turística de Havana, onde estivera hospedado anteriormente. Marianao, o município de que Pogolotti faz parte, era bastante afastado e não era um lugar normalmente escolhido como ponto turístico para a maioria dos visitantes, o que diminuía drasticamente a oferta de casas para alugar. A distância entre o centro da cidade e Pogolotti, em que uma viagem de ônibus, durava cerca de 90 minutos, tempo considerado bastante extenso para os padrões de Havana. Então, tive que

sair perguntando para as pessoas na rua, em hospedarias com placa de “aluga-se” e em hotéis informais.⁶⁸

Foi buscando na rua, batendo de porta em porta, que percebi a importância de ter contatos no bairro. Sempre que me dirigia a alguém perguntando sobre um quarto vago, o primeiro retorno que recebia era a pergunta “da parte de quem?”, querendo saber quem havia me indicado. A indicação - que podemos comparar com o QI (Quem Indica) encontrado no Brasil⁶⁹ - mostrou-se algo de que se é inescapável em Havana. Assim, sem essas relações pessoais eu não conseguiria uma nova casa.

Foi quando decidi ligar para uma das minhas interlocutoras que morava em Marianao e pedir ajuda. Ela veio ao meu encontro e passamos dois dias inteiros andando pelo bairro, falando com pessoas que nos indicavam para outras pessoas. Por fim, conseguimos a casa. Minha interlocutora perguntou se eu poderia acolher nessa casa, que tinha dois quartos, durante o período em que estivesse hospedado. A madrinha dela, por sua vez, foi mais enfática: recomendou fortemente — vulgo “mandou com carinho” — que eu acolhesse sua protegida, junto com a namorada dela e a enteada (que era uma bebê), pois elas tinham dificuldades de ficar juntas por ser um casal homoafetivo. Recebi-as como moradoras sem pestanejar, uma vez que tinham me ajudado muito com a busca pela casa. Nesse processo, ganhei uma irmã, uma madrinha, uma cunhada, um tio (o pai da namorada da minha interlocutora) e uma sobrinha: enfim tinha a minha família em Cuba.

A necessidade da mudança de casa foi tema recorrente em minhas conversas com moradores do bairro. Transposto tal momento de desespero, pude perceber que essa havia sido uma oportunidade de desenvolver maior intimidade com algumas pessoas do lugar e um aprofundamento de minhas relações com comerciantes, integrantes das diversas associações do bairro etc. Como passei horas na rua conversando com moradores, pude entender melhor como algumas relações se estruturam, pois a confiança se estabelecia, acima de tudo, nas adversidades, como ressalta Gonçalves (2015).

Essa intimidade me levou para dentro da casa de diversos interlocutores, com os quais pude realizar algumas conversas gravadas, como entrevistas, e outras informais. Nas

⁶⁸ Em Cuba nem todos os hotéis e hospedarias possuem o registro oficial do governo, que é uma placa com um símbolo azul que indica ser uma hospedagem regularizada para estrangeiros.

⁶⁹ Existe uma expressão popular no Brasil que diz que você precisa de QI para entrar em determinados lugares ou ocupar determinadas vagas de emprego, o chamada quem indica ou QI, que faz alusão ao Quociente de Inteligência, mas, mas que na verdade é o quociente de valor de uma indicação.

conversas, um assunto bastante repetido eram as atividades de festividade do aniversário do bairro. Muitos deles eram “*adultos mayores*”, com idade entre 60 e 75 anos, quase todos já aposentados. Eles viam o aniversário como um evento saudoso, que lhes levava de volta para os melhores anos de suas vidas e, conseqüentemente, do bairro. Nas ruas, coloridas com as decorações feitas pelos moradores, realizavam-se desfiles adultos e infantis, apresentações de bandas locais, de danças populares relacionadas às religiões afro-cubanas.

No período eram organizadas atividades para adultos, jovens e crianças e o sentimento e comunhão entre os moradores era reforçado por um almoço “a céu aberto”, para todos. Alguns moradores relataram ser um espaço de tranquilidade tão dedicado à família que a venda de bebidas alcóolicas chegou a ser proibida durante os primeiros anos da Revolução de 1959. Eram anos de ouro para o bairro, o que acentua sua importância para a história de Cuba e incentivava a maior atenção por parte do poder público. Porém, a situação decaiu com a chegada do *Período Especial*, que piorou as condições de vida em praticamente todo o país.

Para os moradores, evocar o melhor do bairro é evocar o passado. É uma unanimidade entre os moradores que as festas eram melhores antigamente (sendo tal “antigamente”, inclusive, anterior à Revolução de 59): o bairro era mais bonito, havia mais tranquilidade, havia prosperidade, as pessoas eram mais unidas... Memórias que resgatam esses elementos eram extremamente comuns. As festividades não se reservam apenas ao aniversário de Pogolotti, porém este era — e segue sendo — o grande momento de celebração compartilhado por todos.

É possível ouvir histórias dos “bailes de reinados”, festas nas quais eram eleitas a rainha do bairro e sua comitiva, encabeçada pela mais popular, a mais simpática, a mais bonita etc. Ela, a rainha, saía desfilando em uma carruagem, seguida por seus “súditos”. Nessas festas, que aludem ao período colonial, reafirmava-se que jamais seguiriam as ordens de qualquer outro comandante, com exceção dos escolhidos por eles próprios.

Pogolotti é retratado, tanto em textos históricos quanto por seus próprios moradores, como um bairro formado por pessoas humildes, porém trabalhadoras, honradas, detentoras de uma grande noção de pertencimento e respeito pelos mais velhos, pelos ancestrais e pelas diferentes religiões presentes no bairro. Parte dessa reivindicação do passado pelos mais velhos advém das memórias da sede da Associação de Pogolotti, hoje uma construção abandonada e em deterioração, a *Sociedad Redención*, construída em um prédio ao lado do centro esportivo Jesús Menéndez, que desde sua fundação é um lugar fundamental para a

organização social do bairro. Nesse espaço já funcionou uma escola infantil, um espaço de festas, a sede do *Partido Independiente de Color* (PIC), entre outras instituições. Hoje, segue apenas como um espaço abandonado e é comum escutar relatos de roubos dos azulejos que antes ornavam a Associação.

A relação com um passado glorioso, em que a vida era melhor e as pessoas mais unidas, representa uma relação com a antropologia do tempo e da história, que autores como Mikhail Bakhtin (1981) e Reinhart Koselleck (2004) desenvolvem em seus trabalhos. Na cultura e história cubanas, podemos encontrar diversos exemplos de como a repetição está intrinsecamente relacionada à "temporalidade de retornos", como Gonçalves apresenta em seu artigo *Revoluções, voltas e revezes* (2017). Para Gonçalves, as relações entre tempo e poder em Cuba estão relacionadas a como as narrativas históricas enfatizam certos aspectos da história e exercem, através de uma narrativa, poder. No caso cubano, o poder está em manter uma temporalidade estagnada no passado glorioso e contínuo, vinculado à ideia de “revolução” enquanto processo.

A forma como a história de Pogolotti produz efeitos no presente, tanto no imaginário dos moradores como para os cubanos residentes em outras regiões de Havana, é central para compreender seu papel na história e cultura locais. Apesar disso, atualmente seus moradores seguem sendo vistos como delinquentes por pessoas das demais regiões. Uma das moradoras chegou a afirmar que, não obstante Pogolotti ter “dado seus problemas”, também concebeu heróis das revoluções: quando a Revolução de 1959 chegou, muitos deram o “passo à frente”, até mesmo “esses delinquentes”, e aceitaram, inclusive, lutar posteriormente na Guerra da Angola⁷⁰. Para ela, mesmo os “piores pogolottinos estavam entre os cubanos mais aguerridos”, fundindo o passado de glória do bairro com o caráter revolucionário e insurgente de seus moradores.

Existe, ao se pensar “revolução” em Cuba, um forte caráter nacionalista, que é reforçado anualmente na festa de aniversário de Pogolotti, momento em que todos os seus heróis são enaltecidos e em que, não por coincidência, é comemorado no dia do Grito de Baire. Porém, as diferentes perspectivas de “revolução” alimentam tanto elementos da topofilia quanto da topofobia, uma vez que o mesmo povo aguerrido e lutador que enfrentou os exércitos espanhóis na Guerra de Independência e que é referenciado nas festas de

⁷⁰ No ano de 1975 Cuba enviou tropas para auxiliar o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em uma intervenção chamada de “Operação Carlota”. Essa intervenção ocorreu após a proclamação de independência de Angola de sua antiga metrópole, Portugal. Alguns registros apontam que cerca de 36 mil soldados cubanos foram enviados para Angola em tal operação.

aniversário do bairro é também aquele que irá utilizar da violência contra você para “proteger os seus moradores”. Mas, como aponta Gonçalves (2017, p.2) ao descrever a utilização do termo “revolução” em Cuba, tal nacionalismo não simboliza tempo vazio e homogêneo, mas o que “o termo ‘revolução’” ajuda a produzir em Cuba é altamente diferenciado, sobredeterminada simbolicamente e baseada em uma relação íntima entre passado e presente.

A ideia de continuidade é muito forte no bairro de Pogolotti. Apesar das transformações que o bairro atravessou, a produção desse passado segue presente no bairro, transpassando o seu evento de aniversário, mas não se reduzindo a ele: faz-se presente em sua manutenção arquitetônica, suas estátuas, nas histórias cantadas pelos músicos ou contadas pelo grupo de historiadores locais, e, principalmente, na maneira como seus moradores se relacionam com essa história. Um “passado que está sempre presente” (GONÇALVES, 2017, p.5), assim como a Revolução apontada por Gonçalves (2017). É essa relação com o passado que confere “poder” ao bairro de Pogolotti. Poder este que será utilizado para afastar ou aglutinar, a depender da maneira como as experiências, vividas ou não, serão interpretadas por cada visitante ou morador.

Logo, a ideia de “lar” está muito mais relacionada a uma experiência familiar, protetora, do que necessariamente a experiências estritamente positivas. Dessa forma, a experiência ganha um papel secundário, dando lugar a sensações. Estas podem ser diretas ou indiretas, carregadas de traços muitas vezes estereotipados, positiva ou negativamente. O que atravessa as experiências em uma escala micro, também pode ser experimentado quando ampliamos a escala. O familiar nos traz conforto; o estranho nos causa aversão. Assim funciona com a nossa casa, com o nosso bairro e, de certa maneira, também com o nosso país. Desta forma, o nacionalismo nesses casos apresenta duas características: o senso de unidade a partir de uma delimitação geográfica e a formação de um *corpus* “nós” frente a um elemento externo, um estranho “eles”.

Capítulo 4 - *Aláfia*: Caminhos Abertos para o retorno ao passado

No idioma Yorubá, o termo *aláfia* está relacionado com "o abrir dos caminhos". O termo é normalmente utilizado em algumas cerimônias e rituais de santeria em Cuba (não apenas, pois também é encontrado no Brasil em rituais do candomblé) para descrever uma situação no jogo de búzios em que um caminho ou uma circunstância que estaria apresentando entraves, seja na vida amorosa, no trabalho ou em alguma decisão difícil, teria “se aberto”.

Uma das melhores formas de se conhecer um lugar é caminhar por ele. Apesar de particularmente gostar de longas caminhadas, pois sempre me ajudaram a pensar melhor sobre as diferentes questões da vida, elas também se mostram como uma possibilidade de encontro. Foi utilizando esse método que eu encontrei Pogolotti e também que eu me permiti explorar Havana: pegar um ônibus para as regiões mais afastadas do centro da cidade e voltar caminhando por parte do caminho. Isso me ajudou a memorizar trajetos, conhecer pessoas e lugares e me familiarizar com a paisagem de Havana.

Tive a oportunidade de conhecer Havana em um período de grandes mudanças: Estive lá no primeiro ano do governo de Díaz-Canel, primeiro presidente pós Revolução cubana que não pertencia a família Castro, acompanhei a chegada do 4G como tecnologia nos celulares, vi a derrota do movimento LGBT no plebiscito sobre o casamento entre duas pessoas (que posteriormente seria promulgada) e uma manifestação ser dispersada com violência, acompanhei a chegada da pandemia em 2020 (retornei para o Brasil no final de semana em que Cuba foi fechada pela primeira vez), retornei para Cuba durante a pandemia a tempo de ver a mudança na política para a COVID-19 e as primeira ondas de vacinação em Cuba, que o país enfrentou com vacina própria (que eu cheguei a tomar), além da mudança econômica com o fim do CUC (*peso libre convertible*), que era uma moeda utilizada para o turismo e pareada com o dólar estadunidense, que existia desde o Período Especial.

Todas essas coisas tornaram possível que em pouco tempo eu fosse capaz de viver em Cubas completamente distintas. É fascinante ver como as mudanças, diferentes de outros lugares, não vem em ondas, mas sim em tsunamis, ou como os cubanos colocam, em furacões, que em seus ciclos, carregam muitos elementos do passado. Essa sensação, de um avanço que traz de volta ao passado, é muito bem descrita por Gonçalves (2017), e é vivenciada cotidianamente entre os cubanos, pois cada avanço carrega consigo um pouco (ou no caso cubano muito) de um passado. Caminhar pelas ruas de Havana e ver casas antigas,

com sérios problemas de conservação, revelar em seu interior televisores de LCD de última geração ilustra um pouco sobre isso.

Meu avô, que também era adepto das caminhadas exploratórias, foi quem me ensinou a ler mapas e sempre me dizia: guarde pontos de referência, para ficar mais fácil o caminho de volta. Ao pensar nisso, posso afirmar que Pogolotti possui um dos principais pontos de referências da região de Marianao, que é *El Tanque*. Essa estrutura se tornou uma referência de localização para o bairro e para as coisas que aconteciam ao redor dela foram fundamentais para que eu pudesse não apenas compreender um pouco sobre a sua dinâmica, mas também entender como diferentes narrativas eram construídas pelos moradores a partir deste local, que envolve, além da ideia de um espaço privilegiado, uma concepção própria sobre a cultura do bairro.

Aqui vejo como importante apresentar a ideia de cultura. Clifford Geertz (1973), em seu livro "A interpretação das culturas", fornece um conceito muito interessante do significado de cultura:

"o conceito de cultura que eu defendo e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar é, essencialmente, semiótico acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, as uma cultura com o sendo essas teias e a sua análise portanto não com uma ciência experimental em busca de leis mas como uma ciência interpretativa à procura do Significado" (Geertz, 1973, p.15)

Partindo dessa ideia de Cultura, é possível pensar que essa teia de significados nada mais é do que o comportamento assumido por cada sociedade. Aqui, é importante afastar a ideia de que cultura é um ente sobrenatural, que ocupa os corpos das pessoas e lhes concede o poder da compreensão cultural, quase como se fosse um dom natural, mas olhar para a cultura como um conjunto de comportamentos, que são transmitidos dentro de um grupo social, que produz uma forma de identificação entre os membros desse grupo.

Importante pontuar também que, essa ideia de cultura não é entendida por mim como estática, mas sim uma cultura que está em constante transformação, o que possibilita que ela seja ainda mais identificada com uma materialidade oriunda do encontro entre diferentes manifestações culturais, que nada mais são do que diferentes formas de se interpretar a cultura. Processos como o da transculturação de Fernando Ortiz ou a amefricanidade de Lélia González são formas de como a cultura se modifica a partir de quem a carrega e a performa, seja de maneira consciente ou inconsciente (Aguilar, 2021).

Esse conceito de cultura, partindo de Geertz, se materializa no fazer cotidiano, nas pequenas coisas, e é feito através das pessoas. Em minhas andanças por Havana, observei um gesto cultural que se assemelha as observações sobre a "piscadela", trazido por Geertz:

quando se vêem contrariados, os cubanos de Havana fazem um movimento com os lábios e produzem um "assobio reverso" (o chama assim pois, ao invés soprar o ar para fora da boca, o ar é aspirado para dentro da boca), que é um marcador importante nas interações entre eles.

Esse assobio reverso é utilizado em diversas situações, desde para simbolizar uma negativa a uma ideia ou pergunta, como forma de demonstrar falta de paciência com alguém, para externar indignação com algo que foi dito ou até mesmo para demonstrar incredulidade. O que possibilita o entendimento de cada um é, além do contexto, o quão extenso é o assobio. Essa forma de comunicação é extremamente eficaz, o que me levou a querer utilizá-la também como uma forma de me tornar mais próximo dos cubanos com quem eu convivia, uma vez que não era utilizada apenas pelos cubanos negros, mas pelos cubanos brancos também, ou seja, era um aspecto cultural de Havana.

Dominar esse assobio foi algo que eu me esforcei para fazer (pois acredite, é algo extremamente antinatural para quem não é cubano), porém, após alguns dias treinando em frente ao espelho e entendendo em quais contextos o assobio se encaixava, saí na rua para fazer o meu primeiro teste do assobio. Em uma feira, ao perguntar sobre o preço de determinado legume e receber a resposta de que este estava custando o dobro do que eu costumava pagar, imediatamente soltei um curto e sonoro assobio. Instantaneamente o vendedor me olhou de cima a baixo e perguntou se eu era de Santiago (de Cuba). Lhe respondi que não e ele apenas acenou com a cabeça, dizendo em seguida que me daria um desconto.

A cultura enquanto comportamento é fundamental para compreender como, em Pogolotti, o olhar sobre quem pertence ou não ao bairro é transpassado por diferentes marcadores sociais, porém um deles é o de cor da pele. Como abordo no artigo, sobre o que alguns moradores denomina "palestinos" de Havana, e anteriormente neste trabalho, existem diferentes termos para designar os cubanos que não são de Havana: *oriental*, utilizado para designar os cubanos que nasceram no parte leste da ilha (em especial em cidades como Santiago de Cuba e Holguín) e que não possui um caráter pejorativo; *palestinos*, que também é utilizado para moradores oriundos da região leste da ilha, porém é utilizado especialmente para designar pessoas negras, e é utilizado como ofensa, carregando um caráter pejorativo, e também temos o termo *negrero*, que acompanha o significado de palestinos, porém utilizado para designar pessoa brancas que, por passarem tanto tempo imersos na cultura afrocubana e por conviverem em espaços de maioria negra, são entendidos pelos moradores de Havana como brancos de segundo escalão (devido a baixa educação formal), e, assim, quase negros.

Esses brancos são vistos assim, quase como negros, por alguns moradores de Havana devido terem, por convivência, assimilado um conjunto de comportamentos que seria, para aqueles que acreditam nisso, exclusiva de negros. Foram em algumas conversas que entendi como operava essa terceira categoria, pois ao escutá-la pela primeira vez, não fez muito sentido para mim.

Quero neste capítulo abordar, a partir de conversas com diferentes moradores do bairro de Pogolotti, como cada visão sobre o bairro é construída através de pontos de vista que carregaram marcadores raciais, de gênero, de sexualidade e geracionais que produzem diferentes formas de se vivenciar o bairro e de se produzir uma cultura ao redor desta identidade. Uma identidade marcada também pela perspectiva de pertencimento gerada a partir de anos de vivência e de uma intrínseca relação com o passado.

4.1 Las sociedades de Color - Sra. Tejera

Em minhas incursões pelo bairro, e tendo como ponto de partida o principal ponto de referência que era *El Tanque*, visitei por diversas vezes esse local para verificar o que acontecia dentro do prédio, que era uma casa antiga. A casa possuía três salas, em que funcionava sua parte administrativa e um salão de cerca de 80m², ornado com quadros que representavam paisagens e também os retratos de alguns antigos moradores e personalidades do bairro. Lá, fui informado por uma senhora branca, de cerca de 60 anos, que aquele espaço era a *Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti* (CCAM), local em que funcionava também o *Taller de Transformación Integral del Barrio del Consejo Popular N.5* (TTIB), unidade responsável pelos bairros de Pogolotti, Finlay e Belén, e que funcionava como um centro de assistência social, centro cultural e posto avançado de políticas públicas para o bairro, similar a uma subprefeitura no Brasil. Lá fui apresentado à presidenta da *Casa Comunitária*, que se chamava Sra. Herrera, uma mulher negra, de baixa estatura e com olhos profundos, que a tornava muito ativa e lúcida, mesmo com cerca de 70 anos.

Imagem 2 - Foto de uma atividade na *Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti*



Fonte - Acervo do autor

Foi a Sra. Herrera que me explicou como funcionava a *Casa Comunitária y del Adulto Mayor de Pogolotti*, e que lá funcionavam também outras associações ligadas ao bairro de Pogolotti: a Universidad del Adulto Mayor, o Clube dos Fundadores do bairro de Pogolotti e seus descendentes, e a Associação dos Historiadores do Bairro de Pogolotti. Mesmo o TTIB sendo uma entidade criada para intermediar políticas para três bairros da região, Pogolotti tinha um enorme destaque, uma vez que todas as atividades giravam ao redor do bairro.

Ao explicar sobre o meu projeto para a Sra. Herrera, ela me ofereceu a oportunidade de conversar com a comunidade que frequentava a Casa Comunitária, sendo convidado para falar sobre a experiência dos negros com o racismo no Brasil. Isso foi fundamental para a minha pesquisa, pois me possibilitou abrir uma via de comunicação com diversos moradores do bairro, de maneira a já introduzi-los sobre o meu trabalho (projetando inclusive em pessoas com quem eu poderia futuramente conversar) e também propiciando conhecer um pouco mais sobre a dinâmica da associação.

Na reunião em que eu participei, houve inicialmente uma apresentação de um coral de crianças de uma escola do bairro, que cantaram uma canção e uma delas declamou um poema de algum artista do bairro que eu não conhecia. O salão estava com cerca de 50 pessoas, sendo sua maioria de pessoas mais velhas, quase todas negras. pela forma com que conversavam, era evidente que se conheciam a muito tempo, dada tamanha intimidade. Depois eu descobri que a maioria deles haviam sido criados juntos, passando a infância, a juventude e agora a velhice juntos no bairro. Uma vida inteira cultivando relações.

Imagem 2 - Foto de minha apresentação na Casa Comunitária, explicando minha pesquisa



Fonte - Acervo do autor

Quando chegou meu momento de falar com eles, expliquei um pouco sobre meu projeto de pesquisa (que naquele momento ainda estava se desenhando) e sobre como no Brasil o racismo é algo que impacta diretamente no direito de viver ou de morrer das pessoas negras e indígenas, pois a ausência de políticas públicas e o fato da ideia da democracia racial mascarar o racismo, criava uma aura de inexistência de algo que era muito palpável para a população não branca brasileira. Os conhecimentos deles sobre o Brasil eram muito pautados pelas novelas brasileiras, que eram largamente transmitidas em Cuba. Perguntaram sobre a violência e crime organizado, sobre carnaval e sobre as praias. Não me fizeram nenhuma pergunta sobre racismo.

Ao final, me indicaram algumas pessoas que eu deveria conversar, e a primeira com quem conversei foi Fara Tejera, que era presidenta do Clube dos Fundadores do Bairro de Pogolotti e seus descendentes e também era membro da associação de historiadores. Fara era uma mulher negra de pele bem escura, com cerca de 80 anos, alta, magra e de cabelos já bastante brancos. Tinha uma fala tranquila e calma, apesar do timbre grave, e sempre que pensava em algo engraçado soltava uma deliciosa risada rouca. Ao me apresentar para ela, me recebeu com um largo sorriso e um abraço, e pediu para que eu passasse em sua casa no dia seguinte, que foi o que eu fiz e a partir daí ficamos bastante próximos: ela dizia que eu me parecia com um dos seus netos, e ela se parecia com a minha hoje falecida avó.

Encontrei com Fara algumas vezes, tanto em sua casa como em algumas das reuniões na Casa Comunitária em que eu participei. Em uma das conversas, que sempre eram regadas a suco de manga ou goiaba, ela me disse algo muito interessante: que o que mantinha a unidade do bairro era a união entre os negros que viviam ali. Durante seus passeios pelo

bairro, ela sempre me levava para lugares que faziam alusão às antigas associações, da época de antes da Revolução. Ela revelou que havia passado muito tempo de sua juventude nelas, e que, por isso, se sentia sempre participante do bairro. Para reforçar essa ideia ela me falou da importância das organizações negras para a identidade do bairro, desde o *Partido Independiente de Color* (PIC), passando pela associação *Redención* e a Associação Caribenha de Cuba (ACC).

A Sra. Tejera comentou bastante sobre as organizações antigas do bairro, que existiram para acolher os trabalhadores e suas famílias, mas em especial os moradores negros do bairro. Sempre que ela comentava sobre a sua família ela a relacionava com algumas das associações do bairro, sendo isso o que a levou a participar do Clube dos Fundadores do bairro de Pogolotti. Durante nossas conversas, ela sempre destacou como as associações protegiam os moradores durante um período em que ser negro era visto como algo ruim. Essa necessidade de proteção fez com que houvesse associações das mais diversas.

Partindo desta ideia, é possível compreender o porquê de até os dias atuais o bairro de Pogolotti é recheado de associações. Apesar de o governo cubano ser também composto por entidades populares que atuam no controle governamental e que auxiliam o governo a ganhar capilaridade, como os CDR (*Comités de Defensa de la Revolución*⁷¹), as associações do bairro em Pogolotti começaram com um caráter mais social e menos político. Foi a necessidade da criação de espaços de convivência que levaram, segundo a Sra. Tejera, a criação de opções de lazer, cultura, etc.

As primeiras associações possuíam serviços como cinema, pistas de dança, palco para apresentações de teatro e shows, etc. A necessidade dos moradores de se organizarem vinha também da ausência de espaços de lazer quando o bairro se formou, sendo que um de seus primeiros equipamentos de lazer da região de Marianao foi a casa de shows La Tropicana, inaugurada em 1939. Porém, nessa época era um espaço exclusivo para pessoas da elite, que eram em sua maioria pessoas brancas.

Entre as principais entidades que foram criadas antes da Revolução de 59, podemos citar o *Partido Independiente de Color* - PIC (que também promovia atividades sociais), a *Sociedad Redención* e a Casa del Caribe (posteriormente chamada de Associação Caribenha de Cuba). Como o PIC já foi apresentado no capítulo 1, quero destacar o papel da *Sociedad Redención* e da Associação Caribenha de Cuba no processo de organização negra no bairro

⁷¹ Os *Comités de Defensa de la Revolución* foi um sistema de vigilância revolucionário, criado no ano de 1960, para defender o recém formado Governo Cubano dos ataques realizados pelos EUA na tentativa de reverter o processo revolucionário e restabelecer um governo que dialogasse com as suas bases políticas. (Santos, 2017)

de Pogolotti. Segundo alguns de meus entrevistados, existiram outras associações na região de Marianao, como a Marianao Social Club, em Playa, Buena Vista Social Club, Reunión Fraternal, entre outras. Todas elas dedicadas às pessoas negras.

4.2 De Redención a Pogolotti - A Sociedad Redención por Sr. Silva

Existem poucos documentos ou livros em que possamos confirmar realmente o que foi a *Sociedad Redención*, porém ela foi muito importante para a história do bairro, estando presente nas memórias de diversos de seus moradores mais antigos. Sua fundação remonta aos primeiros anos do século XX, juntamente com a formação do bairro, sendo uma organização da sociedade civil do que se tornaria o bairro de Pogolotti, mas também como importante ponto de resistência e organização da cultura negra.

A *Sociedad Redención*, que carrega o nome original do bairro, foi criada, segundo seus moradores, para ser inicialmente uma associação de moradores, em que pudessem decidir sobre temas que envolviam a implementação do bairro que surgia.

Não posso ignorar que, para além do bairro ter sido inaugurado no dia do Grito de Baire, que foi um importante marco para a independência de Cuba, seu nome também faz referência a um trecho de um dos textos mais famosos de José Martí, *Mi Raza* (1893)

En Cuba no habrá nunca una guerra de razas. La República no se puede volver atrás; y la República, desde el día único de **la redención del negro en Cuba**, desde la primera constitución de la independencia [...] (Grifos meus)

A redenção para os negros, não seria outra perante a República Cubana, que não um espaço afastado do centro e no qual eles pudessem primeiramente, trabalhar e como consequência disso, sobreviver. Não há como saber o quanto essa ideia estava ou não implícita na escolha do nome do bairro, porém é inegável que tanto a escolha do nome quanto da data de inauguração do bairro possam possuir ser referências ao pensamento de José Martí.

Uma das primeiras ações da associação, segundo Fara Tejera, foi organizar as campanhas de arrecadação de cestas para as crianças recém nascidas, contendo fraldas, mamadeiras, roupas, etc. Essas cestas eram presenteadas aos casais que teriam seus primeiros filhos no bairro, o que se tornou um hábito até os dias de hoje. Além disso, a associação também ficou responsável por ajudar o governo local com a distribuição das residências, para garantir que todas as famílias que haviam sido contempladas com moradias fossem alojadas.

Outra atribuição importante da associação era organizar as festividades do bairro. Diversos moradores relataram que as festas de Pogolotti eram maravilhosas, pois envolviam toda a comunidade. Existiam concursos de fantasia, de melhor decoração da rua, de melhor comida, etc.

Infelizmente, segundo a Sra. Tejera, apesar de Havana possuir diversas associações e entidades para negros, com a chegada da Revolução a maioria deles teve que fechar, pois, segundo a lógica do Governo que assumiu o país, não existia mais racismo, e desta forma, não caberia mais no país ter associações que se reunissem baseadas na cor da pele. Esse fechamento, inicialmente, visava fechar as entidades e associações que eram exclusivas para as pessoas brancas, e que proibiam a entrada e filiação de pessoas negras. Porém, a ausência de um debate que levasse em consideração diferenciar o papel que cumpriam as associações brancas das associações negras, abou por nivelar, por baixo, ambas. Esse mesmo processo levou também a um desmanche das associações dos bairros, que foram substituídos pelos CDRs, fazendo com que as demandas mais objetivas da população negra cubana não fosse, oficialmente, incorporada a esses espaços.

Me chamou muito a atenção o fato de para Fara e outros moradores do bairro, existir uma relação direta entre as associações negras em Pogolotti com a união entre os moradores do bairro. E muito mais a quantidade de entidades crescendo no bairro. Não conheci nenhum outro bairro que possua tantas entidades preocupadas em manter a memória do bairro e que, segundo a presidenta da Associação Caribenha de Cuba, é parte da memória negra de Havana.

Apesar de em outros momentos ter falado sobre as organizações negras em Havana, acredito ser fundamental reforçar o caráter popular que elas tinham, uma vez que escutar histórias sobre elas e sua relação para o que o bairro veio a se tornar para os moradores de Pogolotti, que propiciou que este fosse um lugar de referência não apenas de cultura afro-cubana, mas principalmente do nacionalismo cubano.

A relação do bairro com seu passado independentista é sempre resgatada como forma de reafirmar o caráter nacional de Pogolotti, mas esse aspecto não é reivindicado apenas sobesse prisma. O pesquisador Sílvio Castro Fernández afirma que integrantes do Partido Independiente de Color (PIC) se organizavam no bairro, e que após sua extinção alguns de seus integrantes teriam se instalado no bairro. Caso realmente seja verdade essa informação, é possível notar novamente dois aspectos importantes de Pogolotti, que é seu forte vínculo com raça e nacionalidade.

A escritora Graziella Pogolotti (2022), neta de Dino Pogolotti, o construtor inicial do

bairro, em um artigo escrito sobre os moradores do bairro, para a comemoração dos 110 anos de aniversário do bairro Pogolotti, destaca a relação entre o massacre do PIC e a formação do bairro

Pogolotti nasceu em 1912, ano do brutal massacre contra os independentistas negros. Não há registro estatístico do número de vítimas que não morreram em combate. Eles foram mortos. [...] Nesse contexto, Pogolotti se constituiu como reservatório de nossas tradições de origem africana, Abakuá e praticantes da Regla de Ocha.

Embora a composição cultural do bairro tenha mudado ao longo do tempo, a tal ponto que prestigiados cientistas sociais, escritores de obras amplamente divulgadas pelos nossos médiuns, valiosos músicos e trabalhadores dedicados a diversos ofícios, alguns praticantes destas crenças, constitutivas da nossa cultura, desfrutam liderança informal autêntica.⁷²

Podemos destacar três pontos deste trecho do artigo de Graziella Pogolotti, sendo o primeiro a relação que a autora faz entre o PIC e o bairro. Ao se referenciar em uma das principais organizações negras de Cuba, ela fortalece essa aura que existe ao redor do bairro, ao reivindicar suas origens lutadoras e de pessoas ligadas ao combate às desigualdades. Em segundo lugar, ela separa os conhecimentos oriundos da cultura afro-cubana dos conhecimentos científicos, musicais e das práticas de trabalho, como se as pessoas relacionadas com a cultura afro-cubana não pudessem, concomitantemente, acumular conhecimentos científicos ou talentos artísticos e serem também ligados a uma ideia de tradição religiosa ancestral negra. E, por último, a autora descreve Pogolotti como um reduto da cultura afro-cubana, principalmente a partir da influência das religiões, com a presença de lideranças orgânicas do bairro.

Em uma das entrevistas que realizei com um Babalaô e praticante do *Abakua*, Edy Silva, apareceu essa mesma relação entre liderança negra e religião. Ele era um senhor negro alto, de pele bem escura, com cerca de 70 anos. Tinha um jeito firme de falar e de colocar suas ideias, pois falava exatamente o que vinha sua mente, sem pestanejar. Sua casa, que foi herdada de sua mãe, era localizada bem no centro do bairro, era a junção de duas das casas tradicionais do bairro e que haviam sido ampliadas para um sobrado de dois andares, o que possibilitou que ele tivesse, além de sua residência, um espaço para as práticas religiosas, que

⁷² Pogolotti nació en 1912, año de la brutal masacre contra los independentistas de color. No existe registro estadístico del número de víctimas, que no murieron en combate. Fueron asesinados. [...] En ese contexto, Pogolotti se constituyó en reservorio de nuestras tradiciones de origen africano, abakuá y practicantes de la Regla de Ocha.

Aunque la composición cultural del barrio ha cambiado a través del tiempo, al punto de que allí conviven científicos sociales prestigiosos, escritores de obra ampliamente difundida por nuestros medios, músicos valiosos y trabajadores dedicados a distintos oficios, algunos practicantes de esas creencias, constitutivas de nuestra cultura, disfrutan de un auténtico liderazgo informal. (Tradução Minha)

ele chama de "seu escritório".

Com sua voz profunda, Edy, começou nossa conversa demonstrando felicidade em conceder a entrevista, uma vez que, para ele, é bastante interessante que eu esteja escrevendo sobre Pogolotti, pois se sentia preocupado com a memória do bairro desaparecer. Ele disse que era historiador, e que por isso era importante para ele essas questões. E uma parte importante da história do bairro que ele queria manter era o protagonismo de seus fundadores no processo de luta contra o colonialismo espanhol. Ele afirmou que aqueles que não moravam aqui tinham medo dos *tabaqueiros* que viviam em Pogolotti, por serem muito unidos. Um medo que impunha um grande respeito perante os visitantes do bairro.

Apesar de eu não ter encontrado nenhum registro do que seria o embrião de uma associação sindical em Pogolotti neste momento, acredito que seja possível afirmar que as organizações do bairro cumpriam, de certa forma, esse objetivo. Edy reforçava muito duas coisas: o papel da religião e o papel da educação como elementos distintivos do bairro, porém, que cumpriam papéis diferentes.

O papel da religião como elemento de organização de uma comunidade barrial não é exclusivo de Pogolotti. Diversas outras comunidades têm nas organizações religiosas uma referência ao redor da qual a comunidade cresce e se fortalece, como as comunidades quilombolas (que muitas vezes se organizam ao redor de terreiros), as comunidades indígenas aldeadas, que se organizam ao redor das casas de reza ou a cidade do Vaticano, que se organiza ao redor da igreja. Para Edy, as relações de apadrinhamento na religião, tanto a Abakuá quanto a Santeria, promovem uma aproximação entre os diferentes ramos familiares, quase como funciona a instituição do casamento.

As pessoas do bairro, por compartilharem a mesma religião, adquiriam um vínculo muito forte, quase como um vínculo familiar, que reforçava a sensação de comunidade entre os moradores. Eles já não eram mais apenas vizinhos ou parentes distantes, mas sim irmãos na religião. Desta forma, segundo alguns interlocutores, as religiões afro-cubanas também cumpriram um papel como elemento de aglutinação social em Pogolotti, uma vez que muitas vezes, poderiam ser comparadas com as associações de moradores. É possível imaginar que existia, inclusive, um entrelaçamento entre as organizações de bairro e as organizações religiosas, que aprofundaram ainda mais o senso de comunidade.

Para ele, o bairro se construía através da perpetuação dos costumes, e assim o casamento, as religiões, as entidades, contribuem para manter uma identidade do bairro, ao fortalecer esses vínculos. Parte da cultura também estava relacionada com um respeito pelas pessoas mais velhas, algo também compartilhado com as religiões. As pessoas mais velhas

carregavam, segundo Edy, o respeito da herança da história, que era o ponto central da tradição. Eram os mais velhos que controlavam as pessoas que tinham um temperamento mais conflituoso, que davam broncas nos mais novos que eram desobedientes, que aconselhavam as pessoas quando elas estavam em dúvida. Segundo ele "Na minha época, a palavra respeito tinha um peso moral terrível".

O respeito aos mais velhos é um preceito muito difundido na religião Abakua, uma vez que, para ser parte desta comunidade religiosa, o homem que se postulava deveria carregar uma moral ilibada, sendo um bom filho, um bom marido, e um bom pai. O Sr. Silva me contou de uma vez quando mais jovem faltou com respeito a uma senhora que era sua vizinha. Ele narrou que tinha uma árvore em que todos os meninos da rua subiam, e que, um dia, a senhora o pegou escalando a árvore. Ela lhe alertou que poderia se machucar ao subir ali e que, por conhecer seus pais, estava lhe dando uma ordem: não subir mais na árvore. E ele prometeu não subir mais. Porém, horas depois, ela voltava do mercado e, ao encontrá-lo com seus amigos novamente em cima da árvore, lhe lançou um olhar de decepção, e instantaneamente ele sabia que a havia magoado. Ele contou que, ao chegar em casa, não recebeu uma bronca de seus pais, mas sim, que teve que ir à casa da senhora lhe pedir desculpas e que ficou toda aquela semana de castigo, porém o que mais lhe doeu foi ter sido marcado como alguém que faltava com respeito aos mais velhos. Segundo ele, desde esse dia, nunca mais quebrou uma promessa.

O segundo elemento apontado por Edy como importante para o bairro era a questão da educação. Além de sempre que me via perguntar sobre meus estudos e me endereçar palavras de incentivo para que eu não desistisse, ele sempre destacava os cursos universitários cursados pelas pessoas: sempre que falava de alguém dizia "a mas fulano estudou engenharia, ou ciclana fez faculdade de medicina". Ele disse que, além de ser importante saber a que cada pessoa se dedicava em sua carreira profissional, que era importante ter conhecimento, pois "essa é uma coisa que não podem roubar de você e que não ocupa espaço na mala".

Ele também afirmava que, quando ele era criança e ainda existia *Sociedad Redención*, que a preocupação com o que você fazia para viver era também importante para poder participar nas atividades da associação. Edy chegou a dizer que a associação era "classista, uma vez que valorizava mais os integrantes que já possuíam um bom status social. Para ele, apesar de ser importante que uma associação pudesse recolher dinheiro para pagar por seu espaço e atividades, isso excluía uma parcela da população que não estava ainda bem estabelecida no bairro. Mas aparentemente essa era a forma que foi escolhida para garantir que pessoas com um baixo padrão cultural pudessem entrar na associação e "torná-la um

lugar vulgar".

A violência da qual o bairro é acusado também surgiu como um dos temas que ele quis abordar, porém entendendo que, apesar do bairro ter, segundo ele, seus "problemas", era importante lembrar que "a pobreza e a dificuldade também unem". Essa frase para mim foi central para pensar como, em bairros mais ricos, esse senso de comunidade se torna dispensável, pois caso você sinta falta de alguma coisa, é só mandar o dinheiro trazê-la. Mas, em uma comunidade em que a escassez é o cotidiano, a forma de se defenderem das intempéries da vida é ficarem juntos. Os *pogolottinos* estavam unidos pela pobreza que compartilhavam, mas não apenas por isso.

Edy disse que, especialmente antes da revolução, existiam sim ladrões no bairro, mas que dentro de Pogolotti eles não se atreviam a roubar, pois não se roubava de sua própria família. Neste sentido, a sensação de proteção que alguns moradores relataram sentir quando estavam dentro do bairro também se estendia aos criminosos: quando alguém que havia cometido um roubo fugia para dentro do bairro, a polícia que o perseguia sempre reclamava que, após passar pela fronteira imaginária que separava os demais bairros de Pogolotti, ninguém respondia a nenhuma pergunta "reclamavam que ninguém sabia de nada em Pogolotti".

Essa unidade entre os moradores do bairro é imensamente transmitida por suas associações, que, para o Sr. Silva, fortalecia muito a necessidade do bairro de se proteger dos "perigos externos", que eram representados por aqueles que temiam aos moradores de Pogolotti. As associações, desta forma, serviam como espaço para que os *pogolottinos* se sentissem seguros. Porém, com a chegada da Revolução houve uma grande mudança nesse quadro, uma vez que as antigas associações, que foram fundadas junto com o bairro, deixaram de existir.

Uma das poucas entidades que sobreviveu ao processo de extinção das associações racializadas foi a Associação Caribenha de Cuba, uma vez que, apesar de ter sido uma associação de moradores em seu passado, teve que se tornar um espaço em que raça seria apenas um componente dos seu processo de aglutinação de pessoas e não mais o seu principal diferencial.

4.3 O Caribe negro em Havana - A Associação Caribenha por Sra. Hernández

As organizações de pessoas negras cumpriram um papel fundamental na luta contra a

escravização nas américas e no continente africano. Se organizar dava maior alcance para a reivindicações por liberdade e por direitos que essa população oprimida, organizar fugas e garantir formas de subsistência. Após o fim da escravização, se organizar era a única forma da população negra garantir a mínima visibilidade social.

A historiadora Aline Helg (1991) destaca que as organizações afro-cubanas do final do século XIX e começo do século XX foram fruto da mobilização e articulação dos negros durante as guerras de independência de Cuba. Essa mobilização contra o colonialismo e a escravização, que não ocorria apenas em Cuba e que também estava presente em outros países do Caribe, foi o que permitiu a criação de laços de solidariedade entre eles que ultrapassaram etnicidade, status social e cor de pele. Os negros cubanos criaram associações, partidos, exércitos, puros ou mistos, porem que tinham como principal bandeira a luta por igualdade e liberdade.

A pesquisadora cubana Zuleica Romay (2018) vê nas associações negras que foram criadas em Cuba após a “Lei de Associações”, promulgada em 1878, como um espaço para a formação de novas formas de sociabilidade entre pretos e mestiços cubanos, o que era fortalecido por uma identidade ligada por um herança africana comum

Com a promulgação em 1878 de uma Lei de Associações, os pretos e mestiços cubanos alcançaram um novo tipo de sociabilidade, uma em que as camadas populares fortaleceram as redes de solidariedade, manteve as reformulações ao redor da cultura africana como razão e argamassa social, ao mesmo tempo que deu uma papel cada vez mais importante na construção da cidadania. Já no século XX, os descendentes de africanos mais abastados formaram sociedades e clubes nos quais a situação econômica e, em alguns casos, o tom de pele, influenciavam as possibilidades de acesso a uma ou outra instituição.

É compreensível que, para muitos negros e negras cubanos, a conclusão seja a criação de comportamentos distintos de civilidade e progresso, expressando-se corretamente numa linguagem que os seus avós não conseguiam dominar; imitar a etiqueta e os costumes europeus; evite a proximidade estridente do tambor e a selvageria das suas danças; alise o cabelo; demonizar as religiões de base africana; e fundou sociedades de instrução e ajuda mútua onde não havia espaço para reminiscências desta natureza. (Romay 2018, p.81) (Tradução minha)⁷³

A criação destes espaços de sociabilidade apontados por Romay vão de encontro com a experiência das associações criadas em diversos bairros de Havana muitos deles que reforçaram a necessidade de uma adequação cultural de negras e negros para que pudessem

⁷³ Con la promulgación en 1878 de una Ley de Asociaciones, los negros y mulatos cubanos accedieron a un nuevo tipo de sociabilidad, que en las capas populares afianzó las redes solidarias, mantuvo las reelaboraciones de la cultura africana como razón y argamasa social, a la par que otorgaba un papel cada vez más importante a la construcción de ciudadanía. Ya en el siglo XX, los descendientes de africanos de mayor solvencia constituyeron sociedades y clubes en las que el estatus económico y, en algunos casos, la tonalidad de la piel, influían en las posibilidades de acceso a una u otra institución.

Resulta comprensible que, para muchas negras y negros cubanos, resultasen comportamientos distintivos de civilidad y progreso, expresarse correctamente en una lengua que sus abuelos no lograron dominar; imitar la etiqueta y costumbres europeas; rehuir la cercanía estridente del tambor y el desenfreno de sus bailes; alisar sus cabellos; demonizar las religiones de sustrato africano; y fundar sociedades de instrucción y ayuda mutua donde no hubiese espacio para reminiscencias de tal índole.

ser assimilados pela sociedade cubana, porém, ao contrário do narrado por Romy, em Pogolotti essas associações reforçavam o papel da cultura de influência africana como um elemento central desta sociabilidade.

Apesar da necessidade de serem integrados à sociedade cubana, os negros cubanos queriam manter vivos seus laços culturais e reforçar os elementos que lhes davam uma sensação de pertencimento e unidade. Essa importância do papel da herança cultural africana no fortalecimento da identidade afro-cubana é vista por Romy (2018, p. 77) como um reflexo da construção de identidade inaugurados com a Revolução Haitiana.

Dentre as diversas associações existentes em Havana, a Associação Caribenha de Cuba (ACB) foi uma das poucas que conseguiu sobreviver ao fechamento das instituições negras após a vitória da Revolução de 1959. Antigamente conhecida informalmente como *Asociación de los Cazadores*, segundo relato de María Hernández, atual presidenta da entidade, que me informou que tinha esse nome por antigamente ser onde se reuniam entre os caçadores descendentes de jamaicanos, de barbadianos, granadinos, haitianos, entre outros.

Fundada no ano de 1932, sob o nome de *Asociación Cultural de las Indias Occidentales Británicas de Cuba*, tinha como função receber a onda de imigrantes caribenhos que chegaram à Cuba no começo do século XX, buscando oportunidades de trabalho. No ano de 1946, ganhou o nome de *Asociación Británico-Antillana*, sendo patrocinado pela embaixada britânica. Era um local conhecido por pela realização de bailes semanais (que ainda ocorrem aos sábados e domingos de tarde) e que também recebia festas de casamento, aniversário e de quinze anos, além de bodas e festas sazonais. O nome atual da associação foi escolhido por meio do voto de seus membros em 1978.

Apesar de atualmente essa associação representar Cuba nas relações com alguns países do Caribe, é uma entidade não governamental. Existe, em Santiago de Cuba, uma associação parecida, chamada de Casa del Caribe, que é um centro cultural que também tem como objetivo estreitar os laços de Cuba com os demais países do Caribe. Na associação são comuns bailes de danzon cubano (que se assemelha ao bolero), entre outros ritmos.

Assim como a *Sociedad Redención*, a ACB tem como sua primeira tarefa servir como centro de referência para um grupo específico de pessoas, porém neste caso ajudar aos imigrantes de outros países do Caribe a se estabelecerem em Cuba. Importante contextualizar que, apesar de não serem apenas os imigrantes que chegavam a Cuba naquele momento não serem apenas imigrantes negros, esse foi o principal foco da ACB, uma vez que Cuba, naquele momento, representava um lugar com maiores oportunidades para negros e negros de países mais pobres que Cuba, que era um dos principais portos do mundo e o país mais estável

economicamente na região.

Imagem 3 - Foto da atual fachada da Associação Caribenha de Cuba - ACB



Fonte - Acervo do autor

Pude visitar a Associação algumas vezes, e em uma delas conversei com a sua presidenta Maria Hernández, que me disse que "a questão racial era a maior ponte de solidariedade entre Cuba e os restante do Caribe". Maria me disse que o prédio já passou por diversas reformas, porém que a essência do trabalho de solidariedade permanecia o mesmo, que era unir a comunidade negra dentro e fora de Cuba. Ela me contou que, durante os primeiros anos da associação, era lá que os negros que chagavam, inclusive clandestinamente, se encontravam para receber as primeiras orientações sobre como conseguir trabalho, moradia, etc. Ou seja, era na verdade mais um espaço racialmente construído.

É importante destacar que, para além da racialidade, uma ideia de cultura era fortemente reivindicada por essa associação: eles faziam questão de comemorar as diversas datas de independência dos países caribenhos, produzir pratos típicos deste locais e realizar apresentações artísticas de elementos de seu folclore. Essa relação cultural entre os países caribenhos possibilita também um tipo específico de relação que ultrapassa não apenas a

questão racial, mas também a de nacionalidade. Esse laço é reforçado também pela exposição no palco da associação com as bandeiras dos países que compõe a associação

Imagem 4 - Foto do interior do salão da Associação Caribenha de Cuba e do salão em que as atividades são realizadas



Fonte - Acervo próprio

Mas cultura deve ser entendida também como uma manifestação de algo, como música, dança, culinária, etc, que sintetize um grupo social, mas também como um elemento de resistência e de luta, no aspecto mais amplo. Lembro de um dia andando pelo centro de Havana, durante uma noite de dezembro. Fazia bastante calor e eu estava buscando pessoas para fazer minhas primeiras entrevistas, quando me deparei no *Paseo de Martí* (uma larga avenida que possui um passeio público central, ornamentado com estátuas de bronze) com um grupo de homens negros vestindo branco. Formavam um círculo com seus corpos, batiam palmas em um ritmo cadenciado, em uma dança que participavam dois de cada vez.

A movimentação chamou imediatamente a minha atenção, e ao me aproximar mais, identifiquei o ritmo e a música, que era cantada em um português com sotaque espanhol, que embalava as pernas da dupla no centro do círculo, pernas que serpenteavam pelo ar. Cantavam eles "Vieram três para bater no nêgo, trouxeram faca, porrete e facão. Você não sabe o que pode fazer o nêgo, troca as mãos pelos pés e os pés pelas mãos", enquanto as palmas batiam e batiam.

Não imaginei que fosse encontrar um grupo de capoeira em Havana, ainda mais durante um sábado à noite. Vários rostos curiosos estavam ao redor da roda feita por elas, mostrando que aquela demonstração também era uma novidade para eles. Enquanto alguns olhavam, outros tiravam fotos e alguns até arriscavam bater palmas e cantar junto com o coro. Porém, eles não eram os únicos que haviam sido atraídos pela música: lentamente, vindo do lado oposto ao qual eu estava observando o grupo, um policial foi se aproximando.

Com as mãos para trás do corpo e um semblante que misturava altivez e seriedade, ele parou a uns 5 metros do círculo formado pelos curiosos, que ao perceberem a presença do policial começaram a se afastar e dispersar. Quase que em um jogo de cabo de guerra, ao perceberem a presença do policial, os capoeiristas começaram a acelerar as palmas e, consequentemente, a passada das músicas. Pernas como navalhas zuniam cada vez mais alto enquanto cortavam o ar e, de repente, pararam. Aquele que vestia uma camiseta com os dizeres "Capoeira do Macaco - Brasil", fez um sinal para os outros integrantes do grupo e estes se movimentaram para a direção oposta a qual o policial negro havia vindo. O policial permaneceu lá, parado, olhando eles se afastarem lentamente, com seus olhos, negros como sua pele, seguindo os capoeiristas, enquanto eles sumiam por uma rua lateral do *Paseo*.

Da mesma maneira que diversas pessoas me perguntavam se eu, por ser brasileiro, sabia "dançar capoeira", não tive como não pensar que se fosse um grupo de balé, se eles também teriam sido recebidos com o mesmo olhar, uma vez que as manifestações culturais carregam também marcadores raciais. E um grupo de homens negros, performando um aspecto cultural relacionado a população negra, mexe muito com o imaginário das pessoas sobre o que esse negros reunidos podem fazer. Talvez seja um dos receios que as pessoas dos outros bairros sentem ao se pensar em Pogolotti, uma vez que os negros não estão lá apenas reunidos, porém estão organizados em associações, grupos artísticos e religiosos.

O compartilhamento de aspectos culturais nos países da diáspora negra preenchem um vazio causado pela sensação de desenraizamento que é um produto dos séculos de escravização negra, porém, nos países insulares que passaram por esse processo, o isolamento geográfico parece fazer com que negras e negros se sintam ainda mais solitários. Isso faz com que os sentimentos de busca por essas raízes seja ainda mais premente, criando assim elos de identidade ainda mais intensos. Mas essa intensidade gera para aqueles que não comungam dessa identidade uma evidente rejeição, que pode levar desde a repressão até mesmo ao isolamento político de uma parcela fundamental da população desses países.

As políticas de distinção espacial baseadas na racialidade não são uma exclusividade de Cuba. Em diversos outros lugares, são criados territórios de distinção, baseados em raça, etnia, religião, regionalidade, etc. Nesses espaços, é comum a observação de dois fenômenos: enquanto os que vivem fora desses espaços criam justificativas depreciativas, aqueles que vivem nesses espaços são diferentes, os que neles vivem reforçam elementos de identidade que os tornam, aos seus olhos, únicos. O mesmo ocorre em Pogolotti, com o reforço de seu papel como um pseudo vernáculo da cultura cubana e, em especial, afro-cubana.

4.4 Laços de sangue e de história(s)

Em Pogolotti, ao falar com seus moradores, é impossível perceber a importância que seus moradores dão para as relações pessoais. Isso apareceu em diversos momentos de minha investigação sobre o bairro, desde a dificuldade que tive em encontrar um lugar para morar dentro do bairro, nos relatos dos moradores sobre como eles cuidavam uns dos outros, na importância dos sobrenomes dos fundadores do bairro como referência das famílias que estavam em Pogolotti desde o começo, entre outras situações.

Essa importância das relações pessoais também aparecia de maneira negativa, quando aqueles que moravam fora do bairro se sentiam intimidados por essa relação estreita mantida pelos moradores de Pogolotti, uma vez que sabiam que, caso alguma confusão fosse criada com algum dos moradores do bairro, que imediatamente você seria alvo da antipatia de todo o restante da comunidade. Essa relação me fez querer buscar na história do bairro, outras explicações para esse fenômeno.

Um dos primeiros lugares que eu busquei foi Clube dos Fundadores do bairro, presidida pela Sra. Tejera, e através dela tive acesso a associação dos historiadores do bairro, que possuía o nome de SIBOP (*Salvar la Identidad del Barrio Obrero de Pogolotti*). Foi nessa associação que conheci o Sr. Del Toro e o Sr. Oliveira, que eram os principais pesquisadores da associação. A necessidade de existir uma entidade para “salvar” a identidade de um bairro capturou minha atenção, pois, o que ameaçava a identidade do bairro ao ponto dela precisar ser salva?

Quero voltar um pouco no tempo, antes do meu primeiro encontro com os responsáveis pelo SIBOP, para as primeiras pesquisas que fiz sobre o bairro. Dentre os textos que eu li, havia uma clara diferença entre os textos mais atuais, que reforçam uma ideia de um bairro pobre, perigoso, malcuidado e abandonado pelo estado, dos textos de caráter mais histórico com os quais eu tive contato, que valorizavam as características mais positivas do bairro, ao informar sobre sua história, sua importância para uma ideia de afro-cubanidade e sua ligação com os símbolos nacionais cubanos.

Essa foi uma das questões que mais me intrigaram sobre Pogolotti, pois apesar de saber que todos os lugares possuíam características positivas e negativas, a disputa dessas diferentes narrativas sobre o bairro gerava não apenas distintas visões, mas também produziam dois lugares completamente diferentes.

Uma das primeiras coisas que identifiquei sobre essa diferença foi que, apesar de ser

bastante destacada a forma como os moradores veem o bairro se comparada com aqueles que moram fora dele. Esses moradores de fora são os que essencialmente veem o bairro como perigoso, porém, existe também uma diferença entre como os moradores mais novos e os mais velhos do bairro o veem.

O primeiro que me trouxe essa perspectiva foi o Sr. Oliveira, ao dizer que os jovens olham muito mais para o que está fora de Cuba do que para o que existe de bom dentro do país. Para ele, os que são nascidos em Pogolotti e o enxergam como um bairro ruim para se morar, é porque estão “olhando para tudo com olhos de *gusano*”⁷⁴, uma vez que, segundo ele, os jovens não valorizam mais o seu país.

O Sr. Oliveira era um homem branco, de estatura mediana e uma redonda barriga acumulada, que denunciava os quilos acumulados em cerca de seus 60 anos. Ele era historiador de formação e ministrava aulas em uma faculdade de tecnologia que ficava próxima de Pogolotti, quase saindo de Havana. Ele valorizava muito o papel da história do bairro como algo singular, que tornava Pogolotti um lugar que deveria, a todo custo, ser preservado.

Era ele que organizava a caminhada realizada no dia do aniversário do bairro de Pogolotti. Essa caminhada, já bastante tradicional, tinha como objetivo mostrar aos visitantes do bairro os principais pontos turísticos e históricos do bairro, e como Pogolotti possuía relação com diferentes períodos da história do país.

Eu realizei com ele essa caminhada, que se iniciou pelo El tanque, que o Sr. Oliveira explicou ser um antigo tanque de água, da época em que o bairro não possuía uma boa distribuição de água e que o abastecimento demorava muito para vir do centro da cidade para as regiões periféricas. Isso fez com que o bairro se desenvolvesse ao redor do tanque, o que o tornou não somente uma referência, mas também um símbolo para o bairro.

A segunda parada foi no busto de Valdes Carrero, que foi um líder tabaqueiro que havia se tornado vereador durante os primeiros anos da república cubana. Foi dele a ideia de se construir um bairro para os trabalhadores, projeto esse que conseguiu aprovar na câmara de vereadores.

Durante várias vezes Rarafel del Toro havia me dito para encontrar com esse seu amigo, que em suas palavras era "um negro da revolução". Como Rafael sabia da minha

⁷⁴ *Mirando todo con los ojos de los gusanos* (Tradução minha). Gusano, que também pode ser traduzido para verme ou traidor, é um termo utilizado pelos cubanos para se referir pejorativamente aos desertores do país, que trocaram a vida em Cuba pela vida nos EUA, ou que são publicamente críticos ao governo.

pesquisa, e já havia me indicado outras pessoas para visitar, ele via como muito preciosa a minha conversa com Mário, tanto que fez muita questão de me acompanhar até lá. No caminho para a casa de Mário, vi diversas casas (inclusive a casa de Del Toro) que ostentavam a bandeira de Cuba na porta. O encontro aconteceu dias após as manifestações do 11 de julho de 2021, quando milhares de manifestantes tomaram as ruas em diversas cidades do país, protestando contra as condições de privação em Cuba.

Ao chegar ao endereço que Rafael havia me dado, que era o da barbearia de Mário, me encontrei com um senhor de cerca de 70 anos, extremamente magro, com poucos cabelos brancos adornando sua cabeça. Mário era um homem negro e esguio, um pouco mais baixo que Rafael. Eles se conheciam desde a infância e Rafael via nele uma pessoa importante para me dar um panorama sobre o país.

O barbeiro Mario me recebeu com um sorriso, ao me reconhecer pela descrição que Rafael havia feito de mim, e pediu para que eu sentasse enquanto esperávamos Rafael. Eu lhe ofereci uma garrafa de rum do meu favorito, que se chama Ritual, como um agradecimento por me receber e ele imediatamente abriu um compartimento em sua barbearia de onde tirou três copos e um pouco de gelo, além de uma mistura de coco para fazer um drink. Rafael chegou bem na hora de pegar o momento do brinde. "Brindamos a este momento e à revolução", foram as palavras de Rafael.

Iniciamos o brinde e perguntei se poderia gravar a nossa conversa. Eles responderam que não havia problema e que não havia nada que não pudesse ser gravado. Eu sempre começo minhas entrevistas seguindo um roteiro com algumas perguntas pessoais e outras sobre o bairro, para garantir de poder comparar algumas respostas entre os entrevistados. Mas desta vez apenas queria observar aqueles dois amigos falando sobre o bairro.

Mário decidiu preparar um drink com o rum, que ele misturou com um pacote amassado de suco em pó sabor limão que tirou de seu bolso da camisa. Em sua barbearia ele tinha um frigobar velho no qual deixava sempre um pouco de gelo. Ele acrescentou à mistura de rum e suco em pó de limão o gelo e nos serviu com pompas como se estivesse servindo um daiquiri ao próprio Hemingway. Após acrescentar uma dose generosa aos nossos copos, ele pediu para que Del Toro e eu fizéssemos um brinde à Revolução Cubana, ao que fizemos prontamente. Com seus olhos marejados, começou a falar de como para ele era um evento importante falar de Pogolotti para um estrangeiro. Em especial um estrangeiro negro.

Eu já havia entrevistado Del Toro diversas vezes, e ele sempre me mostrou um ar mais sério, apesar de nossas conversas sempre serem leves e agradáveis. Porém, naquele dia ele estava eufórico. Ele havia pedido muito para que eu entrevistasse esse seu amigo, me dizendo

que era alguém que eu tinha que conhecer por ser um dos moradores mais antigos do bairro, assim como ele próprio. Mas quando nos encontramos, ele não conseguia esconder a alegria de encontrar o seu amigo: ele falava alto, gritava com as pessoas que passavam do outro lado da rua, xingava, etc. Pela primeira vez vi Del Toro leve, despreocupado, espontâneo: estar na presença de seu amigo de infância pareceu revigorá-lo.

Então Mario começou a me contar sobre como era sua relação com os vizinhos. Que todos eles se conheciam praticamente desde criança e que eles estavam interligados pelo sangue. Imediatamente perguntei se eles eram parentes de fato e Mário trocou um olhar de satisfação com Del Toro, para em seguida me explicar que o que eles compartilhavam era muito mais do que laços de sangue comuns. Ele se levantou e foi buscar uma caixa no fundo da barbearia. A Caixa era bastante velha, com sinais de que estava servindo como lar para alguma família de traças, que deixaram alguns buracos. Dentro da caixa estavam várias fotografias antigas que Mário trouxe para ilustrar sua história.

As fotos estavam fora de ordem cronológica e inicialmente pareciam desconexas, pois haviam algumas pessoas que, segundo eles, haviam já morrido, outras que não moravam mais no bairro e alguns que haviam partido “para Yuma”, como eles se referem a aqueles que foram viver suas vidas no exterior. Através dessas fotos, Mário e Del Toro foram me mostrando festas, lugares, pessoas, objetos que, para eles, os ligavam e faziam com que houvesse uma coerência entre elas.

A primeira foto era de um casamento, os casamentos dos pais de Mario, que deveria ser por volta da década de 1930. Ele começou a apontar para algumas pessoas que estavam na festa e entre elas estavam os pais de Del Toro, além de integrantes de outras famílias do bairro como os Tejera, os Oropesa e os Silva. Todos pais ou avós dos descendentes que eu havia conhecido em minhas andanças pelo bairro ou durante minhas entrevistas.

Entre as fotos seguintes havia fotos das infância deles no bairro, em que ao fundo era possível ver a antiga escola primária de Pogolotti, que foi criada para que a esposa de Dino Pogolotti ministrasse aula e que atualmente está demolida. Havia também fotos das primeiras festas de comemoração do aniversário do bairro, com tendas nas ruas e uma larga mesa cheia de comidas trazidas pelos moradores. Havia fotos dos antigos lugares em que hoje funciona a Padaria 24 de Febrero, a ou o terreno que posteriormente se tornaria a “Isla del Polvo”.

Em outra foto era possível ver um aniversário de um primo mais velho de Mario de havia falecido durante os conflitos da Revolução de 59. Apesar dele não figurar como um dos mártires da Revolução, ele era lembrado pela família como um herói. Nesse momento Mario me olhou com um ar profundo e perguntou o que eu achava da Revolução Cubana.

Prontamente lhe respondi que em meu país estudávamos muito pouco sobre ela e que ir para Cuba me fez entender como a Revolução era muitas vezes retratada de maneira injusta pelos livros de história. Ele sorriu e disse que isso era graças ao imperialismo, que queria tirar a Revolução da mão dos cubanos, transformando em outra coisa.

Ele disse que ele havia se alistado para lutar pela revolução com várias dessas pessoas das fotos, tendo lutado em Cuba e fora dela, falando que durante a ajuda cubana na Guerra da Angola (Operação Carlotta) lutou ao lado de vários de seus vizinhos, que ele chamava de “Homens e Mulheres de valor”. Para ele, não existia força maior do que a união de lutar pelo que se acreditava. E era esse o sentimento que unia os moradores de Pogolotti, uma vez que para ele todos os pogolottinos estavam dispostos a matar e morrer para defender essa união, e que isso era passado de geração em geração.

Entre todas as fotos que ele foi mostrando, era possível notar que a história do bairro se interligava com a história deles, o que de certa forma alimenta essa concepção de “família” que era compartilhada pelos moradores. Laços que rompiam com a barreira do tempo e que se mantinham fortes ainda nos dias atuais. Ele ressaltou o quão importante era essa ligação entre os moradores e que esse era o segredo de Pogolotti: lá eles eram mais do que uma família, eles eram um povo.

Porém, eles acreditavam que a juventude atualmente não via mais as coisas desta maneira, uma vez que muitos deles não compartilhavam momentos assim, de profunda união e confiança. Mario disse que não via mais o mesmo olhar de paixão entre os jovens, pois muitos deles não se viam, em suas palavras, como “parte da história de Cuba”. Para ele, Cuba estava sendo abandonada pouco a pouco, e os jovens a estavam deixando morrer. A juventude em Cuba estava distante da Revolução, opinião essa que era compartilhada com ele por Del Toro, que a cada afirmação do amigo acenava a cabeça efusivamente, enquanto dava um gole ainda mais profundo em sua bebida.

Para Mário e Del Toro, houve uma ruptura entre os ideais da Revolução e os jovens, que podia ser notado no desinteresse deles pela história de Pogolotti. Aqui novamente aparece uma relação direta entre a ideia de Revolução com uma visão de nacionalismo e do bairro. E tanto Mário quanto Del Toro insistiam em colocar essa ideia de nacionalismo ligada com uma reivindicação do papel de negras e negros neste processo. Sempre que eles falavam dos revolucionários cubanos que tinham destaque, reivindicavam as figuras dos negros que lutaram, seja nas guerras pela independência, como os *mambíses*, passando pelas lutas de guerras no continente africano ou no processo da Revolução de 1959.

Foi durante um dos momentos da conversa com eles que Del Toro, assumindo um tom

mais sério e subitamente sóbrio, marcou a importância do papel de negras e negros na formação da nação cubana com a frase “*las tierras, las venas y las manos cubanas tienen la sangre negra*”⁷⁵. Para ele, não existe história de Cuba sem a história negra, ou seja, não existiria Cuba sem a presença de negras e negros neste processo. E isso foi refletido no que ele chamou de “*História del la sangre*”. Para ele, os laços de sangue foram os que levaram Cuba, e por consequência Pogolotti, a valorizar tanto o papel das relações familiares e de amizade. A história do sangue (tanto do parentesco quanto das guerras) era o que trazia Pogolotti, em sua opinião, para o centro do disputa sobre o lugar de Pogolotti na história de Cuba, pois o sangue dos lutadores corria nas veias dos moradores de Pogolotti, e eram esses os lutadores que carregavam em suas veias a história de Cuba.

Essa relação espaço e história heroica apareceu no depoimento de outros moradores do bairro, seja pela importância histórica dos antigos moradores, seja pelo papel das religiões afro-cubanas que são bastante presentes no bairro ou pela quantidade expressiva das associações negras que existiram na história de Pogolotti. Todas essas vertentes eram acompanhadas por uma hereditariedade, uma relação de identidade com a ideia de um legado que deveria ser sempre transmitido.

Esse elemento de transmissão desse legado apareceu tanto na conversa com Mário e Del Toro quanto nas conversas com a Sra. Tejera, que como presidenta do Clube dos Fundadores do bairro de Pogolotti e seus descendentes, via uma imensa importância das famílias tradicionais de Pogolotti como parte do processo de transmissão. Entre essas famílias tradicionais estavam os Oropesa, os Silva, os Castros, os Tejera, os Jaime e como a associação dos descendentes funcionava.

O Sr. Silva também relatou que todos em Pogolotti se conheciam pelo sobrenome, e que nos primeiros anos do bairro esse era um elemento importante para distinguir aqueles que pertenciam a essa ou aquela família, principalmente pela grande maioria ser de pessoas negras. O branco que vivia aqui comia da mesma terra que o negro. Para ele, a maioria do bairro é de negros, porém hoje o bairro possui muito mais brancos do que em sua fundação.

Assim, posso afirmar que a necessidade dos moradores de Pogolotti de se afirmarem como descendentes de combatentes das guerras de independência de Cuba está relacionada com a forma como eles vão reivindicar sua cadeira na sala da nacionalidade cubana. Se sem esses combatentes Cuba não tivesse vencido a Guerra e se tornado independente, o resultado desta vitória, ou seja, a conquista do direito de ser cubano, seria algo inerente a eles. Não

⁷⁵ “As terras, as veias e as mãos cubanas possuem o sangue negro” (Tradução nossa)

seriam mais apenas negros de Cuba, mas seriam, *habaneros* e *negros*, tendo conquistado este status social e nacional.

As escritoras Yesenia Selier e Penélope Hernández (2017) ao pensarem a relação entre identidade racial e identidade nacional destacam o papel sociopsicológico do racismo oriundo da escravização negra para a criação do que elas chamam de “pessoas sem história”. O fato da escravização negra ter apagado diversos elos históricos e culturais das diferentes populações negras trazidas para o continente Americano permite que se propague uma visão negativa sobre a população negra e mestiça. Parte, então, da construção da discriminação racial é produto de um apagamento das contribuições positivas de negras e negros na edificação das sociedades americanas, o que fez com que apenas os aspectos negativos da presença negra (muitos deles imaginados) fossem absorvidos como uma verdade única, apagando o protagonismo negro na história, fazendo com que a presença negra fosse vista como algo a ser evitado.

Desta forma, a população negra estaria sempre relacionada com a miséria, a doença, a violência, a desigualdade, entre outros estigmas negativos, enquanto seus papéis de importância histórica seguiam eclipsados. Para as autoras

En Cuba, los negros y mulatos desempeñaron, de distintas formas, el rol de la exclusión social. La participación mayoritaria de estos en las gestas mambisas, se eclipsa en la mención de algunos nombres de insoslayable protagonismo. Su despunte económico o sus demandas políticas como grupo fueron “sabiamente” cercenadas, por ejemplo, en los hechos sangrientos de la Conspiración de la Escalera y el escarmiento al levantamiento de los Independientes de Color. Todo ello favoreció al mantenimiento de la ligadura clase-raza a lo largo de nuestra conformación como nación. (Selier e Hernández, 2017, p. 131)

Outro fator importante para as autoras é que, apesar da Revolução de 1959 ter melhorado a vida da população pobre cubana de conjunto, o que impactou diretamente na população negra cubana por ser maioria neste segmento, faltou uma análise mais cuidadosa sobre como as mudanças sociais desencadeadas afetariam as negras e negros cubanos no longo prazo. Essa análise apenas começou a ser pensada após os anos 80, depois de completados quase 20 anos da Revolução, porém esse debate foi interrompido após a queda do Campo Socialista e deu lugar ao debate sobre a necessidade de um novo pacto de unificação nacional contra o imperialismo.

Esse novo pacto, porém, fortaleceu um sentimento de protecionismo contra as ameaças externas, mesmo que as “ameaças” tivessem a mesma nacionalidade que eles. Com o aumento da escassez em Cuba, as fortes ondas de migração interna proporcionam um sentimento de medo e insegurança na população dos grandes centros urbanos, impulsionadas

por políticas de governo que restringiram a mobilidade dos moradores de outras regiões. Entre a população negra essa necessidade foi ainda maior, uma vez que negras e negros, ainda sofriam com uma política pública vacilante frente os desafios do debate de raça e etnicidade após a Revolução. Por comporem a parcela mais marginalizada do país, não apenas foram os primeiros a sofrerem com a crise, como também foram aqueles que tiveram que migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida.

Em Havana, esse processo fez com que fossem criadas duas categorias de cubanos: os habaneros, que viviam na cidade há várias gerações, e os orientais, que eram aqueles que migraram da região leste da ilha para as cidades a oeste, sendo Havana a principal dela. Esses orientais, em sua maioria negros, traziam para Havana um novo paradigma sobre racialização, uma vez que sua presença despertava uma mescla de xenofobia com o reforço de interpretações racistas sobre a presença negra nos territórios. Se as negras e negros de Cuba já eram entendidas como “sem histórias”, essa parcela da população que se desapegava de suas raízes, era ainda mais invisibilizadas.

Ao conversar com a Sra. Tejera, o Sr. Del Toro, o Sr. Silva, entre outros, percebi que existia neles um receio por detrás da insistência em reivindicar a história de seus antepassados com tamanho afínco: essa história era o que dava sentido para a reivindicação de permanência deles em Havana. Ao se pensar o que foi feito com a história de negras e negros através do tempo, é possível entender o quanto é caro para essas pessoas a necessidade de uma identidade que os vincule com o local em que moram.

É isso que faz com que seja tão importante para os moradores negros de Havana a necessidade de se diferenciarem do restante dos negros da ilha: eles, sim, seriam os verdadeiros merecedores de estarem em Havana. Os moradores de Pogolotti, em um diálogo fractal, ao mesmo tempo que atraem para si o título de “verdadeiros descendentes destes combatentes”, ou seja, de *habaneros negros* originais, fazem um duplo movimento: eles se tornam não apenas mais habaneros do que o restante da cidade, mas também se tornam os mais negros da cidade. E não apenas isso: ao serem vistos como ligados aos mambises, que possuem uma estreita relação com o oriente, eles se tornam também “forasteiros”.

Esse movimento, de produzir uma afro-cubanidade mais autêntica, se reverte em uma total topofilia, pois, são assim como os nobres que são reconhecidos por seus sobrenomes, em Pogolotti também temos as referências aos Angarica, Tejera, Castros, Oropesa e outros sobrenomes que remetem às famílias originais de Pogolotti, temos também o elemento do espaço, que é ainda mais forte, já que se eu vivo em Pogolotti, essa seria prova suficiente da minha linhagem do que preservar meu lugar neste espaço que conserva a memória de meus

antepassados.

Assim, o passado para os moradores de Pogolotti não seria apenas um lugar a ser revisitado em datas festivas, mas seria uma forma de, cotidianamente, provar o valor que eles carregavam a partir da relação que eles, através de seus antepassados, com a história. Uma história que não era apenas do bairro, ou da cidade de Havana, mas sim de sua relação com a história de Cuba. Era essa relação que os tornava cubanos.

É isso o que irá produzir em Pogolotti, nas palavras de Selier e Hernández uma identidade social negra (2017, pg. 133-135), que era produzida a partir de uma imagem homogênea da população negra, que frente aos demais grupos carrega um peso mais negativo, que para elas, é o responsável pelas desvantagens sociais e econômicas vivenciadas pela parcela negra da população. Isso é percebido, na pesquisa realizada por elas, ao se perguntar se as pessoas percebiam a existência de discriminação racial em Cuba e obter uma resposta positiva de 94% dos entrevistados.

A identidade social seria, para elas, o que iria produzir uma ideia de grupo e um ambiente no qual uma determinada cultura (conjunto de crenças e comportamentos) é aprendido e repassado para os demais. Em Pogolotti, essa identidade social está diretamente ligada à ideia de raça. Ser de Pogolotti, neste sentido, é compartilhar uma cultura que é referenciada na importância da participação negra para a história de Cuba. Esse é o motivo de ser do bairro e de suas associações, que trazem a tona sempre um debate que não se restringe apenas a pensar a influência negra em Havana, mas principalmente o quanto essa influência foi (e segue sendo) fundamental para que Cuba seja o país que é, um país que tem sua nacionalidade tingida de negro.

A resposta desta parcela de negras e negros de Havana foi, como forma de distinção, se reivindicarem como os mais cubanos de Cuba, a partir da característica que melhor os diferenciavam, que era a sua cor. Os moradores negros de Havana utilizaram, então, esse elemento distintivo para criar a identidade social dos “habaneros negros”. Os moradores de Pogolotti criaram a identidade social dos “pogolottinos”. Ambas identidades, apesar de aparecerem em alguns contextos como identidades conflitantes, podem ser entendidas como reflexos nacionalistas, que se utilizaram de uma concepção inicialmente negativa para transformá-la em algo positivo através da reivindicação de um importante papel histórico.

4.4.1 Construindo identidade de dentro para fora

A manifestação mais direta dessa diferença entre os de fora e os de dentro eu percebi durante uma conversa com um dos meus interlocutores, um intelectual cubano negro, também antropólogo. Ele, que não era de família rica, morava em um apartamento no centro de Havana. Durante uma visita a uma amiga dele, que morava em Pogolotti, veio me visitar e acabamos conversando sobre o termo “palestino”, o que fez com que ele fizesse um longo discurso sobre como ele entendia como problemática a vinda de moradores da região leste da ilha para a capital: "Não existem mais habaneros de verdade, são todos palestinos, no máximo você vai encontrar um ou outro, mas já somos poucos aqui".

A frase dele me deixou confuso, pois imaginei que ele não tivesse problemas com as migrações internas de Cuba. Porém, para ele essa era uma grande questão. Reclamou da falta de modos dos *orientais*, de que eles tinham uma cultura completamente diferente da dos habaneros, que eles estavam poluindo a cidade e os habaneros, ao casarem com eles, estavam contribuindo para que eles nunca fossem embora. Uma grande mistura entre negros, que apenas poderiam ser diferenciados pela cultura que apresentassem: se seria a dos negros de Havana ou dos negros do Oriente.

Esse antropólogo, sem perceber, estava reproduzindo o conceito de cidadania racializada (Perry, 2016), uma vez que criava categorias diferentes de pessoas na mesma cidade, baseadas em uma ideia de pertencimento espacial restrito: ser nativo ou não de Havana. Diferente de uma visão apenas regionalista, não eram os orientais brancos que o incomodavam, mas sim seu fractal, ou seja, os “palestinos”. Esse tipo de visão sobre os cubanos vindos do oriente reforça uma ideia de que existem marcadores culturais determinados por essa cidadania que estavam sendo maculados com a presença deles na cidade.

Ao escutar mais sobre como esse intelectual via a crescente presença de não habaneros em Havana, ele me disse que, no fundo, estava reclamando de um aumento da pobreza e desigualdade no país, que era o motivo dessas ondas migratórias do leste para o oeste e do campo para as cidades. Mas é muito interessante ver como para ele, mesmo que inconscientemente, raça e regionalidade são compreendidas como duas faces da mesma moeda. Ser habanero e negro não poderia representar, para ele, ser pobre, e o aumento de pessoas nessas condições em Havana o preocupava sobre a imagem que teriam sobre a parcela negra da cidade. Para ele, uma Havana negra teria que ser ocupada por habaneros negros.

Aqui é possível ser facilmente levado por uma ideia de que ele está defendendo uma ideia de hierarquia racial, ligada ao espaço, ao indicar que essa mistura entre habaneros e

moradores de outras regiões pudesse corromper a identidade racial habanera. Porém, assim como Fidel declarou em seu discurso de 1966 que "a discriminação racial em Cuba apenas teria fim quando acabassem os privilégios de classe", acredito que seja seguro afirmar que o que este intelectual estaria defendendo não é outra coisa senão um interesse de classe: o que torna os habaneros negros melhores do que os negros de outras regiões de Cuba, é que estes conseguiram, mesmo que minimamente, conquistar melhores condições de vida. Essa é uma das principais características de uma identificação classista, que é a proteção de seus privilégios, que confere a determinado espaço sua coesa identidade.

É importante destacar que, diferente do que coloca Rivke Jaffe (2013, p 736-737) quando explica sobre um estado híbrido que produz uma cidadania híbrida, com elementos que apontam para múltiplos estados, aqui, não existe um ou mais estados paralelos, mas sim múltiplas formas de se produzir cidadanias. Apesar das disputas de narrativas sobre as sensações de pertencimento, não é uma disputa entre setores do Estado que as produz, mas sim a busca por uma identidade legítima, que é influenciada por uma necessidade de se distribuir direitos e privilégios.

A antropologia urbana, ao analisar as dinâmicas de relações entre as pessoas nos espaços urbanos, em contraponto com a antropologia produzida a partir do contexto rural, carece de um maior aprofundamento do caráter racial dessas relações. Apesar de existirem pesquisas que aproximam a antropologia urbana do debate racial, acredito que seja indissociável no contexto moderno da antropologia se pensar em uma pesquisa na qual raça não apareça como um elemento do problema social.

O capitalismo, que como modelo social hegemônico tem na sua capacidade de intervenção global o seu grande trunfo, produz um mundo que, apesar de não compartilhar as suas riquezas, dissemina mundialmente suas mazelas. As questões raciais se tornam, assim, um dos grandes desafios do mundo moderno uma vez que está tão globalizado que se reproduz em espaços macro ou micro. Não quero aqui reivindicar o debate entre antropologia urbana e questão racial como algo exclusivo de minhas reflexões, pois existem diversos trabalhos recentes que trazem este conteúdo, como Allen (2011), De la Fuente (2001), Fernández (2010) e Perry (2016), para citar alguns.

Apesar de Cuba não ser um país capitalista, o que quero questionar é que, em um mundo globalizado, que exerce influência de maneira desigual e combinada em todos os países do globo, se faz impossível pensar nas relações urbanas sem que esse tema seja, quase que obrigatoriamente, uma questão. O debate racial vai mobilizar estruturas de poder, de convivência, de afetos e de acesso ou negação deste acesso a bens e serviços públicos. Vai

decidir quem morre e quem vive, mas principalmente quem pertence e quem não pertence a determinado lugar.

É com essa concepção de produção de espaço que Pogolotti se construiu, como um espaço de pertencimento e de isolamento. Seus moradores se veem morando em uma mesma cidade, porém vistos como se pertencessem a uma nacionalidade distinta. Aqui, quero tomar emprestada a ideia de *racialized citizenships* de Mark D. Perry (2016), que ele define essa diferença de tratamento como uma produção do efeito da racialidade sobre os moradores de um determinado espaço e serve para compor uma reflexão sobre como essas diferentes cidadanias são compostas em Havana. Porém, quero pensar para além disso, pois acredito que o processo mais forte incida sob uma racialização do espaço com maior intensidade do que sobre uma racialização dos corpos.

Reitero que não estou menosprezando o papel da racialidade como um elemento que está objetivamente ligado às questões fenotípicas, porém, o papel da identidade como principal marcador de um espaço faz com que essa racialização ganhe um outro destaque. Assim, da mesma forma que é impossível imaginar um local sem pensar em racialidade, não é possível pensar uma racialidade sem lugar.

Esse lugar da racialidade enquanto identidade local pode estar relacionado a dois aspectos: um espacial e outro cultural, que muitas vezes estão combinados, mas que também podem operar sozinhos. É nessa combinação destes dois elementos que ocorre o fenômeno racial em Pogolotti, pois, a partir de um movimento de proteção dos elementos de identidade que lhe concedem valor e diferença frente aos demais bairros de Havana, essa afirmação também produziu uma nacionalidade racializada para o bairro.

Isso é possível pois, em Cuba, a ideia de nacionalidade cubana está conectada com a ideia de uma afro-cubanidade. Isso não quer dizer que todos os cubanos são negros, mas que existem aspectos fundamentais da cultura cubana que são herança da influência negra na cultura do país. Assim, a identidade cubana e a identidade afro-cubana não são dois elementos separados, mas sim ambos elementos de uma mesma identidade nacional.

Essa produção de identidade cultural não pode ser entendida como uma nacionalidade desconectada do identidade nacional cubana, que é reivindicado tanto pelos moradores de Pogolotti como pelos moradores dos demais bairros da cidade (para não dizer que é reivindicado por todo o país), mas essa identidade é a principal afirmação do lugar que ocupam os moradores do Pogolotti. Essa afirmação se dá a partir da ideia de que, por conta de seus elementos culturais que os conectam, através da afro-cubanidade, à cultura nacional cubana, os moradores de Pogolotti são filhos legítimos da nação.

Na contramão desta afirmação, os moradores dos demais bairros, em especial dos bairros mais centrais, não rejeitam os moradores de Pogolotti (e também dos demais bairros mais afastados) como habaneros legítimos, uma vez que, segundo um de meus interlocutores que mora região de Centro Habana, eles não pertenciam à “verdadeira Havana”. Essa disputa sobre o papel de serem os legítimos herdeiros da identidade cubana está fortemente relacionada com a divisão de espaços imposta pela colonização espanhola sobre Cuba.

Um apontamento trazido pela pesquisadora Zuleica Romay (2018) é o papel do “afro” como elemento de construção da identidade cultural cubana. Ela afirma que as relações de dominação forçaram negras e negros cubanos a assimilarem o prefixo afro como uma forma de se distinguirem culturalmente dos “criollos” cubanos brancos, que reivindicavam uma identidade europeia. Essa necessidade fez com que, ao mesmo tempo em que eles assumiram um lugar de identidade própria, também davam uma saída pela positiva à diferenciação racista que era imposta a eles.

Porém, o fato de décadas se passarem sem que essa questão nacional fosse resolvida, seguiu fortalecendo essas diferenças, que foram sendo redimensionadas para outros formatos de relação. Assim, o elemento puramente racista deu espaço para elementos regionalistas, mas que também carregavam um forte peso racial, criando obstáculos para que moradores de outras regiões de Cuba se sentissem deslocados de sua nacionalidade cubana quando se deslocavam para o oeste do país em busca de melhores condições de vida.

Foi essa a minha sensação quando, ao conversar com uma amiga sobre o fato de os policiais de Havana não saberem se localizar na cidade e não conseguirem dar informações precisas sobre as ruas da cidade, ela me respondeu afirmando que isso se dava devido o fato dos policiais serem todos “oriental, um palestino, um negrito que emigrou da região leste da ilha” (Aguiar, 2022). Aqui, é possível notar que existem duas questões que estão sendo atravessadas: uma relacionada a espaço, na oposição entre campo (que é associada a região leste, como se fosse um grande interior rural) e cidade e entre oriente e ocidente. A outra, é relacionada a uma ideia de etnicidade, pois demarca que esses moradores de outros lugares, ao serem chamados de “palestinos”, são de uma nacionalidade distinta da dos moradores legítimos de Havana.

Existe aqui uma forte ideia de nacionalismo relacionada com a produção de espaços urbanos em Havana, uma vez que, enquanto um grupo utiliza os aspectos nacionais para criar aproximações (como fazem os moradores de Pogolotti para se sentirem conectados com o restante da cidade), outros grupos utilizam o nacionalismo como símbolo de diferença, isolando aqueles que, para eles, são tão diferentes culturalmente deles que praticamente

pertencem a outra nacionalidade, uma que é racialmente marcada.

Outro forte elemento que está atrelado com essa cultura afro-cubana é a concepção de que essa identidade se relaciona com a pobreza. Como já aprofundamos em outros capítulos, existe um empobrecimento estrutural nos bairros periféricos de Havana, que pode ser notado na diferença de investimento público dedicado às obras nesses bairros. Porém, é essa política que fortalece a ideia de que esses bairros são pobres por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento das regiões mais centrais. Isso faz questionar se esses moradores de Pogolotti são socialmente, racialmente ou economicamente marginalizados, ou qual combinação dessa dinâmica afeta o bairro para contribuir com sua imagem de um bairro rejeitado. Seria, então, uma motivação ligada a uma ideia de pureza cultural e regional, se mesclando a uma compressão de racismo e marginalização?

Para o sociólogo Robert E. Park (1967), o processo de espraiamento pelo qual as cidades são produzidas seria responsável por gerar “áreas naturais de segregação”, que para ele seriam áreas geradas como consequência da expansão das cidades, que criaria essas áreas de maneira espontânea, sem um reflexo nas formas de distribuição espacial, que possuam como condição fatores da ideologia, economia ou determinados pelas classes sociais. Para Park, a criação de áreas de segregação atuaria quase com um efeito colateral da urbanização, que teria como subproduto essas regiões morais. Mesmo pensando que inicialmente essas regiões morais possam ser associadas a regiões periféricas, ou seja, afastadas dos centros urbanos, também é possível encontrar essas regiões no coração das grandes metrópoles, como a região da Bela Vista em São Paulo, o bairro da Liberdade em Salvador, o bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro, etc.

Uma vez que a questão geográfica não é o principal ponto de convergência entre essas áreas, é possível afirmar que, algo externo a elas os empurra para esse lugar de segregação. De maneira a não ignorar as interações entre o Estado e nem os conflitos sociais envolvidos na ocupação do espaço urbano, devemos considerar que não existem espaços urbanos naturalmente criados, mas sim espaços determinados pela ação humana, em especial baseados em interesses sócio-políticos. Ao se olhar para esse prisma, não é possível desconsiderar a razão do bairro de Pogolotti, um bairro planejado para ser dormitório dos trabalhadores, ter sido construído afastado do centro da cidade.

Ainda me utilizando das categorias de Park, é também possível pensar que ao redor de Pogolotti se criou uma “área moral” (Park, 1967), uma vez que existe um código de conduta compartilhado entre os moradores. Assim como o Sr. Silva colocou em seu depoimento sobre ter rompido com o código moral do bairro ao desobedecer uma senhora, outras premissas de

códigos morais utilizadas pelos moradores como forma de manutenção de uma coesão interna

A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma à outra. [...] Por outro lado, essa enorme organização que se erigiu em resposta às necessidades de seus habitantes, uma vez formada, impõe-se a eles como um fato externo bruto, e por seu turno os forma de acordo com o projeto e interesses nela incorporados. Estrutura e tradição são aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade, em contraste com a vida em aldeia, e a vida nos campos abertos. (Park, 1967 p. 26-27)

Apesar da ideia de região moral ser utilizada para espaços não destinados à moradia, ela serve para olharmos para como, em Pogolotti, a construção de uma região em que, ao se criar um conjunto de regras de conduta que compõem a cultura daquela região, gera também uma sensação de afastamento daqueles que desconhecem destas regras. Não quero aqui induzir que Pogolotti gera, desta forma, uma auto-exclusão, principalmente porque os movimentos de produção de uma identidade do bairro vão na direção de reivindicar que o bairro é parte fundamental de Havana, mas os moradores das demais regiões se sentem negativamente afetados por um espaço do qual não podem reproduzir a cultura aprendida em seus locais de moradia, e isso faz com que respondam com um movimento de reforçar desigualdades entre eles e os moradores de Pogolotti.

O entendimento desse processo de marginalização, que fere estigmas raciais negativos, destoam das ideias propagadas pela Revolução Cubana, que são de um país livre do racismo e da desigualdade. Como apontam pesquisadores sobre as relações raciais em Cuba como De la Fuente (2001), Sawyer (2006), Espina e Rodrigues (2006), Fernandes (2007), Fernández Robaina (2009), Fernández (2010), Morales (2010), Guanche (2011), Allen (2011), Palmié (2013), Perry (2016), Romay (2014), Zurbano (2015), essa desigualdade em Cuba ganha diversas tonalidades e se apresenta de diferentes maneiras, consolidando uma visão sobre a Revolução Cubana de que ou ela é um processo ainda inacabado, partindo de uma concepção de Revolução como processo ou que, de fato, nunca houve uma política real que tivesse como intenção erradicar o racismo, entre outras opressões, para além da retórica do governo.

Essa concepção de Revolução a que se está vinculada essa construção da identidade cubana é diretamente um movimento de construção de uma identidade nacional, como veremos com maior profundidade no próximo capítulo, mas que vejo necessário destacar alguns pontos. Essa identidade nacional cubana, para se estabelecer, incluiu elementos novos

da dinâmica social cubana a partir da Revolução de 1959, como as políticas de acesso à educação e saúde universais e gratuitas, mas também manteve elementos de seu momento pré-revolucionário. O governo cubano, ao menosprezar a questão do racismo como elemento estruturante da sociedade pregressa, deixa espaço para que não apenas o racismo mas também a desigualdade social que o alimenta siga sendo reproduzida na sociedade cubana.

Se a sociedade cubana, mesmo após a Revolução, segue marcada por um racismo, esse é um reflexo da persistência de certos marcadores racistas que não foram apropriadamente combatidos. Ao não se pensar em como o racismo afeta no longo prazo a vida de população negra, a desigualdade social foi sendo cada vez mais racialmente marcada, desde aspectos objetivos, como a diferença entre negros e brancos no recebimento de remessas de dinheiro desde o exterior, como subjetivos, em uma associação entre negritude e pobreza, que é um dos desdobramentos do racismo (Schmidt, 2008, p. 161).

A antropóloga Jalane Schmidt (2008), ressalta essa dinâmica da formação da identidade nacional e o racismo ao afirmar que

As afirmações políticas da identidade étnica “Negra” têm sido vistas, por sucessivos governos cubanos, como representando um desafio à identidade nacional – que, em conversas oficiais, é afirmada como sendo a mistura igualitária de “sangue” espanhol e africano. ', que foi eliminado durante as guerras de independência de Cuba no século XIX. Desta forma, a ideologia nacionalista cubana segue um padrão latino-americano onde os brancos desfrutam de privilégios sociais, econômicos e políticos, incluindo uma representação esmagadora nos meios de comunicação de massa, enquanto o racismo permanece mascarado pela defesa oficial da mestiçagem pelo Estado ('mistura' racial'). (tradução nossa) (Schmidt, Jalane, 2008, p. 160)⁷⁶

A autora aponta como um dos elementos que contribui para a ausência de debates raciais mais sérios sobre o racismo em Cuba nos primeiros anos da Revolução o apagamento da questão através de uma ideia de mestiçagem. Jalane defende que o grande desafio da nacionalidade cubana parte de uma compreensão da mestiçagem como uma soma entre partes iguais de sangue africano e espanhol. Esse entendimento apaga as desigualdades raciais em Cuba, uma vez que não é possível, com esse entendimento, visualizar as diferentes dinâmicas envolvidas na formação do país e, desta forma, dimensionar os danos causados pelos séculos de escravização negra à parcela negra da população.

Tal desdobramento fez com que negras e negros vissem a sua integração a sociedade cubana pós-revolução comprometida, pois apesar de serem cubanos como os cubanos

⁷⁶ Political assertions of “Black” ethnic identity have been seen, by successive Cuban governments, as posing a challenge to national identity - which, in official conversations, is asserted to be the egalitarian blend of Spanish and African “blood” which was shed together during Cuba’s Nineteenth-century wars for independence. In this manner, Cuban nationalist ideology follows a Latin American pattern where Whites enjoy social, economic and political privileges, including overwhelming representation in mass media outlets, while racism remains masked by the state’s official championing of mestizaje (racial “mixture”).

brancos, ser um cubano negro poderia carregar o elemento da estigmatização negativa associada a escravização. Ao se fazer uma associação formal entre identidade nacional e racial, a desigualdade racial pendula sobre a parcela dos não brancos. Neste cenário, se reafirmar enquanto negro e combater esse estigma, era se reivindicar mais cubano do que todo o restante.

Seria essa desigualdade, então, a responsável por gerar a necessidade de que os moradores de Pogolotti de se reivindicar como parte da história cubana? Qual o peso que esses moradores carregam em suas identidades para que ela precisasse ser expressa através de uma relação tão intensa com a nacionalidade cubana e, conseqüentemente, com sua visão da Revolução? Talvez uma importante chave para responder a essa pergunta esteja em como essa relação é sentida pelos moradores mais jovens do bairro. Esses moradores se sentem mais próximos ou mais distantes da concepção de identidade e nação defendida pelos moradores mais antigos do bairro? E como eles, sendo a geração que carregará essa cultura adiante, se entende dentro deste processo?

Capítulo 5 - Renascendo o bairro de Pogolotti: jovens olhares sobre o futuro

Pensar nas relações entre os mais jovens e os mais velhos em Cuba é sempre um imenso desafio, pois existe uma tensão permanente, como se o ar carregasse uma estática que estivesse prestes a se romper a qualquer momento. Em meus quases cinco anos de viagens constantes a Cuba, pude transitar por espaços muito diversos, que incluíam jovens, velhos, brancos, negros, homossexuais e heterossexuais, pessoas da universidade e “do campo”, algumas que apenas haviam concluído o ensino médio. Pessoas que queriam sair de Cuba a qualquer custo e pessoas que lá queriam passar toda a sua vida sem em nenhum momento querer “respirar um ar diferente”. Para muitos, sair era visto como liberdade, para outros era visto como traição. E foi assim até o dia 11 de julho de 2021.

As manifestações que tomaram as ruas nesse dia foram fundamentais para que a tensão entre os mais jovens e os mais velhos atingisse um novo patamar. Enquanto a maioria dos que tomaram as ruas naquela tarde eram pessoas mais jovens, que possuíam um aspiração por sair do país e viver experiências para além daquelas permitidas pelo regime cubano, a maioria daqueles que no dia seguinte estenderam bandeiras em suas janelas para reafirmar seu amor e compromisso pela Revolução era composto por pessoas mais jovens.

As frustrações dos mais jovens com o regime ficaram muito mais evidentes nos dias que se seguiram às manifestações. Havana inteira se movimentava pautada por esse evento: as pessoas que eu conhecia e que moram mais próximas do centro ou da orla da praia estavam receosas com medo de um novo “Maleconazo”⁷⁷ e que existisse algum nível de repressão policial. Os que moram mais afastados falavam da promessa de barcos que viriam dos EUA para “salvar” os cubanos do regime cubano. Mesmo que nenhum destes cenários tenha se concretizado, era evidente que em Cuba, existia uma separação entre os que temiam essas notícias e os que ansiavam por elas, e esse era um crivo etário.

Em Pogolotti, isso se refletiu no aumento da quantidade de pessoas mais jovens nas ruas, algo que eu não via tanto antes, passando a noite nas ruas conversando entre si, falando de sonhos de se mudarem de Cuba, de construir uma carreira e uma nova vida no exterior. Os mais velhos ocupavam as ruas durante o dia, se reunindo nas praças para falar de como as coisas estavam mudando e como era necessário “ficar firmes” para suportar mais essa

⁷⁷ Foi uma revolta popular que ocorreu em 5 agosto de 1994, que culminou em uma onda de protestos contra as políticas econômicas do governo em Cuba.

passageiro furacão, que era comparado apenas com o Período Especial.

Assim como o que viveram os cubanos neste período histórico, o motivo da crise havia sido causado por um fator externo, que se antes foi o enfraquecimento e posteriormente a queda da União Soviética, agora era a crise sanitária gerada pelo vírus da COVID-19. A necessidade de se fecharem as fronteiras para conter a epidemia do vírus fez com que o país, que possui uma parte fundamental de seu Produto Interno Bruto (PIB) dependente do Turismo, fosse um choque muito grande para a economia do país.

Mesmo tendo se passado mais de dois anos desde o fim da pandemia e a abertura do país para restabelecer suas atividades econômicas relacionadas com o Turismo, o país passa por uma inflação que superou os índices do Período Especial, o que ampliou não apenas a desigualdade social, mas também a falta de itens fundamentais da cesta básica cubana, além de medicamentos e insumos para produzi-los. Não são raros os pedidos de pessoas em Cuba que pedem para que os estrangeiros que visitem o país tragam medicamentos básicos, como remédios para dor e antibióticos, como pude constatar nos relatos de diversos amigos meus que viajaram para Cuba recentemente: os donos das casas em que eles se hospedaram tinham uma lista de medicamentos que eles pediam como parte da “reserva” dos quartos.

Esse cenário fez com que uma frase que sempre acompanhou o debate após o período especial era a *o no es fácil*, que aparece nos textos de João Felipe Gonçalves (2016) sobre suas experiências em Cuba, porém a frase que eu mais escutei era “Tengo Hambre”. A crise gerada pela Pandemia do COVID-19 foi tão profunda que trouxe o fantasma do Período Especial com muita força para o imaginário dos moradores de Havana, o que fez com que aqueles que haviam vivido aquele momento se tornassem ainda mais pessimistas quanto à possibilidade de melhorias. Essa fome não se reduzia à sensação literal, mas também à fome de oportunidades, de perspectivas. Fome de Futuro.

Era esse o elemento que apareceu na maioria das minhas interações com os mais jovens e que também era carregada pela falta de espaço para expressar suas vontades, sua individualidade e poder, de fato, se conectarem com esse legado que é esperado pelos mais velhos que eles assumam. Partindo deste ponto quero abordar dois temas relacionados com isso: a relação dos jovens de Pogolotti com o bairro e a relação dos jovens com as questões de sexualidade, que passam de maneira distintas pelos espaços públicos e privados do bairro.

5.1 Renacer el Barrio Pogolotti - La Cancha e a juventude de Pogolotti

Imagem 5 - Foto de uma inscrição feita por um aluno do projeto Renacer em uma casa de Pogolotti



Fonte - Acervo do autor

Sempre que eu conversava com os jovens de Pogolotti, eles indicavam um lugar como principal ponto de encontro entre eles, que era a quadra do fundo do Conjunto Deportivo Jesús Menéndez. Esse era o “pedaço”, um espaço de lazer por onde se estendia a rede de relações dos jovens do bairro (Magnani, 1998), que utilizavam do espaço de uma maneira distinta da utilização dos mais velhos: se para os moradores mais velhos o ponto de encontro era *El Tanque*, que era uma referência histórica e onde funcionam as principais entidades do bairro, os jovens haviam escolhido *La Cancha*, como seu lugar dentro do bairro.

Ambos espaços estão praticamente na mesma quadra, separados por uma pequena quantidade de casas e uma rua estreita, porém sua importância para esses dois distintos grupos distintos era bastante fundamental. Enquanto El Tanque era um espaço fechado, que necessitava de autorização da presidente da Casa Comunitária para ser utilizado e tinha um calendário fixo de atividades e de utilizações, La Cancha era um espaço aberto, que não possuía uma limitação de atividades, com diversas coisas acontecendo ao mesmo tempo e sem alguém que exercesse um controle rígido sobre as atividades. Enquanto El tanque possuía um horário pré estabelecido de funcionamento, La Cancha estava sempre aberta para receber seus visitantes. Enquanto em um a formalidade dava a tônica do local, no outro era a informalidade que atraía as pessoas para sua utilização.

O Antropólogo José Guilherme Magnani, em seu texto *Da Periferia ao Centro* (1992) define essa dinâmica entre as tribos como dividem seus espaços ligados ao lazer como “do

pedaço” e “fora do pedaço” como

[...] a categoria pedaço era formada por dois elementos básicos: um de ordem espacial, físico, sobre o qual se estendia uma determinada rede de relações. O primeiro configurava um território claramente demarcado: o telefone público, a padaria, este ou aquele bar, o terminal da linha de ônibus, talvez um templo ou terreiro, e outros pontos mais delinearam seu entorno. As características desses equipamentos definidores de fronteira mostravam que o território assim delimitado constituía um lugar de passagem e encontro. era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. [...] (Magnani 1992 p. 192-193)

Essa distinção era encontrada em Pogolotti quando se percebia a forma com que os espaços no bairro eram ocupados por diferentes grupos, sendo que a principal distinção visível entre esses grupos era geracional. Era possível notar que, assim como aponta Magnani, o que determinava esses locais era a rede de relações em que eles estavam implicados. E essa rede de relações se formavam neste entre lugar, que não era privado, mas que também não era exclusivamente público.

Ao se pensar em Pogolotti como um grande pedaço em que as pessoas construíam as suas relações baseadas em parentesco, religiosidade, cotidiano e lazer, entre outras coisas, é possível perceber a existência de um outro elemento por quem os moradores clamam de maneira mais incisiva, que é a reivindicação do papel do bairro para a formação da identidade nacional de Cuba.

Esse elemento, porém, se faz presente de maneira mais homogênea nos discursos dos moradores mais velhos do bairro, não sendo facilmente encontrado no discurso dos moradores mais jovens. Para os moradores mais velhos, existe, como discutido no capítulo anterior, uma maior necessidade de estabelecer essa conexão com o passado, por ser uma questão vital para eles, porém entre os mais jovens essa necessidade está diluída por outros elementos.

Entre os moradores mais jovens é possível muitas vezes notar uma necessidade maior em se diferenciar dos moradores mais velhos do que necessariamente reforçar sua relação com o bairro. Mesmo assim, é possível encontrar o elemento de conexão com Pogolotti nas camadas mais jovens do bairro, que se organizam para devolver ao bairro sua importância histórica e seu valor como o primeiro bairro operário de Cuba. Foi através desta premissa que conheci o trabalho do Projeto Comunitário *Renacer el Barrio Pogolotti*, liderado por Pablito, um jovem artista plástico.

Conheci Pablito durante uma das minhas andanças pelo bairro com a Sra. Tejera. Ele estava em cima de uma escada, enquanto pintava a fachada de uma casa, utilizando fita crepe

e criatividade para desenhar alguns ângulos retos. Ao avistar a mim e a Sra. Tejera, ele acenou com entusiasmo e logo desceu da escada para cumprimentá-la. Ela me apresentou a ele e logo me disse que eu deveria entrevistar um jovem como ele, uma vez que Pablito González, nas palavras dela, era um orgulho para o bairro. Imediatamente trocamos contato e combinamos de nos encontrarmos mais tarde, naquele mesmo dia para que ele pudesse terminar seu trabalho e para que eu pudesse terminar a minha caminhada com a Sra. Tejera.

Não era a primeira vez que as pessoas me falavam sobre o projeto *Renacer*, uma vez que, além de existir diversas pinturas e esculturas assinadas por eles no bairro, seu trabalho era reivindicado por outros moradores como algo que ajudava o bairro a se modernizar, ao mesmo tempo em que dava uma nova perspectiva para os jovens de Pogolotti. Era muito raro os moradores mais velhos do bairro fazerem elogios aos mais novos. Normalmente seus comentários eram carregados de preocupação com os rumos do bairro (e do país) ou carregavam duras críticas aos jovens por não se importarem com suas raízes. Mas Pablito se mostrou como alguém diferente.

O jovem Pablito era um rapaz negro de pele clara, de cerca de 20 anos, que possuía longos cabelos crespos, que ele costumava manter soltos e hidratados, mostrando todo o seu volume, que contrastava de seu corpo esguio e alto. Ele vivia em uma casa de dois andares com sua mãe, um irmão mais novo e uma tia. Sua casa era uma das moradias originais do bairro de Pogolotti, porém havia sido dividida em duas, para acomodar a família, que cresceu e que queriam sua independência. Essa divisão das casas originais em duas era um processo bastante comum na Pogolotti atual.

Quando cheguei à casa de Pablito, ele estava em seu quarto estudando. Era um sábado ensolarado e sua mãe, a Sra. González, que era uma senhora negra de baixa estatura, com cerca de 50 anos, me avisou que ele estava estudando pois tinha uma prova na segunda-feira, ressaltando que ele era um garoto muito dedicado aos estudos. Ele desceu de seu quarto e começamos a conversar na sala, com sua mãe o acompanhando a todo momento. Às perguntas que eu fazia a ele, ela também respondia, o que tornou essa entrevista uma sessão dupla.

Pablito me explicou que o projeto surgiu em 2018 da necessidade, identificada por um amigo e ele, de transformar espaços que eram utilizados como micro aterros sanitários (em que era despejado lixo de maneira irregular) em parques para a comunidade de Pogolotti. Nas palavras de seu idealizador, o projeto visa tirar crianças, jovens e adolescentes do caminho do vício e da gravidez precoce, dando para esses jovens uma nova perspectiva de vida através da arte. Por isso o projeto estaria direcionado para a aplicação de aulas de artes

plásticas (focado em escultura e pintura), além de um trabalho com materiais reciclados. Pablito estudou na Academia Nacional de Bellas Artes San Alejandro, um dos principais centros de estudo de Arte de Cuba, o centro de estudo de arte mais antigo de Cuba e a segunda instituição de ensino mais antiga do país. Ou seja, havia estudado em uma entidade de grande prestígio.

No começo da entrevista lhes expliquei como cheguei a pesquisar o bairro de Pogolotti e perguntei se tinham alguma resposta sobre o porquê do bairro ser visto como um lugar ruim para se morar, e a resposta da Sra. González foi taxativa: eles falam isso porque não moram aqui e por isso apenas falam das coisas ruins. Para ela, o fato dos moradores de outras regiões não conhecerem a história de Pogolotti e não terem vivido no bairro faz com que eles não consigam enxergar as coisas boas que existem ali. Insistiu bastante em reforçar essa falta de identificação dos não moradores como uma das principais causas desta imagem ruim.

Junto com isso, ela também destacou que um dos fatores que ela identificava da presença de uma imagem ruim sobre os moradores do bairro estaria relacionada com a presença da religião Abakuá em Pogolotti. Uma vez que essa religião, assim como o bairro, era taxada de maneira negativa por aqueles que não a conheciam, ela seria um dos elementos que estaria reforçando essa associação negativa. A Sra. González reafirmava que, apesar da existência de vários médicos, cientistas, músicos e personalidades cubanas que são da religião Abakuá, isso não impedia que as pessoas que desconheciam a religião inventassem coisas sobre o bairro.

Entre as distintas pessoas que seriam da religião Abakua, ela enfatizou o fato de que vários deles eram grandes patriotas, ou seja, moradores comprometidos com a Revolução e com a luta pela independência de Cuba. Essa relação com esses patriotas, na opinião da Sra. González, já existia antes da formação do próprio bairro, uma vez que muitos dos que lutaram pela independência do país decidiram se manter naquela região para se estabelecer como moradores, assim como fizeram os antepassados da Sra. González e de Pablito, que eram fundadores do bairro. Ela afirmou, com muito orgulho, que sua família estava naquela casa desde que ela havia sido construída, em 1911.

Para eles, que passaram a vida toda no bairro, não existia motivo para as pessoas destinarem tanta energia em falar mal do bairro. Porém, eles apontaram que uma coisa que mudou as pessoas foi a crise causada pela pandemia, pois ela aflorou o que pior tinha nas pessoas, que estariam perdendo sua característica de bondade, que era parte da identidade do bairro. Assim como o Sr. Silva, eles ressaltaram que as pessoas pobres tinham por hábito se

ajudar mutuamente, e que essa era uma característica fundamental da cultura do bairro.

Esse foi um dos momentos em que a questão da desigualdade social e econômica dos moradores do bairro foi bastante ressaltada. A Sra. González destacou o papel daqueles que não viviam em Cuba como os grandes culpados por isso. Com bastante ressentimento, ela disse que o país era dividido entre aqueles que possuíam parentes no exterior e aqueles que não possuíam. Na sua opinião “casar com um estrangeiro ou ter um filho que se case com um era ao mesmo tempo uma benção e uma maldição”. Ao questioná-la sobre o que isso significava, ela me explicou que a “benção” era referente as facilidades que ter um parente que possa lhe enviar dólares trazia para qualquer família em Cuba: o fato do país passar por uma crise econômica fazia com que existisse uma forte disputa por insumos básicos, e ter acesso a mais dinheiro poderia garantir acesso a mais coisas, diminuindo assim a sensação de escassez.

Enquanto isso, a “maldição” na opinião da Sra. González, estaria relacionada com o fato de que, ao depender do dinheiro estrangeiro isso tornaria as pessoas menos patriotas, menos cubanas, o que para ela era um grande problema. Ao se afastar do país (tanto física quanto culturalmente), as pessoas se tornavam menos “patriotas”, abandonando a Revolução. Esse distanciamento da ideia de Revolução era o que fazia, em sua opinião, que as pessoas se tornassem traidores da pátria cubana, renegando suas origens. Isso refletia diretamente na juventude cubana, que possuía o grande sonho de viver fora do país.

Em minhas entrevistas com os moradores do bairro, tentei equilibrar as entrevistas de maneira a abranger pessoas negras e brancas, mas também os mais velhos e pessoas mais jovens. Essa escolha se revelou como um grande desafio, uma vez que era muito mais difícil encontrar jovens que confiassem em mim o suficiente para concederem entrevistas mais longas e responderem de maneira mais organizada.

Apesar de ter entrevistado cerca de 10 jovens com idades entre 15 e 22 anos, diferente das entrevistas realizadas com pessoas com idades superiores a essa, em que os entrevistados falavam por cerca de 40 a 50 minutos, a maioria dos entrevistados abaixo dos 22 anos concediam entrevista com de cerca de 5 a 10 minutos, respondendo às perguntas de maneira muito sucinta e direta.

Consegui chegar ao máximo de uma sequência de 4 entrevistas em cerca de 30 minutos, quando uma das minhas interlocutoras (que era uma mulher mais velha, com cerca de 45 anos) me levou para entrevistar os filhos de seus vizinhos. Andamos por 3 ruas diferentes, e os jovens, que estavam na rua conversando, apenas respondiam as perguntas com certo tom de desinteresse, o que fez com que eu tentasse mudar a abordagem diversas

vezes. Tentei utilizar o gravador, mas as respostas curtas me fizeram pensar que o gravador poderia estar inibindo os entrevistados, então mudei para gravar com o celular, porém o resultado foi o mesmo. As últimas entrevistas tentei utilizar apenas um bloco de anotações, mas isso me fazia perder as reações das pessoas e também não estava produzindo entrevistas de melhor qualidade. Por fim, decidi apenas conversar com a jovem e isso me rendeu uma entrevista de 4 minutos, em que a jovem apenas respondia com “sim”, “não” e “não sei”.

Apesar disso, os jovens eram unânimes em uma coisa: nenhum deles tinha vontade de permanecer em Pogolotti. Os motivos apresentados foram os mais diversos, que passavam pela vontade de conhecer outros países e novas culturas quanto pela vontade de querer ter melhores condições de vida, se distanciando do regime cubano. Uma delas afirmou que faria de tudo para viver longe de Cuba e principalmente longe de Pogolotti, por isso estava se preparando para deixar toda a família para trás e se mudar, pois não queria passar a vida toda sendo associada com o tipo de pessoa que vivia no bairro. Essa era a característica que a mãe de Pablito considerava uma traição.

Tanto a Sra. González quanto Pablito afirmavam que, na época dos seus pais e avós, o senso de comunidade em Pogolotti era muito mais forte, uma vez que mesmo aqueles moradores que se dedicavam ao roubo, caso vissem uma senhora precisando de ajuda para carregar as compras da feira, prontamente a ajudariam. Eles afirmavam que em Pogolotti todos eram como uma grande família, que tratavam a todos pelos nomes, pois se conheciam profundamente e que por isso se esforçaram para cuidar uns dos outros. Para ela, antigamente, existiam palavras mágicas como solidariedade, respeito, família. E que essas palavras mágicas eram a base da cultura de Pogolotti.

Ela relatou que sua avó tinha uma creche improvisada, que funcionava também como escola de alfabetização, algumas casas depois da casa em que eles moravam, e que voluntariamente sua avó se dedicava a cuidar dos filhos de seus vizinhos. Essas crianças das quais a avó da Sra González cuidava, durante muito tempo ela conheceu como tios e tias. Ela também disse que sempre escutava histórias maravilhosas da infância de sua avó e de sua mãe no bairro, e que nessas histórias elas sempre enaltecem as qualidades positivas ali e do sentido de solidariedade que unificava o bairro. Para ela, Pogolotti era um bairro familiar não apenas no sentido de ser majoritariamente residencial, mas que a vivência em Pogolotti envolvia uma relação de família entre seus moradores, mesmo que eles formalmente não fossem parentes de sangue.

Essa necessidade de ajudar foi o que fez com que Pablito e seu amigo criassem o projeto “*Renacer el barrio Pogolotti*”, para que houvesse um ponto de apoio para os jovens,

seguindo o mesmo princípio de ajuda que eles veem se desgastando no bairro. Seus antepassados, segundo eles, possuíam a mesma relação com o bairro e esse era o sentimento que eles queriam resgatar, uma vez que a crise havia piorado muito.

A Sra. González comparou o momento vivido durante a pandemia com o da crise do Período Especial, dizendo que da mesma forma que naquela época haviam muitos delinquentes em Cuba, agora novamente se fortalecia a delinquência. Porém, ela ressaltou que as pessoas problemáticas de antigamente possuíam muito mais ética e bondade do que os de hoje em dia, dizendo que antes até os ladrões possuíam mais honra, pois respeitavam o bairro e faziam com que os delinquentes de outras partes da cidade também respeitassem Pogolotti.

Esse aspecto era bem importante para ela, principalmente por se tratar de um dos aspectos pelos quais o bairro era visto como um lugar ruim. Não existia, no passado, um morador do bairro, entre os bons e os ruins, que não valorizasse as tradições e os valores de Pogolotti. Ela diz que, quando era pequena, não escutava nenhuma história de pessoas que foram, roubadas, mortas ou baleadas no bairro, pois isso estava fora do que a ética do bairro permitia. Hoje ela escuta muito mais problemas relacionados com os jovens do bairro do que em sua época, ressaltando que existe uma deterioração dos valores, assim como acontecia com as casas que iam envelhecendo e perdendo suas características originais.

Ela também reforçou a ideia de que o aumento dos problemas no bairro, relacionado aos jovens, estaria relacionado com o aumento de “famílias disfuncionais”, que fazia com que Pogolotti se tornasse um “*barrio desastroso*”. Isso se deve a que os jovens hoje estavam crescendo sozinhos, sem referência de pai e mãe, sem referências nos mais velhos como exemplo e que por conta disso estavam tendo filhos cada vez mais cedo, com 15, 16 anos. Muitos destes filhos, segundo ela, eram fruto de uma cultura que beirava um tipo de prostituição infantil.

Essa questão da prostituição infantil, para a Sra. González, era o ápice da degeneração, pois apesar de defender que em Cuba não havia essa modalidade de prostituição instituída, que uma jovem que com 9, 10 anos já possui uma vida sexual ativa, estaria em um tipo de prostituição. Ainda mais que, para ela, essas as jovens não entraram nessa vida apenas pelo dinheiro, mas sim pela busca de coisas que elas eram incentivadas a consumir, como uma determinada roupa ou calçado, um determinado celular, etc. Essa desestruturação era um símbolo da mudança de mentalidade que aconteceu entre os jovens do país, não apenas de Pogolotti, após as crises que levaram milhares de cubanos a deixar o país após o *Maleconazo*, no ano de 1994.

Mas na visão da Sra. González o governo lutava para resolver os problemas dessas famílias desestruturadas, com programas sociais que tinham como objetivo garantir casas para mães solas, um sistema de busca ativa para crianças que estavam faltando à escola e ampliação de incentivo aos trabalhadores individuais (que eles chamavam de cuentapropistas), entre outras iniciativas. Me pareceu que esses jovens, porém, não se sentem valorizados por esse mesmo governo, ao não se verem integrados às preocupações daqueles que estavam no poder.

Por outro lado, Pablito, que não viveu a crise do Período Especial, disse que os jovens de hoje se sentem muito desestimulados, uma vez que não veem muita perspectiva de um futuro promissor. A juventude cubana, para ele, estava cansada das lembranças das glórias do passado e da promessa de um retorno a esse lugar, mas que ela queria poder pegar o futuro em suas mãos e moldá-lo. Aí entrava a importância do projeto Renacer, que tentava através da arte mostrar para esses jovens que eles podiam pensar em mundos muito mais amplos, utilizando as artes plásticas, a música, a poesia e outras manifestações artísticas.

A grande reclamação de Pablito era que existia pouco investimento do Governo em cultura e em lazer longe do centro de Havana. Os poucos equipamentos que existiam estavam muito mal conservados. Ele deu como exemplo a piscina do Complexo Desportivo Jesús Menéndez, que estava esvaziada há alguns anos, devido à falta de material para limpá-la. Isso fazia com que os jovens tivessem muitas vezes que se deslocar até o centro da cidade para buscar opções de lazer, onde se sentissem integrados aos jovens de outros lugares.

Sua mãe, ao contrário, aponta que os jovens do bairro, apesar de alguns saírem para festas em outros lugares, possuíam um forte vínculo entre eles, sendo esse, inclusive, o motivo da pandemia de COVID-19 não ter se espalhado no bairro. Em Pogolotti, as pessoas compartilham tudo, desde o copo e o cigarro, e também os cuidados com os mais velhos, o que fez com que seus moradores seguissem se encontrando, mesmo com o toque de recolher e as orientações de distanciamento sanitário. Para ela, o senso de comunidade era tão forte que o fato de Pogolotti ser visto como um bairro marginalizado manteve os moradores de Pogolotti dentro do bairro e os visitantes fora, o que permitiu que os moradores não espalhassem o vírus, uma vez que a marginalização garantiu que essa enfermidade não afetasse tanto o bairro.

Mas os moradores do bairro lidavam com essa necessidade de atividades culturais e de diversão criando as suas próprias festas. Porém, as manifestações culturais de Pogolotti também sofriam com o olhar daqueles que não moravam por aqui, uma vez que o que antigamente era visto com um olhar cultural, como a rumba, os desfiles de conga, etc, hoje

era visto como desculpas para a bebedeira e como baderna, como manifestações que, segundo ela, pertenciam ao “*bajo mundo*”. Mas hoje, quando a conga de Pogolotti toma as ruas, todas as pessoas saiam para dançar atrás dela. Para eles, o que os de fora do bairro chamavam de “*bajo mundo*”, para eles sempre foi cultura.

Essa cultura refletia um modo de vida para os moradores do bairro, pois estava relacionada a uma tradição que não era reduzida a uma atração cultural, mas a uma maneira de viver o bairro. Eles recordam que, durante uma das festas de comemoração do 24 de fevereiro, aniversário do bairro, os organizadores de um dos shows estava discutindo sobre colocar a banda depois da conga, para garantir que o show, de um grupo que não era do bairro, fechasse aquela noite de espetáculos. A resposta da diretora do grupo de conga foi que, quando a conga saísse, ninguém mais ficaria ali, e eles já não teriam mais controle sobre a festa, pois a conga não pertencia a eles, mas pertencia ao bairro e, por isso, não teria como garantir que as pessoas voltariam para assistir ao show.

Mostrou-se muito importante para a identidade do bairro não necessariamente a conga, mas sim a performance da tradição do bairro. E isso foi reforçado pela afirmação de Pablito e sua mãe de que, para que o bairro pudesse tirar de si a visão de que eram um bairro perigoso, que isso apenas poderia ser feito através da cultura, da tradição e, principalmente, pelos jovens. Mas eles assumiram que não seria uma tarefa das mais fáceis.

Um dos problemas apontados por eles como motivo das pessoas se colocarem contra o bairro de Pogolotti é em parte pelo fato do bairro ter muitas pessoas negras. Essa era uma característica que não poderia ser mudada pelas atividades do projeto e tampouco essa era a intenção deles, uma vez que queria reforçar o valor da cultura negra. A Sra. González disse, em mais de uma oportunidade o quanto era comum as pessoas verem os bairros de negros como lugares marginais, e em Cuba isso não era diferentes, pois o racismo também não havia acabado.

Para eles, o fato do bairro ser principalmente composto por pessoas de pele escura, era algo que fez com que o bairro tenha sido construído tão longe da cidade. Assim os negros do bairro poderiam seguir as suas vidas sem interferir na rotina do centro. Mas que como eles era “negros atrevidos”, que se colocavam a cantar, dançar, escrever, pesquisar, e por conta disso apareciam para o mundo, eles eram vistos como negros ruins, porém eram ruins por não se enclausurarem no papel de negros serviçais, mas sim no papel de protagonistas de uma história de luta.

Essa ocupação negra do espaço urbano, na opinião deles, foi reforçada com a chegada dos “palestinos”, principalmente por eles terem “*invadido Havana*” e tornado a presença

negra ainda mais indesejada. Uma frase da Sra. González me chamou muito a atenção, pois comparava Havana com um país, e que, por isso, perguntavam aos migrantes de qual país eles vinham, ao que eles mesmo respondiam: “se vocês não são de Havana, então vocês vieram da Palestina”. Não eram do “País Havana”.

Eles disseram que os trabalhadores de Havana, hoje, eram quase todos orientales, uma vez que eles chegaram e ocuparam todos os lugares, pois queriam mostrar seu valor. Então participavam das micro brigadas⁷⁸, como maneira de garantir suas casas em Havana, desempenhavam trabalho de pedreiro, padeiro, costura, culinária, etc, sem saber realizá-los, mas aprendiam. Isso aparece principalmente na força policial da cidade, que era, segundo eles, composta quase exclusivamente por orientales, mas principalmente de pessoas negras dessa região. Era uma ocupação que os moradores de Havana detestavam e ninguém queria fazer, por isso os palestinos aceitaram esse trabalho.

Mesmo reconhecendo que *palestino* era um termo pesado e pejorativo, eles diziam que era o que melhor retratava essas pessoas. Para eles, ser negro e ser palestino, eram quase sinônimos. Eles reconheciam que os palestinos não eram pessoas ruins ou que sua presença, apesar de ser vista como invasora, era algo negativo, uma vez que eram pessoas trabalhadoras. Porém, elas reforçaram, para eles, a ideia de que, quanto menos pessoas negras houver em Havana, melhor a cidade estará, uma vez que os palestinos também traziam consigo o signo da pobreza e com esse, o da delinquência.

Eles afirmaram que não acham que a má fama do bairro (principalmente aquela respaldada em uma ideia racista) acabará um dia, mas que o papel deles seria resgatar os valores que eles sentem que o bairro perdeu nos últimos anos e que ajudavam a combater esse estigma. Para eles, essa geração de jovens que buscavam viver mais as coisas de fora de Cuba do que as coisas de seu próprio país, eram a “geração dos conectados”. Por conta do grande consumo de referências virtuais externas, trazidas a eles pelo acesso à internet, esses jovens que viviam o “sonho americano”, por conta das redes sociais e das histórias de parentes e vizinhos que moravam fora de Cuba.

Essa nova geração, da qual Pablito também fazia parte, em alguns momentos conflitava com a geração de seus pais e avós, não apenas por não terem, na visão dos mais velhos, uma conexão tão profunda com o bairro quanto seus antepassados, mas principalmente por não terem uma relação tão profunda com a Revolução. Era como se a revolução fosse, ao mesmo tempo, um período histórico do passado e do presente, que tinha

⁷⁸ As micro brigadas foram processo de construção de habitação populares durante a década de 1980, que garantiu que se ampliasse a oferta de casas populares em Cuba.

como âncora a identidade dos moradores do bairro.

Pensar essa relação entre nacionalidade e identidade não é uma novidade nos estudos sobre Cuba, como nos traz o antropólogo João Felipe Gonçalves (2017 p.2-3), ao afirmar que

O valor nacionalista da ideia de “Revolução” tem uma longa história em Cuba. Esse valor surgiu e se consolidou em meados do século XIX, quando passou a denotar o emergente movimento armado pela independência do país em relação à Espanha. Tanto a frustrada Guerra dos Dez Anos, entre 1868 e 1878, como a última guerra de independência, entre 1895 e 1898, eram chamadas de “Revolução” por seus participantes e defensores. Já na década de 1860 o termo tornara-se uma palavra-chave do nacionalismo cubano e ganhara um tom essencialista que lhe atribuía subjetividade e agência. Como hoje, a “Revolução” era, já naquela época, discursivamente fetichizada como um ser que agia, pensava, exigia sacrifícios, ganhava algumas batalhas, perdia outras, prometia a redenção nacional etc. [...] Depois da independência formal de Cuba, em 1902, a celebração mítica do termo exacerbou-se ainda mais, e as lutas armadas contra os ditadores Gerardo Machado, na década de 1930, e Fulgencio Batista, na década de 1950, eram chamadas de “revoluções” por todos que as apoiavam [...] Dessa forma, quando o heterogêneo movimento armado liderado por Fidel Castro tomou o poder em 1959, cercado por uma generalizada aprovação popular, havia uma quase unânime euforia em torno do então chamado “governo revolucionário” e do termo “Revolução”.

Aqui se pode perceber como o valor nacionalista de Revolução é um termo que possui uma forte relação com a identidade cubana, sendo mobilizado em vários contextos históricos diferentes. Isso se refletiu na minha pesquisa quando as pessoas com quem eu conversava classificavam a si mesmas e a outras pessoas como revolucionárias ou não, transformando um debate sobre um possível posicionamento político em um debate moral, que está envolto em uma disputa de narrativas (Gonçalves, 2015).

É possível notar que a identidade Cuba está relacionada com a Revolução e com ser revolucionário, e este é o aspecto da identidade cubana que o bairro de Pogolotti reivindica como seu principal bastião, como uma forma de garantir sua importância e legitimidade para Cuba a partir desta localização. Se ser cubano é ser revolucionário, ser de Pogolotti também o era. E isso estava diretamente relacionado com a formação do bairro e seu aniversário.

A Sra. González me relatou que não foi uma escolha aleatória a data de fundação do bairro: ela remetia a uma data que a relacionava diretamente com a luta de independência de Cuba. Isso fazia dos moradores do bairro não apenas descendentes de trabalhadores, mas principalmente os ligava à luta pela soberania de Cuba como um país. Ela inclusive lembrou que o aniversário de um de seus irmãos era no dia 24 de fevereiro, e que todas as crianças que nasciam neste dia ganham um enxoval completo, porém atualmente é dado apenas para a primeira criança que nasce nessa data, reforçando que seu irmão estava ligado à Revolução desde seu nascimento.

E talvez aí esteja parte da ruptura encontrada entre os moradores mais velhos do bairro e os mais novos. Não foram poucas as pessoas que destacaram essa diferença de conexão

entre os mais novos e a revolução, e consequentemente com o bairro, uma vez que para que os jovens fossem vistos como revolucionários, eles deveriam carregar consigo a chama da Revolução.

Para Pablito, um lugar importante para a juventude era *La Cancha*, pois era o lugar em que normalmente os jovens se encontravam para conversar, paquerar, ouvir músicas e jogar *pelota* (beisebol) ou basquete. Os jovens do bairro gostavam de se reunir nesse espaço pois era lá que se sentiam bem, que os diferentes grupos jovens se encontravam e que, nas palavras de um deles, se sentiam “parte do bairro”, uma vez que não apenas lembrava o passado, mas que apontava para um futuro.

Muitos dos jovens viam nas atividades musicais ou esportivas uma possibilidade de poder ter uma vida melhor. Era comum alguns deles dedicarem tempo nessas atividades com a perspectiva de poderem juntar dinheiro para sair do país e enviar *remessas* para seus familiares⁷⁹. Existe um forte incentivo dos pais para que os filhos enveredarem por esse caminho, o que ajudaria a melhorar a vida de toda a família. Porém, para os jovens seria apenas uma possibilidade de viver novas experiências.

Um dos jovens com quem conversei, que era um rapaz branco de cabelos platinados, falava que ele não tinha grandes pretensões de viver fora de Cuba, mas que gostaria de “sair para respirar um ar diferente”, pois alegava que o ar que ele respirava em Cuba era viciado, pois nem as correntes de ar que vinham do oceano conseguiam mudar o cheiro do ar dentro de Cuba. Uma outra jovem, negra de longos cabelos alisados, falou que Cuba era um “cemitério de sonhos”, pois sempre que sonhava com algo bonito, se lembrava que vivia em Cuba e que seus sonhos seriam impossíveis de se realizarem.

Em minhas entrevistas com os jovens de Pogolotti, pode notar que apesar deles não quererem se mudar do bairro, pois se sentiam seguros vivendo no bairro em que nasceram, foram criados e tinham relações, muitos deles falavam que se tivessem a possibilidade de mudar, seria para outro país. Muitos deles expressavam uma forte vontade de viver em Miami, na Cidade do México, no Rio de Janeiro, em Nova Iorque, etc.

Esse debate me lembrou um jovem que eu conheci em minha primeira visita a Cuba, ainda em 2018, que me falou sobre sua visão sobre a Revolução. Ele, que era um jovem negro de cerca de 25 anos na época e estava prestes a se formar em Ciências Políticas pela Universidade de Havana, sempre se afirmou como um revolucionário. Ele fazia parte da

⁷⁹ Remessas é como popularmente é conhecido o processo de enviar dinheiro desde o exterior para os familiares em Cuba. Esse inclusive é um dos fatores que geram desigualdades internas, uma vez que o acesso a dólares ou euros (que são moedas fortes), proporciona uma maior possibilidade de acúmulo de capital e, consequentemente, cria uma nova classe social em Cuba.

Juventude do Partido Comunista Cubano (UJC, na sigla em espanhol) e da Federação Estudantil Universitária (FEU, na sigla em espanhol), fazia ações sociais, falava três idiomas (inglês, francês e alemão), ajudava a cuidar de sua mãe enferma e sendo exemplo para seus irmãos mais novos, ou seja, alguém que poderia se tornar, facilmente, uma liderança política do Partido. Mas, na primeira oportunidade que teve de sair de Cuba, por conta de um projeto de intercâmbio da universidade, ele se desligou de tudo isso e foi viver na Europa, deixando sua mãe e seus irmãos para trás.

Quando outras pessoas me falaram desta decisão dele, eu fiquei muito chocado, pois de todos os jovens que eu conheci, ele era o que, aos meus olhos, melhor representava um jovem revolucionário. Porém, me lembrei de uma conversa que tivemos durante um almoço, em que estávamos comendo sozinhos um frango assado enquanto bebíamos cervejas “dispensadas”⁸⁰, que eram bebidas nacionais cubanas de menor qualidade.

Ele falava sobre o desejo de conhecer coisas para além dos “muros” de Cuba e que, apesar de se reconhecer como um revolucionário, tinha uma memória sobre a Revolução que lhe era particularmente dolorosa: ele se recordou de um Natal durante o Período Especial, quando tinha cerca de 5 anos, em que ele e sua família não tinham nada na geladeira além de água e um saco de açúcar. Sua mãe, que ainda não estava apresentando os futuros problemas de saúde, lhe assegurou que tudo aquilo iria passar, pois a Revolução os protegeria. Ele disse que era a primeira vez que escutava a palavra Revolução, mas que não se sentiu protegido pela Revolução e prometeu a si mesmo que não dependeria nunca mais dela, para nunca mais sentir aquele abandono. Me parece que ele seguiu essa promessa a si mesmo.

Durante minhas conversas com a Sra. González e Pablito, pude notar que em certos momentos ele queria discordar de sua mãe, principalmente quando ela falava dos mais jovens, porém ele se calava, como se houvesse algo que ele gostaria de dizer, mas que não deveria. Ao final da entrevista, que terminou com uma apresentação musical da tia de Pablito, que era uma cantora de trova, ele pediu que eu o encontrasse novamente outro dia, para continuar a entrevista.

No dia seguinte, 11 de julho, houve a maior manifestação popular em Cuba desde o *Maleconazo*, em uma manifestação popular que iniciou na cidade de San Antonio de los Baños e se espalhou por todo o país. Estimulando-se e informando-se mutuamente pelas redes sociais, os jovens de Cuba saíram às ruas sob os gritos de *Pátria y Vida e Libertad*, a manifestação começou após um apagão que durou em algumas cidades, mais de 2 dias. Em

⁸⁰ Cerveja “dispensada” era um modelo barato de chopp cubano, que é produzido em grande escala por evitar passar pelo processo de pasteurização, que está presente na produção da cerveja convencional.

San Antonio, os moradores tomaram às ruas na manhã do domingo e rapidamente a notícia das manifestações ganharam espaço em outras cidades, que replicaram seus gritos e em poucas horas também ocupavam as ruas.

Foram mais de 12 horas de manifestações pelo país, sendo que em Havana elas se concentraram no Malecón (por isso a comparação com o *Maleconazo*) e em Habana Vieja. Como retaliação, o governo cortou o sinal de internet em toda a ilha, que ficou cerca de dois dias sem internet. O presidente de Cuba, Díaz-Canel, chegou a visitar a cidade de Santo Antonio de los Baños para conversar com os manifestantes de lá, porém sem sucesso. Lojas com vidros quebrados, invasão de supermercados, roubos e um rastro de destruição foi o que Díaz-Canel encontrou. A juventude de Cuba estava buscando novas maneiras de mostrar sua insatisfação.

Em Pogolotti esse foi um tema que acirrou ainda mais as diferenças entre os jovens e os mais velhos, pois à sua maneira, cada um estava defendendo uma ideia do que era ser revolucionário. Os mais velhos queriam proteger a ideia de Revolução e de país com a qual cresceram e construíram, já os mais jovens queriam criar uma Revolução e um país aos seus moldes. Duas mulheres mais velhas conversavam na rua sobre as manifestações, e uma delas recriminava os jovens por terem causado tanto alvoroço, quando a outra retrucou: “Cada geração precisa de sua própria Revolução, e quem sabe essa não seja a Revolução desta nova geração.”

Nas ruas, encontrei com diversos jovens que participaram das manifestações e eles relataram diferentes sentimentos sobre o ocorrido. Enquanto alguns falavam que se sentiram vivos pela primeira vez e que queriam seguir nas ruas, outros viam com maior ressalva, dizendo que o movimento precisava se organizar melhor. Parte das manifestações, segundo relatos, partiu do movimento *San Isidro*, uma organização de artistas de Centro Habana e Habana Vieja que reivindicaram direitos para os produtores culturais durante a pandemia, uma vez que ao estarem impedidos de trabalhar, estariam passando por dificuldades financeiras e que chegaram a protagonizar uma greve de fome.

Diversos jovens me disseram que, apesar das manifestações terem irrompido em Santo Antonio de los Baños, que há algumas semanas nos grupos de Telegram eles estavam recebendo mensagens de que “alguma coisa iria acontecer”, para que estivessem prontos. Muitos jovens falavam sobre o lema da música “Patria y Vida”, que era interpretada pelo grupo *Gente de Zona*, juntos com os cantores Yotuel, Decemer Bueno, Maykel Osorbo, El Funky, que são artistas cubanos que hoje vivem fora de Cuba. A música, que é uma aberta crítica ao Governo e que defende um novo momento em Cuba, em ruptura com a Revolução

de 1959, foi tão emblemática que ganhou dois Grammy Latinos⁸¹.

A dupla *Gente de Zona* é originária de Pogolotti, e Alexandre, que é o principal vocalista, se tornou uma *persona non grata* no bairro, pois estava sendo visto como um traidor da Revolução. Mas para diversos jovens de Havana, eles eram vistos como heróis. E isso também pesava sobre os jovens de Pogolotti.

Ao conversar com diferentes jovens no bairro, percebi que eles careciam de um grande evento em comum, seu próprio marco fundador. Muitos deles reclamam que não se sentiam conectados com as histórias contadas por seus pais e avós sobre o passado de Cuba, sobre suas glórias e os benefícios trazidos para eles com a Revolução de 1959. Os fundadores do bairro tinham a luta pela independência, os avós tinham a Revolução de 1959, os pais tinham a defesa do país contra os EUA durante a Guerra Fria. Os mais novos não tinham nada até os atos do 11 de Julho.

A sensação de que existia uma ausência de mudanças em Cuba, causada por uma estabilidade estética, escondia que havia na verdade uma mudança, porém para pior, como relatou para mim uma jovem que morava em Pogolotti. Ela dizia que estava cansada do passado. E essa era uma reclamação recorrentemente comum entre os jovens. Eles ansiavam por um espaço em que suas próprias histórias seriam contadas, em que os dias gloriosos também os incluíssem. Para alguns deles, o dia 11 de Julho foi uma primeira experiência nessa direção.

A antropóloga Jalane Schmidt (2008, p. 163) aponta que existe uma relação importante entre o apreço desta juventude pela cultura estadunidense e a ferramenta dos protestos. Para ela, uma camada de jovens cubanos (em especial de cubanos negros) viam com grande admiração os modelos norte-americanos de mobilização política, em especial as marchas pelos movimentos pelos direitos civis nos EUA e mais recentemente as marchas por justiça racial e contra a violência policial do movimento que tomou as ruas de Los Angeles em 1992. Por conta disso, as marchas públicas se tornaram um tema entre os mais jovens, que haviam sentido, muitos deles pela primeira vez, a sensação de serem protagonistas de uma história que era deles. Esse protagonismo é fundamental para gerar um sentimento de unidade, tanto apontado pelos mais velhos como ausente na nova geração, ou como disse minha interlocutora “fazerem sua própria revolução”.

Ser jovem em Cuba não é um lugar fácil, uma vez que você se vê constantemente

⁸¹ O Grammy Latino é a principal premiação da música da América Latina, e a música ganhou nas categorias de Melhor Música Urbana e de Canção do Ano (2021), que é a principal categoria da premiação.

pressionando entre um passado com elementos de um realismo quase fantásticos (Guerras, Revoluções, luta armada, um líder de prestígio mundial, etc) e um futuro incerto, uma vez que, nas palavras deles, não existe possibilidade de Cuba voltar a ser o que era antes. O que se tornaria Cuba então?

Para esses jovens, poderia ser um lugar mais livre, com menos regras e mais direitos. Muitos deles, mas entrevistas, diziam se sentir sufocados pelo ar de Cuba. Que gostariam de sair do país para conseguir pensar com clareza. Um deles chegou a me dizer que "com fome, a gente se agarra ao que aparece, por isso é tão difícil largar Cuba". Perguntei se ele estava falando de fome literal, mas me respondeu que não, mas de uma "fome de vida", como se em Cuba ele fosse um zumbi que não conseguia pensar no amanhã. Essa fome era, então, a necessidade de viver à sua maneira.

Importante destacar que o tema da fome em Cuba atualmente é muito diferente da forma como este tema é vivenciado em outros lugares, por conta de políticas de governo que tentam garantir uma alimentação mínima para a população. Em países como o Brasil, a fome ganha contornos mais agudos, uma vez que existe uma ausência de programas governamentais que avancem sobre a insegurança alimentar de maneira mais global. Ao menos foi até a pandemia.

Os jovens se sentem mais distantes de Cuba, enquanto os mais velhos se sentem mais próximos. Os jovens possuem o olhar no horizonte, para fora, enquanto os mais velhos possuem um olhar para dentro. Durante as minhas visitas a Cuba, percebi uma diferença entre os jovens antes e depois da pandemia. Pessoas com as quais eu havia conversado antes da pandemia estavam menos ansiosas por sair de Cuba, sustentando poucas críticas ao governo e a situação ao país. Após a Pandemia, os jovens se viram ainda mais enclausurados, e em Pogolotti a situação foi ainda pior, uma vez que a condição de seus moradores, com relação aos moradores de outros bairros, fez com eles, como me disse uma interlocutora, se "sentissem ilhados dentro da ilha de Cuba".

Essa sensação de se sentir ilhado, isolado, sem escapatória não é uma exclusividade de Cuba, mas um sentimento compartilhado por outros moradores do Caribe e regiões insulares. Mas em Cuba, muitos se dizem duplamente ilhados, uma vez que além do isolamento físico, existe também o isolamento social, por conta do embargo contra Cuba. Nesse sentido, a pandemia colocou uma terceira camada de isolamento sobre os moradores de Cuba, que se viram presos dentro de seus bairros e de suas casas.

A política de isolamento em Cuba durante a Pandemia criou áreas de isolamento que mantinham os moradores em suas quadras, sempre que havia casos de suspeita de COVID,

além de um rígido toque de recolher. Isso garantiu que Cuba fosse um dos países que menos tiveram casos e mortes por COVID durante o primeiro ano. Mas após um ano de isolamento, os moradores estavam ávidos por sair nas ruas e "voltar à normalidade", em um movimento que também ocorreu em outros lugares.

Essa sensação de isolamento aumentou a angústia da juventude cubana com quem eu tive contato, que se viram no limite do que poderiam suportar. Essa condição fez com que Cuba se tornasse uma panela de pressão, com uma grande parcela da população querendo voltar ao normal, mas não querendo voltar ao passado. O país se viu, então, em um impasse.

Evocar aspectos específicos da memória envolve silenciar passagens que poderiam acabar essa visão mais hegemônica da história. Cuba, nesse sentido, se valeu muito da construção dessa história direcionada para os elementos que decidiu valorizar, em contraposição a diversas outras histórias silenciadas.

Porém, esse apagamento era possível em um momento da história em que as pessoas não podiam influenciar nos registros históricos. A popularização de câmeras e celulares modernos trouxe a possibilidade de que outras histórias pudessem ser contadas. A juventude de Havana, em especial em Pogolotti, decidiu contar a sua versão sobre a vida em Cuba, que também se manifestou nos atos de 11 de julho.

Existe uma grande apreensão dos jovens cubanos sobre o seu futuro. A preocupação deles costuma aparecer em frases sobre o mundo que desejam, as coisas que querem viver e experimentar e como a Cuba atual não cabe nesses sonhos que eles possuem. Em Pogolotti, não existia para os jovens um passado, uma vez que não exibiam a mesma ligação que os mais velhos e que muitos demonstravam não se importar com a manutenção deste passado, mas sim uma grande ansiedade sobre o futuro. Isso era o que movia a juventude em uma direção de olhar oposta ao dos mais velhos.

Quando tive a oportunidade de entrevistar Pablito sozinho, sem a presença de sua mãe, pude perceber que tudo em suas falas estava relacionado ao futuro. O próprio projeto Renacer era um exemplo disso, uma vez que ele queria dar um novo significado ao bairro, não apenas resgatá-lo ao que era no passado. Um passado moldado por uma juventude com os escombros do que foi o bairro.

Ao falar sobre o passado do bairro, Pablito reconhecia a importância do passado para que o bairro fosse, no seu ponto de vista, uma referência para a cidade, com uma história forte e cheia de passagens incríveis. Mas ele estava tranquilo em deixar o passado no passado. O que lhe preocupava era o futuro, dele, de seus amigos, e dos outros jovens do bairro. Para ele, Pogolotti não era apenas uma grande referência do passado, mas uma via por

onde o futuro podia correr com esperança.

Em uma das vezes que nos encontramos, ele fez questão de falar sobre o que significava o Projeto em sua vida particular: ele significava também um renascimento para ele, que caiu de um andaime durante uma atividade quando era criança e teve que fazer uma delicada cirurgia no rosto. Mesmo tendo corrido risco de morte, ele sobreviveu e se recuperou muito bem, mantendo apenas uma cicatriz no rosto. Para muitos de seus vizinhos e familiares aquilo foi um milagre. Para ele foi um renascer. Assim veio o nome para o projeto, uma vez que queria prover essa mesma sensação não apenas para os jovens, mas também para seu bairro.

Ele afirmava que as pessoas estavam ligadas ao bairro de uma maneira que nem mesmo elas percebiam, uma vez que no bairro estavam símbolos de seu passado, de seu presente e do futuro. Para Pablito, o bairro era o lugar em que não apenas as pessoas dormiam e acordavam, mas também o local em que se geram memórias para si e para os outros. Era um lugar de acolhimento, de segurança, de diversão e de fé. Era um pedaço de cada morador, que deixava um pedaço de si nos outros. Porém, para os demais jovens, esse futuro estava muito longe de Pogolotti ou de Cuba.

A juventude de Pogolotti não se sentia conectada com o bairro a partir dos mesmos marcadores do que os moradores mais velhos e de Pablito. Os elos de amizade, de companheiros e de honra que ligava os moradores mais jovens entre si não passavam por momentos gloriosos, por histórias de luta ou por vitórias destemidas. Para muitos, eles estavam ligados pela privação de desejos, pela escassez, pela ausência de perspectiva e por um vazio. Algo que precisava ser preenchido, mas que não habitava o bairro.

O grande desafio para a juventude em Cuba parece muitas vezes ser, além das necessidades básicas compartilhadas com os moradores de outras faixas etárias, ter que lidar com uma crescente ausência de visão de futuro. Porém, essa sensação de insegurança não estaria atrelada a um distanciamento da identidade nacional, mas sim com a Revolução em si.

O Governo cubano parece carecer de uma aproximação com essa juventude que vive uma necessidade de “buscar a sua própria revolução”, como eu escutei de uma interlocutora mais velha durante uma conversa sobre os rumos da juventude em Cuba. Essa juventude que saiu às ruas em junho é a mesma que no último período buscou espaço não apenas para falar de liberdade política e futuro, mas também sobre liberdade de identidade sexual.

Esse debate, que em Cuba se tornou durante um tempo um tabu, ganhou novos contornos com os debates sobre a aprovação da nova constituição, que abarcou, entre outros assuntos, a necessidade de incluir direitos para a formação de famílias homoafetivas. Mas

será que esse debate possui as bases sociais para ser incorporado pela mesma sociedade cubana que ainda não incluiu negras e negros em seu processo social?

5.2 Da janela: matrimônios e divórcios entre raça e sexualidade em Havana

Imagem 6 - Adesivo em uma porta com os dizeres “Sou a favor do desenho original (de família) - Genesis 1:27” em espanhol



Fonte - acervo próprio

Em uma de minhas conversas com moradores de Havana, me deparei com dois senhores que jogavam dominó em uma praça. Eles bebiam rum e conversavam calorosamente. Como eu não queria atrapalhar o jogo deles, sentei e aproveitei o momento para me conectar à internet, uma vez que naquele ano ainda não havia a disponibilidade de internet nos celulares remotamente⁸². Foi neste momento que eu escutei essa conversa relatada no trecho abaixo

Durante um trago e outro, dois homens atiravam palavras como marimbondos saindo de um vespeiro. Irritados, os homens, um mais velho, de pele branca e com ralos cabelos brancos e outro negro, que apesar de um pouco mais jovem possuía poucos cabelos à espera do tempo os embranquecer, falavam sobre a principal mudança na Constituição Cubana: o casamento entre duas pessoas, que permitiria que pessoas do mesmo sexo pudessem se casar e também adotar filhos. O mais velho disse: "isso nunca teria acontecido se Fidel estivesse vivo", enquanto o outro imediatamente questionou "Mas ela (a ministra Mariela Castro) é filha de Raúl, então eles já devem

⁸² Apenas após o ano de 2019 foi permitida a conexão de internet diretamente pelos celulares, antes desse ano era necessário dirigir-se até uma praça que dispunha de sinal público de Wi-fi para poder se conectar.

ter conversado". O mais velho acenou com a cabeça em aprovação, e em seguida colocou as mãos no rosto e praguejou: "Então já está decidido. Destruíram a família cubana."

Inicialmente o que chamou minha atenção foi o fato da mudança constitucional ser um assunto tão profundo ao ponto de ser debatido na rua com tamanha naturalidade. Ainda era minha primeira vez em Cuba e eu pouco sabia da importância desse debate dentro da sociedade cubana. Até cheguei a comentar com meus amigos cubanos sobre isso, e a maioria deles tinha a mesma opinião: de que o governo já havia concordado em aprovar a união entre pessoas do mesmo sexo, e que agora estaria apenas formalizando essa decisão ao incluir esse ponto na constituição.

Porém, os direitos da comunidade LGBT não estavam garantidos, diferente do que afirmaram os dois homens, uma vez que a proposta foi retirada do texto inicial da constituição reformada, apresentado em 2019. Essa conquista foi concretizada apenas em 2022, após um referendo que aprovou, com 66% de votos favoráveis (que é considerado baixo para os padrões cubanos), o casamento entre duas pessoas e a possibilidade de adoção por casais homoafetivos. Esse é apenas um exemplo do quão delicado é esse debate em Cuba.

Não era incomum escutar relatos de pessoas que haviam passado por situações constrangedoras devido à sua orientação sexual. Um amigo brasileiro, com quem me encontrei em Cuba durante uma de minhas viagens, me contou que estava viajando com um amigo brasileiro gay e que este havia passado por uma experiência terrível em Havana: primeiro que a casa em que ele se hospedou não permitia que ele levasse homens para o quarto, apenas mulheres, o que o deixou bastante desconfortável. Porém, a história ficaria ainda pior quando, ao ser parado pela polícia trocando carícias com um homem cubano na rua, teria sido conduzido pela polícia, para, pasmem, uma casa de prostituição ao invés de para a delegacia! Ao chegar lá ainda teria sido incentivado pelos policiais a "procurar uma mulher e experimentar o que era realmente bom". Ao perceberem que o rapaz não possuía nenhum interesse nesta "dica de entretenimento", o deixaram na porta de seu hotel e partiram.

Esse caso é um exemplo do reflexo de uma sociedade que demorou muito tempo para conversar sobre algo que faz parte do direito individual de cada pessoa, que é de poder se relacionar com qualquer pessoa que desperte seu desejo. A ausência deste debate em Cuba, assim como o debate sobre racismo se fez ausente durante muito tempo, produziram uma sociedade marcada por uma visão conservadora sobre o debate de sexualidade e orientação sexual. Reproduzindo, assim, violências contra essa parcela da população cubana.

Porém, na vida cotidiana das pessoas esse debate aparece de uma maneira bastante

discreta, ganhando contornos quase “secretos”, por ser realmente um tabu. Em minha experiência em Cuba durante os anos de 2018 e 2021, tive contato com algumas pessoas da comunidade LGBT, com quem convivi durante praticamente todo o meu período em Cuba. Neste capítulo quero relatar um pouco dessa experiência e de como isso se expressa especialmente na juventude cubana.

5.2.1 Uma família improvável

Desde as minhas primeiras visitas à Cuba, eu fiz uma forte amizade com uma moça, que vamos chamar de Yedid. Ela, uma linda jovem negra de pele retinta, foi durante a minha pesquisa uma das minhas principais interlocutoras, me auxiliando em encontrar casas para morar, me apresentando pessoas para entrevistar e me explicando muito sobre como funcionava a vida cotidiana em Cuba e principalmente em Pogolotti. Posso dizer, com tranquilidade, que minha pesquisa teria tomado um rumo completamente distinto caso eu não a tivesse conhecido, que me permitiu ter acesso a espaços e debates que sem ela seria impossível.

Ela era uma empreendedora dedicada, pois cada vez que eu voltava à Cuba ela estava trabalhando em algo diferente: já a vi trabalhar como “arrastadora” de turistas em bares de Centro Habana; como entregadora de pacotes para pessoas da terceira idade, que a contratavam por terem dificuldades de locomoção (tarefa que chamavam de “*buscar los mandados*”); como cafetina de algumas vizinhas; como vendedora de créditos de internet; e por último ela estava trabalhando como vendedora de pão “*por la izquierda*”, como os cubanos chamam as atividades “ilegais” em Cuba.

Foi durante uma das minhas pesquisas iniciais em Cuba que eu conheci a Yedid, que junto com seu primo, estavam sentados em uma praça de Wi-fi em Pogolotti, quando visitei o bairro pela primeira vez. Nesta primeira interação ela não quis me conceder uma entrevista (alegando que não o podia fazer por motivos religiosos), mas seu primo, que se apresentou para mim como Ronaldo (apenas posteriormente descobri que ele me disse esse nome devido ao fato de eu ser brasileiro, em alusão ao Ronaldo Fenômeno). Ronaldo foi um dos primeiros moradores de um bairro vizinho a Pogolotti que me disse que o bairro era perigoso.

Me encontrei com eles, por coincidência, no dia seguinte, quando eu estava em uma apresentação do grupo Rumba Morena no Callejón de Hamel (espaço cultural afro-cubano localizado entre os bairros do Vedado e Centro Habana) e reconheci ela e seu primo

conversando com alguns turistas que eles haviam levado para conhecer o Callejón. Trocamos telefone e eu disse que iria procurá-la, que fiz cerca de uma semana depois. Encontrei com ambos algumas semanas depois e desenvolvemos uma boa relação de amizade, porém o vínculo com a Yedid foi o que mais se aprofundou, o que posteriormente me levou a dividir uma casa com ela em Cuba em outras duas oportunidades.

Uma dessas oportunidades foi quando convidei-a e seu primo para irmos juntos ao Festival de Jazz de Havana, que acontece anualmente em Janeiro. Fomos ao teatro Bertolt Brecht, assistir a uma das apresentações do festival, que foi um concerto de cordas. Durante a apresentação, não pude deixar de notar o olhar de deslumbre de ambos com a apresentação. Ao final, eles me revelaram que era a primeira vez que eles entravam neste teatro e que assistiam uma apresentação do Festival. Esse comentário me transportou diretamente para a minha conversa com Lázaro, que havia ocorrido dias antes, quando ele disse que "Cuba era livre apenas para os estrangeiros.". Isso fez com que eu ficasse ainda mais feliz em proporcionar para eles essa experiência, mas naquele ano, eu não os encontrei mais.

Foi apenas no ano seguinte, quando retornei a Havana, que nos aproximamos de fato, pois eu estava hospedado em Pogolotti e ela foi uma das primeiras pessoas que respondeu às minhas mensagens, me visitando na casa em que eu estava hospedado. Ela foi a primeira pessoa a me dizer que o valor que eu estava pagando pela casa estava abusivo, e se mostrou preocupada em conseguir um lugar melhor e mais barato para mim. Isso realmente aconteceu semanas depois, quando a procurei pedindo indicações de lugares para me mudar, pois havia sido expulso da casa em que eu estava hospedado.

Eu já havia, por minha conta, procurado por opções de moradia, porém havia sido mal sucedido até então. Foi no dia em que eu estava completamente cansado e desesperançoso que ela não apenas conseguiu uma casa para mim (após, andar por mais de 5 horas seguidas embaixo do sol e carregando uma criança ainda de colo), mas me ofereceu para conhecer a sua casa pela primeira vez. Sua casa era um sobrado simples, porém bastante conservado e arrumado, que não pertencia às casas originais do bairro, sendo também muito mais nova. A casa estava completamente reformada, e os móveis pareciam bastante conservados, apesar de visivelmente serem mais velhos do que a casa demonstrava ser.

Tenho uma excelente lembrança deste dia, pois eu me lembro que, depois de andar várias horas procurando uma nova casa, eu precisava urgentemente comer. Foi com isso em mente que fui surpreendido pela mãe da Yedid, a Dona Cândida, que ao saber do meu caso, fez questão de me preparar um jantar. Nunca antes arroz, feijão, salada e frango frito me pareceram tão suculentos, porém o que realmente me preencheu foi a mãe dela me dizer:

"fique tranquilo que aqui você tem uma família para lhe acolher". Apesar de naquele momento de fragilidade eu ter me sentido acolhido por essas palavras, foi uma pena descobrir que esse acolhimento não se estendia para sua própria filha.

Não que a Mãe da Yedid a maltratava ou que não a amava, mas havia algo que a deixava extremamente desconfortável em sua casa, o que a compelia a estar sempre na rua ou na casa de suas amigas. A casa que a Yedid conseguiu para mim era relativamente perto da casa de sua mãe, era um apartamento no primeiro andar, de frente para a principal avenida de Pogolotti. Imaginei que a proximidade da casa alugada com a casa de sua mãe seria um pretexto para que nos víssemos com maior frequência, porém eu não imaginava que essa frequência seria na verdade uma convivência cotidiana.

No dia em que entrei pela primeira vez na casa que a Yedid havia conseguido para mim, fui recepcionado por Yedid, uma outra moça branca segurando a bebê que nos acompanhou nas 5 horas de caminhada sob o sol cubano (que depois descobri serem a namorada de Yedid e sua filha) e a madrinha de santo de Yedid. Após eu sentar pela primeira vez na poltrona da sala da casa, fui “convencido” pela madrinha de santo da Yedid de que deveria abrigar a ela, sua namorada e a bebê como agradecimento por terem me conseguido uma casa de aluguel. Essa foi a primeira família jovem com quem eu convivi em Cuba: um casal interracial de mulheres e uma bebê que era filha delas.

Foi nesse contexto que percebi que a Yedid, apesar de possuir uma boa casa, uma mãe calorosa e uma família que a amava, não se sentia acolhida por eles. A Yedid era lésbica, e a ausência de espaço para viver a sua sexualidade em sua família fez com que ela se sentisse mais confortável fora de casa, mesmo tendo casa, comida e uma família que a queria muito. Em todas as interações que tive com a família da Yedid, eles sempre foram cordiais comigo e com ela, e sempre demonstraram preocupação com a Yedid estar tanto tempo fora de casa. Porém, o fato de não aceitarem que ela vivesse sua sexualidade a fez escolher afastar-se de sua família.

Para a comunidade LGBT em Cuba, existir não era uma coisa simples. Apesar do país possuir uma Instituição governamental dedicada a gênero e sexualidade (o CENESEX⁸³), os

⁸³ Fundada em 1988, o *Centro Nacional de Educación Sexual* (CENESEX) é uma instituição docente, investigativa e assistencial, na área das sexualidades. A instituição atua como um centro de estudos de pós-graduação, ligado à Universidade das Ciências Médicas de Havana, desde 2006, especializada no âmbito do Ministério da Saúde Pública. Integra a Associação Cubana das Nações Unidas, a Associação Mundial de Saúde Sexual, a Federação Latino-Americana de Sociedades de Sexologia e Educação Sexual, a Associação Internacional de Lésbicas e Gays e a organização do mesmo nome para a América Latina e o Caribe. Para maiores informações acessar: <https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/259996-cenesex-de-cuba-um-lugar-de-acompanhamento-na-diversidade-sexual.html>

avanços sobre essa questão ainda eram muito curtos. Me lembro que em minha primeira visita a Cuba, quando se estava debatendo em Cuba mudanças na constituição, o assunto que gerava o maior debate era sobre a possibilidade do casamento entre duas pessoas do mesmo sexo. Porém, uma parte da sociedade cubana, principalmente ligada às religiões cristãs, se opôs publicamente. Era possível encontrar, em qualquer bairro de Havana e Santiago de Cuba, placas com variações como: "Somos a favor do desenho original de família como Deus a criou", seguido de uma imagem de um homem, uma mulher e duas crianças.

Imagem 7 - Placa contra o casamento homoafetivo de uma porta em Santiago de Cuba (2019)



Fonte - Acervo próprio

Achei curioso o fato de, ao menos publicamente, serem apenas as religiões cristãs as que se opunham aos relacionamentos homoafetivos. As pessoas com quem eu conversei e que eram integrantes de religiões afro-cubanas não possuíam nenhuma objeção a essa formação familiar. Não era uma coincidência que enquanto a Yedid era da santeria, sua mãe gostava de afirmar o quanto sua vida havia mudado quando se converteu, ainda jovem, ao protestantismo.

Acredito que seja importante destacar que este movimento contra os relacionamentos homoafetivos não são uma excepcionalidade cubana, mas são expressão de um movimento conservador que extrapola as instituições religiosas e que ganhou força nos últimos anos, como destaca a antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira (2023, p. 140) ao afirmar que “o

conservadorismo moral é também secular”, ou seja, que não estaria ligada exclusivamente a um dogma religioso, mas em um emaranhado de concepções morais.

Podemos pensar, então, que assim como o racismo em Cuba permaneceu pela ausência de uma política de estado que o combatesse, a homofobia passou pelo mesmo processo. Porém, se as manifestações homofóbicas em Cuba, diferente das manifestações racistas, faziam parte do discurso oficial do governo, que promoveu perseguições a essa parcela da população. Porém, mesmo que atualmente a homofobia possua um espaço público em que essa questão é debatida, ambas formas de discriminação, racismo e homofobia, encontram nos ambientes privados um largo espaço de proliferação. Voltando ao caso de minha interlocutora, mesmo ela não sendo reprimida por sua sexualidade publicamente em sua família, esse era um assunto tabu.

Em quase quatro anos e três viagens diferentes a Cuba que eu realizei e convivi com a Yedid, ela me contava o quanto se sentia confortável fora do ambiente de sua família sanguínea, e o quanto ela encontrava refúgio em sua “família da rua”. Durante esse anos de convivência, a vi morar com diferentes pessoas e em residências com condições extremamente precárias (com ela dormindo no chão em várias destas situações), porém nada a removia da ideia de que aquele era um espaço mais confortável do que estar sob o teto de sua família.

Foi em uma dessas situações que, durante a minha última viagem a Cuba, que ocorreu durante a pandemia de COVID-19, ao dividirmos uma casa, essa questão ganhasse uma proporção ainda maior, uma vez que o espaço de convivência estaria reduzido para dentro da casa que nós e a família que ela carregava naquele momento, iríamos compartilhar.

5.2.2 O espaço entre raça e sexualidade em Havana

Em minha mais recente passagem por Havana, no ano de 2021, eu me encontrei em um grande dilema: como realizar minha pesquisa, que envolvia circular em espaços públicos e conversar com pessoas na rua ou em suas residências, durante a pandemia que iria inviabilizar esse tipo de contato físico?

Como eu havia optado por sempre me hospedar no bairro de Pogolotti, que não era um bairro normalmente procurado por turistas, ou seja, que não possuía uma vasta gama de acomodações disponíveis para locação. Foi nesse momento que minha parceria com a Yedid

foi essencial: a procurei antes de ir para Cuba e pedi que ela me ajudasse novamente a encontrar uma casa disponível para os seis meses que passaria em Havana.

Quando cheguei em Cuba, fui obrigado a passar sete dias em quarentena em um hotel, como parte do protocolo contra a COVID-19. Assim que fui liberado, a Yedid me levou para a casa de uma amiga, Sandra, que tinha um filho de cerca de oito anos. Ao chegar lá percebi que ela também estava hospedada na casa desta amiga, que além da Yedid estava hospedando uma outra amiga delas, que havia chegado de Santiago de Cuba, segunda principal cidade de Cuba, a cerca de duas semanas. A casa, que era na verdade um amplo quarto em que a cozinha e a banheira compartilhavam espaço com a sala. Para dormir, dois colchões no chão dividiam espaço com uma casa de casal.

A dona da casa, Sandra, e sua hóspede de Santiago de Cuba, Jamilla, assim como Yedid, também eram lésbicas e, nas palavras de Sandra, haviam alugado aquela casa pois estava difícil encontrar um lugar para alugar que aceitasse crianças e que fizesse “poucas perguntas”. Entendi que ela estava falando sobre o fato de serem três mulheres lésbicas morando juntas.

Apesar da casa ser no município de Marianao, ela ficava bastante afastada de Pogolotti, e com a minha chegada o espaço ficou ainda menor para todos nós, o que me fez buscar uma casa um pouco mais espaçosa e próxima de Pogolotti. Após uma semana, a Yedid conseguiu uma casa toda mobiliada, com um quarto grande, sala de estar e de jantar, cozinha, banheiro, pátio traseiro, garagem e um terraço. Achei perfeita a localização e características da casa e imediatamente decidi me mudar.

Apesar de ter passado apenas a primeira semana com a Yedid, Sandra e Jamilla, elas fizeram questão de me acompanhar até a nova casa. Chegando lá elas propuseram comprar uma garrafa de rum e fazer um brinde por ter encontrado um local tão rápido. Se convidaram para dormir na casa na primeira noite, pois o horário do toque de recolher já havia passado. Ao despertar no dia seguinte, elas haviam feito compras no mercado, arrumado a casa, feito comida e trazido suas malas para a casa nova. Sem perceber, eu estava novamente morando com a “família” da Yedid.

5.2.3 Tanto barulho para nada!

Tanto Sandra quanto Jamilla eram duas mulheres brancas, de cerca de 25 anos. Enquanto Sandra possuía um curto cabelo preto, uma pele bronzeada, como se trabalhasse

várias horas no sol e sempre estava usando seus icônicos óculos escuros de estilo aviador, Jamille ostentava longos cabelos loiros e uma franja, tinha uma pele muito branca, com pequenas sardas no rosto. Apesar delas muitas vezes dormirem as três juntas, elas não eram um casal: Sandra namorava uma outra mulher, que nos visitava às vezes e com quem Sandra mantinha uma dinâmica de idas e voltas. Enquanto isso, Jamille, que havia conhecido a Yedid e Sandra por intermédio de uma outra amiga, estava apaixonada pela Yedid, que também mantinha uma dinâmica de idas e vindas com sua ex-namorada, com quem moramos juntos no ano anterior.

O isolamento forçado pela pandemia fez com que nós passássemos muito tempo juntos, o que me proporcionou conhecer um pouco sobre a história delas. Algo em comum que me chamou a atenção era que todas elas haviam saído de suas casas por não se sentirem “confortáveis”. Sandra saiu de casa logo que se separou do pai de seu filho, que era um namorado da época de escola. Não cogitou retornar para a casa dos pais porque eles não respeitavam a pessoa que ela realmente amava.

Jamille havia vindo para Havana buscar por oportunidades de trabalho que não estava conseguindo em Santiago de Cuba. Quando perguntei qual era sua área de trabalho, ela respondeu que qualquer uma que pagasse dinheiro suficiente para que tivesse sua própria casa. Para ela, ter essa independência era o que a faria ser feliz, independente de onde fosse. Ambas, Sandra, Jamille e a Yedid não haviam conversado abertamente com suas famílias sobre sua sexualidade. Não havia espaço para esse tipo de conversa nas casas de seus pais.

Durante as primeiras semanas, tínhamos uma dinâmica muito restrita por conta da pandemia, uma vez que além da obrigatoriedade da utilização de máscaras, que todos respeitamos, também havia a proibição de circulação de pessoas nas ruas das 20 horas até às 5 horas da manhã. Havia também a restrição de aglomerações, com pedidos para que se evitassem reuniões com mais de 5 pessoas que não morassem na mesma residência. Todas essas precauções eram passíveis de multa. Essa política fez com que Cuba tivesse um número muito baixo de casos de infecção por COVID-19, o que levou a que durante semanas não houvesse sequer uma morte causada pelo vírus.

Porém, com o passar do tempo e com os avanços medicinais em Cuba na busca por uma vacina, o governo foi flexibilizando cada vez mais as regras sobre o isolamento social, e as pessoas foram também testando cada vez mais os limites do isolamento. Eu saía diariamente para visitar meus outros interlocutores no bairro e conversar com os moradores que tinham disponibilidade de me encontrar ao ar livre, mas com a flexibilização do isolamento passei a encontrar alguns deles em suas casas, o que se tornou rapidamente uma

dinâmica de todos da casa. Foi nesse contexto que minhas colegas de quarto passaram a sair mais e cada vez mais pessoas para nos visitarem.

O fato de elas terem uma casa na qual elas podiam ser elas mesmas, receber as namoradas, conversar francamente sobre as diversas questões que envolvem um relacionamento homoafetivo, foi, segundo elas, experimentar uma vida que elas buscaram desde que saíram de casa pela primeira vez. Esse tema é abordado pela pesquisadora Tanya Saunders (2010), que destaca este como uma das principais barreiras em Cuba para que as mulheres lésbicas e bissexuais assumam sua real orientação sexual dentro do núcleo familiar. Realmente fazia diferença para essas mulheres estarem em um ambiente no qual elas não fossem julgadas ou que tivessem que se reprimir. Porém, quando elas passaram a ampliar o acesso de outras pessoas à casa, elas também possibilitam o acesso de outras pessoas à sua intimidade.

Chegou o aniversário da madrinha de santo da Yedid e ela me pediu para que pudesse utilizar a casa para fazer um “pequeno encontro”, no qual estariam cerca de 10 pessoas e que trariam uma piscina. Quando chegou o dia da festa, não paravam de estacionar carros e a festa que seria para 10 pessoas juntou mais de 40. Em um determinado momento, o dono da casa, que era um homem negro de pele clara, um bigode fino e uma barriga que escondia os anos dedicados ao baseball, chegou e expulsou todos os visitantes aos gritos.

Apesar disso não ter resultado em um rompimento com nosso acordo de aluguel, ele fez muita questão de colocar que não queria que a Yedid e suas amigas pisassem novamente na casa. Entre várias ameaças que ele proferiu contra elas, a principal foi de que ele “sabia o que ela era e que não se importaria em contar para sua família”. Essas palavras calaram forte nelas e ela passou os meses seguintes apenas indo até a porta da casa, sem entrar.

Depois, ouvindo relatos de outros vizinhos sobre o dono da casa, eles afirmaram que escutaram diversas vezes dele o quanto era absurdo que Deus permitisse que elas existissem e que aquela não era a Revolução que ele defende. Em uma das conversas com ele, que passou a visitar periodicamente a casa para saber se as meninas haviam retornado, ele me disse abertamente que “se elas quisessem escolher isso (viverem sua sexualidade), que o fizesse fora de Cuba”. A punição para a Yedid por realizar a festa foi, mais uma vez, ter que sair “de casa” e se tornar novamente alguém à mercê de espaços nos quais ela não poderia ser ela mesma.

Isso me levou a pensar como sexualidade é tratada no caso cubano como é tratado do debate sobre o racismo: de maneira velada, porém sempre presente. Apesar das distinções e entrecruzamentos existentes sobre os temas de racismo e homofobia, não posso deixar de

reparar como as duas questões ocupam um lugar no debate sobre a ideia de nação cubana: se de certa maneira para as pessoas negras poderem experimentar o que é ser “cubano de fato” estes devem subordinar sua racialidade à nacionalidade cubana, para a população LGBT de origem cubana o destino era a subordinação a uma modelo social homofóbico ou abdicar de viver em seu país. Seria assumir uma cidadania apartada da compartilhada em Cuba pelos cidadãos héteros.

Essa concepção de sexualidade não se cruza com a racialidade apenas por esse aspecto, mas principalmente por ter carecido, durante décadas, do debate revolucionário que forno as bases atuais da sociedade cubana. Aqui trago novamente o conceito de *racialized citizenships* de Mark D. Perry (2016), que coloca como indissociável raça da ideia de uma cidadania revolucionária (2016, p.100),

[...]Sacrifice in the nation's wars of independence—Cuba's “first” revolution in the discursive teleology of the post-1959 revolutionary period—therefore warrants a historical national indebtedness to black Cubans, tying Afro-Cubans inseparably to national-revolutionary citizenship. **Temporal imbrications of black citizenship and revolutionary virtue in this sense provide a rhetorical bridge between revolutionary past and present.** (Grifos meus).

Aqui, a ideia de uma cidadania cubana aparece relacionada com a independência e esta com a participação dos cubanos negros para cumpri-la, mas aqui também podemos estender esse entendimento para a comunidade LGBT. Neste trecho, Perry traz à tona a ideia de uma nacionalidade cubana que esteja sempre relacionada à revolução por seu caráter afrocubano, rompendo assim com a percepção de que apenas havia um caráter mais lúdico, relacionado às artes na reivindicação da influência negra na cultura cubana. Para ele, os negros cubanos fazem música, dança, pintura, etc, porém também fizeram (e alguns dizem que ainda fazem), revolução. Porém, para a parcela homossexual, não há a incorporação de nenhum aspecto de suas identidade para a nacionalidade cubana.

Pensar a relação entre raça, sexualidade e nacionalismo em Cuba se torna um desafio complexo e cheio de desdobramentos que implicam em uma reflexão sobre o papel da Revolução e da ideia de nação oriunda deste processo. O antropólogo Jafari Allen (2011) irá entender que a forma como são mobilizadas as identidades de raça, gênero e sexualidade implicam diretamente sobre a como a identidade nacional será performada. Um processo que ao mesmo tempo que gera aproximações, ainda precisa ser analisado separadamente para que se possa realmente responder se Cuba é, de fato, um lugar em que essas identidades não se sintam sufocadas por um discurso que não se conecta mais com o que vive a juventude cubana, e em especial, essa juventude negra que não viveu o que a Revolução cubana tinha de melhor a oferecer.

Essa era a realidade vivida por Yedid, que foi uma das primeiras pessoas que abertamente criticou o governo para mim. Ela sempre afirmava o quanto queria sair de Cuba, se juntar ao seu pai que vivia em Miami e deixar toda a “miséria cubana para trás”. Foi através dela que tive contato com pessoas negras da comunidade LGBT cubana que, apesar de não se organizarem formalmente, estavam sempre juntos, se apoiando mutuamente e conversando sobre os sonhos de sair de Cuba. Para Yedid, diferente do que apareceu na pesquisa de Gonçalves (2017, p.3) ao falar da Miami do começo dos anos 1960 (2015, 2017), que era um lugar em que “os críticos do regime – especialmente em Miami, que se convertia na capital do exílio – se declaravam os verdadeiros “revolucionários” e acusavam o governo de ter “traído a Revolução”, a Miami para onde Yedid queria ir era uma em que a Revolução não fosse mais do que uma ideia do passado.

Muitos desses jovens, em sua maioria mulheres e jovens, diziam não verem mais alternativa para eles dentro de Cuba, uma vez que a liberdade que queriam viver não podia ser encontrada lá. Yedid, que era o meu principal exemplo desse cerceamento, sempre me perguntava se eu conhecia alguém que trocava viver em meu país, o Brasil, para viver em Cuba. Eu dizia que eu tinha amigos que eram entusiastas da Revolução e que alguns dele até aceitariam, o que ela sempre respondia com risos, explicando que em experimentou a liberdade não conseguiria “*vivir en un pantano*”.

Quando a questionava sobre o peso do racismo em Cuba, ela dava de ombros, pois não via que era um problema para ela. Mesmo seus amigos que frequentavam nossa casa falavam pouco sobre essa questão. As dificuldades ao redor da sexualidade e da precariedade da vida em Cuba eram suas maiores preocupações. Mas uma coisa essa juventude LGBT compartilhava: as duras críticas ao governo cubano e a vontade, quase que imperativa, de “*irse*”.

Assim como defende Allen (2011), a maneira como o governo cubano lida com as diferentes identidades de raça, gênero e sexualidade fazem com que a identidade nacional cubana se permeie com menor intensidade nos setores em que essas identidades se encontram sobrepostas. Parece que para essas pessoas, a Revolução ainda não chegou e segue longínquo o cenário em que essas pessoas poderão dizer, de fato ¡Venceremos!.

Considerações finais

O que é Pogolotti? Não é possível desassociar da minha interação com o bairro o fato de, por ser um pesquisador negro, poder vivenciar desde uma perspectiva mais próxima dos moradores do bairro, uma experiência que passava por esse marcador racial: um corpo negro estava lá, interagindo com esses outros corpos negros.

Inicialmente foi difícil acreditar que um lugar tão acolhedor e com pessoas tão receptivas pudesse ser um lugar visto por aqueles que não moram lá como um lugar perigoso, pois representaria um perigo a vida de qualquer um, como se lá habitasse uma fera que atacaria de maneira indiscriminada quem dela se aproximasse. Como se um grande felino estivesse ali, sempre à espreita, nas sombras aguardando uma oportunidade.

Neste bairro, diferente do que me foi transmitido antes de visitá-lo, encontrei amizades, presenciei demonstrações genuínas de companheirismo e solidariedade, que me foram ofertadas gratuitamente por pessoas que não me conheciam. Não me conheciam, se identificavam comigo. Isso fez com que eu compreendesse o papel que a racialidade ocupava nessas relações, tanto como elemento de atração quanto como elemento de repulsão.

Mas, apesar do bairro ser majoritariamente composto por pessoas negras, elas não eram as únicas que sofriam com essa estigmatização negativa do bairro: todos que lá moravam recebiam a mesma “marca”, de serem parte da identidade de Pogolotti.

Uma pergunta que me acompanhou durante os cinco anos em que me dediquei a pesquisar as relações raciais em Havana foi: como a raça pode marcar um espaço? Dentro do mesmo processo em que a cultura cubana recebe uma marcação racial, que faz parte da importância da cultura afro-cubana como elemento fundamental para a formação da identidade cubana, a identidade de Pogolotti recebe o mesmo tratamento. Ser de Pogolotti envolve ser parte de uma cultura marcada pela negritude.

A cultura do bairro atual, muitas vezes, poderia ser entendido como se cumprisse o papel de uma dupla nacionalidade, porém os moradores do bairro não utilizavam esse elemento para se afastar da ideia de ser cubano, mas sim para reforçar seus vínculos com a cultura cubana, sendo ainda mais cubanos, processo que os tornavam ainda mais embebidos na cultura afro-cubana.

Apesar de Pogolotti se destacar para como um bairro em que é possível entrar em contato com diferentes vertentes das religiões afro-cubanas, como a Santería, o Palo Monte e o Abakuá, ser reconhecido como formador de atletas e músicos e possuir um importante valor

histórico, o que capta a atenção das pessoas de fora do bairro é o fato dele ser um bairro marginalizado e que recebe um forte estigma negativo por conta disso. Uma marginalização que seria, inicialmente, fruto da ausência de estrutura e precariedade de suas residências, ou seja, fatores alheios à vontade de seus moradores. Mas que depois ganha contornos racistas e xenofóbicos.

Essa questão da marginalização estava presente desde a criação do bairro operário de Pogolotti, que foi pensado para garantir que os trabalhadores de um determinado ramo estivessem concentrados em um mesmo espaço, uma mesma vizinhança. Quando ele foi idealizado, o último censo realizado na ilha ilustrava que a população não branca em Cuba era de cerca de 30%. Isso fez com que, ao se pensar um bairro para trabalhadores, também se pensasse um bairro para a população negra, afastada do centro da cidade.

Desta forma, a organização da cidade de Havana não passou apenas pela necessidade material do trabalho, mas também sua organização passou pelo lastro social racista, que também foi base para a organização das moradias naquele momento.

Parte do processo de sociabilidade, como diz Simmel (2005), envolve a sensação de pertencimento. Alguns marcadores sociais da diferença possuem um papel fundamental em criar demarcações de pertencimento e que possibilitam gerar uma determinada unidade espacial. Mesmo que, em Pogolotti, os feitos históricos de seus fundadores seja inicialmente o primeiro e mais intuitivo marcador compartilhado entre seus moradores, existe outro que permite o agrupamento de diversas outras características: o marcador racial.

Teóricos da ciências sociais irão adotar marcadores como o trabalho, a nacionalidade, o gênero, a religião e a etnicidade para pensar formas de organização sociais, que possibilitam a organizam das sociedade, porém a identidade espacial também pode ser vista como um marcador de diferença, porém em uma escala mais localizada. Essa necessidade humana de gerar diferença, faz com que pessoas que dividem a mesma nacionalidade, vivem na mesma cidade, se identificam com diferentes gêneros possam, através do pertencimento a um determinado lugar, produzir diferentes experiências de sociabilidade e, por conta disso, se identificarem como portadores de identidades culturais diferentes.

O espaço vivenciado, compartilhado com um determinado grupo, gera não apenas pertencimento, mas também uma sensação de unidade na diferença com os que não pertencem ao grupo. Em outras palavras, o fortalecimento de uma identidade cultural ligada a um espaço necessita criar aspectos de diferença para com os moradores de outros espaços, diferenças essas que estão associadas a determinadas características, que podem ser de gênero, religiosas, históricas, étnicas, políticas, etc.

Aqui notamos a possibilidade de se pensar topofilia e topofobia sendo mobilizados conjuntamente e que operam a partir da perspectiva de seu observador, e não de um lugar comum e fixo, mas algo mais fluído. Isso permite que lugares entendidos como bons ou ruins possam pivotar a partir de qual cultura está atrelada àquele espaço. Essas percepções marcam o espaço, estes, por sua vez, marca os indivíduos como sendo dos círculos "de dentro" ou "de fora". Essa marcação é a transferência da topofilia e topofobia, que agem sobre o espaço, para as pessoas. Essa transferência é o que cria círculos de sociabilidade internos e externos. Pois para negar uma pessoa, é necessário que se esteja em relação com ela.

Desta maneira, Pogolotti é um lugar interessante para compreender como essas relações sociais são construídas e mantidas para alimentar um discurso de diferença que carregam subjetividades sobre um determinado espaço. No caso específico de Pogolotti, a forma como seus moradores transmitem uma unidade e orgulho sobre o local em que vivem, pelas suas características históricas, faz com que os não moradores o vejam como um lugar a ser rejeitado. Porém, essa rejeição não escapa de assumir um conteúdo racializante e excludente: ser um morador de Pogolotti é, no olhar daquelas que residem fora deste território, ser uma pessoa negra, praticante de religiões afro-cubanas e criminosa.

Apesar do bairro possuir uma maioria inegável de pessoas negras desde a sua fundação, o que é reforçado pela origem operária do bairro, sua racialização extrapola as categorias de raça como a conhecemos. O processo que ocorre aqui envolve uma racialização através da cultura, e não por elementos fenotípicos apenas. Raça, neste contexto, assume um caráter de identidade espacial, que complementa a nacionalidade. A raça constrói o espaço e o espaço constrói a ideia de racialidade, que é determinada pelas condições sociais.

É neste processo que o racismo aparece como um elemento estigmatizante, uma vez que concede um olhar negativo para essa concentração de pessoas negras em um determinado espaço. Assim como o medo dos negros haitianos após a Revolução de São Domingos aparece nas elites mundiais como um problema gerado pela alta concentração de pessoas negras no país, outros lugares que passaram por processos de sublevações em que os negros foram protagonistas também questionaram se o episódio haitiano teria sido apenas um “raio em céu azul” ou se seria parte de um processo histórico que abriria o final do período escravocrata. Aqui eu entendo que esteja a origem do medo das associações negras, elemento crucial na cultura de Pogolotti.

É possível dizer que existe uma dinâmica estabelecida entre espaços com alta concentração de pessoas negras e um medo de “inversão da ordem estabelecida”, em que houvesse, de alguma maneira uma nova “Conspiración de la Escalera” (Bachero, 2019). Esse

medo foi carregado de maneira contraditória na cultura cubana, que ao mesmo tempo em que reivindica seu passado insurgente e de luta pela liberdade (tanto escravocrata quanto colonial), cria categorias em que a mobilidade da população negra é fortemente questionada. Um medo que vem do leste, pelo oriente.

Essa pode ser a origem da categoria cubanas *Palestino*. Apesar de aparecerem em alguns contextos aparecer como sinônimo de oriental, essas categorias apresentam algumas distinções em seu conteúdo. O termo *Oriental* possui uma conotação que dá maior enfoque à questão espacial, utilizada de forma mais geral para designar os moradores das regiões do leste da ilha, não carregando necessariamente um termo negativo, mas sim uma necessidade de diferenciação entre os da capital e os do leste de Cuba. Enquanto isso, o termo *Palestino*, que também é utilizado para designar pessoas que saem da região leste da ilha em direção à capital, ganha uma conotação pejorativa, ao ser relacionada, nas palavras de moradores de Havana, com pessoas que agem como invasores, que não possuem bons modos, que são violentos, barulhentos e que são, indistintamente, enegrecidos.

Aqui utilizo o termo enegricido ao invés de negro para marcar que este não é um processo simples de recialização baseada em fenótipo, mas sim um processo que envolve uma racialização do caráter cultural. Os palestinos seriam vistos de maneira negativa por serem vetores de uma cultura entendida como ruim. Era isso que transmitia a ideia “barrios malos” aos lugares em que havia uma maior concentração de pessoas negras. O que torna negro os espaços não são apenas esses corpos negros, mas principalmente a cultura, enegrecida, que eles carregam. Uma identidade que atua praticamente como uma nacionalidade ligada a um local específico.

Isso faz com que não apenas as pessoas negras de fora de Havana sejam marcadas como *palestinas*, mas também as pessoas brancas que estão ligadas à cultura desses espaços enegrecidos culturalmente. Ao se pensar na identidade produzida nestes lugares, é possível entender que é imposto a essas pessoas uma condição de rebaixamento em suas condições humanas, que faz com que eles sejam retratados no imaginário popular como se fossem um corpo invasor que deve ser rejeitado. É neste momento em que é criada algo que se assemelha com uma nova identidade, que é forçada sob essas pessoas.

Como eu destaco no começo deste capítulo, essa dupla identidade, que é ao mesmo tempo espacial e racial, ou como Marc D. Perry (2016) destaca, uma “cidadania racializada”, ao mesmo tempo que concede ao espaço as características racializadas que são direcionadas contra seus moradores, também concede aos moradores não negros essas características. Esse processo de marcação racial, concede essa cidadania a todos os moradores do bairro que, de

alguma forma, manifestam atributos desta cultura barrial. Essa dinâmica não está circunscrita apenas à dinâmica de Pogolotti ou de Havana, mas pode ser encontrada em diversos outros lugares.

Os processos de racialização relacionados à uma identidade espacial não são restritos à experiência negra. Muitas vezes escutei que o bairro da Liberdade em São Paulo era um bairro japonês ou o “barrio chino” em Cuba são bairros chineses, que o bairro do “Bixiga” e da Móoca eram bairros italianos, etc. Apesar de notar aqui uma clara associação étnico-racial com esses espaços, nenhum deles carrega um estigma negativo oriundo desta ocupação. Mesmo hoje a maioria dos moradores desses bairros não corresponderem com essa imagem, eles se tornaram redutos dessas culturas, que ficaram gravadas no território, mesmo que essa presença atue como apagamento de outras identidades e etnias que ocupavam esses espaços tanto antes quanto depois.

Por conta da rejeição gerada pelos moradores de outras regiões da cidade, os moradores do bairro se utilizaram da produção de uma identidade como forma de defesa. Essa defesa consistiu em reforçar os elementos que aproximam os moradores do bairro dos elementos da cultura nacional cubana, como as características entendidas como nacionalistas (aqui podemos citar a identificação com os revolucionários e com as revoluções e insurgências cubanas), seus marcos mais históricos (por isso a grande quantidade de entidades que visam garantir que esse elo histórico seja passado de geração em geração) e da cultura afro-cubana, que é compreendida como um dos pilares da cultura nacional (aqui entra a relação com a música, dança, religiões, esportes, etc). Produzia-se, assim, uma identidade cubana ainda mais enegrecida.

É possível perceber como as concepções de topofilia e topofobia não estão relacionadas exclusivamente às experiências vividas como apontava Yi-Fu Tuan (2012), mas que essas concepções se desenvolviam no imaginário, que era preenchido com sensações e relações negativas quando um determinado espaço remetia ao desconhecido e distante, e com sensações e memórias afetuosas quando era relacionado com algo próximo e familiar. São essas interações entre espaço vivido e o imaginário (que é o lugar em que o racismo opera com maior liberdade) que são formadas as imagens sobre um determinado lugar ou grupo social. E essa seria a chave para aqueles que não vivem em Pogolotti terem uma imagem do bairro como um lugar perigoso, devido essa interação entre imaginário coletivo (que contam histórias sobre o lugar) e o racismo.

No caso de Pogolotti, o racismo também atua na criação da topofilia, porém por negação: para que os moradores do bairro possam responder a esse imaginário coletivo

racista que é construído contra eles, os *pogolotinos* se fazem valer do reforço positivo sobre suas origens, sobre as virtudes que carregam seus habitantes e da qualidade do bairro como um verdadeiro reduto do que seria a cultura cubana (e por extensão a cultura afro-cubana) da qual tanto se orgulham. A identidade barrial de Pogolotti é criada para responder ao racismo sofrido por seus moradores, o que reforça um conflito de perspectivas.

Para finalizar, quero destacar a ideia de que, ao se projetar essa cidadania racial sobre os moradores de Pogolotti, a atuação deles em reforçar os estímulos culturais que os marcam racialmente fortalece a identidade barrial, mas também fortalece o estigma, em redemoinho contínuo. Se a analogia do “ciclone” pode ser utilizada aqui para se pensar em como esses elementos se mesclam e se confundem infinitamente, é inegável pensar no quão profundo o racismo em Cuba segue soprando sobre seus habitantes, devido a ausência de políticas que visem efetivamente combatê-lo. Que os ventos da mudança possam soprar não apenas sobre os moradores de Pogolotti, mas sobre toda Cuba e que o ciclone passivo permita uma mudança tão necessária para seus habitantes.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

AGUIAR, Lourival Teixeira Custódio. **Um país sem racismo? Palestinos, negreiros e os lugares de negro e branco em Cuba**. *Ponto Urbe* [En línea], 30 v.2 | 2022, Publicado em 20 de janeiro de 2023, consultado em 24 maio de 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14014>.

_____. **Transculturando a Amefricanidade de Lélia Gonzalez: decolonialidades em debate**. TESSITURAS: REVISTA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA, v. 9, p. 301-315-301, 2021. Disponível em <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1102/900>.

ALLEN, Jafari. **¿Venceremos? The Erotics of Black Self-Making in Cuba**. Durham: Duke University Press, 2011.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra. Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro, 2019.

ALMEIDA, Yulexis. **La Educación Superior en Cuba. Un análisis desde el género y la raza**. Tertúlia da Afrocubanas realizada, na Casa de Alba, La Habana, Cuba, noviembre, 2014.

_____. **Color de la Piel: Un Desafío para las Políticas de Acceso a la Educación Superior en Cuba**. La Habana, Anais del Seminario "Identidades y Movilизaciones Colectivas", Instituto de Investigación Cultural Juan Marinello, 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra Medo Branco. O negro no imaginário das elites do século XIX**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BACHERO, Juan Luis. **La represión en la Conspiración de La Escalera (1844). Libres de color y esclavos**. In: Gente de color entre esclavos. Calidades raciales, esclavitud y ciudadanía en el Gran Caribe. Granada: Editorial Comares, p.179-194, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. Forms of Time and of the Chronotope in the Novel. In: **The Dialogic Imagination: Four Essays**. Austin: University of Texas Press, 1981.

_____. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadiniet al. São Paulo: Hucitec, 2014, p.211-362.

BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. La Habana, Editorial Letras Cubanas, 2012.

_____. **El tema racial en la sociedad cubana actual**: letra y espíritu. Casa de las Américas, No.264, julio-septiembre, La Habana, 2011.

CALDERON FRIAS, Wladimir. **Pogolotti: Histotia del primer barrio obrero de La Habana**. La Habana: Grupo para el desarrollo integral de la Capital, 1997.

CÁRDENAS, Eliana. **Historiografia e Identidad em la Arquitetura Cubana**. La Habana: Ediciones Unión, 2015.

CASTRO, Silvio Fernández. **La masacre de los Independientes de Color en 1912**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2002.

DE LA FUENTE, Alejandro. **A Nation for All: Race, Inequality, and Politics in Twentieth-Century Cuba**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001.

DOMINGUES, Petrônio. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Aarhus: Diálogos Latinoamericanos, número 010, p. 115-131, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf>.

ESPINA, Rodrigo Prieto, RODRÍGUEZ, Pablo Ruíz. “Raza y desigualdad en la Cuba actual”. **Temas**, n. 45, p. 44-54, 2006.

ESTRADA, Alfredo J. **Havana: Autobiography of a City**. Editora St. Martin's Griffin, Havana, 2008.

FAGUAGA, Maria Ileana. **Sou uma mulher negra, afro-cubana e consciente**. Entrevista publicada em 29 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/29/maria-ileana-faguaga-sou-uma-mulher-negra-afrocubana-e-consciente>. Acesso em: 09 set. 2019.

FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**. Terceiro Mundo, Tradução de Isabel Pascoal. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

_____. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **“Por que Fanon? Por que agora?” : Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, 2015. São Carlos: UFSCar, 2016. 260 f.

FERNANDES, Sujatha. **Cuba Represent! Cuban Arts, State Power, and the Making of New Revolutionary Cultures**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

FERNÁNDEZ, Nadine. **Revolutionizing Romance: Interracial Couples in Contemporary Cuba**. New Jersey: The Rutgers University Press, 2010.

FERNÁNDEZ ROBAINA, Tomás. **Identidad Afrocubana: Cultura y Nacionalidad**. Santiago: Editorial Oriente, 2009.

_____. **El negro en Cuba, 1902-1958: apuntes para la historia de la lucha contra la discriminación racial**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1990.

_____. **El negro en Cuba: Colonia, República, Revolución**. La Habana: Ediciones Cubanas Artex, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 1a edição 1933. São Paulo/Rio de Janeiro, Record, 1999.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia” In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 48 (1), p.133-165, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Antropologia social. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1973.

GRUPO PARA EL DESARROLLO INTEGRAL DE LA CAPITAL. Historia local del consejo popular Santa Felicia. La Habana, 1997.

GONÇALVES, João Felipe. *The Hero's Many Bodies: Monuments, Nationalism, and Power in Havana and Miami*. University of Chicago. Orientador: Stephan Palmié [Tese de Doutorado]. 2012.

_____. “Martí versus Martí: Nacionalismo e hegemonia em Havana e Miami”. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 102, p. 69-87. 2015.

_____. “Revolução, voltas e reveses: Temporalidade e poder em Cuba”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n.93, e329305. 2017.

_____. **The Island, the Peninsula, and the Continent: Cuban American Engagements with Africa**. 2019.

_____. O tio haitiano da antropologia contemporânea: teoria, história e poder em Jean Price-Mars. *Revista Horizontes antropológicos*, 28 (62). Jan-Apr 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000100003>

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69 – 82, jan./jun. 1988a.

_____. Por um feminismo Afro-latino-Americano. In: **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GREGORY, Steven. **Black Corona: Race and the Politics of Place in an Urban Community**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1998.

GUANCHE, Jesús. Componentes étnicos de la nación cubana. (Tercera edición ampliada). Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 2011.

_____. Dicionario etnográfico. Los pueblos del Caribe insular y México-Centroamérica, vol.I, 213 pp. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 2015.

_____. Dicionario etnográfico. Los pueblos de Suramérica, vol. II, 499 pp. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 2015.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Raça, cor, cor da pele e etnia**. Cadernos de Campo, Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da Universidade de São Paulo. São Paulo, n. 20: 1-360, 2011.

GUPTA, Akhil. "Blurred Boundaries: The Discourse of Corruption, the Culture of Politics, and the Imagined State". **American Ethnologist**, n. 22(2), p. 375-402. 1995.

HELG, Aline. **Our rightful share: the afro-cuban struggle for equality, 1886-1912**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.

_____. Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história cubana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 8, n. 1. 2014.

HOZ, Pedro de la. **Durban: Diez años después. Una batalla cubana por la plena equidad racial**. La Habana, Instituto Cubano del Libro - Editorial Letras Cubanas, 2012.

JAFFE, Rivke. The hybrid state: crime and citizenship in urban Jamaica. **American Ethnologist**, 40(4), 734-748, 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1111/amet.12051>.

KATERÍ, Tanya. **La subordinación racial en Latinoamérica: El papel del Estado, el derecho consuetudinario y la nueva respuesta de los derechos civiles**. La Habana, Colección Investigaciones Casa de las Américas, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futures Past: On the Semantics of Historical Time**. New York: Columbia University Press, 2004.

LAO-MONTES, Agustín. **Cartografías del campo político afrodescendiente en América Latina**. Bogotá, universitas humanística no.68 julio-diciembre de 2009 p. 207-245.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11 – 29, jun. 2002.

_____. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. "Quando o campo é a cidade". In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996.

_____. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista De Antropologia*, 35, 191-203. São Paulo, 1992. Disponível em <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1992.111360>

MARTÍ, José. “Mi raza”. *Patria*: New York, v. 16, p. 299, 1893.

MINTZ, Sidney, PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana: Uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MORALES, Esteban. *Notas para compreender la problemática racial cubana*. 2010. Acesso em 21/04/2023. Disponível em <https://www.ipscuba.net/archivo/notas-para-comprender-la-problematika-racial-cubana/>

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca. As Relações Raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMACIÓN (ONE) - Centro de Estudios de Población y Desarrollo. **El Color de la Piel según el Censo de Población y Viviendas**. Disponível em: <http://one.cu/publicaciones/cepde/cpv2012/elcolordelapielcenso2012/PUBLICACION>

[%20%20COMPLETA%20color%20de%20la%20piel%20.pdf](http://one.cu/publicaciones/cepde/cpv2012/elcolordelapielcenso2012/PUBLICACION%20%20COMPLETA%20color%20de%20la%20piel%20.pdf). Acesso em: 19 ago. 2019.

ORTIZ, Fernando. “Los factores humanos de la cubanidad” [1940a]. Disponível em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acesso em: 08 nov. 2020.

_____. **Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar** [1940b]. Madrid, Cátedra, 2002.

_____. “A Cubanidade e os negros”. In: Suplemento Panamericano do Jornal A Manhã nº 8. 30/08/1942. [1939]

PALMIÉ, Stephan. **The Cooking of History: How Not to Study Afro-Cuban Religion**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

_____. **Wizards and scientists: explorations in Afro-Cuban modernity and tradition**. Durham & London: Duke University Press, 2002.

PARK, Robert Ezra. “A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” (1967 [1925]). In: Velho, Otávio Guilherme (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

PÉREZ, Louis A. *Cuba, between Reform and Revolution*. Nova Iorque, NY: Oxford University Press, 1995. 2ª Edição.

PERRY, Marc D. **“Negro Soy Yo: Hip Hop and Raced Citizenship in Neoliberal Cuba”**. Durham, NC: Duke University Press, 2016.

POGOLOTTI, Graziella. **Los Pogolottinos**. Juventud Rebelde. Março de 2022. Disponível em: <https://www.juventudrebelde.cu/opinion/2022-03-05/los-pogolottinos>. Acesso em Março de 2022.

PORTAL ABRIL. **Em Cuba não há «afrocubanos»**. Julho de 2022. Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/internacional/em-cuba-nao-ha-afrocubano>. Acesso em 09 de agosto de 2023.

RAMÍREZ, Ronaldo. Factores que contribuyen al éxito o fracaso de proyectos comunitarios. Experiencias en el barrio Pogolotti, La Habana, Cuba. **Revista Invi** N° 50, Mayo 2004, Volumen 19 : 182 a 243. Disponível em <https://revistas.uchile.cl/index.php/INVI/article/view/62205/66347>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

RAMOS-ZAYAS, Ana Y. **National Performances: Class, Race, and Space in Puerto Rican Chicago**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

RODRÍGUEZ, Pablo Ruíz. “El llega y pón, un estudio de caso: Familia, uniones matrimoniales y sexualidad en la pobreza y la marginalidad”. La Habana: Catauro: Revista cubana de antropología. Vol. 08, Ed. 14. Pg. 5-31. 2006a.

RODRÍGUEZ, Pablo Ruíz. “Espacios y contextos del debate racial actual en Cuba”. en Temas (Ciudad de La Habana) N°45, enero- marzo. 2006b.

ROMAY, Zuleica. **Elogio de la altea o las paradojas de la racialidad**. La Habana: Casa de las Américas, 2014.

_____. **De Afrocubanos a Cubanos Negros. Africanidad y Color De Piel en El Imaginario Social Cubano**. Brazilian Journal of African Studies | Porto Alegre | v. 3, n. 6, Jul./Dec. 2018 | p. 75-88

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Brasil, SciELO - EDUFBA, 2004.

SANSONE, Livio, PINHO, Osmundo (organizadores). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008. 447 p.

SANTOS, Rhenan Pereira. [Dissertação de Mestrado] **En cada cuadra un comité, en cada barrio revolución: os cdr e a participação popular na transição socialista em Cuba (1960-1975)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 2017.

SAUNDERS, Tanya. **Black lesbians and racial identity in contemporary Cuba**. Black Women, Gender & Families 4 (1), 9-36, 2010. 22, 2010.

_____. **Cuban Underground Hip-hop: Black Thoughts, Black Revolution, Black Modernity**. Austin (TX), University of Texas Press, 2015.

SAWYER, Mark Q. **Racial Politics in Post-Revolutionary Cuba**. Los Angeles: Cambridge University Press, 2006.

SCHMIDT, Jalane. "Locked together: the culture and politics of 'blackness' in Cuba". *Transforming Anthropology*, 16(2):160-164, 2008. Disponível em <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1548-7466.2008.00023.x>.

SELIER, Yesenia, HERNÁNDEZ, Penélope. Identidad racial de “gente sin história”. pg 130-144. In *Antologia de Caminos: Raza y Racismo*, La Habana: Editora Caminos, 2017. 2ª Ed.

SCOTT, Rebecca. **Emancipação Escrava em Cuba**. 2ªEd. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1991.

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito” [1903]. **Mana**, n. 11 (2), p. 577-591, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Livia. **Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 22, n. 42, p. 11-64, 2023.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história** / tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983

_____. **Medo da Cidade**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: EdUNESP, 2005.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 2012.

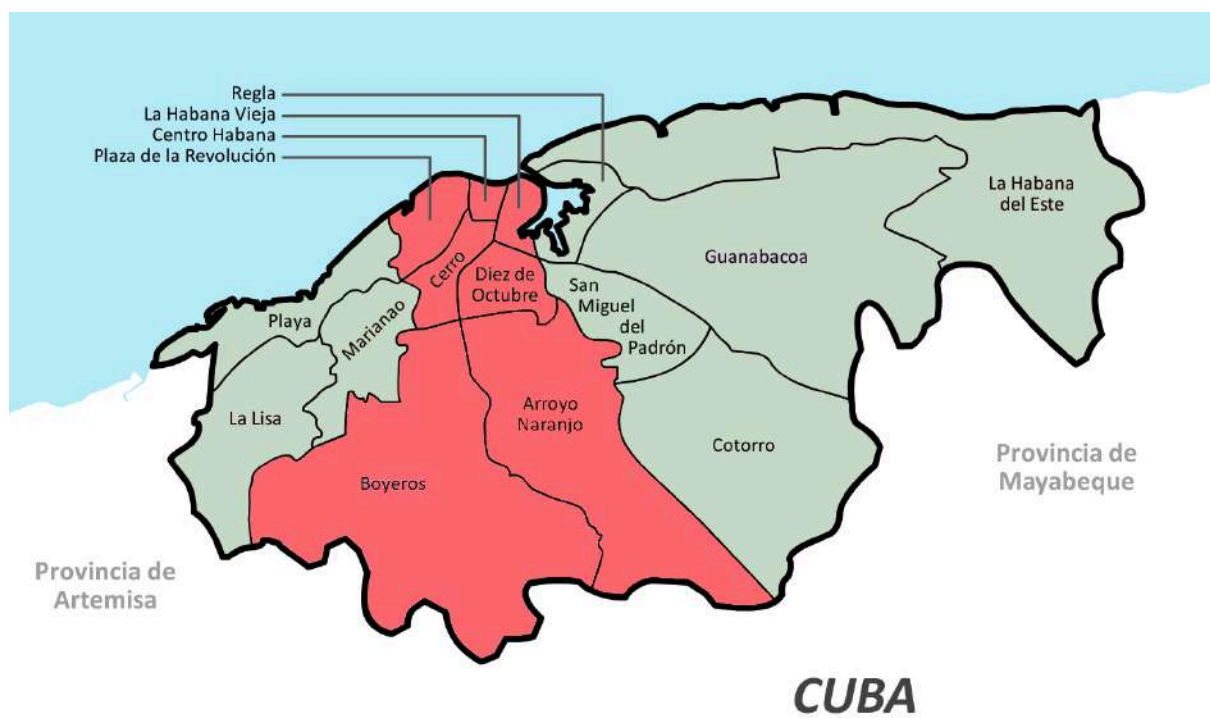
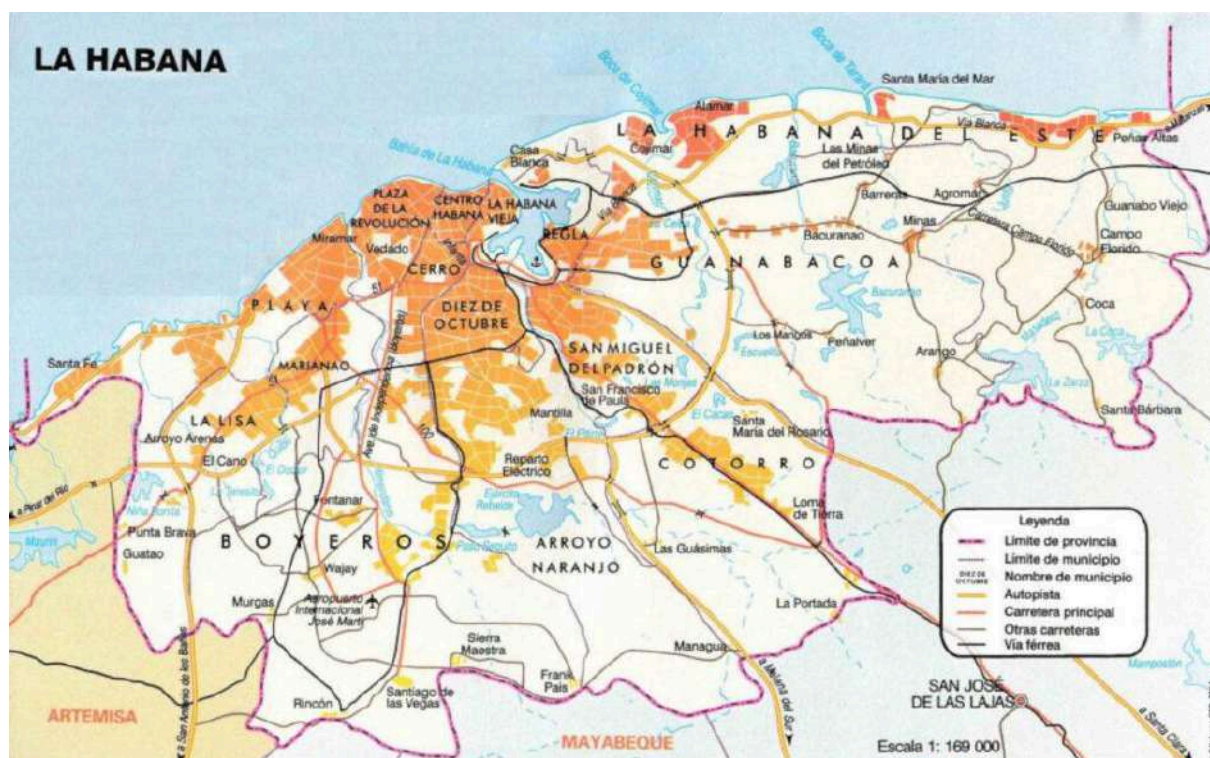
VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

WIRTZ, Kristina. **Performing Afro-Cuba: Image, Voice, and Spectacle in the Making of Race and History**. Chicago: The University of Chicago Press, 2014.

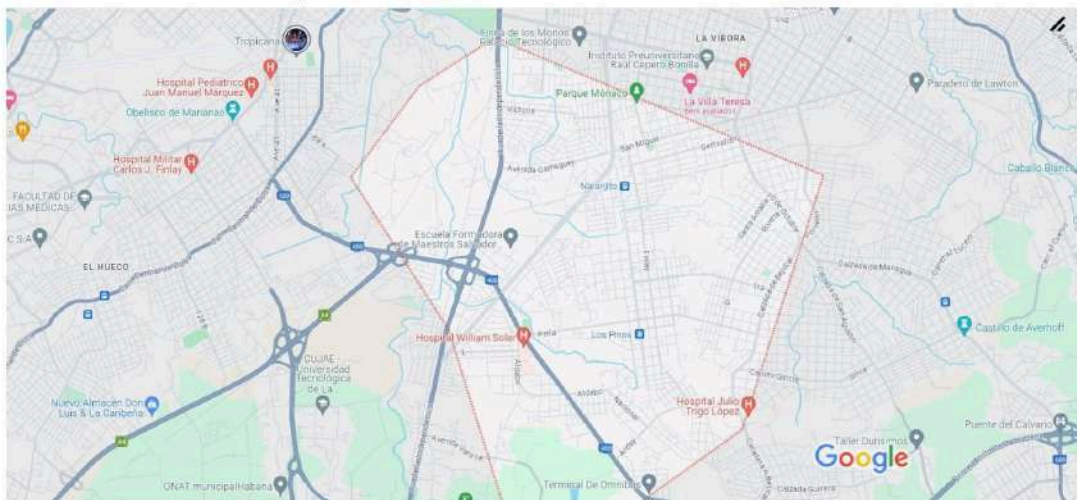
ZURBANO, Roberto. “El triángulo invisible del siglo cubano: raza, literatura y nación”. **Revista Temas**, Nº 46, 2006, pp. 111-123.

_____. “Racismo vs. socialismo en Cuba: un conflicto fuera de lugar(apuntes sobre/contra el colonialismo interno)”. **Meridional: Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos** , Nº 4, 2015, pp. 11-40.

Anexo 1 - Mapas



Marianao Mapa de Marianao



Marianao

Havana
Cuba



Rotas



Salvar



Próximo



Enviar para o
smartphone



Compartilhar

Fatos rápidos

Marianao é um município de Cuba pertencente à província da Cidade de Havana. Na prática, é um bairro da cidade de Havana. [Wikipédia](#)

Mapa de Pogolotti



Fonte: Google Maps

Anexo 2 - Recortes de jornal sobre o bairro de Pogolotti

juventud rebelde DOMINGO 24 DE AGOSTO DE 2014 CULTURA 13

Sin límite en el son

César «Pupy» Pedrosa presenta a los bailarores su nueva producción discográfica, en la que recurre a fórmulas clásicas y raigales del son, pero con una visión musical contemporánea

por YELANYS HERNÁNDEZ FUSTE
yelanysh@juventudrebelde.cu

NO hay que ver la música como una espiral cíclica. Esa sería una manera simplista de apreciar todo un caudal sonoro, ya que la creatividad, amén de las clasificaciones de estudiosos y especialistas, no se circunscribe a un fenómeno o a un hecho en específico. Se necesita tener en cuenta numerosos aspectos, desde el contexto en que se crea, hasta el estado anímico del compositor...

Sin embargo, determinados géneros relacionados con la sonoridad popular cubana retoman elementos, utilizados por los considerados clásicos en el estilo. Fórmulas y conceptos ya experimentados por Neco Saquito, Miguel Matamoros, Benny Moré y Juan Formell se combinan en producciones discográficas actuales.

Pero la mayor moraleja que percibo al escuchar estos álbumes es que su melodía está pensada para el bailaror de 2014, tan diferente al de décadas anteriores (como las de los 80 y los 90), y que comparte este gusto con el que tiene por otras corrientes musicales.

Sin límite (Egrem 2014), el fonograma más reciente de Pupy y los que son son, me hacía meditar en todos estos temas. Resulta que el CD tiene en cuenta, desde el punto de vista autoral, todos los elementos antes mencionados y desafía a quienes todavía se resisten a encontrar caminos contemporáneos para abordar el son, sin renunciar al legado que tiene el género de generaciones anteriores de compositores.

César «Pupy» Pedrosa se sirvió de los aportes de su agrupación y sumó a los siete sencillos compuestos por él, piezas de sus cantantes Dayan Carrera (**El caché**, tema que ya se escucha en la radio) y Yoandri Castro (**Para qué**).

Contó con el apoyo de un viejo colaborador, Gustavo Cabañas, e invitó a Eliades Ochoa, quien aparece en el fonograma por partida doble. El músico santiaguero nos muestra su faceta como autor en **De vacaciones a la Luna**, un pegajoso merengue dominicano, género que no es habitual en el repertorio de Los que son son y que Ochoa interpreta.

Se nos regala también **Llegar a viejo**, firmado por César Pedrosa. Es una interesante meditación sobre la vejez, que cantan, en singular dúo, Eliades y Pupy. Esta track se disfruta nuevamente en la voz del vocalista Dayan Carrera.

Lo que dejó Sebastián viene a ser un exquisito ejemplo de esta crónica musical heredada de antaño. Pedrosa señala que se retoma, para bien de la música popular, esta manera de «construir» un número. «No puede haber una música para el bailaror que no tenga que ver con la crónica, tanto de la que hable del amor como de un personaje determinado; un dicho que se emplee en la cotte y después se hace un tema, o al revés: se estrena un número y luego de esto se saca una frase popular. Eso siempre ha existido y tiene que reformarse. El que no lo haga queda en el camino», dijo a **Juventud Rebelde** en la presentación del fonograma.

La necesidad nos conecta con el jazz. Esta obra logra su organicidad gracias a que se utilizan elementos que nos recuerdan, por momentos, a la jazz band de Benny Moré. Mientras, **Cencia pelotera** vincula un deporte olímpico, desbordado de cubanía, con un género genuino y donde la visión de Pupy, quien comparte la autoría de la pieza con Ricardo Díaz.

Para quienes quieren encontrar ese sello de Los que son son, ganado en más de una década de trabajo, **Me están llamando** es lo que buscan. Hay aquí una combinación perfecta de la melodía y el texto, aderezado en la letra con frases de la cultura afrocubana, que sirve de puente introductorio al resto de los 11 temas que se escucharán.

En **Sin límite** también se ofrece una visión coherente en la dirección musical, donde se conjugan las orquestaciones del baterista Roelvis Reyes, las del tecladista Maykel García y las de César Pedrosa.

Atractivo resulta el diseño hecho por Arnulfo, quien por segunda ocasión realiza estas labores en un CD de la orquesta. En esta oportunidad se refleja un piano cuyo teclado no tiene límites, lo cual es una clara alusión al instrumento que virtuosamente toca César Pedrosa. A este discurso gráfico se integran «armónicamente» las instantáneas tomadas por Néstor Martí.

Pupy igualmente aprovechó la presentación de su nuevo CD para mostrar otro proyecto que reverencia la impronta musical de Juan Formell, con quien compartiera escenarios durante muchos años. Se trata de un audiovisual titulado **Encuentro y partida**, realizado por Alex de Oliva. En ese sencillo se retoman temas clásicos del líder emblemático de los Van Van y se incluye un coro final de la autoría de César Pedrosa.

Con casi 12 minutos de duración, en el clip intervienen importantes artistas como Sixto Llorente, «el Indio»; Elito Revé, Tania Pantoja, Lantzo Bacallao, Ángel Bonne, Alexander Abreu, Ricardo Leyva, Manolito Simonet, Maykel Blanco, Enrique Álvarez, Juan Guillermo Almeida, Isaac Delgado, Paulito FG, Pedrito Calvo, Adalberto Álvarez, Cándido Fabre, Jorgito Jr., de los 4, Eliades Ochoa y Frank Fernández, entre otros.

Consciente de que hay un retorno de la timba a sus escenarios naturales en este 2014 con iniciativas gestadas por los creadores y que cuentan con el amparo institucional, César «Pupy» Pedrosa espera que **Sin límite** «pegue» en la gente. Para ello recurre a la fórmula de cronizar la vida cotidiana y no le teme a la influencia que otros géneros tienen en los bailarores.





Alfonso M. Lutti
fotos: Roberto Carlos Medina

"Mi Pogolotti querido"

A cien años de su nacimiento, la popular barriada de Marianas persiste en conservar su identidad y la cultura popular

SUS CALLECITAS estrechas y solitarias se van impregnando a Pogolotti una arquitectura singular. Sin embargo, esa arquitectura que hoy parece caprichosa respondió a las necesidades de un tiempo, de una época, cuando imaginar la obra conserjería barriada era también jerarquizar los colores de su pueblo en el cual se mezclaban —como una sola raza— los pobres.

Aquí, pensando en ellos, surgió el primer barrio obrero de Cuba, llamado Federación, en los antiguos terrenos (finca San José y Jesús María, ex Marianas del comerciante italiano Dino F. Pogolotti), nombres que luego para quedarse en honor a quien también fue un aquel entonces presidente de la Compañía Inmobiliaria Federación.

Ahora, cuando los ritmos de la contemporaneidad horroren la casi milia la leyenda de una identidad singular que se originó y se forjó, donde la militancia se entrelaza con la cultura popular, sobreviven las imágenes de esa bella población, que sin haber agotado nunca el agua —como cuentan las historias de otros lugares— han quedado atrapados por la magia de un kilómetro que les pertenece por derecho propio.

Nacimiento
El 24 de febrero de 1911 se registra como la fecha fundacional de Pogolotti, nombre que ocurrió bajo el gobierno de José Miguel Gómez, a iniciativa de Luis Valdes Carreño, representante a la Cámara, quien también fue tabaquero, relator en el movimiento insurreccional contra la dominación española y sirvió en las filas del Ejército Libertador durante la Guerra del 95.

Valdes Carreño sometió a la Cámara un proyecto de ley para disponer de un crédito de 600 mil pesos, con el objetivo de construir mil casas destinadas a los obreros, quienes vivían en condiciones precarias en distintos lugares de la ciudad.

Las viviendas se entregaron a pedrea de familias mediante sorteos, y los apartados debían cumplir la condición de no tener otras recargas que no fueran las alcanzadas por el grupo trabajo. Sin embargo, la participación de la época pretendió aumentar hasta 2 mil la cifra de casas a distribuir en todo el país, lo cual no llegó a hacerse efectivo totalmente.

El 30 de octubre de 1910 se colocó la primera piedra y el 13 de enero de 1911 se celebró el sorteo de los 100 domicilios iniciales. La fecha del 24 de febrero —en homenaje al Grito de Balise— fue elegida para comenzar la entrega.



De izquierda a derecha, Ramón, Gustavo, Federico y Rafael, en su momento por los fundadores del barrio.

Tradiciones
Síntesis del pensamiento más revolucionario de las épocas que han marcado su devenir, Pogolotti sirvió de mirada a gente pobre y sin recursos —muchos de los beneficiados propusieron de las ciudadales de los barrios de Dragones y Solino— y sirvió a veteranos de las guerras de independencia, y al transcurrir el tiempo, también a opositores de las tiranías machadista y batistiana, y a participantes de la Lucha Contra Bandidos en el Escambray y en la contienda de Playa Girón, donde bien perdieron la vida.

En esta trayectoria una expresión de patriotismo lo fue el hecho de que en una de sus etapas, durante años, se escondieron los restos de Antonio Guterres y Carlos Aguante, líderes revolucionarios de los años 30.

Esas son historias impresionables y recurrentes para sus habitantes, que hoy recuerdan otras más apogeadas a la vida cotidiana, como la de esas comadronas —mujeres con gran sentido humanista y de solidaridad— que recibieron en los brazos a muchos de sus actuales moradores.

Los festejos populares gozaron siempre de gran apoyo entre los vecinos, quienes engalanaban las casitas, y a la más bonita, y que mejores resultados, se le entregaba un medallón que quedaba allí hasta el año siguiente.

Todo comenzó el 23 de febrero, víspera del aniversario fundacional, con la elección de las "Señoritas Benéficas", las cuales presidían los festejos, y en la mañana del 24 los vecinos despertaban con el sonido peculiar de la diana maritima, símbolo de vitanía.

Se gente...
¿Qué no sabrá Gustavo Álvarez Aldama de Pogolotti?, el lugar que lo vio nacer hace 98 años, y donde ha visto crecer la familia. Su casa, reparada a mediados de la década de los años 60, está ubicada en los linderos del reparto, y de ahí todos los días realiza una caminata hasta la actual avenida 51, ahora Calzada Real, y a cada paso saluda, pero "no conoce hasta los perros", comentó.

Ha sido un otro muy solidario, comunicativo. (Fijese si para mí es importante que estoy conociendo de

que en ningún otro voy a vivir como aquí, siempre será mi hogar), también este poblado, quien durante muchos años laboró en la empresa de servicios de Marianas, y ahí estrechó relaciones con Ramón Hernández Suárez, uno de sus subordinados y de los barberos más famosos, de ese género, no solo por su buen carácter, sino por el largo período que llevó delictivo al oficio.

A los 75 años, Ramón recuerda todo con nitidez. Cuenta los que lo llevaron que era el campeón de las canchales, lo cual permitió disfrutar la conversación con él.

Este barrio no va a morir —dice— y pensando una cuestión humana de cuando ya era muchacho siempre digo: Mi Pogolotti querido, si me va lejos de aquí que digas que estoy dormido, y que me encuentres aquí.

Los tradiciones como una bella tradición, una tradición al barrio y cuando en poco día cubren los portales anhelados con significados que algunos hacen felices, y por lo general los valores se hacen en las cosas aunque existan las supersticiones.

Pero entre todos sus vivencias, hay una de particular importancia: el día en que el representante Luis Walker, de la organización Puntos por la Paz, en un recorrido por Pogolotti visitó la casa de su abuelo, en compañía del reverendo Raúl Ruiz, promotor de muchos de los valores sociales que en los últimos años sí se han materializado, entre ellos el arte de las calles y el plan de dinamización.

El acontecimiento también se recordado por Rafael del Toro y Mari Fernández (más conocido por Petáver, aunque no lleva ese apellido), quienes en estos momentos integran la comisión organizadora de los festejos por el centenario de la localidad, para la cual todo les puerro por.

Dos hombres apasionados de su comunidad que no por contenerla o relevarla, sino porque ella misma es "fuente de su poderío y participación en la solución de sus problemas", manifestaron la determinación intelectual Gustavo Pogolotti.

Aquí ellos nacieron, crecieron y han creado gente de pueblo, continuando en de una obra que aman.

Pogolotti celebró su centenario por todo lo alto. Para ello las autoridades del territorio han previsto un grupo de actividades que incluirán lugar entre el 20 y el 27 de febrero, e incluyen exposiciones, talleres, encuentros, concursos, y una gala artística en la noche del 25.

*Abuelo de Gustavo Pogolotti

Medio siglo de alegrías

CHELSEA DEL SOL

FOTO: CORTESÍA DE RADIO PROGRESO

Alegrias de Sobremesa ha llegado, felizmente y con una gran audiencia seguidora de cada programa, a medio siglo de su salida al aire.

"Alguien me dijo que era una proeza, pero no lo es solo mía, sino de todos los actores, los técnicos y el público que nos ha acompañado siempre, nos considera parte de su familia y al que yo admiro muchísimo", comenta Alberto Luberta, reconocido guionista de la Radio Cubana y específicamente de su estelar programa en Radio Progreso.

De los protagonistas de *Alegrias*... **Tribuna de La Habana** recogió emocionadas opiniones relacionadas con el exitoso espacio:

"Para nosotros significa muchísimo, porque es un desafío estar en el mismo escenario por donde han pasado tantos actores brillantes del humorismo cubano", opina Jorge Luis Herrera, voz de los personajes Arbústido y Estropajo.

"Me siento orgulloso de trabajar aquí y de poder participar en parte de la historia de la Radio Cubana", comenta Hilario Peña.



"La vida me ha dado el orgullo, honor y privilegio de pertenecer a un programa que es del pueblo. Estaremos 50 años más a su lado. Decir *Alegrias de Sobremesa* es decir alegría de vivir... y eso es lo que le damos a los cubanos", comenta Aurora Basnuevo, la versátil Estelvina.

"Con 13 años en el programa he constatado la popularidad enorme que tiene dentro del pueblo, que es lo que me ha mantenido. Fundamentalmente, poder actuar con uno de los grandes y experimentados humoristas cubanos: Alberto Luberta", opina Mario Limonta, voz de Sandalio el bolao.

"Llevo 20 años aquí y me tocó el reto de dirigirlo desde hace cinco, en el Estudio No. Uno, Benny Moré, de Progreso. Creo se ha logrado bastante bien y me siento muy contento de que alguien como Luberta se haya fijado en mí para dirigir este espacio, que se ubica entre los más escuchados de la radiodifusión en Cuba", asegura Alfredo Fuentes, director general de un clásico que, sin lugar a dudas, se ha posicionado en la memoria de varias generaciones.

WINEAC
CONGRESO

LA CULTURA ES LO PRIMERO
QUE HAY QUE SALVAR
— FIDEL CASTRO

| Alberto Luberta

Un hombre de radio

| Claudia Zurita Delgado, estudiante de Periodismo

Alberto Luberta es uno de esos abuelos que nos gustaría tener. Tiene la voz suave, y le brillan los ojos cuando habla de su trabajo. Cada día despierta a las 5:00 a.m. para comenzar su faena, porque "los guiones hay que redactarlos a diario". Siempre dispuesto a dar entrevistas y a narrar historias, decidió unir estas dos acciones para contarnos un poco de su vida y sobre sus criterios en torno al VIII Congreso de la Uneac, encuentro a celebrarse los días 11, 12 y 13 de abril, y en el que participará como delegado.

¿Cuán importante puede ser este conclave de los escritores y artistas para la radio cubana?

El congreso debe ser muy provechoso para la cultura cubana en general. Podemos tener un diálogo bastante fructífero. Durante las sesiones debatiremos la implementación de la Resolución 51 referente al pago de los escritores. Este punto es bien importante, pues muchos abandonan el medio por la poca remuneración.

También es vital hablar sobre la enseñanza artística. En las escuelas se habla muy poco, o nada, de los medios radiales. Esto podría contribuir a incentivar la vocación entre los adolescentes y jóvenes por el sonido a través del éter. Y en tal sentido hay que hallar alternativas, como se hace en Radio Progreso, donde tenemos el estudio 5 convertido en aula. Los grupos de la Facultad de Arte de los Medios de Comunicación Audiovisual vienen una o dos veces por semana y reciben clases de Caridad Martínez y Orieta Cordeiro. Esta idea apoya la vinculación de los alumnos con la emisora, y así estos tienen mayor información de su funcionamiento.

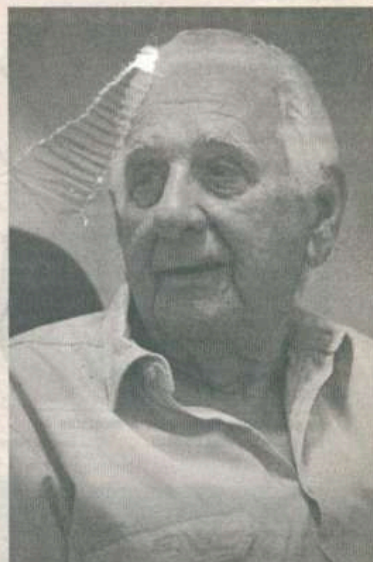
¿Cómo llegó usted a la radio?

Soy graduado de mecanografía, lo que en aquel entonces llamábamos copista. Cuando terminé la secundaria básica, en 1947, me ofrecieron un puesto de trabajo en CMQ. A partir de ahí mi vida fue diferente: la radio le dio sentido. Allí estuve durante 15 años y llegué a ser jefe de Mecanografía. Durante este tiempo el contacto con la obra de los mejores escritores radiales de la época despertó mi interés por la escritura.

De copista a escritor de Alegrias de sobremesa...

Cuando era copista lo primero que hice fue para el *Alma de las cosas*. Ya había escuchado varias emisiones y me atreví a redactar dos libretos. Al guionista principal le gustaron, y seguí haciéndolos. Me convertí en lo que muchos llamaban escritor fantasma. Después vino la huelga del 9 de abril de 1958 y tuve que abandonar el país. En Venezuela, mi exilio, trabajé también en varias emisoras. Con el triunfo revolucionario pude volver a Cuba. Y en abril de 1961 Antonio Suárez, que escribía *Fiesta a las 9*, me propuso hacer el sketch de un segmento intermedio de nombre *Tota y Pepe*. Ahí me hice humorista.

Alegrias... llegó por casualidad. Un día me encuentro con Antonio Hernández, director de Radio Progreso en esa época y me habló acerca del programa. Recuerdo que quería que le diseñara algunos guiones porque los *rating* de audiencias eran muy bajos. Acepté oírlo y escribir los pri-



Mis personajes son un vecino más de los oyentes, afirma Luberta. | foto: René Pérez Massola

meros libretos. Y mira donde estoy ahora, este 15 de abril cumplimos 49 años.

¿Cuánto hay de usted en Alegria... y cuanto de Alegria... en usted?

Cuando se escribe, uno impregna la obra con su forma de pensar, con sus problemas, con sus sueños. El programa no escapa de este fenómeno. Paco, uno de mis personajes, es el que más se me parece. Mi esposa siempre decía que le ponía todos mis achaques. De *Alegria...* me llevo a la gente, se aprende mucho con todos. Nuestro equipo es muy unido, dentro y fuera del trabajo.

¿A qué atribuye el éxito de este espacio?

Si preguntas a la gente, seguro muchos responden que al guion, o los actores. Y es verdad, estos dos elementos son importantísimos. Pero lo que en realidad lo hace exitoso son los personajes. A través de ellos entro en los hogares. Mis personajes son un vecino más de los oyentes. De esta forma ven reflejada su cotidianidad y se identifican con ellos. Es por esto que nos sintonizan cada día.

Estuvo un tiempo retirado, ¿qué le hizo volver?

Sí, en el 2007 decidí retirarme. Pensé en darles paso a las nuevas generaciones, y en mi lugar dejé a Ahmed Otero. Sin embargo, no cumplió con el trabajo. Los guiones no los entregaban a tiempo, y debido a algunos cambios perdíamos audiencia. Muchas personas me pidieron volver, y así fue, en septiembre del 2011 comencé de nuevo a escribir.

¿Cómo percibe la radio de estos tiempos?

A pesar de todo, la radio se ha mantenido, y en mi opinión está por encima del nivel de la televisión. Sin embargo, todavía tenemos problemas. Las voces tienden a repetirse, tanto de actores como locutores. Antes cada voz era exclusiva de la emisora, pero ahora debido al factor económico muchos tienen varios trabajos en distintas cadenas radiales. También debemos atraer más a la juventud, atraparlos. Muchos de ellos son como yo, solo necesitan el incentivo.



LUBERTA: UN MAGO DEL HUMOR

Por Mercedes Azaro
Foto: Perfecto

¿Cómo se le ocurre para escribir un libro diario para un programa radial? Le preguntábamos siempre al querido guionista Alberto Domínguez Luberta hoy, noche durante más de medio siglo de los simpáticos personajes de **Alegrías de Sobremesa**. Y él solo se encogía de hombros mientras sonreía, dándonos así una lección de su proverbial modestia.

Al enterarnos de su fallecimiento en La Habana, el 23 de enero de 2017, recordamos las múltiples ocasiones en que compartimos con este mago del humor, durante los festejos de la Humoranga y las Bienales del Humor en San Antonio de los Baños. Momentos en los que fuimos testigos de su popularidad y de la admiración que le profesaban los cubanos de diversas generaciones.

Nacido el 27 de septiembre de 1931 en su amado Pinar del Río, en Manzanillo, aprendió mecanografía desde niño, lo que le facilitó su labor como copista para la radio, en fecha tan temprana como 1947. Posteriormente incursionó como escritor para los espacios televisivos **De repente en televisión** (con Rosita Fornés) y **Secundino Tracy** (con Roberto Delgado y Mario Gall).

Esta leyenda de la radiodifusión que hizo de la emisora **Radio Progreso** su casa y de **Alegrías de Sobremesa** uno de los programas más populares de Cuba, fue miembro del Movimiento 26 de Julio en la clandestinidad y vivió el exilio en Venezuela.

En el año 1963 participó en la Brigada Artística Cubana que llevó sonrisas a los soldados internacionales en Angola. Por su destacada trayectoria recibió la Réplica del Machete del Generalísimo Máximo Gómez, que dirigen las Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR).

Premio Nacional del Humor y Premio Nacional de la Radio, Luberta fue fundador del Sindicato Nacional de Trabajadores de la Cultura y aceptor de numerosos reconocimientos. Recientemente había sido galardonado con la Medalla conmemorativa por el 60 aniversario de las FAR.

Carismático y familiar, el amor a su esposa y sus hijos lo extendió a actores y actrices entrañables como Roberto Delgado (el Paco de Alegrías...), Marta Jiménez Orpessa (Rita) y a Aurora Ballesteros (Estelvin), así como a técnicos y personal de "la empresa de la familia cubana".

La huella de este legendario autor, paradigma de sencillez y laboriosidad, perdurará en la cultura nacional y gracias a la magia de su versatilidad el pueblo le recordará más que como hombre de la radio, como intelectual multifacético siempre fiel a la tierra que le vio nacer.



Junto a su entera familia (Alegrías de Sobremesa, en las emisiones de la emisora Radio Progreso).



por JAFÉ

¡Que no se pierdan las Alegrías!

CON la clausura esta noche, en el teatro Karl Marx, concluye el Aquele 2015, aunque seguiremos contando con algunas propuestas teatrales durante el verano. Una vez más hemos tenido la posibilidad de disfrutar de disímiles propuestas de humor en todos los géneros, particularmente en la escena. Aunque este año no se desató por los estrenos, hubo algunas novedades como el espectáculo **Casi casting**, **casi porno**, dirigido por Eider Luis Pérez, director del ex holguinero grupo Etoétera, que ya pernocta en La Habana de manera oficial. **Casi casting...** constituye una propuesta «verde» aún, pero con grandes posibilidades, sobre todo al mostrar el potencial femenino que atesora la membresía del Centro. Este espectáculo podría servirnos como el motor de arranque que convida a sumar mujeres con talento y sentido del humor, que sin dudas tenemos en nuestro país.

Muchos de los grupos que se han presentado durante esta semana han confesado que guardan lo mejor para el año que viene, cuando el encuentro tendrá carácter competitivo. Amén de esta circunstancia (que es razonable) sobre la escena de los múltiples teatros habeneros pudimos disfrutar de propuestas de gran calidad y elaboración, premiadas en anteriores convocatorias del humor cubano, que a causa del fatalismo geográfico y los problemas económicos apenas pudieron programarse en la capital. Desde ya espero con sobrado optimismo el próximo Aquele, que en honor a la verdad ya marca una sensible recuperación en las tablas, gracias al esfuerzo y el trabajo realizado por el Centro Promotor del Humor.

Aplaudo significativamente el evento teórico realizado en la

Casa del Alba como parte de la más importante cita de los humoristas del patio. Un merecido homenaje al Maestro Carlos Ruiz de la Tejera fue el pretexto inicial para dar lugar a disímiles conferencias, talleres, debates... propuestas dirigidas esencialmente a acercarnos y rescatar los orígenes. Beber de las fuentes iniciales que dieron lugar a lo que somos. Lamentablemente una de estas sesiones estaba dirigida al antológico programa radial **Alegrías de Sobremesa**. Digo que lo lamento, porque a pesar de que nos congratulamos con su presencia el insigne escritor del espacio, Alberto Luberto, y algunos de sus más reconocidos actores como Aurora Basnuevo, Diana Rosa Suárez, Mario Limonta e Hilario Peña, nos reunimos para preguntarnos si debía desaparecer o no este programa

que diariamente se transmite por la emisora Radio Progreso desde hace 50 años.

Por suerte nadie estuvo de acuerdo en que **Alegrías...** desapareciera en el año de su medio siglo. Como bien diría la actriz Aurora Basnuevo, apoyada por el resto del elenco: «**Alegrías de Sobremesa** no pertenece ni a los escritores, ni a los actores, ni al equipo de realización; es un patrimonio cultural del pueblo cubano». Luego de exponer sólidos criterios, el Centro Promotor del Humor, en la figura de su director Enrique (Rike) Quiñones, aseguró que mantendrá a salvo este espacio y crear nuevos programas humorísticos en la radio cubana también es una tarea de la institución que comanda y de todos los humoristas: «Para el próximo Aquele —aseguró—, ya tenemos que tener

resultados concretos sobre este y otros proyectos en los que ya laboramos». De inmediato se lanzó la primera piedra, casi literalmente, porque fue presentada esta convocatoria que detentó promoción, con mucho gusto y sana satisfacción.

CONVOCATORIA

La Radio Cubana y el Centro Promotor del Humor convocan a escritores del país a presentar proyectos de humor costumbrista para espacios radiales. Los autores seleccionados recibirán un taller sobre lenguaje radial, impartido por especialistas del medio. Los trabajos deberán ser entregados en la emisora Radio Progreso, situada en Infante 105, con los siguientes datos: título del proyecto, nombre y apellidos del autor, dirección particular, número de carné de identidad, teléfono, profesión y centro de trabajo. El plazo de admisión vence el 30 de octubre de este año.

EN CASO DE TEMBLOR NO CORRA, AFUERA TIEMBLA TAMBIÉN.

por DAÍNA CABALLERO, estudiante de Periodismo

CONVERSATORIOS, muestra de documentales, exposiciones fotográficas y de artes plásticas, bailables, conciertos y una celebración ecuménica fueron algunos de los acontecimientos culturales que se organizaron en el barrio de Pogolotti para celebrar su primer centenario.

Estas celebraciones animaron el quehacer de las instituciones y de la gente de Pogolotti, en especial, cuando este 2011 ha sido declarado por Naciones Unidas como el Año Mundial de la Afrodescendencia, en reconocimiento al proceso de exclusión y opresión del que han sido víctimas el pueblo africano y sus descendientes.

En esta barriada residieron o trabajaron importantes personalidades de la vida cultural, científica y el pensamiento cubano, como la escritora y etnógrafa Lidia Cabrera y el eminente médico Carlos J. Finlay. Dicen que durante largos años, en una modesta vivienda, fueron conservados los restos de dos luchadores revolucionarios: el cubano Antonio Guterres y el venezolano Carlos Aponte.

Sesenta y tres viviendas han sido construidas en

El barrio de Pogolotti cumple cien años

esta localidad entre 1995 y 2003, como parte de un proyecto emergente de desarrollo habitacional que benefició, entre otros, a más de 20 núcleos familiares del asentamiento La Isla del Polvo. La participación de vecinas y vecinos junto a integrantes del Taller de Transformación del Barrio (TTB), el Gobierno municipal de Marianao, el Centro Memorial Martin Luther King y la ONG Pan para el Mundo fue decisiva para la terminación de las casas.

«Pogolotti es el primer barrio obrero de Cuba. El 80 por ciento de su población pertenece a la clase trabajadora y, aunque en épocas pasadas lo catalogaban como marginal, hoy residen aquí personas que tienen un fuerte sentido de pertenencia y luchan por mejorar sus condiciones de vida», afirma orgullosa Noemí Reyes, coordinadora del TTB, cuyo propósito es transformar física, social y culturalmente el barrio

mediante la ejecución de diversos proyectos socioculturales, educativos y acciones de saneamiento ambiental.

Cuentan que fue Luis Valdés Carrero, tabacalero y combatiente del Ejército Libertador, quien como representante a la Cámara en el Gobierno de José Miguel Gómez, defendió el Proyecto de Ley por el cual se constituyó este barrio el 24 de febrero de 1911. Solo en los primeros documentos se llamó Redención, pero el pueblo lo bautizó para siempre con el apellido de su fundador, Dino Pogolotti, padre de la ensayista Graziela Pogolotti, y del pintor Marcelo Pogolotti.



Forever Pogolotti, el mío

En 2011 la populosa barriada cumple cien años

TEXTO Y FOTOS: ADONIS SÁNCHEZ CERVERA

A Mirtreya, Yudith, Yoel, Dannivir, Yanka, Milena, a las profesoras Mercedes Díaz y Mercedes Angarica... mis amigos de la infancia en Pogolotti

Allá por la década de los ochenta empecé mi vida escolar en la primaria "Hermanos Montalvo" en Marianao, específicamente en Pogolotti, bajo un "tiroteo" de supersticiones y miedos: secuestros de niños para sacrificios paganos, regionalismo radical y violencia pandillera a punta de pistola y pañaladas sustentaban el imaginario de mi familia, construido a partir de "lo que se decía siempre de ese barrio". La vida me demostró lo contrario.

La fama de la mencionada barriada venía de principios del siglo XX—según la crónica roja de la época—cuando iban a parar a sus calles, los cadáveres de las víctimas de algún asesinato tanto de la tiranía como de los bandidos que vivían en los barrios acaudalados del litoral habanero.

Allí habitan todos los colores de Cuba, apuntó la periodista Idania Trujillo: "Basta con adentrarse por sus calles, tocar a una puerta, entrar a una casa (...) o pararse en una esquina y observar cómo hablan, gestulan, caminan y conviven los habitantes de un barrio que (...) ha tenido que sortear no pocos escollos, para mantener vivo su sentido de pertenencia como comunidad."

Santeros, babalawos, espiritistas, abakuás, paleros y cristianos, católicos, protestantes, masones, conviven juntos. La compañía folklórica Alafia, los dos planes de los abakuás



Eads, el juego de tambores, por un lado, junto a la Iglesia Ebenezer de Marianao, el Centro Memorial Martin Luther King Jr. con los Pastores por la Paz, en una constante interacción con la comunidad.

Cuna de grandes músicos de nuestra cultura como Chucho Valdés y César Pupy Pedrosó. Allí también vivieron Alicia Alonso y Oscar Valdés.

Varios jóvenes del Movimiento 26 de Julio fueron escondidos en la Isla del Polvo, un renombrado callejón de la barriada. Cuando Fidel entró a La Habana con la Caravana de la Libertad, el 8 de enero de 1959, los abakuás e idáigos del plan de Pogolotti, con sus frems, le bailaron en el antiguo cuartel Columbia, hoy Ciudad Libertad.

El 30 de octubre de 1910 se colocó la primera piedra; el 15 de enero de 1911 se sor-

tearon las cien primeras casas, y el 24 de febrero de ese mismo año fueron entregadas. Desde entonces cada 24 es motivo de fiesta.

La edificación se llevó a cabo por la "Compañía Nacional Constructora" que presidía Dino F. Pogolotti. "Era el aventurero exitoso", colonizador de Marianao—recordó en una entrevista su nieta Graziella Pogolotti, destacada intelectual e hija del ilustre pintor Marcelo—. Fundó repartos y tejares. Construyó el primer barrio obrero de América Latina, nombrado Redención en su origen, denominado siempre por el pueblo: Pogolotti. Edificó cines, un acueducto, la tienda de víveres—actualmente una panadería—Cuba-Italia... Allí estuvo instalada en la centuria anterior la caseta para el experimento de Finlay sobre el mosquito transmisor de la fiebre amarilla."

El Pogolotti de las calles empedradas, de pregoneros, de las sociedades de negros y de blancos, con su cine ya desaparecido: "Louvre"... hasta después del triunfo de la Revolución que dejó de ser un barrio marginal, y no solo es de obreros sino también de profesionales.

Entre sus lugares más importantes están los monumentos a Antonio Maceo, al Mambí desconocido, a Valdés Carro, a las Madres, a Fabricio Aguilar Noriega: la Logia Masónica "Hijos de Antonio Maceo"; los círculos vocacionales deportivos "Jesús Menéndez" y "Poland" de donde han salido grandes boxeadores.

Su Taller de Transformación Integral del Barrio, fundado en 1990, promueve proyectos de participación, culturales, constructivos, para una mejor calidad de vida. Organizan eventos deportivos como los Juegos Tradicionales de Barrio, peñas con artistas de la comunidad, la Universidad del Adulto Mayor, clases de Teatro Espontáneo, cursos de Educación Popular, actividades con los descendientes de los fundadores, y otros.

Casi en las afueras de Marianao, bordeando las riberas del río Almendares, Pogolotti se afianza en el corazón de sus pobladores. "Me moriré en Pogolotti—aseveró en una entrevista, Joel Suárez Rodés, coordinador del Centro Martin Luther King Jr.—con aguacero, un día del cual tengo ya el recuerdo". Para entonces, y como marca la tradición, las luces de los portales permanecerán encendidas hasta que amanezca el alba.

Fuentes: Citar por la Revolución a causa de nuestra fe, entrevista a Joel Suárez... Yaima Morales Cuatrecasas y Carmen L. Rodríguez Wlaczko, www.nubnadosmos.org; Oficio de remembranza con Graziella Pogolotti, revista Opus Habana, 2003; "Así somos los pogolottos", Un estudio de identidad barrial, María Isabel Romero Sordoy, editorial Caminos.

TRIBUNA

Sept 5 2010

Euforia en Pogolotti

ÁNGELA CAPOTE

Las tradiciones autóctonas que han pervivido al paso de los años y las que van surgiendo por la afición de las jóvenes generaciones, coexisten en uno de los barrios más entusiastas de Marianao por preservar lo genuino. Porque los vecinos de Pogolotti sienten un sano orgullo por contribuir al lucimiento de los festejos cada año, los cuales se han celebrado a lo largo de esta semana, y finalizarán hoy.

Nuestro baile nacional presidirá la primera propuesta de esta tarde, cuando a las 3.00 p.m. el CVD Jesús Menéndez se convierta en escenario del encuentro de danzoneros, en recordación de Calixto Aguila. Una hora después la nueva generación disfrutará del espacio juvenil que ha ocupado habitualmente la plataforma central en 92 D y 10, con la actuación de grupos musicales de fusión. Y, en ese propio lugar, a las 9.00 p.m., ofrecerán un baileable popular, al ritmo del grupo Operación Hip Hop y Dennys y su swing.



El siglo de los Pogolotti.

En el transcurso de la semana de esta entusiasta celebración popular, el grupo de danza Alafia brindó un tambor por la paz, en el CVD Jesús Menéndez, como un llamado a la solidaridad entre todos los pueblos del mundo y contra la guerra genocida emprendida por el imperialismo contra Iraq.

Los festejos acogieron la inauguración de la exposición de pintura *Notas de viaje*, en la casa comunitaria situada en 57 y 92. Y de especial significación, como expresión de amistad entre los pueblos de Italia y Cuba escenificaron la pieza teatral *Raíces profundas. El siglo de los Pogolotti*, de Renzo Sicco, por el grupo de ese país *Asamblea Teatro*, en el parque Finlay.

Una jornada caracterizada por la efusiva respuesta de los vecinos del barrio y de otros consejos populares del municipio, así como de territorios cercanos, porque la euforia de Pogolotti capta voluntades.

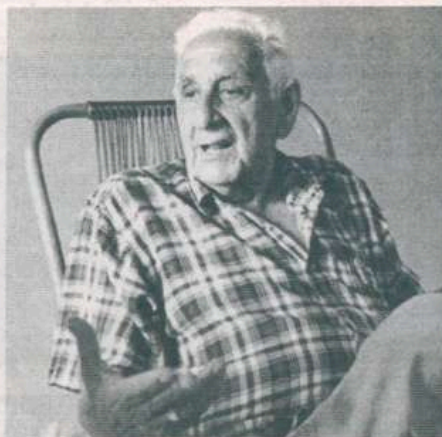
Falleció Alberto Luberta, gloria de la cultura cubana

El prestigioso escritor y director de la radio Alberto Luberta Noy falleció ayer como consecuencia de una enfermedad crónica, según informa el portal www.radiocubana.cu.

Considerado una leyenda de la radio en Cuba, Luberta Noy nació el 27 de septiembre de 1931, en el barrio de Pogolotti, Marianao. Desde muy joven trabajó como copista de libretos de radio y en la adaptación de programas de televisión. Fue miembro del Movimiento 26 de Julio en la clandestinidad y por tal motivo estuvo exiliado en Venezuela. En su trayectoria sobresalió, igualmente, su militancia en el Partido Comunista de Cuba (PCC) y la condición de miembro fundador del Sindicato Nacional de Trabajadores de la Cultura.

Luberta, como siempre se le llamó en el medio radiofónico, fue artífice principal del programa humorístico-musical *Alegrías de Sobremesa*, de Radio Progreso, popular espacio que escribió por más de 55 años, haciendo sonreír y pensar. Resultó merecedor de un sinnúmero de reconocimientos del ICRT, la Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), el Ministerio de Cultura y el Consejo de Estado de la República de Cuba.

En días recientes, al recibir la Medalla conmemorativa 60 Aniversario de las Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR), expresó: «Siempre hice lo que tenía que hacer en el momento que había que hacerlo, sin esperar nada a cambio,



Alberto Luberta Noy. FOTO TOMADA DE WWW.RADIOCUBANA.CU

pero he vivido con el privilegio de recibir muchos honores y la medalla 60 Aniversario de las FAR es un orgullo más, ha sido el colofón de los años vividos, y se la agradezco al Partido, al Gobierno y al pueblo, que en definitiva es el protagonista de todo».

Su sensibilidad y amor le posibilitaron forjar una excelente familia, también amante de los medios audiovisuales. Su quehacer artístico siempre tuvo fuente de inspiración en el pueblo, que lo vio rodeado de amigos fieles con presentaciones de *Alegrías de Sobremesa* por

fábricas, escuelas, cooperativas y bateyes del país, y en 1983, como parte de la Brigada Artística cubana que recorriera de Cabinda a Cunene, la geografía angolana para que nuestros soldados internacionalistas tuviesen un contacto con la Patria.

Alberto Luberta Noy, Premio Nacional de Radio y Premio Nacional de Humorismo por la obra de toda la vida, dejó al partir, su alegría, sus enseñanzas, su legado de amor al universo radiofónico, y un invariable compromiso con Cuba y la Revolución. (SE)



Del Tirreno al mar Caribe

El italiano Giustino Di Celmo había decidido vivir y morir en Cuba

por LUIS HERNÁNDEZ SERRANO
digital@juventudrebelde.cu
fotos de ARCHIVO

EL italiano Giustino Di Celmo no había cumplido aún sus 73 años cuando tomó la decisión más importante de su vida: colaborar como empresario con Cuba.

Venía de un socialismo que se había destronado a sí mismo, pero llegaba a uno dispuesto a no morir en su propia trinchera de futuro, pese a un férreo bloqueo estadounidense, entonces de más de cuatro décadas.

Poco tiempo después en el hotel habanero Copacabana, el 4 de septiembre de 1997, su hijo menor, Fabio, murió, por una bomba de la CIA, con solo 32 años.

APUNTES CRONOLÓGICOS

Juana y Pascual, sus padres, se casaron en Salerno, al sur de Italia, en 1920. Giustino fue el primero en nacer en esa ciudad, el 24 de diciembre de ese año, de los nueve hijos del matrimonio. Le siguieron Doménico, Pablo, Genaro, Dante, Virgilio, Antonio, Angelo y Maria. Han fallecido los primeros cuatro.

En 1947 empieza a trabajar en la mina de carbón de Bohemia del Norte, en Checoslovaquia, a 1.500 metros bajo tierra. Y el 4 de febrero del año siguiente participa en una huelga general decretada por el Gobierno socialista checo, en respuesta a un inminente golpe de Estado.

Giustino, en 1951, procedente de Nápoles, llega a Buenos Aires, tras 17 días de mar en el trasatlántico Castelvenerde. Días después conoce a Alicia Alonso en el Teatro Colón. Posteriormente, el 16 de marzo de 1955, llega a la Argentina su novia, Ora Bassi, con la que se casa allí el día 18.

Ese año nace su hija Tiziana, y a los 14 meses —en 1958—, su hijo Livio. A nuevos



Giustino (primero de izquierda a derecha) con dos de sus ocho hermanos.

grandes saltos, en 1961 —tras una década navegando y pescando el cotizado surubi atigrado por el río Paraná— regresa a Italia, huyendo de una vivida persecución política argentina. Con su esposa y sus dos pequeños arriba a Génova en el barco Anna C. En tierra genovesa nace su hijo Fabio el 1.º de junio.

Como comerciante, recorre distintos países, y en 1978 conoce en Quito, Ecuador, al pintor Guayasamín. Más tarde, en 1991, mientras asiste en Ludovico, Eslovaquia del Sur, a un tratamiento de aguas termales para su diabetes, se entera de la caída del socialismo.

En 2002 su esposa Ora Bassi visita nuestro país y asiste al acto por el aniversario 40 de la UJC, en el teatro Karl Marx, donde abraza y besa al Comandante en Jefe a nombre de las mujeres italianas.

Giustino, el jueves 18 de diciembre de 2003 se gradúa, con 83 años, como licenciado en Sociología; también en 2007, con 87 años, de Doctor en Ciencias Políticas. Ambos títulos los obtuvo en la Universidad de La Habana, prueba de su entusiasmo por todo. Viene otro gran golpe: el 1.º de junio de 2012, a los cuatro de lo tarde, fallece, a los 85 años, su esposa Ora, en Bologna, Italia, el mismo día en que su hijo Fabio cumpliría 47.

Fue un hombre siempre interesado por la cultura y sostuvo amistad con varios escritores.

EL SOBRE SU SEGUNDA PATRIA

«La provincia cubana que prefiero? Todas son mis preferidas, me han dado el mismo cariño. Me agudien cuando les hablo, porque ven en mí a mi hijo Fabio».

—¿Es cierto que estuvo en Cuba en 1952?

—Sí, pero una estancia muy breve, que me dio una ligera visión de la capital cubana y de su pueblo. Mi barco iba hacia Canadá y realizó una escala técnica en el puerto de La Habana. No pude quedarme durmiendo, oyendo música o leyendo un libro, ¡qué val! Además, había ocurrido el zarpazo del golpe batistiano del 10 de marzo y quise conocer el rostro del pueblo de a pie, la cara de los pobres después de un suceso tan doloroso. Me bajé del barco, visité un hotel pequeño y me quedé un par de días en la ciudad. Venían muchos turistas. Vi niños descalzos, algunos vendiendo periódicos y otros limpiando zapatos y pidiendo limosnas.

«¿A Canadá? Yo iba por cuestión de negocios. Sin sospechar que algún día mi hijo Livio vivría allí, con su esposa y mi nieta Cecilia Galea».

POR QUÉ ESCOGIÓ A CUBA

Al cumplir 90 años, Giustino me contó por qué quiso vivir y morir en nuestra patria: «Vine a Cuba por la convicción de que el socialismo verdadero no podía acabarse. La humanidad debía avanzar y no estancarse, para no retroceder. Fue la caída del socialismo y el derrumbe de la URSS lo que me impulsó a venir a esta tierra. Estaba en una ciudad turística de la entonces República Socialista de Checoslovaquia, encerrado en la habitación de un hotel. Había ido a



Foto: Tomada de Cubadebate

darle unos baños termales, tratamiento a diabéticos».

«Al comenzar aquel drama me pegué al televisor, para escuchar noticias, como un león enjaulado. Esperaba que los verdaderos comunistas tomaran de nuevo el poder. Estaba en Eslovaquia del Sur».

«Me encontré en un Banco con Yaroslav Yacubez, ex viceministro, ahora director general de Relaciones Públicas de la sucursal en Praga del famoso Bank of Austria. Heblamos del desastre socialista».

«Llegó a mi mente la idea de viajar a algún otro país socialista para ayudar a su pueblo. Pensé en Vietnam, en Corea del Norte y en Cuba. Escogí esta porque hablaba y leía español, por su historia y por mis principios éticos y políticos. Ya Cuba no era lo que vi en mi visita aquella rumbo a Canadá. Yaroslav me dijo que era una buena idea».

HABLAN LOS DOS HIJOS

«Mi papá desde chiquito me abrió el mundo, me dio el interés por viajar, leer libros, conocer a personas de otros idiomas y de otras características. Él atesoraba muchos libros de todas las modelidades y tipos de obras literarias. Para mí fue muy importante mi padre. Y recuerdo la calle La Roca donde vivíamos y el viaje rumbo a Italia, en una travesía muy dura, llena de sustos, muy larga, por el mar», nos dijo la doctora Tiziana, hija mayor de Giustino, ahora en Cuba.

En carta de Livio a Ileana Ros-Lehtinen, le expresaría: «Tras el asesinato de mi hermano, empecé a investigar quién estaba detrás de los ataques terroristas contra Cuba, y descubrí que eran agentes de la CIA. Los nombres de Luis Posada Carriles y sus asociados siempre aparecen en los documentos desclasificados. (...) En su mundo de gran fantasía, parece que hay terroristas buenos y terroristas malos. (...) ¡Qué vergüenza! ¡Usted ni ve la terrorista que lleva adentro!».

LUCHAR AL LADO DE CUBA

«Me di cuenta de que era, pese a su edad avanzada, una persona de conversación fácil. No me canso de leer sus declaraciones al Instructor del caso cuando la muerte de su hijo. Dijo que iba a luchar siempre al lado de Cuba y la verdad en relación con el acto terrorista. Giustino desde el primer momento supo sin dudas, quiénes eran los criminales y lo expresó cuando toda la prensa italiana acusaba a Fidel Castro de ser el que había mandado a poner las bombas en los hoteles habaneros en 1997», aseguró Avela Cárter Román, quien escribió el libro Fabio, el muchacho de Copacabana.

ABANDERADO DE LA JUSTICIA

«Es algo excepcional. (...) Por su calidez humana lo aceptaron en las filas del Partido

(...) y le dieron el carné. Fue soldado del ejército reaccionario italiano, allí recibió un golpe muy fuerte de conciencia, que lo convirtió en un hombre abanderado de la justicia. Y sabía, con una filosofía de vida tremenda. Soía el día que él fallece decir, sin que él lo oiga, que se me parece bastante en algunas cosas a mi padre. Sobre todo en su compromiso revolucionario. Me refiero al ánimo de querer enseñar, educar a los demás, como hacía mi padre», expresó Fernando Vacino Negret, general de brigada en retiro, ex Ministro de Educación Superior, escritor y profesor universitario.

SABÍA QUE LO IBA A ENCONTRAR

«(...) Lo vi entrar a mi centro de trabajo y me dije: "Ese es Giustino". Y le acloré: Soy Eridania, ¿no me recuerda? Y me dio un abrazo. Yo estaba segura de que volvería a encontrarlo», afirmó Eridania Martínez Gutiérrez, gastronómica que le preparaba en el Copacabana su comida de diabético.

UN HOMBRE MUY SABIO

«(...) Después que di a luz a mi hijo, lo comprendí mejor como padre, profesional, persona y amigo. Muy sensible, en especial hacia un niño. Le gustan las cosas bien hechas, es sensato, organizado, capaz. Sabe muy bien lo que decide, hace, sugiere, exige y pregunta. Es un hombre muy sabio», expresó Yanusola, su secretaria personal.

Giustino escribió a cuatro manos —en unión del autor de estas líneas— la novela testimonio de su azarosa vida: *La butaca de mimbre*, publicada por la Editora Política en La Habana, en 2004; ya con nuevas ediciones también en Buenos Aires, Roma, México y Estados Unidos.

Y un día nostálgico, nos dijo: «Si yo hubiera sido otro hombre: si no hubiera pensado como pianista, me habría ido definitivamente de esta isla, tras aquel septiembre trágico; sin embargo, volví... y al mismo hotel donde la bomba americana me mató a mi muchacho. Aquí me siento más cerca de él y lo veo a cada rato».

GIUSTINO

Giustino no se quiso quedar lejos. Giustino decidió venir a Cuba. Giustino, que nació donde la uva, se puso a conversar con los espejos. Miró a la isla con sus espejos. Y prefirió lo dulce de la carta. Al mar Tirreno que su tierra baña. Le dijo adiós por un abrazo eterno. Y lo cambió por el báido invierno. Del mar Caribe y la heroica montaña.

CULTURA COMUNITARIA

Conservar las esencias

El capitalino barrio de Pogolotti se distingue por su trabajo comunitario, con iniciativas destinadas a integrar a la vida social a sus adultos mayores

Por HELEN H. HORMILLA

SENTADA en una de las butacas que en círculo amueblan la sala de la Casa Comunitaria de Pogolotti, a Norma Beatriz Adán Jaime se le agitan las pupilas y la voz cuando le piden hablar de su barrio. No son pocos 83 años si estos se han vivido en este pedazo de mundo que le ha tocado en suerte y que tanta felicidad le hace evocar.

"Lo que más me gusta de vivir en Pogolotti es la unidad que se respira. Todo el mundo se conoce y se preocupa por los problemas de los otros como si fuéramos una gran familia", confiesa agradecida. Aun le quedan ilusiones para salir de su hogar, arreglarse y sobre todo, sentirse acompañada de la gente que la saluda tan solo al poner un pie en el portal.

Como Norma, muchos son los abuelos y abuelas del primer barrio obrero de Cuba que han encontrado en la comunidad una nueva motivación para sus vidas. La imagen de esta localidad casi centenaria, poco a poco se va cambiando con la presencia de variados proyectos sociales que hoy se acometen con el esfuerzo unido de sus habitantes y las instituciones locales.

La Casa Comunitaria y del Adulto Mayor de Pogolotti, surgida en el 2002 como resultado del trabajo del Taller de Transformación del Barrio, ofrece a sus vecinos actividades que favorecen la participación en las acciones de beneficio a su entorno sociocultural, y donde los "reyes y reinas de la experiencia" constituyen protagonistas indispensables.

Peñas, exposiciones, talleres de creación, tejido, bordado y artesanía,

Año 101/No.17



así como los cursos de sexualidad, nutrición o medio ambiente de la Universidad del Adulto Mayor; son algunas de las actividades de este centro para mejorar la calidad de vida de sus ancianos e integrarlos a la vida pública.

"A pesar de que tenemos una población bastante envejecida, nuestras abuelas y abuelos tienen mucho vigor y es muy bueno trabajar con ellos porque se entusiasman con cualquier tarea. No son ancianos achacosos, les gusta sentirse parte activa de nuestros proyectos en los que comparten con los jóvenes su sabiduría y talento", comenta a esta revista Noemí Reyes Herrera, directora de la institución.

Para salvar la memoria

Uno de los proyectos facilitados por esta Casa Comunitaria resulta el Club de Fundadores del Barrio Pogolotti y sus descendientes. Este grupo fue creado de manera espontánea a finales de la década de los 90 por algunos de los primeros habitantes de la barriada, con el propósito central de difundir y preservar las

tradiciones que han convertido a este espacio en una de los lugares legendarios de la ciudad.

"Nos reunimos todos los meses para concretar las actividades que llevaremos a cabo en conjunto con la Casa Comunitaria; pero también es un momento para recordar e ir reconstruyendo la historia de nuestras costumbres", afirma Ester Oropesa, de 75 años, quien es miembro del comité organizador.

Para Magalys Suárez formar parte del grupo le procuró otra dimensión a sus 69 años. "A veces los adultos mayores nos reclinamos en el hogar porque nos parece que se nos acabó la vida. Pero gracias a este trabajo ahora me siento útil y orgullosa de mi barrio. Ya no dejó que los muchachos tiren una pelota contra la pared, ni que arranquen una flor del jardín o digan una mala palabra; puesto que siento que es mi responsabilidad educar a los jóvenes de Pogolotti para que aprendan a amar el lugar donde viven."

El día más importante del año

Las fiestas tradicionales por el aniversario de la creación del barrio,

Bohemia

9



JUAN CARLOS CORTI

La Casa Comunitaria de Pogolotti cede su espacio a las reuniones organizativas del Club de Fundadores.

cada 24 de febrero, constituyen el centro de las funciones acometidas por esta asociación de valiosos abuelos. Según afirma su presidente Catalino Hernández Díaz, de 79 años, de lo que se trata es de conservar el ambiente fraternal que corona la fecha, en la que se invitan a varios de los ilustres moradores de la zona, se organizan bailabios, además de las habituales actividades dedicadas a los niños.

Por otra parte, existe la costumbre de entregar una canastilla completa al primer bebé nacido ese día, una responsabilidad asumida por los más de 25 descendientes de fundadores, quienes durante 12 meses se dedican a recolectar materiales útiles para los recién nacidos.

Los actuales integrantes de la agrupación, intentan vincular a sus hijos y nietos a este trabajo, con el propósito de que no se pierda. Además, junto a la Casa Comunitaria esperan rescatar otras actividades típicas de Pogolotti como los bailes de danzón, las fiestas por el Día de los Padres y de las Madres, los cumpleaños colectivos y los desfiles y procesiones.

"Lo más importante es la unión y la confraternidad que hemos logrado y que nos hace cooperar con cada problema que tenga un miembro de

la comunidad", considera Norma Jaime.

Facilitadores de la creatividad

El desarrollo de estrategias regionales para resolver los problemas comunitarios más apremiantes es uno de los objetivos desde los que se concibió en 1990 el Taller de Transfor-

mación Integral del Barrio de Pogolotti, bajo la dirección metodológica del Grupo de Desarrollo Integral de la Capital. A partir de un diagnóstico anual entre los ciudadanos de esta zona, se han ido localizando las fortalezas y necesidades del barrio para propiciar una evolución en los aspectos físicos, sociales, ambientales y culturales.

Para ello, el grupo de especialistas que ejecutan estos proyectos tiene una relación constante con los organismos municipales del Poder Popular, el Centro Martín Luther King y algunas organizaciones no gubernamentales; aunque la principal fortaleza radica en la identificación que han logrado con sus pobladores.

"Nuestro objetivo es involucrar a los vecinos en la solución de sus problemas. Nos convertimos en facilitadores al proporcionarles herramientas materiales y teóricas para desarrollar los planes de trabajo; pero son los mismos beneficiarios los que finalmente lo llevan a término", apunta la socióloga Mercedes Abreu.

En opinión de la directora del Taller, "lo que distingue a nuestra Casa es el sentido de pertenencia de la comunidad. La gente la siente suya y por tanto ayuda a conservarla. Es un barrio muy alegre, muy res-

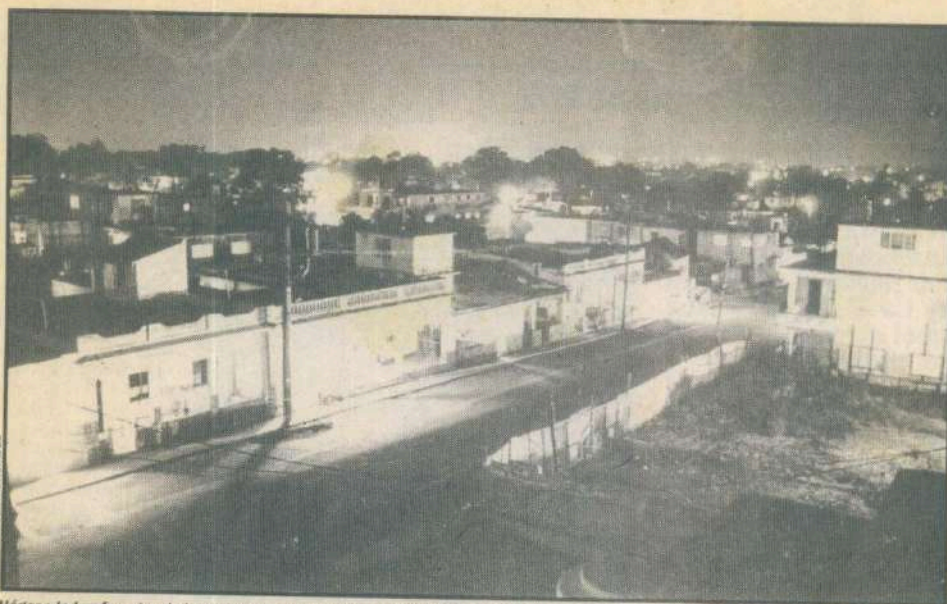


JUAN CARLOS CORTI

La planificación de las actividades por el aniversario del barrio ocupan la mayor parte de los esfuerzos del grupo.

Bohemia

14 de agosto de 2009



Hágase la Luz fue otro de los proyectos acometidos por el Taller de Transformación Integral de Pogolotti, gracias al cual se logró la completa iluminación nocturna de las calles de la localidad en el año 1997.

ponsable y eso contribuye a nuestro trabajo; además estamos al tanto de sus problemas porque todas las trabajadoras vivimos aquí, y eso nos hace parte de lo que hacemos".

Además del trabajo con los adultos mayores, el taller ha tenido otros logros en el mejoramiento del hábitat y la satisfacción de prioridades barriales como la construcción, reparación y conservación del entorno físico; el rescate de las tradiciones culturales; la promoción de la economía local; la preservación del medio ambiente; el saneamiento e iluminación de la zona y las actividades con niños y jóvenes.

Experiencias como las suyas, demuestran que no siempre es necesario esperar que las soluciones nos vengan "de arriba", pues cada zona puede encontrar los medios para mejorar su entorno de una manera inclusiva, en la que la comunidad se convierta en un agente activo para la conservación de sus valores culturales e identitarios. ●

Año 101/No.17

MÍTICO espacio de La Habana, el barrio de Pogolotti, ubicado en el municipio de Marianao, hace notar su aporte a la cultura y la historia nacionales.

El primer Barrio Obrero de Cuba y América Latina fue fundado el 24 de febrero de 1911, fecha en que se entregaron las primeras cien casas de las mil concebidas para familias humildes de la clase trabajadora. Aunque su primer nombre fue el de Remedios, los pobladores comenzaron a llamarle Pogolotti, en honor al empresario italo-cubano Dino F. Pogolotti, Ingeniero constructor de la obra.

Desde ese entonces, la tradición marcó una fiesta popular ese día, en la que cada cuadra se adornaba con sus galas mejores, se organizaban juegos de participación entre los niños y los vecinos efectuaban un desfile que partía de la casa donde se depositó la primera piedra. Además, se le entregaba una canastilla completa a la madre del primer bebé del barrio que naciera ese día.

Otra de las costumbres que distinguen a los pobladores del Pogolotti tiene que ver con los decesos, pues debido a los altos costos de los servicios funerarios se acostumbró a velar en las casas a los fallecidos, por lo que cada vecino dejaba esa noche la luz del portal encendida, como señal de cortesía con la familia doliente.

En palabras de la doctora Graziella Pogolotti, hija del afamado pintor Marcello Pogolotti y nieta del Ingeniero fundador de la localidad, "las características particulares de su creación y desarrollo, su ubicación en los márgenes de la ciudad, la cohesión y sentido de pertenencia de sus habitantes conforman la base de una cultura popular comunitaria a la que contribuyen también las creencias de que son portadores sus habitantes".

Falleció Giustino Di Celmo

En el día de ayer 1ro. de septiembre, en horas de la noche, falleció en la capital, a la edad de 94 años, Giustino Di Celmo, amigo entrañable de la Revolución Cubana y de nuestro pueblo.

Giustino nació en Salerno, Italia, el 24 de diciembre de 1920. Comerciante de profesión, llegó a nuestro país por primera vez en 1992, junto a su hijo Fabio Di Celmo.

En los años más difíciles del periodo especial, desafió el bloqueo y las amenazas que se cernían contra Cuba, brindando ayuda en la obtención de mercancías deficitarias para el pueblo cubano.

El 4 de septiembre de 1997, Fabio fue víctima de un acto terrorista en el vestíbulo-bar del hotel Copacabana en la capital que segó su vida y devino símbolo para los jóvenes cubanos y del mundo.

Bajo la pena y el dolor por el asesinato de su hijo, Giustino Di Celmo —veterano de la Segunda Guerra Mundial, luchador antifascista y hombre de paz— decidió vivir definitivamente en Cuba y dedicó los últimos años de su vida a la denuncia de los actos terroristas contra nuestro país desde las más diversas tribunas; no cesó de abogar por la solidaridad internacional con Cuba y el levantamiento del bloqueo genocida impuesto por el gobierno de Estados Unidos. Fue un abanderado en la batalla por la liberación del niño Elián González durante el secuestro por la mafia de Miami, y el regreso definitivo a la Patria de los Cinco Héroes cubanos que cumplieron cruel e injusta prisión en cárceles norteamericanas.

Plenamente identificado con los principios y



FOTO: ARNALDO SANTOS

la obra de la Revolución, luego de la pérdida de su hijo, por voluntad expresa, solicitó su ingreso en las filas del Partido Comunista de Cuba, condición excepcional que le fue concedida el 30 de septiembre de 1997.

Con su ejemplo, Giustino cautivó el cariño y la admiración del pueblo. Su nombre quedará inscripto como ejemplo de solidaridad con nuestra Patria.

En atención a la voluntad de sus hijos, su cadáver será cremado y, con posterioridad, repatriado a su país de origen.

por CRO BIANCHI ROSS
cro@juventudrebelde.cu

Es el primer barrio obrero de Cuba y para siempre de América Latina. Surgió en virtud de una ley impulsada en el Parlamento por el representante a la Cámara Luis Vázquez Carrero y su entonces esposa en el exilio, Federico. Pero desde muy temprano lo rebautizaron popularmente como Pogolotti, en homenaje al propietario de los terrenos donde se llegó y que así mismo el propietario de la compañía constructora que acometió la edificación de las viviendas. El pasado 24 de febrero una multitudiente participó en el aniversario de su fundación, 101 años, en su barrio.

¿QUÉN FUE VÁZQUEZ CARRERO?

Quiénes a las elecciones generales de 1905, el programa del Partido Liberal incluía en la intención de mejorar las condiciones de vida de los campesinos, especialmente de los pequeños agricultores por la falta de los medios de los productos de la cosecha de la tierra y en caso de las sequías de viviendas y habitaciones. Una de las soluciones propuestas era la de la creación de la construcción de casas para obreros.

El 28 de enero de 1909 los terrenos asignados al poder, pero para muchos, se dio a la construcción de la casa para obreros, se dio a la construcción de la casa para obreros, se dio a la construcción de la casa para obreros, se dio a la construcción de la casa para obreros.

En el caso de Luis Vázquez Carrero, nacido en Santa Clara, en 1865, y en Cayo Hueso, donde nació en las filas del Partido Revolucionario Cubano, mantuvo contacto directo con José Martí, Luján, en la zona.

Por supuesto del mayor general Desiderio Sánchez. Terminada la Guerra de Independencia volvió a su sitio de siempre, el de la zona. Su honestidad, caridad y lazo social político le ganaron amplia aceptación en el ejército del trabajo forjado y sus compañeros, terminaron llamándolo a la Cámara de Representantes.

En el Congreso propuso a los su apoyo a la ley de carácter popular. Además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular.

La integridad de Luis Vázquez Carrero le permitió su llegada a aceptar su posición a la que tenía derecho por su pertenencia a la zona. Además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular, además de la ley de carácter popular.

LA LEY

Vázquez Carrero, en su propuesta de ley, pidió al Gobierno cubano un crédito de 600 000 pesos para la construcción de mil casas en La Habana. Las viviendas se entregarían, mediante sorteo, a padres de familia cubanos o naturalizados que no tuvieran otras viviendas que aquellos que les proporcionara el trabajo manual. El fondo debía ser suficiente para su construcción y el pago de la obra de la zona de la zona.

Los datos sobre el presupuesto a la ley, con cuatro millones de pesos para la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.



Pogolotti cumplió años

La primera década de cada mes, aniversario de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

A POGOLOTTI MA...

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

LLAVE EN MANO

Con el título de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

Vázquez Carrero, en su propuesta de ley, pidió al Gobierno cubano un crédito de 600 000 pesos para la construcción de mil casas en La Habana. Las viviendas se entregarían, mediante sorteo, a padres de familia cubanos o naturalizados que no tuvieran otras viviendas que aquellos que les proporcionara el trabajo manual. El fondo debía ser suficiente para su construcción y el pago de la obra de la zona de la zona.

SIN AGUA NI LEE

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

La zona de la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona, se dio a la zona.

Aponte en Pogolotti, identidad y vigencia

Pedro de la Hoz

Evocar la figura de José Antonio Aponte, líder de la primera conspiración en la que marcharon juntas una propuesta anticolonial y la aspiración de erradicar el ominoso régimen esclavista, no es un mero ejercicio de rescate de la memoria histórica, sino una responsable y consciente acción encaminada a promover valores necesarios para defender y proyectar el modelo social que libremente hemos elegido.

Escritores y artistas, pertenecientes a diversas asociaciones de la Uneac y a la Comisión Aponte de la organización, de acuerdo con líderes comunitarios y del Consejo

Popular en la barriada de Pogolotti, radicada en el municipio capitalino de Marianao, convocaron a los vecinos de ese enclave urbano para conmemorar el aniversario 204 de la muerte del luchador independentista y abolicionista.

El escenario, por sí mismo estaba cargado de simbolismo: el parque Mambí. Un modesto monolito rinde tributo a las huestes del Ejército Libertador que siguieron a Céspedes y Martí, a Gómez y Maceo, en epopeyas precedidas por el gesto de Aponte y sus compañeros en 1812.

Alberto Luberta, reconocido escritor para la radio, recordó cómo antes de que las autoridades de la república neocolonial decidieran dotar a las calles de Marianao de números, la

calle donde nació y creció se llamaba Maceo.

El profesor Ramón Cuétara, destacado pedagogo en el campo de la Geografía, se refirió a la necesidad de fomentar el sentido de pertenencia y afianzar el compromiso de la comunidad con revertir los estigmas de la marginalidad, como lo han hecho en las últimas décadas el Taller Integral de Transformación Barrial y el Centro Martín Luther King Jr., radicado en esa urbanización; en tanto el activista social Joaquín Olivera exaltó tanto las tradiciones obreras de las familias del barrio, fundado en 1911, como a la vida cultural de la nación.

Laureada en el 2008 con el Premio Nacional de Historia, la doctora Francisca López Civeira destacó la

importancia de vincular el legado de Aponte a los perfiles identitarios se trata de los pobladores del barrio y a la actualidad.

Cantos patrióticos, desde la rumba, fueron entonados por Pedro Celestino Fariñas, uno de los mejores exponentes del género, celebrado entre los asistentes por un ícono de la cultura residente en Pogolotti, el maestro Oscar Valdés.

“Todo lo que hagamos por destacar al significado histórico de Aponte y de todos los que en su época, después y ahora entendieron que libertad y justicia social son nociones inseparables, será útil, pero lo será más en la medida que ese pensamiento sea apropiado por las nuevas generaciones”, comentó Heriberto Feraudy, presidente de la comisión Aponte, de la Uneac.

4 **NACIONALES**

SEPTIEMBRE 2015 > viernes 4 **Granma**

Fabio Di Celmo, ¿culpable por amar a Cuba?

Pedro Antonio García

El jueves 4 de septiembre de 1997 el joven italiano de 32 años Fabio Di Celmo tenía a las nueve de la mañana una reunión de negocios en La Habana Vieja. Al demorarse por problemas en el tráfico, canceló la cita y se dirigió al hotel Copacabana, donde su padre, Giustino, había alquilado una habitación.

Desde allí se comunicó telefónicamente con dos amigos suyos desde la infancia, Enrico Gallo y Francesca Argenti, quienes recientemente habían contraído matrimonio y estaban en Cuba de luna de miel, precisamente porque el propio Fabio los había convencido de que era un buen lugar para iniciar la vida de casados.

Giustino, quien permanecía en la habitación, oyó a su hijo proponerle a los dos jóvenes verse en el lobby bar del hotel para decidir el lugar donde almorzarían juntos, de manera de despedida, ya que la pareja tenía pasajes de regreso a Italia para las tres de la tarde. Era ya mediodía cuando el Di Celmo más joven partió al encuentro de sus amigos. Fue la última vez que su padre lo vio con vida.

Entretanto, el mercenario de origen salvadoreño, Ernesto Cruz León, contratado por el terrorista Luis Posada Carriles, se agazapaba en un baño del hotel Copacabana para activar una potente bomba. En ese momento no le atormentaban las consecuencias de sus actos, solo pensaba en el dinero que iba a recibir. Además, como había oído decir al “combatiente por la libertad” Orlando Bosch, autor intelectual del sabotaje al avión cubano en Barbados y compinche de Posada, todo aquel que represente al régimen comunista cubano,



El joven Fabio Di Celmo junto a su madre Dra. Bassi. FOTO: ARCHIVO

sea deportista, músico, personal de salud o discapacitado, debe ser castigado.

Fabio, con pasos rápidos, llegó al lobby bar, donde ya los dos jóvenes lo aguardaban. Los huéspedes comenzaron a invadir los salones del hotel, el lobby bar se fue llenando de comensales. Cruz León desfiló dentro de uno de los cuartos del local el mecanismo criminal.

En su habitación Giustino escuchó una explosión. A los pocos minutos le telefonaron desde la carpeta del hotel para decirle que su hijo se hallaba gravemente herido y lo trasladaban

a la Clínica Central Cira García, junto con el matrimonio que lo acompañaba, quienes habían salido ilesos.

Giustino se dirigió inmediatamente al centro hospitalario. Un galeno le comunicó que Fabio había fallecido.

EL LIBERO

Fabio Di Celmo nació en Génova, Italia, el primero de junio de 1965. Sus amigos lo recuerdan como una persona muy sencilla, extremadamente delicado con las compañeras

Simone Riveruzzo, su compañero de equipo en el fútbol, recuerda: “No era de muchas palabras, sin embargo siempre estaba listo para reír y bromear... Contaba a menudo sus viajes a Cuba y de ello hablaba con entusiasmo. Amaba a este país y a su gente, soñaba con traerlos un día a esta isla”.

También amaba al fútbol. Comenzó a jugar desde los siete años. Integró el Libertas y otros equipos genoveses, pero su trayectoria más recordada fue en el Sclaborasca, su último colectivo. No se comportaba como un libero tradicional, más bien como un volante mixto, presto para la defensa, letal para el ataque. Su ideal no era el mítico Gaetano Scirea, intentaba parecerse más a Lothar Matthäus y a Matthias Sammer.

LOS ASESINOS

Al ser capturado por las autoridades cubanas, el mercenario Cruz León delató sus conexiones con Posada Carriles, lo que a nadie extrañó, ya que el connotado terrorista había declarado una vez: “Con cualquier hecho dentro del territorio cubano en contra del régimen de La Habana, me responsabilizo totalmente”. Un reportero le preguntó por aquellos días si lamentaba lo de Fabio Di Celmo: “Es triste de que alguien haya muerto, estaba en el lugar equivocado en el momento equivocado”.

En el cementerio de Arenzano, Génova, en la lápida de una tumba, persiste una perenne denuncia: “El 4 de septiembre de 1997, una bomba asesina de un mercenario salvadoreño apagó la vida del joven Fabio Di Celmo”. Inicialmente, se leía “una bomba americana asesina”, pero las autoridades italianas exigieron que se omitiera el gentilicio.

Mi Pogolotti querido

Un proyecto comunitario poco a poco gana terreno y tiende puentes entre Cuba e Italia

Yeris Silva Correa

La barriada de Pogolotti, en el municipio de Marianao de La Habana, tiene más de un motivo para llenar de orgullo a sus moradores: es el primer barrio obrero construido en Cuba, lleva el nombre de una de las familias de intelectuales más importantes del país y ya superó su primer siglo de existencia.

Si esto no fuera suficiente, está también la nobleza de su gente, pues quienes primero habitaron esta localidad fueron trabajadores manuales y patriotas que tomaron las armas contra la metrópoli española.

El 24 de febrero del 2011 el asentamiento cumplió 100 años y para celebrar tan significativo aniversario se presentó el documental **Mi Pogolotti querido**, de la realizadora italiana Enrica Viola.

Varias iniciativas escortadas antecieron la realización de este audiovisual, como el proyecto **El siglo de los Pogolotti** en Cuba, del cual salió el libro **Dino Pogolotti, un pionero en La Habana**, que sirvió de inspiración a dos obras de teatro que se escribieron en Italia y se presentaron en Cuba.

Poco después, con el apoyo del Ministerio de Educación Superior, el Grupo de Desarrollo Integral de la capital, el Poder Popular del municipio de Marianao, el Instituto Cubano de Amistad con los Pueblos y la Unión de Escritores y Artistas de Cuba, nace **Sinergia** en Pogolotti, cuya representante cubana es Azela Caner Roman.

—¿Qué es Sinergia en Pogolotti?

—Sinergia... es un proyecto que puede ser amplio. No es un proyecto para dedicarse a una misma cosa, sino que si hace falta trabajar en la Casa de los Jóvenes, lo hacemos uno o dos años. Cuando concluye, nos dedicamos a otra necesidad que tenga el barrio.

También está el trabajo con adultos mayores. Aquí existe una Asociación del Adulto Mayor que funciona en Marianao y tiene ya más de 100 miembros. Ellos se han reunido con amigos que vienen de Italia y han hecho obras de teatro. Ese es una manera de insertarlos.

Hemos recibido apoyo de la región de Piemonte, del Ayuntamiento de Giaveno, de la Asociación de Amistad Italia-Cuba. Además, está la asociación AUSER, el Sindicato de Jubilados Italianos, el Museo de la Emigración de Torino. Son muchas instituciones que desean conocer, relacionarse, intercambiar.

Realmente el interés nuestro es de amistad, de conocimiento, colaboración. Eso es lo que quiere decir sinergia, es unir las fuerzas que tenemos y hacer cada uno algo único que pudiera ser excepcional en cuanto a relaciones.

—¿Cuál es el impacto en la comunidad?

—Sinergia prevé apoyar los proyectos del Taller de Transformación Integral que son las casas del Adulto Mayor, la Comunitaria y la de los Jóvenes.

En dependencia de las necesidades del Taller y de esos proyectos, en Sinergia en Pogolotti podemos cooperar con ellos. En este momento se está haciendo una remodelación de la Casa de los Jóvenes.

Este local se amplió para dedicarlo a muchachos que van allí a compartir, pero sobre todo a capacitarse, a ocupar su tiempo de una manera productiva.

Hay muchos artistas en el barrio Pogolotti. En la última Bienal de La Habana participamos por primera vez gracias al proyecto Arte en Proceso. Se nos unieron personalidades como Nelson Domínguez que estuvieron aquí y trabajaron con la gente.

Para nosotros lo importante es que la comunidad participe y se vea reflejada en este trabajo comunitario. Es una labor para que la gente se sienta vinculada, que pertenece al barrio.



IGNACIO SOTO DE RAMÍREZ

Desde hace 50 años Azela Caner reside en el municipio habanero de Marianao. Es delegada de circunscripción, profesora universitaria e investigadora, y asume con mucho entusiasmo su responsabilidad en el proyecto Sinergia en Pogolotti.

Ahora tenemos un proyecto nuevo que es hacer un libro con recetas de cocina italianas y cubanas, elaborado por los miembros de esta Asociación del Adulto Mayor de Marianao y por la gente de AUSER y del Sindicato de Pensionados Italianos. Eso ayuda al conocimiento de los pueblos.

Los pensionados quieren venir a Cuba. Son gente revolucionaria, de izquierda. Pienso que la gente se siente contenta. Realmente para nosotros el trabajo ha sido bueno.

—¿Cuánto le ha aportado este trabajo?

—En el trabajo comunitario he ganado mucho en el sentido de la relación que tengo con la gente de Pogolotti, porque son personas muy buenas, muy entusiastas, con un sentido de pertenencia muy alto porque durante muchos años fueron muy discriminados.

Nada tiene que ver con una casa para pedir ayuda. Cuando saben que tú necesitas, la gente está ahí. Eso no se encuentra fácilmente. Esas son las cosas que he ido apreciando: ver la solidaridad entre la gente, la ayuda que se dan.

—Sobre la familia Pogolotti...

—Para nosotros es un placer muy grande tener a Graziella. Si me preguntas qué agradeceré a Dino Pogolotti, te diría: "Que nos haya dado a Marcello y a Graziella".

En Giaveno existe el Circolo Dino Pogolotti, donde recientemente se presentó una exposición que cuenta la historia de esta inmigración, de su familia y del barrio.

—Esperamos que el año próximo podamos inaugurar esa exposición aquí en el barrio Pogolotti y que además podamos mostrarla en otros lugares.

Yo tengo interés en que el trabajo nuestro sirva para valorizar a la familia Pogolotti, porque tiene valores extraordinarios que aquí en Cuba se conocen bien. Quisiera que se siga valorizando la figura de Dino, de Marcello, que es excepcional, y la de Graziella Pogolotti.

Y que se valore también el barrio y las personas, porque más que la arquitectura y la posición, lo más importante en Pogolotti son las personas que viven aquí. Eso es lo que pretende Sinergia.

—De la parte italiana...

—Hay un trabajo serio con ellos y nosotros nos sentimos contentos de que la región, el gobierno y las autoridades de Giaveno estén orgullosos. Casi fue un descubrimiento para



CONTRASTA DE LA EN

Parte del trabajo del proyecto Sinergia en Pogolotti se realiza en la Casa del Adulto Mayor. Imagen aparece el Héroe de la República de Cuba, Antonio Guerrero, junto a trabajadoras institucionales y miembros de la dirección del proyecto comunitario.



CONTRASTA DE LA EN

El intercambio entre las partes italiana y cubana para el conocimiento mutuo es también una de las directrices de Sinergia.

Italia en la raíz de la cultura cubana

DINO Pogolotti (1873-1923) nació en Giaveno (Italia). Emigró a Cuba y creó una familia en la que sus descendientes Marcello, su hijo, y Graziella, su nieta, se convirtieron en destacados intelectuales cubanos. Entre los años 1910 y 1911 en los terrenos de su finca Jesús María se construyeron las primeras viviendas de la barriada que hoy lleva su nombre.

Graziella (1932) es una de las más prestigiosas intelectuales cubanas. En el 2005 mereció el Premio Nacional de Literatura y posee una extensa trayectoria como ensayista, crítica de arte y profesora universitaria, además de importantes premios y reconocimientos a su fecundo quehacer intelectual.

El padre de Graziella, Marcello Pogolotti (1902-1988), nos legó una valiosa obra pictórica. Fue miembro fundador del Primer Grupo de Pintores Sociales de Europa. Hacia finales de los años 20 del siglo pasado se incorporó al movimiento Futurista en Italia. Se dedicó también a la producción de ensayos y a la crítica de arte. Es considerado uno de los iconos de la vanguardia artística cubana. (Con información de Eured).

ellos saber que tenían personalidades tan importantes y reconocidas provenientes de allí.

Para nosotros también ha sido muy bueno conocerlos. Hay cosas que agradecer a la vida. Yo agradezco que haya muchas personas

buenas en el mundo, especialmente aquí en Cuba y en Italia, y que nos hayamos reunido para que, sobre la base de lo que podemos cada uno humildemente, con pequeñas acciones, mejorar desde el punto de vista social la vida en el barrio.



Un zurdo sirve la mesa

Andy Pereira Diez, natural del municipio de Marianao (reparto Pogolotti), resultó la mejor raqueta (168 rankings) por la Mayor de las Antillas

MARÍA LOURDES DÍAZ CAREAGA
FOTO: MÓNICA RAMÍREZ FERRER
(SEMANARIO JIT INDER)

Los especialistas de tenis de mesa coincidieron en calificar de muy positiva la recién finalizada V Copa Latinoamericana celebrada en la Ciudad Deportiva. Evento que agrupó a los 12 mejores jugadores del continente.

Andy Pereira Diez, natural del municipio de Marianao (reparto Pogolotti), resultó la mejor raqueta (168 rankings) por la Mayor de las Antillas, aunque no logró su objetivo reconoció:

"Este certamen ha sido muy provechoso para todos los que participamos, y una excelente preparación para los próximos Juegos Panamericanos a celebrarse en Toronto, Canadá".

El zurdo de 25 años de edad -quinta posición del certamen- estuvo, durante ocho años, en una beca en Suecia y la última temporada en Dinamarca.

"Desde pequeño me gustó la práctica de deportes como el béisbol y el boxeo. No obstante, prefiero el tenis de mesa

por su dinamismo, fortaleza, rapidez y mucha concentración. Lo practico desde tercer grado. Transité por la Eide José Martí, integré las filas del equipo juvenil y, en 2004, formé parte del equipo nacional, siempre con el apoyo de mis padres y amigos de la comunidad donde resido. En particular agradezco a todos mis entrenadores, desde la base, que me apoyaron y ayudan en lograr cada propósito".

En su amplia carrera deportiva ha obtenido resultados relevantes entre los que destaca: Campeón absoluto, desde edades tempranas, en juegos escolares; campeonatos y olimpiadas nacionales juveniles y de mayores. Fue seleccionado entre los 10 mejores jugadores para el Circuito Mundial, en Suecia, entre otros certámenes.

Pereira, honesto, responsable, disciplinado expone como virtud los valores éticos basados en la solidaridad.

"Iré a los Juegos Panamericanos, con la meta de traer a mi patria, una medalla".

Raqueta en mano, a la tercera... la vencida

Harold Iglesias Manresa

En el tenis de mesa cualquier jugador de ojos rasgados se considera temible. Tanto es así que de los diez primeros jugadores del ranking mundial masculino solo el veterano alemán Timo Boll (7) y su coterráneo Dimitrij Ovtcharov (10) escapan del dominio de jugadores asiáticos.

Ese poderío ha incidido enormemente en la nacionalización de tenistas de dicho continente hacia las más disímiles latitudes. Por supuesto, América no ha estado exenta de ello con el argentino Liu Song (96), el canadiense Eugene Wang (98) y el dominicano Lin Ju (105) entre los casos más renombrados.

Precisamente Lin Ju, además de los cubanos Johan Mora, Moisés Campos y Andy Pereira pugnaron a brazo partido por los cinco boletos disputados en el preolímpico latinoamericano, que culminó ayer en Río de Janeiro con la alegría de la clasificación de Pereira.

Largo y empedrado fue el camino del zurdo capitalino (número 246 del escalafón), quien ceñido a la frase: "el que persevera triunfa" obtuvo su pasaporte en la última oportunidad posible, como parte de la tercera manga, en la cual derrotó en la definición al mexicano Marcos Madrid (225) con abrumador 4-0 (11-7, 11-9, 14-12, 11-9).

Antes, al igual que su coterráneo Campos, Andy había coqueteado con la clasificación en la primera llave, al ceder en cuartos de final 2-4 ante el brasileño



Con 24 años el capitalino Andy Pereira incursionará en sus primeros Juegos Olímpicos.

FOTO: MAURICIO VAL

Cazuo Matsumoto, en tanto Campos fue víctima del también auriverde Gustavo Tsuboi (96) en semifinales por estrecho 3-4. En definitiva, fueron Tsuboi, su coterráneo y experimentado de 42 años Hugo Hoyama, el mencionado Lin Ju, el paraguayo Marcelo Aguirre y Pereira los cinco agraciados, mientras entre las damas accedieron a Londres las exponentes del gigante sudamericano Carline Kumalira y Ligia Silva, la azteca Yadira Silva, la colombiana Paula Medina, la chilena Berta Rodríguez y la venezolana Fabiola Ramos.

El 49 Aniversario de la Fundación del Reparto Obrero Pogolotti

El próximo 24 de febrero se conmemora el 49 aniversario de la fundación del Reparto Obrero Pogolotti, perteneciente al barrio de Redención.

El 24 de febrero de 1911 se plasmó



Luis Valdés Carrero, fundador del barrio obrero de Pogolotti. (Foto Archivo Inclán Lavastida).

en realidad la iniciativa del Representante Luis Valdés Carrero, quien en el Congreso planteó la necesidad de dotar de casas a los obreros en vista de la situación penosa en que vivían las familias de éstos, encerradas, según sus propias palabras, "en las habitaciones húmedas e insanas de nuestras malas ciudadelas, convertidas casi todas ellas en antros de promiscuidad, de enfermedades y desmoralización de todo género".

De acuerdo con el Proyecto de Ley aprobado, debían ser construidas mil casas. Para la edificación de esas residencias fueron seleccionadas varias parcelas de las fincas "Jesús María" y "San José", en aquel entonces pertenecientes al barrio de Los Quemados.

Según lo indicaba la propia Ley, el nuevo Reparto ostentaría el nombre de Redención, pero el pueblo dio en

llamarle Pogolotti en recuerdo del contratista de las obras Dino F. Pogolotti.

Por la acción vigorosa de su vecindario es que Pogolotti ha mejorado grandemente. En 1915, la Sociedad "Pro-Redención" logró la promulgación de La Ley de 22 de marzo de ese propio año, la cual rebajó la cuota a los poseedores y destinó créditos para la construcción del Alcantarillado, pavimentación de las calles, creación de una Casa de Socorros y edificación de un Cuartel de Bomberos. Pero ninguna de esas obras se realizaron, excepto el arreglo de la calle Congreso y el pago de una hipoteca que gravaba el edificio de la Escuela Pública.

La carencia de Alcantarillado motivó en 1917 que la población fuera víctima de una terrible epidemia de enfermedades infecciosas. El Gobierno intentó clausurar el barrio, cosa que impidió la enérgica oposición del vecindario.

Resultado de una activa campaña en pro del mejoramiento del Reparto, fue la llamada Ley de "Maza y Artola" de 11 de diciembre de 1919 que concedió un crédito de \$175,000 para la construcción de un sistema de Alcantarillado, con desagüe al mar y suspendía hasta treinta días después de finalizados los trabajos, el cobro por el Estado de las mensualidades vencidas y de las que estuvieran en curso. Empero, las nocivas interferencias de los políticos sin escrúpulos, frustraron los ge-

nerosos propósitos que sirvieron de base a la mencionada Ley.

Fue en 1938 que la Unidad Sanitaria



Dino F. Pogolotti, constructor de las casas del barrio obrero. (Foto Archivo Inclán Lavastida).

de Marianao, en cooperación con otras entidades, acometió los trabajos de construcción del Alcantarillado, cuya falta constituía una perenne amenaza para los pobladores de Pogolotti.

Importancia de la Historia Local

Según el VII Congreso Nacional de Historia, efectuado en 1965, la Historia Local debe ser considerada como uno de los elementos básicos de la revisión historiográfica del pasado nacional, porque:

Primero: Permite desmenuzar algunos de los más importantes fenómenos económicos, sociales y políticos, que

constituyen un trasfondo general de la evolución histórica de la Nación:

Segundo: Constituye, no sólo un complemento y, a veces, una fuente primordial de la historiografía nacional, sino que forma el único medio de situar correctamente la evolución de las comunidades menores, ayudando a comprender su posición dentro del país.

¡Viva Alicia! ¡Viva Cuba!

Miguel Cabrera, historiador del Ballet Nacional de Cuba, especial para Gramma.

Su gloriosa historia comenzó el 21 de diciembre de 1920, cuando vino a unirse a sus hermanos Blanca, Elizabeth y Antonio, para completar la familia creada por el Dr. Antonio Martínez de la Maza Arredondo, teniente veterinario del Ejército cubano y Ernestina del Hoyo y Lago, modista de un refinado quehacer. El lugar de su nacimiento no fue otro que el modesto hogar que ocupaban sus padres en la popular barriada marienense de Pogolotti, en la actual calle 90, número 3703, en el cual se cultivaban los principios básicos de la ética familiar: la disciplina y el amor patrio, emanados de don Antonio y la sensibilidad artística de doña Ernestina y de su tía y madrina Alicia, de la cual tomó su nombre.

En 1925 y 1926 inicia contacto con otras tierras al marchar con la familia a Estados Unidos, donde en las ciudades de Washington, Carlyle y Saint Louis, su padre debió realizar estudios de perfeccionamiento veterinario. En 1929 sería España el nuevo sitio de su predeterminado andar. A bordo del vapor Colón, luego de escalas en Nueva York y Vigo, llegó finalmente a Jerez de la Frontera, donde bajo la guía de la maestra Mari Emilia, se inició en el mundo del baile, aprendiendo, jotas, malagueñas y sevillanas y a tocar las castañuelas. Entraba Alicia para siempre en un mundo del cual no ha salido jamás.

Su ingreso en la Escuela de Ballet de la Sociedad Pro-Arte Musical de La Habana, dirigida por el ruso Nicolás Yavorski y especialmente su debut en el Gran vals de La bella durmiente, el 29 de diciembre de ese año 1931, marcaron el nuevo derrotero. Se convirtió no solamente en pionera y figura máxima de ese arte en su país, sino también en Estados Unidos, donde se inició en el profesionalismo y contribuyó a la forja y al fulgor de sus principales empeños coreográficos, entre ellos las comedias musicales de Broadway, la School of American Ballet, el American Ballet Caravan, el Ballet Theatre de Nueva York, el Ballet de Washington, el Ballet Ruso de Montecarlo y el Teatro Griego de Los Ángeles.



Alicia recibió, el 21 de diciembre del 2000, la Orden José Martí de manos del Comandante en Jefe Fidel Castro.

En 1947, dueña de una técnica acerada y de una impactante ductilidad estilística, conquistada en el trabajo cotidiano, con férrea disciplina y en duro combate contra graves dolencias visuales, logró, además de ser proclamada «La más grande Giselle contemporánea», y la «Primera Dama del Ballet en Norteamérica», convertirse en figura clave en el nacimiento de *Artes del alma*, primera coreografía auténticamente cubana. En ella interpretó el papel de Chela, una joven viuda, víctima de la tuberculosis y los prejuicios e injusticias imperantes en la sociedad cubana durante el bochorno republicano. Considerada la bailarina clásica por excelencia no vació en esa obra, con música de Hilario González y diseños de Carlos Enriquez, en bailar una alucinante columbia, enseñada por el mulato runibero Chamblas y que Alberto Alonso tuvo la audacia de llevar por primera vez al lenguaje académico a pesar de los repudios de la burguesía habanera, que consideró

su participación una herejía, discordante con la estatura que ya ella había alcanzado en el mundo del ballet. Casi ocho décadas después, al reconocerse al complejo de la rumba como Patrimonio Cultural Inmaterial de la Humanidad, Alicia ha podido comprobar con regocijo que no estuvo errada en su desafío.

El 28 de octubre de 1948, junto a Fernando y Alberto Alonso, dio su paso más decisivo en pro de la cultura y el arte de su país, al fundar el hoy Ballet Nacional de Cuba, elogiado universalmente y considerado el máximo exponente de la escuela cubana de ballet, la que en 1975, en su Informe Central al Primer Congreso del Partido, el Comandante en Jefe Fidel Castro definió como uno de los grandes logros culturales de la Revolución.

Una carrera escénica que se prolongó durante más de seis décadas, con el asombroso registro de 134 obras de repertorio, en forma paralela a su labor como coreógrafa, maestra y

directora, merecedora de 220 distinciones nacionales y 257 internacionales, permitió colocarla en el sitial de los mitos. Fiel a su Patria, a la que ha representado en 69 países de todo el orbe, Alicia sigue prefiriendo la mariposa y el coralillo, el canto de los pallos y el malecón habanero, a cualquier exotismo foráneo. Frente a los desafíos del paso del tiempo, ya al borde de sus 96 años, puede verse cada día impulsando el quehacer de la compañía, siempre en pos de la mayor excelencia, preparando ahora la Gala del 1ro. de enero del 2017, dedicada al 58 aniversario del Triunfo de la Revolución y a la memoria de su máximo líder. En estos días —ha dicho de manera callada, pero muy emotiva— tengo constantes deseos de cantar nuestro Himno Nacional y de gritar ¡Viva Cuba! Nosotros, sus discípulos más cercanos, hemos entendido la entrega de un legado a cumplir por todos los artistas cubanos de la danza.

El viaje post mortem de Guiteras

Por más de tres décadas los restos de Antonio Guiteras y Carlos Aponte estuvieron perdidos. Nadie, en ese tiempo, supo su destino. Un enigmático personaje de levita y sombrero fue el protagonista de la historia

por **RENÉ CAMILO GARCÍA RIVERA**
 renec@puertorricorreo.com

Cómo un más, desde
 del de la solada
 del de la sala, la
 muerte contra
 noche y día su cari-
 con del fin.
Rubén Darío
 Aponte

LOS tiempos de la cárcel de Matanzas, según podía recibir el tacto de sus manos, la atmósfera del basón del guante, los sacudimientos de importancia del recluido. Sobre el camión, mirando al tacto, el hombre con la idea clara de las cosas.

La prisión, se sabe, es un mundo anónimo. Excentricismo o ahora, según se mire, Miguel Hernández, desde los cuarteles de España de la España franquista, llegó en período de veranos memorables. Canciones y romance de amoríos. Antonio Guiteras, comandante del feroz, escribió los Cuadernos de la cárcel, su más profunda tesis. **Blasón.** El. Manjara, de los caminos, llevó al deprimido al límite desde una mujer en La Basilla.

La celda de Matanzas el día de su plan, fue en coherencia audaz. Más tarde, moribundo, repasa los días, cada día. Espira el entre cuartucho. Una vez en el lo ejecuta. Es fidedigna la estratagema.

La noche de 1937 cruza la terminal del cementerio. Un acompañante un señor de armas. Al salir, el señor se separa al poco tiempo. La mujer se entrega la carga, a más se ven. El hombre entra en el secreto que lo guarda hasta la tumba, envenenado. Lleva a sus días los restos de Antonio y Carlos Aponte.

EL RETRÓGRADO DE GARCÍA. José María García López le es "El Viejo". Se ve, sobre todo, en su mirada, siempre vendida por algo, con algo, sentimiento y un dolor. Bajo el brazo, el brazo con nada, era un hombre reservado y misterioso. Por ese andar en algo con todos los meses se lo le la policía de Batista.



El Viejo García, pocos minutos después de revelar su secreto.

Así lo recuerdan sus últimos vecinos del barrio de Pajolote, en Matanzas, casi medio siglo después de su muerte. En una entrevista poco divulgada de 1970, El Viejo García cuenta algunas epíforas novelescas.

Algunos llegan a la familia (convenciente de Matanzas) el primer trabajo que encontré fue limpiar panchones en el cementerio de CuAve. Así se me ocurrió presentar una parte para matar a Gerardo Machado, explicaba un el diálogo con el periodista Enrique Román.

El plan era ligarlo a Clemente Vilagrosa Bello, presidente del Servicio, pero que Machado pudiese al enterarse. En el período de los Trufes, que está el lado de la pancheta donde el tren desdormía el duelo, con centenas la mayor cantidad de espías, volaba el con todo los contrabando.

El atentado a Vilagrosa Bello fue exitoso. El plan fracasó porque desdormaron lo que se fue guardó en el cementerio y panchones enterraron a Vilagrosa Bello en su natal provincia de Las Villas. El desador se volvió en fantasma. A décadas de aquel suceso, El Viejo se lamentaba.

EN LA SENA DE GUITERAS

Guiteras es un hombre guapo, según el historiador y novelista Pío Giviss. Taba il. Un día de diciembre de 1933, José Guiteras, con sombrero en la cabeza y revolver en el cinto, a hacer verdaderamente cubana la Compañía Cubana de Electricidad, hacia la compañía. El Viejo le ve, se admira, prende un tabaco y parte en otro canto detrás de él. Dice que nunca más se le separa, o casi nunca.

Luego José María García entrega la diligencia de la Joven Cuba. Se encarga de la seguridad personal del líder. Por eso y gracias a la desconfianza que el 8 de mayo de 1935 en El Morro.

En la ciudad emboscada, Enrique Román narra lo sucedido: «Guiteras no estaba en el grupo de El Morro porque tenía noticias que se había brever una detención. Espuso sus razones a



La urna con los restos azules de Guiteras y Aponte, hoy en la pared del sótano. Foto: Bohemia

Guiteras, y cuando este desenterró su sepultura decidió no ir.

El resto de la historia es bien conocido. Carmen Guiteras informó sus coordenadas de la expedición, al ejército de Batista cerró la fortaleza, una hora de fusil destrozó la escoba que tenía en el pecho de Guiteras y cayó también el revolucionario Carlos Aponte.

En otro lugar, en solitario, El Viejo llora. Se acuerda por diez intactos los restos del cuerpo, por no haber sido al resaca de su jefe. Siente una duda que solo papera, de cierta forma, al final de su existencia.

LA MUERTE, LOS SEMBRINOS, LA HONRADEZ.

Una vez se en el fondo de una catedral una hora de Morro, el que hace pulir y honrado no le alcanza la vida para hacer se sea, decir más o menos. Cuando Guiteras muere tiene 83 centenas en el bolsillo.

La ordena el 8 de mayo, a las ocho de la noche. Preparan una fosa común. La familia lo impide. Lo sepultan, junto a Carlos Aponte, en el Mausoleo de Alberto Guiteras, lo del mar, en el cementerio de Matanzas. Dos años después El Viejo García los nota. Descubren la autenticidad el 8 de mayo de 1945.

El financiero de los restos es desconocido. Otro misterio ligado por la historia. Lo cierto es que sobre 1952 José María García llega a Pajolote, recuerda arcaicas poblaciones. Nada se vive en la calle 64, entre 96 y 98, hoy totalmente destruida.

En total secreto rompe una pared en el sótano. Oculta la urna de oro. Dentro los huesos de Guiteras y Aponte. El único ensueño en la bandera cubana el año en el de Venezuela. El Viejo tapa la pared. Finge que lo olvidó.

Algunos piensan que el fin, Pío y Batista, intentan recuperar. Le quieren comprar el secreto. García se niega. Pone como condición un monumento

a Guiteras. Ningún gobierno se atreve a la usada.

EL SÉPTIMO ACTO DE EL VIEJO GARCÍA

Enem de 1959, la Revolución sacude la teta. Aun García permanece incógnita. Se traga el secreto mientras avanza. ¿Y si muere de pronto?

Un antiguo compañero, antes a los adolecentes, brinda información sobre la historia. Localizan a García. Otro vez, a los 79 años, se niega. Está enfermo. Desaparece. Luchan por muerto. En febrero de 1970, con la vida en un hilo, de la casa. Esta vez está decidido. Entregará la carga que lo acompaña desde hace 32 años.

Tres años de autismo regresan a Pajolote, a la casa que fue suya. Se baja de un jeep militar. Lo acompañan la policía y los periodistas. Le pide permiso a la novata duña del inmueble. Dice que viene a recoger algo que se le quedó en el sótano. La mujer se alarma.

El Viejo lleva a sus acompañantes frente a la primera pared que había destruido 25 años atrás. Ya el no cacha la moneda roja. Un oficial del Morro hace el testigo. Aparece, bajada, en polvo, la teta de oro de medio metro de altura. Dentro, los restos de Guiteras. Y los de Aponte. Muere así el secreto de su vida. Ambos hombres vuelven al Morro donde los mató la tiranía.

Tiempo después El Viejo sustrae en una casa de hospital. Como su jefe, tampoco lleva un sombrero en los bolsillos.

Fuentes:
 Román, Enrique. «La vida y la muerte de un revolucionario de la vida». Revista Morada, marzo de 1970.

Tafel R, Pío Ignacio. «José Guiteras, un hombre guapo». Cien, Año Antonio Guiteras, 2011.

Entrevista personal con el periodista Enrique Román.
 Entrevista con Vecinos.

Anexo 3 - Fotos da 109 Festa de Aniversário do Bairro de Pogolotti



 FESTEJOS DE POGOLOTTI 109 AÑOS EN LOS 300 DE MARIANAO						
	Conciertos bailables	22/2	96 y 59 Plataforma	7.00pm - 10.00pm	Grupo Mediterráneo y Doble Blanco	Directora Municipal
	Noche de la Rumba	22/2	96 y 59 Plataforma	11.00 pm - 2.00 am	Aficionados del territorio, del consejo, proyectos socioculturales Noche de la Rumba (Waparà , Farinas y su grupo entre otros)	Juan Carlos Hernández Director de La Casa de La Cultura
	Feria de arte Popular	23	96 y 59	10.00am	Artesanos y artistas del territorio.	Metodóloga de la casa de la cultura. Promotores Culturales.
	Encuentro de Softbol entre las glorias deportivas de Marianao y el Equipo de Periodistas deportivos.	23	Combinado Deportivo	10.00am	Glorias del deporte	Dirección de Deporte
	Gala Artística de SIBOP	23	Combinado Deportivo	8.00pm	Talentos del proyecto y del consejo popular	SIBOP Especialista de Proyectos
	Música electrónica	23/2	96 y 59	2.00pm	Aficionados de la Casa de la Cultura	Juan Carlos Hernández Director de la Casa de la Cultura
Consejo Popular Pogolotti	Actividad	Día	Lugar	Hora	Talento	Responsables
	Salida de La Conga de Pogolotti	23	Recorrido por el consejo: 96 y 59 suben por 57, bajan por 96 suben por 63 bajan por 94 y 96 y 59	3.00pm 4.00pm	Renacer	Jefa de los Promotores

 FESTEJOS DE POGOLOTTI 109 AÑOS EN LOS 300 DE MARIANAO						
Consejo Popular Pogolotti	Actividad	Día	Lugar	Hora	Talento	Responsables CONSEJO DE DIRECCIÓN
	Actividad infantil	22/2	98/61 y 63	10.00am	Payaso Jhonatan, Laco Verde, grupo de Danza Ritmo Caribe y Proyecto Ángeles del Futuro	Juan Carlos Hernández Director de la Casa de la Cultura.
	Feria de arte popular	22/2	96 y 59	10.00am	Artesanos y artistas del territorio. Relafan, Mariposa, Aminia, Sonisa, Esperanza y Keracom.	Juan Carlos Hernández Director de La Casa de La Cultura
	Maratón Deportivo	22/2	Combinado Deportivo	10.00am	Deportistas, organizaciones de masas y pueblo en general.	Dirección de Deporte
	Actividades de la Acción Cultural Renacer	22/2	94/81 y 63	10.00 am	Talento del proyecto	Juan Carlos Hernández Director de La Casa de La Cultura
	Cine Móvil	22/2	57/92b y 94	8.00pm	Proyecto SIBOP	Jefa de Programas y Proyectos
	Conversatorio sobre la figura de Luis Valdés Carrero y Dino Pogolotti: fundadores del Barrio de Pogolotti	22/2	Museo Municipal	10.00am	Especialistas del Museo	Alberto Boloy Director del Museo
	Música Electrónica	22/2	96 y 59 Plataforma	2.00pm	Aficionados de la Casa de la Cultura	Juan Carlos Director de la Casa de la Cultura
	Tarde de Aficionados	22/2	96 y 59 Plataforma	3.00pm a 5.00pm	Solistas vocalistas del municipio	Juan Carlos Director de la Casa de la Cultura

FESTEJOS DE POGLOTTI
109 AÑOS EN LOS 300 DE MARIANAO

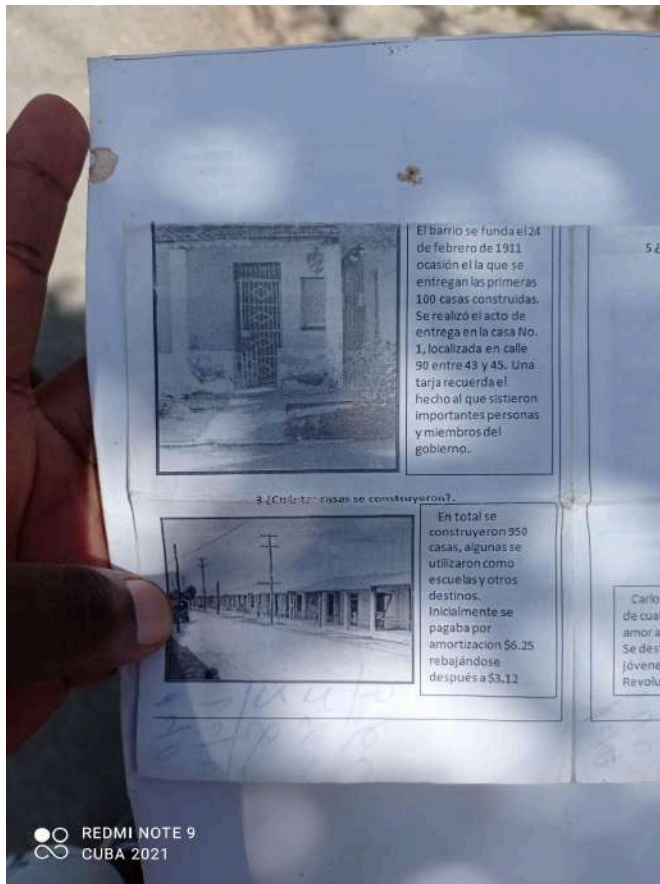
Tarde de Aficionados	23	96 y 59	4.00 a 7.00 pm	Aficionados y profesionales del territorio. Grupo humorístico Locura sin Cura.	Juan Carlos Director de la Casa de la Cultura.
Bailable	23	96 y 59 Plataforma	10.00pm a 1.00 am	Luis Franco y El Pichi	Subdirectora Municipal
Comunicado en homenaje a Pogolotti	23	96 y 59 Plataforma	12.00pm	Presidenta del Consejo Popular	Directora Municipal
Toque de la Diana Mambisa	24	Parque Mambi	7.00am	Trompetista de la banda	Proyecto SIBOP
Recorrido patrimonial. Colocación de ofrendas. Divulgar la historia barrial	24	Barrio de Pogolotti	8.00am	Lic. Milagro	Alberto Boloy Director del Museo
Matutinos Especiales en las escuelas	24	Escuelas Primerías Manuel Martínez Prieto, Juan Manuel Márquez, Hermanos Montalvo	8.30am	Especialistas del Museo.	Alberto Boloy Director del Museo.
Espacio histórico cultural. "Mi abuelo y yo"	24	59 y 61	11.00am	Lic. Dora Gómez	Alberto Boloy Director del Museo
Proyección del documental Mi Pogolotti Querido	24	118/45 y 47	2.00pm	Escuela República de Corea	Alberto Boloy Director del Museo
Bailable	24	96 y 59 Plataforma	7.00 pm - 11.00pm	Grupos Rumba Escape y Mulata Son	Equipo de Producción









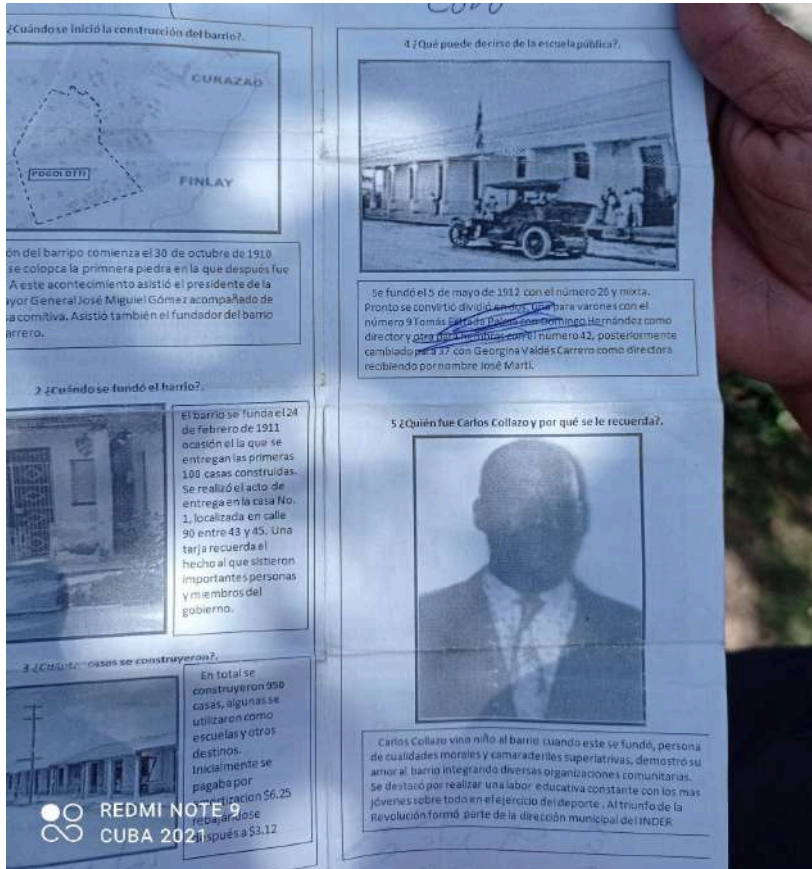
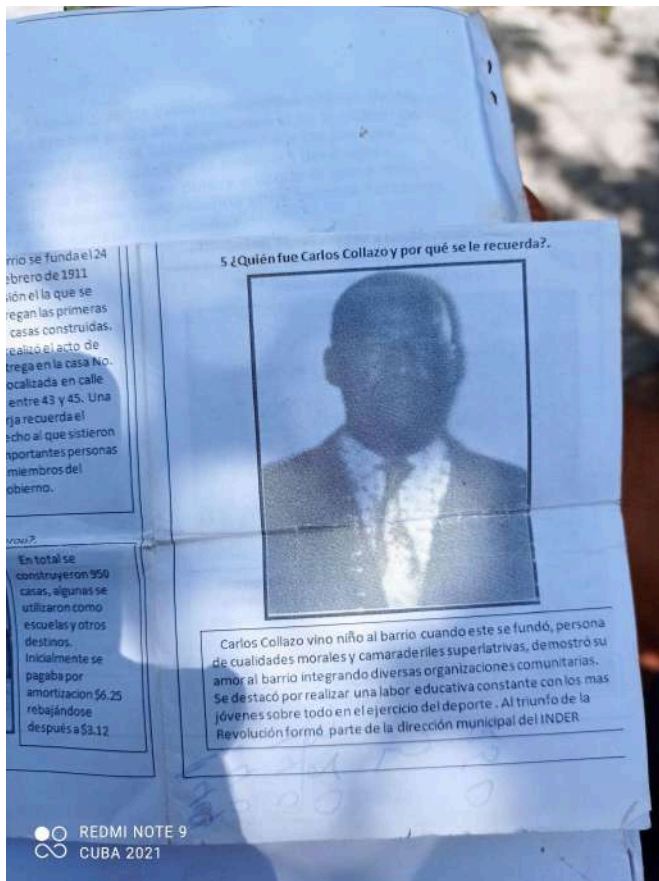


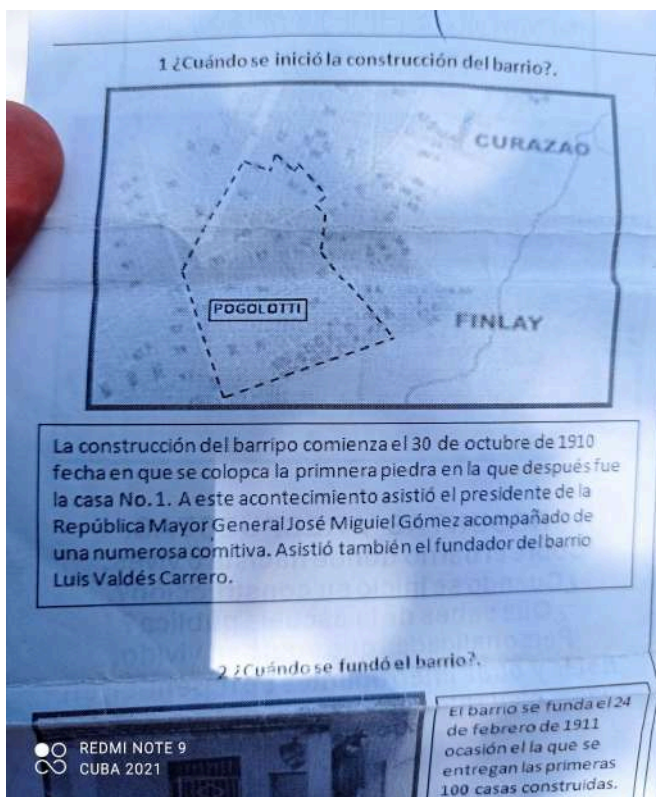
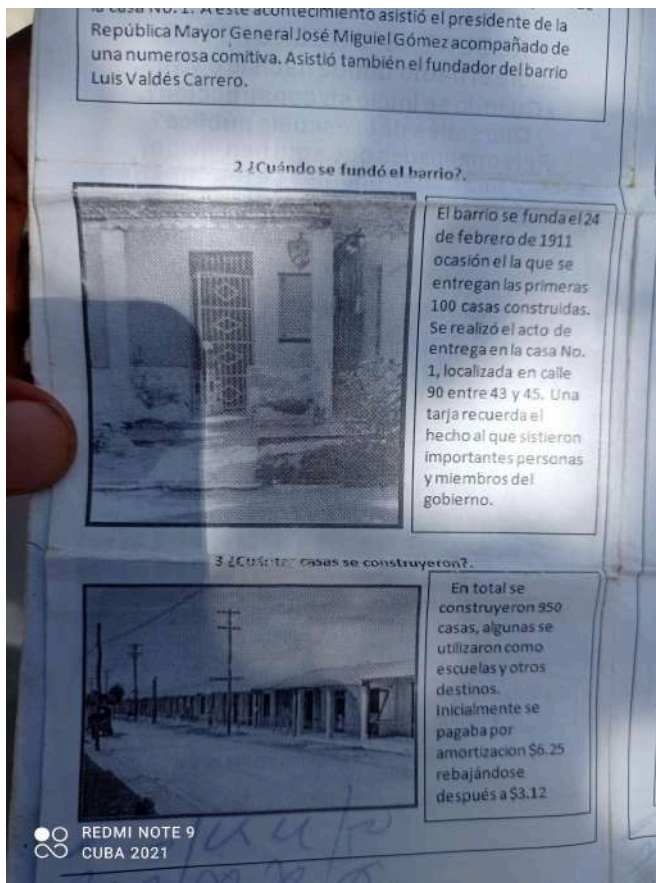
El barrio se funda el 24 de febrero de 1911 ocasión en la que se entregan las primeras 100 casas construidas. Se realizó el acto de entrega en la casa No. 1, localizada en calle 90 entre 43 y 45. Una tarjeta recuerda el hecho al que asistieron importantes personas y miembros del gobierno.

¿Cuántas casas se construyeron?

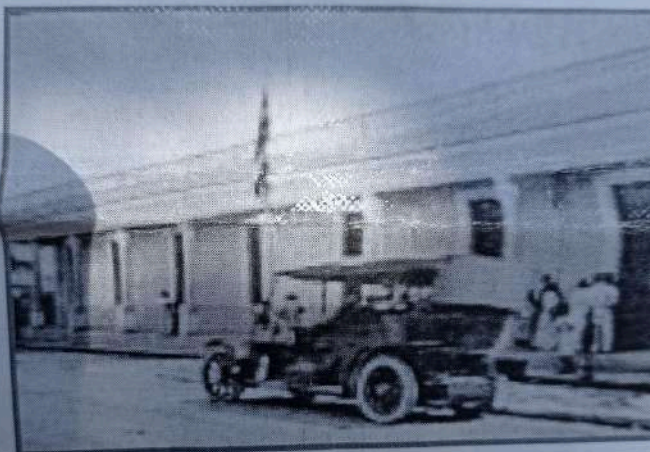
En total se construyeron 950 casas, algunas se utilizaron como escuelas y otros destinos. Inicialmente se pagaba por amortización \$6.25 rebajándose después a \$3.12

Carlos de Céspedes
amor al
Se destina
jóvenes
Revolución





4 ¿Qué puede decirse de la escuela pública?.



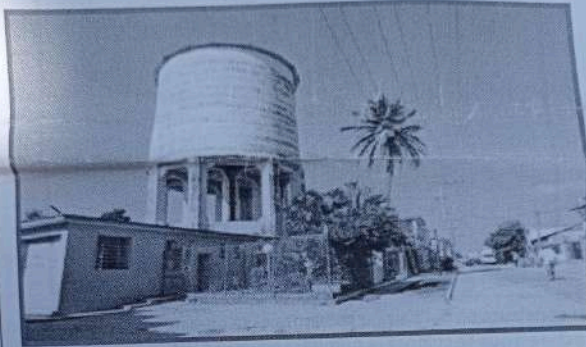
Se fundó el 5 de mayo de 1912 con el número 26 y mixta. Pronto se convirtió dividió en dos, una para varones con el número 9 Tomás Estrada Palma con Domingo Hernández como director y otra para hembras con el número 42, posteriormente cambiado para 37 con Georgina Valdés Carrero como directora recibiendo por nombre José Martí.



REDMI NOTE 9

CUBA 2021 5 ¿Quién fue Carlos Collazo y por qué se le recuerda?.

POGOLOTTI 107 AÑOS
1911 - 2018



PREGUNTAS Y RESPUESTAS.

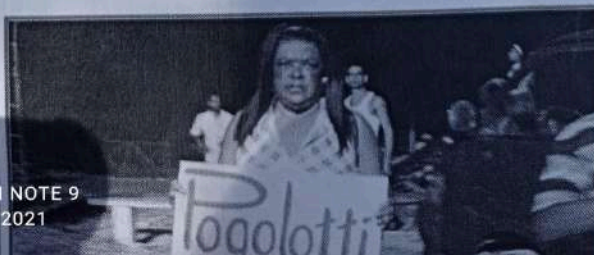
Sobre el barrio donde naciste o vives.

¿Cuándo se inició su construcción?

¿Qué sabes de la escuela pública?

Personalidades que aquí han vivido.

Estas y otras interrogantes se reponen en este plegable, no lo botes, dáselo a otra persona.



REDMI NOTE 9
CUBA 2021



PREGUNTAS Y RESPUESTAS.

Sobre el barrio donde naciste o vives.

¿Cuándo se inició su construcción?

¿Qué sabes de la escuela pública?

Personalidades que aquí han vivido.

Estas y otras interrogantes se reponen en este plegable, no lo botes, dáselo a otra persona.



Disfruta los festejos fundacionales con alegría, disciplina y buen comportamiento.



REDMI NOTE 9
CUBA 2021

Proyecto SIBOP con la colaboración del centro
Martin Luther King.



...tres mártires en
Playa Girón, una en misión
internacionalista, otros con
acciones heroicas, también
combatientes clandestinos. En
la foto Sergio del Valle,
comandante y ministro quien no
nació pero aquí se crió y
siempre dijo ser de Pogolotti..

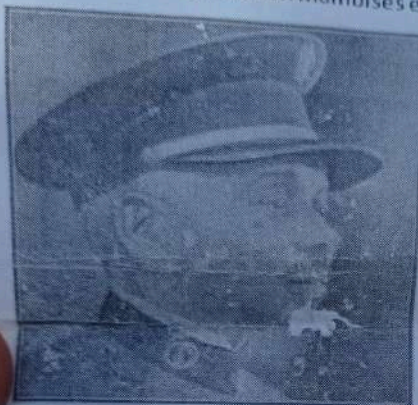
8 Actividad realizada recientemente.



Vecinos de la tercera edad congratulados por su trayectoria honesta y de participación en las actividades que se realizan. La actividad se enmarcó en las conmemoraciones por el centenario del barrio.

Pese a las carencias e insuficiencias, contribuye a la limpieza e higiene del barrio.

6 ¿Vivieron mambises en nuestro barrio?



Tres mambises vivieron en Pogolotti, Ricardo Torriente, Florentina Aldama y Francisco Travieso. A partir de la iniciativa de ellos de conmemorar el 24 de febrero, se celebran los festejos fundacionales. No se tienen datos confirmados de otros que también habitaron aquí.

7 ¿Hay héroes y mártires de la revolución en el barrio?



Varios vecinos nuestros, fallecidos unos y vivos otros se han ganado respeto y consideración. Tres mártires en Playa Girón, una en misión internacionalista, otros con acciones heroicas, también combatientes clandestinos. En la foto Sergio del Valle, comandante y ministro quien no nació pero aquí se crió y siempre dijo ser de Pogolotti.

8 Actividad realizada recientemente.



REDMI NOTE 9
CUBA 2021